

ENERKIV

OS IRMÃOS DO GELO

1

LEANDRO V SILVA



LIVRO 1

OS IRMÃOS DO GELO

Uma série



Copyright © LeandroVSilva® 2018-2023.
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a permissão prévia do autor.

ISBN 978-65-999213-2-2

Publicação Independente

www.leandrovsilva.com.br

Para Liziane

que financia todo meu projeto com muita paciência.

Quando os terráqueos aprenderem a ser mais unidos, deixando as diferenças de lado, irão evoluir o suficiente para alcançar as estrelas.

LeandroVSilva

É o ano de 2023 e os irmãos Roger e Romeo descobrem um *objeto* que esconde um poder misterioso. A partir daí suas vidas mudam drasticamente e eles passam a correr perigos, até então, inimagináveis.

CAPÍTULO 0 - O INCIDENTE
CAPÍTULO 1 - E TUDO MUDA
CAPÍTULO 2 - A BUSCA
CAPÍTULO 3 - EU SOU O ESCOLHIDO
CAPÍTULO 4 - UM NOVO AMIGO
CAPÍTULO 5 - RECONCILIAÇÃO E DESCONTENTAMENTO
CAPÍTULO 6 - O SINAL
CAPÍTULO 7 - A FÚRIA DO GELO
CAPÍTULO 8 - IKIHATSUNUKISHI
CAPÍTULO 9 - VAMOS SEGUIR JUNTOS
CAPÍTULO 10 - O ESTRANHO
CAPÍTULO 11 - OS IKIHATSUNUKISHISEN
CAPÍTULO 12 - NÃO SOU O ÚNICO
CAPÍTULO 13 - QUEM SOU EU?
CAPÍTULO 14 - AJUDA INESPERADA
CAPÍTULO 15 - O CARRO PRETO
CAPÍTULO 16 - NÃO ME ABANDONEM
CAPÍTULO 17 - ENTRELAÇADOS
CAPÍTULO 18 - O GRUPO DAS SOMBRAS
CAPÍTULO 19 - O PASSADO OBSCURO
CAPÍTULO 20 - AMIZADES DO GELO
CAPÍTULO 21 - TENTANDO ME ENCONTRAR
CAPÍTULO 22 - ACEITANDO QUEM EU SOU
CAPÍTULO 23 - ENCONTRO INESPERADO
CAPÍTULO 24 - AMIZADE
CAPÍTULO 25 - SAINDO DO CONTROLE
CAPÍTULO 26 - ACEITANDO O QUE SOMOS
CAPÍTULO 27 - DESPEDIDA



O INCIDENTE

Roswell, 02 de Julho de 1947

Kristopher foi apunhalado pelas costas, mas, mesmo muito ferido, se virou e atacou a criatura, atravessando a mesma, que se dissolveu em seu *Ikihatsunukishi*.

Ele percebeu que não ia aguentar muito e usou todas suas forças. O seu *Ikihatsunukishi* sofreu uma transformação ficando maior e muito mais poderoso. As *criaturas* restantes mais ágeis recuaram e sumiram na escuridão. As mais lentas não conseguiram se esquivar do ataque furioso e muito rápido dele. Ele ficou por um tempo esperando por mais ataques, mas só se ouvia o som dos grilos.

Kristopher lembrou da sua família e seguiu até onde eles poderiam estar. No meio do caminho, ele ficou com a visão turva, caiu de joelhos e começou a tossir muito sangue. Seu *Ikihatsunukishi* desativou. Quando tentou se levantar, sua visão apagou totalmente e ele caiu.

Um outro fazendeiro local apareceu e ficou assustado com o que viu. Ele saiu correndo dali e foi avisar ao xerife da região. Pouco tempo depois, viaturas militares chegaram ao local de combate.

Toda equipe se mobilizou para analisar o incidente. Eles ficaram confusos e alguns assustados com a situação. Um Major-General chegou minutos depois a área do confronto.

— Senhor. São muitos destroços.

— Ordene que recolham tudo — disse o Major-General Kerr.

— Sim, senhor! — respondeu o Capitão Hahn.

Ele coordenou a equipe de recolhimento dos destroços de um grande objeto não identificado. Dois oficiais médicos solicitaram a atenção do Major-General Kerr.

— Os ferimentos dele são...

— Identifique-o e o leve para a base — ordenou o Major-General interrompendo um dos oficiais médicos.

— Pelos documentos encontrados na residência próxima, ele se chama Kristopher — disse um Segundo-Tenente que estava ao lado dos médicos.

O Major-General chamou o Capitão Hahn:

— Isole toda a propriedade dele e recolham tudo também.

— Sim, senhor! Mas, senhor, temos um objeto que parece radioativo. Um cristal...

— Parece? Usem o *Contador* para terem certeza!

- Já usamos e não identificamos radiação, mas...
- Então, não é! Recolha tudo! E...
- Com licença, senhor! Desculpa interromper, mas...
- Mas o quê, Sargento?
- Temos um Xerife e um civil aqui!

O Major-General ignorou os seus subordinados e foi impaciente até os não autorizados.

- O que os militares fazem por...
- Me acompanhem! — ordenou o Major-General Kerr, irritado, interrompendo o xerife.
- Só queremos saber o que houve aqui — questionou o civil, fazendeiro local.
- Não vou pedir novamente — disse o Major-General Kerr, indo até uma viatura.

O xerife, para não contradizer, o acompanhou e pediu para o fazendeiro segui-lo. Eles entraram na viatura e uma conversa se iniciou.

Depois de um tempo, o Major-General saiu, e o xerife e o fazendeiro permaneceram. Ele foi até o Capitão Hahn.

- Senhor, me desculpe, mas são muitas coisas para recolhimento.
- Já acionei uma equipe de reforço. Temos que terminar essa missão antes do amanhecer.



CAPÍTULO 1

E TUDO MUDA

ROGER

Olhei para o céu noturno e vi muitas estrelas brilhantes. Um floco de neve caiu na minha testa.

— Como era possível se estávamos em pleno verão? — pensei, inconformado.

Olhei para meus pés e vi que estavam cobertos de neve. Não sentia frio, mas meu corpo estava imóvel, como se estivesse totalmente congelado. Tentei desesperadamente me mexer. Caí com o corpo ereto. Uma voz bem de longe tentava me dizer algo. Me esforcei para tentar entender.

— Levanta, ROGER! O CAFÉ ESTÁ NA MESA! — gritou Clara.

— Droga! Não ouvi meu DS-Tab Phone despertando de novo!

Levantei assustado e lembrei que tinha prova de História. Me arrumei às pressas e descí as escadas pulando de quatro em quatro degraus. Cheguei à cozinha e lá estava meu irmão sentado à mesa e Clara terminando de pôr o café.

— LEVANTA, ROGER! O CAFÉ ESTÁ NA MESA! — gritou Clara, novamente.

— Eu já estou de pé. Bom dia, Clara! E bom dia! — disse, olhando para meu irmão.

Ele me ignorou, levantou e saiu sem terminar seu café. Romeo não falava comigo há uns meses. Desde que ele chegou vivemos nos desentendendo. Talvez a raiva dele seja porque eu tive tudo desde o começo e ele não teve o mesmo privilégio. Aqueles cabelos loiros, olhos azuis sérios, sempre se achando mais bonito do que eu.

— Convencido! — pensei.

Eu que era mais bonito e mais inteligente, mesmo nós sendo gêmeos, mas esses não seriam motivos para não me dirigir à palavra, a não ser pelo fato da mamãe...

— Roger, vá logo, está atrasado! — disse Clara.

— Já estou indo!

— E mais uma coisa: amanhã eu...

— Ok, fui!

Morávamos na *Philadelphia, Pennsylvania*. Durante a semana eu fazia o mesmo percurso pela manhã. Caminhava alguns quarteirões até à escola, quase sempre atrasado. Tentei passar despercebido, mas...

— Sr. Stan, está atrasado mais uma vez.

— Eu sei Sr. T. Me desculpe.

— Sem desculpas! Se chegar mais uma vez atrasado essa semana, terá muitas atividades extras nas férias de verão.

O Sr. T. era o monitor de alunos da escola. Ele era muito obcecado pelo trabalho e tinha uma careca que refletia a luz do sol em nosso rosto. Além disso, seu olhar sério e desconfiado deixava com medo as pessoas que passavam por ele, mas achava que isso era frustração por não conseguir realizar seu sonho de ter uma banda de rock.

Assim que entrei na sala de aula, a professora interrompeu o que explicava no *quadro digital*. Todos os alunos pararam e dirigiram seus olhares para mim, menos meu irmão que continuou concentrado nos comentários sobre a prova que seria aplicada, que estava na imensa *tela digital*.

— Roger, pegue na mesa seu *DS-Tab SchoolBook* para realizar sua prova e sente-se! Vou terminar de passar as instruções para realização da avaliação e vocês terão quarenta minutos para terminar. Dúvidas? Fechem seus olhos e consultem a *Deus*!

A professora Sonia Carter era louca, na minha opinião. Com aquele cabelo preto escorrido e aquela franja dos *anos 90*. Ela devia se achar muito engraçada com suas piadas sem graça, mas não podia mentir, pois tirando suas loucuras e aparência, ela era uma excelente professora. Peguei o *DS-Tab SB*, olhei para prova e falei comigo mesmo.

— Dessa vez não vou me safar.

Meu irmão em dez minutos se levantou, entregou o *Tab SB* com a prova toda respondida e saiu.

— Como sempre ele se achando o sabe tudo — pensei, indignado.

Romeo sempre tirava as notas mais altas da turma.

— Atenção! O tempo está acabando.

— O quê? — imaginei.

Uma mensagem enorme surgiu no *Tab SB* notificando que havia acabado o tempo, me impedindo de continuar. Mal tinha respondido metade da prova. A professora Sonia pegou o *Tab SB* da minha mesa e riu do meu olhar de desespero. Fui o último a sair.

Fazia muito calor e resolvi parar em algum lugar para tomar algo bem gelado. Atravessei para o outro lado da rua e parei numa lanchonete. Pedi um *milkshake* de napolitano e fui andando de volta para casa. Tinha que estudar para a prova do dia seguinte e não voltar a fazer a mesma vergonha, deixando questões em branco.

Minha vontade na verdade era de sair com os amigos para esquecer os problemas e responsabilidades, mas algo me dizia que tinha que ir para casa.

No caminho passou um carro preto bem devagar do meu lado e quando fui olhar para tentar ver através dos vidros escuros o motorista, ele pisou no acelerador e virou na esquina logo à frente. Achei meio estranho a atitude dele, mas continuei saboreando meu *milkshake*.

Chegando à porta de casa escutei um grito raivoso.

— ROGERRR!

Reconhecendo a voz e me lembrando do dia anterior, me virei e deparei com um olhar de fúria, mas ao mesmo tempo, um olhar que enfeitiçava qualquer marinheiro em alto mar, convidando-o a pular, mesmo que não soubesse nadar.

— O que houve? Esqueceu do que faríamos hoje?

— Não, meu anjo! Só me distraí com o péssimo dia que tive até agora — disse, tentando me desculpar e lembrar o que tinha que fazer com ela.

— Cadê seu *Tab Phone*? Liguei várias vezes, mandei várias mensagens e você nada de responder.

— Esqueci em casa. Acordei atrasado, você sabe como eu sou.

Mesmo Desirée furiosa comigo, eu não conseguia achá-la chata. Ela sempre me encantava com os seus olhos castanhos brilhantes e sedutores, seus cabelos encaracolados e leves como seda e sua pele morena e macia.

— Me dá esse *milkshake*, Roger! Vamos fazer o que tínhamos planejado!

Ela pegou o *milkshake* com uma das mãos e com a outra a minha mão. Seguimos um caminho sem que eu soubesse aonde nos levaria. Esperava lembrar antes de chegar aonde quer que fosse. No caminho encontramos com meu irmão em sentido contrário.

— Oi, Romeo! — disse Desirée.

— Oi, Desirée! — respondeu Romeo, sem graça.

Ele seguiu em disparada no sentido de casa e nós prosseguimos para o combinado. Chegamos a uma rua bem movimentada, cheias de lojas de roupas, brinquedos e restaurantes.

Logo à frente entramos numa cheia de joias, brincos de ouro e colares com pedras de diamantes. Desirée se aproximou da vitrine de alianças e logo minha memória foi voltando. Há quatro meses eu havia prometido a ela que um dia antes do seu aniversário compraria alianças, para que no seu dia a gente noivasse e, depois de dois anos, casaríamos. Eu devia estar louco quando disse isso para ela. Tínhamos apenas dezessete anos e nem havíamos entrado para a faculdade ainda. Havia muitas coisas que eu queria fazer antes. Curtir mais a vida sem assumir tantas responsabilidades.

Por um momento achei que ela havia me enfeitiçado só para aceitar tudo isso. Era uma situação complicada, mas não podia me esquecer.

— Amanhã é o aniversário dela — disse para mim mesmo, em pensamento, por várias vezes.

— Amor, é esse que eu quero — disse Desirée, animada.

— Tem certeza?

— Sim, com total certeza!

Eu, sem muita alternativa, comprei as alianças. Gastei metade das economias que estava reservando para curtir as férias de verão. Só de imaginar o quanto ela estava feliz, me doía o coração por não estar sentindo o mesmo.

Saímos da loja e seguimos de volta para casa. Eu ainda tinha que estudar, já que pretendia proporcionar uma vida confortável para Desirée no futuro. Parei novamente na mesma lanchonete, comprei mais um *milkshake* para ela e seguimos o caminho. Já perto de casa, muito pensativo, parei e disse:

— Desirée, espere!

— O que foi, Roger?

— Será que podemos dar um tempo para eu me preparar melhor?

— O quê?! — reclamou Desirée. — O que você quer dizer com isso?

— É que... acho que não estou preparado para assumir tantas responsabilidades.

— Você disse que seria amanhã! Me prometeu! Disse que era o que mais queria!

— Sim, meu anjo, só que...

Desirée jogou as alianças no chão e saiu correndo chorando. Eu, sem muita reação, peguei os anéis e fiquei observando-a correr sem ter coragem de ir atrás. Apertei as alianças com força, coloquei no bolso e fui para casa. Segui o meu caminho e quase na porta de casa, me deparei com Romeo me olhando furioso. Ele colocou a mão no meu peito.

— Você disse que iria se casar com ela!

— O que você tem a ver com minha vida? Não se intrometa, saia da minha frente!

— Deixe de ser irresponsável! Não a trate como seu brinquedo!

Romeo agarrou minha blusa e caímos no chão aos socos, mas logo um homem se aproximou e nos separou. Ele nos arrastou para porta de casa e tocou a campainha. Depois de alguns segundos:

— Com licença! Senhorita...?

— Clara. Como posso ajudar? — respondeu ela, assustada, olhando pra mim e meu irmão.

— Desculpe incomodar, sou vizinho de vocês e quando estava chegando vi esses dois se desentendendo na porta de casa.

— Romeo e Roger! Entrem agora! E... me desculpe o transtorno, senhor...?

— Wood.

— Obrigado, Sr. Wood!

— De nada. Até!

O Sr. Wood foi para sua casa. Clara fechou a porta, lançou um olhar severo em nossa direção e disse:

— O almoço está quase pronto. Vão tomar banho e venham almoçar.

Sem questionar muito, fomos e logo voltamos para comer. Sentei à mesa com Romeo, algo que dificilmente acontecia, e iniciamos nossa refeição que procedeu toda em silêncio.

No término do almoço meu irmão subiu para o seu quarto e eu fui para o meu. Mesmo sendo irmãos e gêmeos tínhamos quartos separados. Nunca entendia qual era a dele.

— Será que ele tinha ciúmes de sermos gêmeos e eu ser mais bonito que ele? — me questionava.

Deixei para lá e fui estudar. Peguei meu *DS-Tab HomeBook* e passei a tarde tentando revisar a matéria, mas estava difícil de me concentrar, algo me incomodava. Peguei meu *DI-Eyes “Óculos de Realidade Aumentada”* e tentei estudar de uma maneira mais interativa, mas logo abri um jogo e as horas passaram rapidamente.

No fim da tarde, já cansado de jogar, parei e olhei pela janela do quarto para ver o tempo. Ouvi um toque de mensagem. Pensei que era Desirée, mas quando vi, era uma mensagem de alguém não identificado que dizia.

Vá à caixa de correio.

[5:55 PM]

Fui até a janela e vi que na caixa de correio havia algo. Fiquei desconfiado e assustado. Desci correndo e fui até lá para ver o que era.

— Um pacote? Quem será que o deixou aqui? — pensei, curioso.

Não poderia ser o correio, pois não tinha identificação, selo, nada que mostrasse ser uma entrega. Olhei para o alto para ver se via algum *drone de entrega*, mas não vi nada. Entrei com o pacote e fui até a cozinha beber água.

— Ei, Roger! Se eu souber que você e seu irmão brigaram mais uma vez, vou ligar para seu pai.

— Está bem, Clara!

— Seu pai está viajando a trabalho. Quer deixar ele furioso e preocupado?

— Não.

— E vem comer. Já vou pôr a mesa.

— Não quero, vou estudar.

Peguei o pacote do correio, uns biscoitos escondidos e subi para o meu quarto. Quando estava subindo, Romeo estava descendo para comer como se fosse um menino bonzinho.

Chato! Ao passar por mim pelas escadas, esbarrei de ombro com ele e foi como se passasse cento e dez volts no meu corpo. Ambos olhamos um para o outro, mas ignoramos o que aconteceu. Segui até o quarto, coloquei o pacote sobre a mesa e puxei uma cadeira para me sentar.

— O que será que tem dentro? Será uma bomba?

Eu devia estar louco por trazer isso para dentro de casa, mas cansado por ter tido uma *segunda-feira* agitada e era só o início da semana ainda, não me importei com o que poderia acontecer e abri o pacote.

Era uma caixa de madeira. Com o coração acelerado cuidadosamente abri a tampa e olhei para dentro. Havia uma foto. Um homem fardado.

— Quem será ele? Me lembra alguém — pensei, sem entender nada. — Será que foi ele que deixou essa caixa aqui?

Coloquei a foto sobre a mesa e olhei de novo para dentro da caixa. Tinha algo parecido com um...

— *Chaveiro?!*

Analisei cuidadosamente o objeto. Tinha a forma de cubo de gelo. Achei bonito e suspeito.

Estranhamente o objeto começou a ficar gelado. Larguei ele na mesa ao lado da foto e olhei para caixa e ver se tinha mais alguma coisa. Bem no fundo tinha um papel dobrado. Peguei e nele havia algo escrito.

Um presente deixado para aqueles que herdaram o poder.

— Quem foi o louco que escreveu essas coisas? Será que foi o cara da foto?

Não liguei, pois tinha que estudar. No dia seguinte ainda teria prova.

Me lembrei do que havia acontecido entre mim e a Desirée. Esperei ela mandar alguma mensagem o dia todo, mas nem um *emoji* havia recebido. Deitado na cama, mais uma vez tentei estudar, mas logo parei. Comecei a acessar as *redes sociais*, ver alguns vídeos engraçados, comer uns biscoitos e jogar novamente o mesmo jogo de antes. Olhei para o relógio e já eram mais de onze da noite. Desesperadamente levantei, peguei o *DS-Tab HB*, abri a matéria de Química e comecei a ler.

— Capítulo 29. *Ciclos biogeoquímicos*. Os elementos químicos circulam na natureza ora *participaannnddooo de mo lé cu...*

Estava ficando frio e cada vez mais frio, mas era agradável para mim.

— *Romeo? O que você quer comigo? Eu não vou atrás de você!*

De repente meu corpo parou de se mexer. Surgiu um espelho à minha frente e eu me via congelado. Não sentia dor. No reflexo, via Romeo e tentava chamá-lo, mas não conseguia falar. Desirée apareceu ao lado dele e os dois começaram a desaparecer.

— *Estou sozinho!* — disse, assustado.

O espelho sumiu e na minha frente, a uma pequena distância, via alguém. Não consegui ver quem era. Estava tentando me dizer algo, mas eu não escutava. Me esforcei para poder tentar entender.

— ROGERRR! O CAFÉ ESTÁ NA MESA.

Droga! Estava atrasado de novo. Maldito Tab P que não escuto despertando. Precisava de uma AI decente. Levantei desesperado, me aprontei em segundos, descí as escadas em dois pulos e na cozinha Clara já estava terminando de aprontar meu café.

— Pegue, Roger! E vá embora! Tome o café no caminho!

— Obrigado! Até!

Fui correndo para a escola torcendo para não encontrar o Sr. T. Cheguei, entrei como ninja e quase entrando na sala...

— Sr. Stan! Atrasado mais uma vez? Nem preciso dizer o que vai acontecer...

— Mas, Sr. T., hoje é o último dia e última prova.

— Realmente, bem lembrado. Então terá muitas atividades extracurriculares para fazer nas férias de verão.

— Mas, Sr. T...

— Sem mais! Vá para sua sala!

— Sim, Sr. T.

Entreí na sala e a prova já havia começado. Peguei o Tab SB na mesa, me sentei e logo em seguida Romeo se levantou, entregou o seu Tab SB com a prova toda respondida e saiu.

— Chato!

Como sempre se sentindo o cara. Tentei me concentrar e comecei respondendo algumas questões, mas fui interrompido pela professora:

— Por pouco você não perde a prova. Vai precisar de sorte!

Olhei para a professora Elizabeth Collins e me mantive calado imaginando as diversas respostas que poderia ter dado. Até que eu estava confiante. De alguma forma eu sabia as respostas. Não sabia o porquê. Achei que era por causa de um jogo de aventura e enigmas que envolvia muito desses assuntos. Terminei, entreguei a prova e saí. Novamente fui o último, mas muito confiante. Saí da escola pensando em Desirée.

— Como será que ela está? — pensei, preocupado.

Eu fui muito duro com ela e devia ter sido mais maduro e responsável. Olhei meu *Tab P* para ver se tinha alguma chamada perdida ou mensagens dela, mas nada encontrei. Desirée me perturbava com muitas mensagens carinhosas, mas, desde o dia anterior que eu não recebia nada dela. Precisava entrar em contato, ao menos enviar uma mensagem de parabéns, pois afinal hoje era o aniversário dela. Estava muito envergonhado com o que tinha feito ontem e não tinha coragem nem de mandar um simples *emoji*.

Caminhei para casa com uma cara de desânimo, como se tivesse trabalhado a semana toda para a apresentação de um projeto e que no final deu tudo errado. Ainda era *terça-feira* e amigos haviam me chamado para curtir o fim das provas. Eles sempre curtiam, não importava se era início ou fim de alguma coisa. O importante para eles era estar na moda e aproveitar a vida.

No caminho de volta novamente um carro preto passou por mim bem devagar, mas logo acelerou.

— Será que era o mesmo de ontem? — pensei.

Fiquei muito desconfiado e assustado. Imaginei se alguém estava tentando me sequestrar. Apertei o passo e fui para casa.

Ao chegar, notei algo estranho, não havia ninguém em casa.

— Estou cheio de fome, mas cadê a Clara?

Na porta da geladeira tinha um recado dela:

*Meninos, fui para casa da minha mãe levar o seu remédio e volto só amanhã.
Deixei comida no forno. É só esquentar. O que precisarem, me liguem.*

Clara

Ela ainda cismava em escrever mensagens no papel. Seria bem mais prático enviar mensagem pelo *Tab P*.

— Fazer o que se Clara resiste a tecnologia? — pensei, inconformado.

Ainda era cedo para almoçar. Peguei um pacote de biscoito e fui para o quarto. Liguei o *DS-Tab TV de 55"* na parede para ver um filme ou série, mas ao mesmo tempo liguei meu *DI-Eyes* para jogar. No *Tab TV* estava passando noticiário, mas eu estava vidrado no jogo que estava quase finalizando. A fome começou a bater. Quando fui verificar as horas, vi que já era mais de meio-dia. Olhei para o pacote de biscoito que não tinha aberto, mas decidi descer e pegar o almoço para me alimentar melhor.

Esquentei a comida e subi para o meu quarto novamente. Enquanto comia observava o *chaveiro* em forma de cubo de gelo que parecia nunca derreter em cima da mesa. Várias coisas me vieram à mente. Lembrei da mensagem de origem desconhecida que recebi avisando dessa caixa no correio. Fiquei minutos tentando

imaginar quem poderia ser o responsável por isso. Ninguém me vinha à mente. Essa situação já começava a me incomodar.

Terminei de almoçar, coloquei o *Tab TV* no mudo, que ainda passava repetidamente uma notícia sobre um incidente que aconteceu ontem, a uma base militar em *Nevada*, devido a um erro de exercício. Peguei o *chaveiro* e o olhei por minutos concentrado no silêncio do quarto, mas me assustei com o toque de uma chamada de voz do meu *Tab P*. Com o susto, deixei o *chaveiro* cair, mas nem me abaixei para pegar, porque fui correndo ver de quem era a chamada. Estava na esperança de ser Desirée, mas era:

— Vovô Charles!

Era uma surpresa, pois o vovô quase não entrava em contato com a gente. Eu fiquei segundos olhando o *Tab P* tentando imaginar porque ele estava ligando, mas logo em seguida toquei na tela e atendi:

— Olá! Vovô Charles, tudo bem com o senhor?

— Olá, Roger! Tudo bem, sim! Preciso que venha me ajudar com um trabalho. Você teria tempo?

— Sim, vovô. Com certeza! Mas que tipo de ajuda que o senhor quer?

— É só um trabalho que estou tendo dificuldade em realizar. Mandeí para seu *e-mail* tudo que precisa para poder chegar até aqui em casa. Arrume suas coisas e venha. Obrigado!

— Ok, vovô! Mas uma pergunta: como o senhor conseguiu meu *e-mail*? O senhor não gosta desses meios de comunicação virtuais.

— Apenas venha e não se esqueça de trazer o *gelo*!

— Hã?! Mas de que o senhor está falando?

Quando percebi estava falando sozinho. Vovô Charles havia desligado e não ouviu minha pergunta.

— Será que o vovô estava falando do *chaveiro*? Será que foi ele que deixou a caixa no correio? Isso não seria possível — pensei, confuso.

Coisas estranhas estavam acontecendo e agora essa do vovô.

Peguei o *chaveiro* no chão e coloquei de volta na caixa de madeira em que ele veio. Peguei a foto do cara e o bilhete. Olhei por minutos a foto e reli a mensagem.

Um presente deixado para aqueles que herdaram o poder.

Estava tentando conectar os fatos, mas nada se encaixava. Tentei ser um *Sherlock*, mas não tinha jeito para isso. Coloquei a foto na caixa junto com o *chaveiro* e amassei o bilhete fazendo uma bola de papel. Mirei na lixeira bem no canto do quarto me imaginando como se estivesse numa partida de basquete

tentando fazer uma cesta de três pontos. Mirei, mirei, arremessei e errei. Abaixei a cabeça de decepção e me joguei na cama.

Ouvi alguém entrando em casa. Imaginei que deveria ser o Romeo. Minha intuição se confirmou quando eu o vi pela minha porta que estava entreaberta. Ele entrou em seu quarto e bateu à dele. Levantei e fui arrumar minhas coisas para viajar. Peguei a foto e o *chaveiro* na caixa, os coloquei na cama e fui guardar na mochila minhas coisas.

Com tudo pronto, sentei na cama, peguei o *chaveiro* e fiquei imaginando se o vovô tinha alguma ligação com essas coisas. Comecei a lembrar da briga que tive com o idiota do meu irmão.

— Sempre se intrometendo na minha vida — pensei, indignado.

Por um segundo fiquei com muita raiva dele e de repente o *chaveiro* na minha mão começou a ficar realmente gelado. Me levantei assustado. O *chaveiro* começou a brilhar intensamente.

— O que é isso?!

O pequeno *chaveiro* se transformou em uma espécie de *faca* e seu formato de cubo de gelo ficou na ponta do cabo por onde segura. Sua lâmina parecia bem afiada, mas passando meu dedo sobre ela, cada vez com mais força, não me cortava e imaginei que talvez, ela fosse cega. Passei sua lâmina no colchão e ela cortou feito uma faca afiada cortando *sushi*.

Incrível! A *faca* liberava vapor, como se estivesse muito quente, mas na verdade estava gelada. Brinquei com ela como se fosse um *espadachim*, mas quando me dei conta vi que não estava brincando e que todos os movimentos que havia feito foram fantásticos, como se eu já soubesse manusear uma arma de combate corpo a corpo.

— O que está acontecendo comigo?

Larguei a *faca* em cima da cama assustado e logo depois ela voltou a se transformar num *chaveiro* em forma de cubo de gelo inofensivo. Mil coisas me vieram à mente, mas estava tão assustado que não conseguia processar nenhuma delas com coerência.

Decidi que tinha que descobrir o que estava acontecendo e alguma coisa me dizia que vovô poderia ter a resposta. Estava tão nervoso que peguei o meu *Tab P* da mochila e mandei uma mensagem para Desirée. Cuidadosamente peguei o *chaveiro* na cama, joguei na mochila e abri um lençol sobre o colchão. Apanhei a foto que havia caído no chão, coloquei na caixa, joguei no guarda-roupa e saí do quarto.

Peguei um pedaço de papel de um dos bloquinhos de recado da Clara, escrevi um bilhete e deixei na porta da geladeira. Já do lado de fora, ainda na porta de casa, respirei fundo tentando pôr na minha cabeça que tudo que estava acontecendo não

eram coisas imaginárias da minha mente. Com meu *Tab P* na mão olhei para os lados e parti.



CAPÍTULO 2

A BUSCA

ROMEO

Não acreditei no que vi. Meu irmão Roger com uma *faca* nada normal. Havia ouvido um barulho estranho vindo do quarto dele! Quando saí do meu quarto, eu o vi através da porta entreaberta do seu, fazendo uns movimentos estranhos com aquela *arma*. Saiu um forte ar gelado do quarto dele, como se o ar-condicionado estivesse ligado a 32°F, o que fez a porta bater. Minha vontade era entrar e saber o que estava acontecendo, mas não tive coragem.

No começo, quando vim morar com Roger e o papai, eu ainda estava meio assustado e ao mesmo tempo feliz por saber que tinha uma família. Depois que descobri isso, sempre me vinha a pergunta de como fui parar no orfanato e perguntava ao nosso pai, mas ele também não sabia responder. Papai nunca imaginara que tivera filhos gêmeos. As respostas eram poucas e a única coisa que ele me dizia era que a mamãe havia morrido no parto.

Voltei para meu quarto e fiquei por um tempo imaginando mil coisas. Ouvi meu irmão saindo do seu. Mas o que eu deveria ter feito? Ir até lá para saber o que ele estava planejando? Ele já não falava comigo e não falaria de jeito nenhum depois da briga que tivemos ontem. Aquela havia sido a pior de todas as brigas que já tivemos. Nunca pensei que chegaria a esse ponto com meu irmão, mas a raiva foi maior com o que ele fez e sempre faz com Desirée.

Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que não deixaria Roger se meter em encrencas. Apesar de não ter nada em comum com ele, no fundo gostaria somente de ser aceito do jeito que sou. Eu deveria deixar as brigas de lado e ir lá falar com ele.

Saí do meu quarto e o procurei pela casa, mas ele não estava. Vi seu bilhete na geladeira que dizia:

Fui à New York para a casa do vovô Charles. Estarei de volta no fim de semana.

Roger

— O que ele foi fazer na casa do vovô? O que está planejando?

Ele quase não se comunicava com a gente, muito menos nos convidava para visitá-lo. Vovô gostava de ficar sozinho e detestava ser incomodado.

Saí correndo para tentar alcançá-lo, abri a porta de casa e:

— Desirée?!

— Oi, Romeo. O Roger está aí?

— Não, ele saiu. Ele foi para casa do nosso avô em *New York*.

Desirée começou a chorar. Sem saber o que fazer, entrei com ela e lhe ofereci um copo d'água.

— Fui muito dura com ele. Por isso que ele foi embora.

— Para com isso, Desirée!

— Ele saiu e só me mandou uma mensagem. Nem se despediu pessoalmente de mim.

— Você se importa de eu ver a mensagem?

— Claro que não, pegue.

Peguei o *DS-Tab Phone de 6"* dela. Por um segundo me distrai com a super tela fina de 8k. *DS-Tab (Direct Screen-Tablet)* era uma tela que recebia sinal de vídeo entre outros da sua *Central Smart Box (CSB)* por meio da conexão sem fio *Wi-Div (Wireless- Direct Instant Video)* em até trezentos metros ou *on-line* via *Wi-Fi* ou 6G. CSB era uma pequena caixinha que guardava todo hardware de processamento, armazenamento, alguns sensores e conexões. Foi uma ideia genial e um tanto contraditória que mudou o mercado de telefonia e computação móvel. Você tinha na sua CSB todo o hardware e software que se mantinham mais seguro em um único lugar e só andaria em mão com os *DS-Tabs* que existiam de vários tipos e tamanhos que variavam de 3" a 410". Se quebrasse um era só comprar outro que nada dos seus dados e sistemas seriam perdidos. Muitos tinham mais de um *DS-Tab* para diversos tipos de ocasiões. Uns específicos para leitura, outros para jogos ou edições de vídeo. Era possível conectar vários *DS-Tabs* simultaneamente a uma única CSB. A vida ficou muito mais prática com isso e não precisava trocar de aparelho constantemente como era antigamente no tempo dos *smartphones*. Isso tudo me fascinava.

Me voltei à situação e comecei a ler a mensagem:

Meu anjo, algo de estranho está acontecendo comigo.
Preciso encontrar respostas. Estou indo pra NY. Não sei se volto. Te amo e feliz aniversário.

[3:15 PM]

— Aquele maluco! — pensei.

Fui até a geladeira disfarçadamente para pegar mais água e tirei o recado que Roger colocou na porta para não piorar ainda mais as coisas.

— Não chore mais, Desirée. Ele está fazendo tudo isso para poder te dar o melhor.

— Será?

— Acredite nele. E mais uma coisa. Feliz aniversário! Não vamos deixar esse dia passar despercebido. Vamos sair para comer alguma coisa.

— Acho melhor não, Romeo. Não estou nos meus melhores dias.

— Anime-se! Vamos?

— Não sei.

Com muito esforço, eu a convenci. Não poderia deixar seu aniversário ser um péssimo dia. Me arrumei e passamos em sua casa para que ela pudesse se arrumar também. Parecia que havia ficado horas esperando na porta da casa dela, mas cada segundo de espera valeu a pena, pois ela estava linda. Seu momento de arrumação só fez realçar ainda mais sua beleza.

Estendi o braço para ela e saímos, mas ainda muito preocupado com Roger, pois já estava anoitecendo.

Pedi uma condução pelo aplicativo, que por sinal chegou bem rápido. *O transporte rápido* nos levou até um restaurante, não muito chique, mas com uma ótima comida. Sentamos numa mesa no segundo andar que nos dava uma visão para rua. O pedido era feito numa *mesa interativa* que mostrava o cardápio e em alguns dos casos dava para se ver o processo de preparo da refeição ao vivo. Havia até uma conta de *streaming de vídeos* que poderia ser acessada gratuitamente caso quisesse acompanhar sua série preferida enquanto degustava a saborosa comida do restaurante. Discretamente peguei meu *DS-Tab Phone de 5.2"*, invadi a rede do restaurante e com uma pequena manobra consegui o contato do gerente que estava no balcão mexendo no seu *DS-Tab Work*. Mandeí uma mensagem para ele.

Desculpe-me o incômodo, mas seria possível no final da nossa refeição nos trazer um bolo? Mesa 16. É aniversário da senhorita que me acompanha e queria lhe fazer uma surpresa. Obrigado.

[6:42 PM]

O gerente olhou para mim assustado. Achei que ele iria chamar a polícia por causa da minha atitude de invadir a rede privada do estabelecimento sem autorização e com isso, imediatamente mandei outra mensagem notificando-o sobre as falhas de segurança do sistema deles. O gerente voltou a me olhar com

uma cara de desconfiado, mas confirmou por mensagem que atenderia ao meu pedido.

Em pouco tempo foi chegando o que pedimos e começamos a comer. Observei que conforme Desirée comia a tristeza em seu rosto começava a sumir. Queria poder dizer tudo o que tinha visto sobre Roger, mas nem eu compreendia o que estava acontecendo.

— Romeo?

— Fala, Desirée.

— Nunca entendi o porquê de você e seu irmão não se falarem. Ele te acha um garoto muito misterioso, mesmo sendo irmão gêmeo dele.

Não sabia o que responder para ela. Eu também não sabia o real motivo de não nos falarmos. Sempre tivemos nossas brigas. Achava ele um exibido cheio de amigos. Talvez tudo fosse simplesmente ciúmes por eu não ter tido tudo que ele teve antes.

— Na verdade, Desirée, eu também não sei. Deve ser pelo fato de eu ser muito tímido e não estar acostumado a ter um irmão gêmeo.

— Mas comigo você não é tímido. É gentil e atencioso. E também sempre aparece quando eu mais preciso.

Fiquei sem palavras pelo que ela disse sobre mim. Dei um sorriso e continuei comendo.

Segundos se passaram no silêncio e logo Desirée disse:

— Me fale sobre você. Já nos conhecemos há um tempo e não sei quase nada sobre você. O que fazia antes de ir morar com seu irmão? Pelo que eu sei você veio de um orfanato.

Mais uma vez não sabia o que dizer. Não tinha muitas lembranças boas até sair do orfanato.

— Eu não tenho muita coisa para dizer sobre mim. Só posso dizer que foram tempos difíceis e solitários no orfanato.

— Hum! Então ok! A comida está ótima! — disse Desirée, tentando mudar de assunto.

Senti que ela não quis ir mais a fundo sobre meu passado, que por um lado foi tranquilizador para mim, pois não me sentia confortável em falar sobre a solidão que passei naquele lugar.

No fim da refeição, que estava maravilhosa, percebi que Desirée olhava toda hora para seu *Tab P* como se estivesse aguardando uma resposta de alguém. De longe vi o garçom acenando para mim. Ele queria saber se já poderia levar o bolo. Olhei para ele e acenei com a cabeça dizendo que sim. Desirée olhou para mim e perguntou:

— O que foi, Romeo?

— Nada, Desirée.

Eu dei uma risada. Ela olhou para trás e antes que percebesse, o garçom se escondeu. Logo em seguida, ele bem devagar trouxe um bolo cheio de velinhas e começou a cantar...

— Parabéns para você...

A feição de vergonha e ao mesmo tempo de felicidade dominava seu lindo rosto. Ela olhou para mim:

— Você é maluco, mas obrigada!

O garçom colocou o bolo sobre a mesa e Desirée apagou as velinhas. Ela agradeceu e nós saboreamos o delicioso bolo de chocolate.

— Não sei o que dizer, Romeo!

— É o seu dia, aproveite!

— Obrigada, você é mesmo fantástico!

Ficamos mais alguns minutos. Agradei ao garçom com uma boa gorjeta, transferindo direto para conta dele. Ao invadir o sistema, eu havia conseguido todos os dados dos funcionários.

Na recepção, cumprimentei o gerente e ofereci um serviço de graça para melhorar o sistema da mesa de pedidos e interatividade.

Após sairmos do restaurante, fomos caminhar e aproveitei esse tempo para conversarmos um pouco. Passados uns minutos pedi um *transporte rápido* que nos levaria para casa.

Chegando à porta da casa de Desirée, dispensei o motorista, pois eu não morava tão longe dela.

Ao nos despedirmos, Desirée aproximou-se de mim, me dando um abraço e agradecendo o que eu havia feito nessa noite, por fim, me deu um beijo na bochecha.

Sem percebermos, os nossos rostos estavam cada vez mais próximos um do outro e num relance, nos fez voltar a realidade. Desirée começou a chorar.

— Me desculpe, Romeo! E mais uma vez, obrigada. Boa noite!

— Boa noite!

Percebi que ela estava lembrando do Roger. Eu queria lhe dizer sobre tudo que pensava, mas eu não podia culpá-la por gostar do meu irmão.

Afastamo-nos, ela se virou e entrou. Voltei para casa pensando no sofrimento de Desirée e no que o Roger poderia estar fazendo.

Cheguei em casa e fui direto para o meu quarto.

— Roger! Tenho que descobrir o que ele foi fazer na casa do vovô.

Peguei meu *Tab P* para fazer uma chamada de voz e falar com vovô, mas já era muito tarde e ele não gostava de ser incomodado. Eu até pensei em mandar

mensagem, mas vovô não gostava dessas coisas. Na verdade, ele odiava o mundo moderno e suas tecnologias.

Fui aos contatos, selecionei o meu irmão e digitei uns *emoji* de carinhas com raiva e em seguida um pequeno texto que perguntava se estava tudo bem e se tinha chegado bem na casa do vovô. Olhei para a mensagem revisando o que havia acabado de escrever, mas desisti e apaguei tudo. Sem querer mandei umas *carinhas* com raiva para ele.

— Que *merda* que fiz! — pensei, aborrecido.

Ia apagar, mas deixei. Esperei uma resposta olhando fixamente para a tela e me assustei com o toque de uma nova mensagem. Pensei que era Desirée, mas quando olhei com mais atenção vi que era uma mensagem do:

— Vovô Charles!

Abri a mensagem que dizia:

Olá. Roger já chegou aqui. Boa noite.
[9:47 PM]

Como poderia? Vovô estava mandando mensagem. O que isso quer dizer? Tudo estava muito suspeito. Minha vontade era de sair naquele momento e ir até lá para saber o que realmente estava acontecendo. Ainda estava inconformado por Roger estar por aí portando uma espécie de *faca* estranha e agora essa do vovô, contudo estava muito cansado. Joguei o *Tab P* na cama e fui para o banheiro.

Depois de um bom banho e já deitado não parava de pensar nas coisas que estavam acontecendo. Meus olhos ficaram cada vez mais e mais pesados...

Crianças brincavam e eu queria brincar também. Me aproximei e elas de repente se afastaram. Era noite e estava deitado na cama com medo. Olhava para os lados e via mais camas, só que estavam vazias. Olhei para o teto e via as estrelas. Vi uma estrela cadente e fiz um pedido:

— Não me deixe sozinho!

Segui sem rumo tentando achar algo. Vi uma luz no final. Corri até ela, mas nunca alcançava o fim. Olhei para luz e vi alguém me chamando e dizendo para eu não parar. Eu corri sem parar, mas caí. A voz dizia:

— Levanta, Romeo! Cadê seu irmão?

— Hum?! Clara?

— Sim, sou eu. Cadê seu irmão? São seis da manhã ele não está na cama.

— Roger foi para casa do vovô Charles em *New York* e só volta no final de semana.

— Aquele garoto irresponsável! Nem para deixar um recado à moda antiga na porta da geladeira como eu sempre faço, mas vocês com essas tecnologias não

querem mais escrever no papel.

— Desculpe, Clara! Mas ele deixou recado sim, eu que peguei.

— Ok! E já que te acordei, vou fazer o café da manhã.

— Está bem, Clara! Vou descer daqui a pouco.

Ainda com sono, mas com um dia longo pela frente, decidi levantar logo e fui direto tomar um banho para despertar. Desci para tomar café.

— Bom dia, Clara!

— Bom dia! Estou fazendo ovos com bacon.

— Ótimo! Vou te ajudar fazendo um suco de laranja.

Peguei umas laranjas na fruteira e preparei uma jarra de suco. Nós tomamos café e logo depois eu subi para o quarto. Clara foi fazer as tarefas de casa.

Ainda pensativo sobre o que Roger estava fazendo, eu entrei no quarto dele para ver se achava algo que pudesse esclarecer sobre seus planos e aquela *arma* estranha.

Entreí e olhei detalhadamente para tudo. Sob um lençol, vi o colchão cortado pela *faca* e o virei para o outro lado para esconder o corte, caso Clara entrasse aqui para arrumar seu quarto. Procurei por todos os lugares e quase embaixo da cama achei uma folha amassada que dizia:

Um presente deixado para aqueles que herdaram o poder.

Tentei imaginar o que isso significava. Suspeitei que poderia haver relação entre esse papel e aquele *objeto* que se transformou em uma *arma* que estava com o Roger. Isso me *cheirava a encrenca*.

— Preciso ir atrás dele e ajudá-lo.

Arrumei minha mochila, contudo não tinha o que falar para Clara.

Pensei em algo e desci.

— Clara, vou para casa de um amigo e só volto no final de semana.

— Vai fazer o quê na casa do seu amigo? — perguntou Clara, desconfiada.

— Vou aproveitar que já estou de férias e continuar com um projeto da escola que estamos fazendo para o último ano.

— Está bem, mas volte na *sexta-feira*. Seu pai estará voltando para casa. E Romeo! Vai almoçar, não? Já está quase pronto.

— Não, obrigado! Qualquer coisa entre em contato comigo. Tchau, Clara!

— Papai está voltando. Muito legal, mas ruim se eu não encontrar o Roger até lá — pensei.

Saindo de casa, eu encontrei com o Sr. Wood no portão. Ele me parou e perguntou:

— E aí, já fez as pazes com seu irmão?

Sem poder dizer a verdade eu disse:

— Sim.

— Ótimo! Irmãos devem se manter unidos. Só assim terão uma força maior.

Sem entender muito, respondi:

— Claro! E Sr. Wood, se me permite, preciso sair.

— Sim, mas só me faz um favor? Pode chamar seu irmão? Quero falar com ele.

Surpreso com a situação, pois o Sr. Wood nunca parou para falar com a gente, respondi:

— Ele não está em casa. Foi para casa do nosso avô em *New York* e só volta no final de semana.

— Hum! Entendo. Obrigado, Romeo!

— De nada, Sr. Wood!

Intrigado, me virei e segui caminho em busca do Roger e no terceiro passo ouço:

— Você não deveria ir atrás do seu irmão!

Assustado, parei e pensei:

— Impossível! Como será que ele sabe?

Olhei para trás e vi o Sr. Wood com um sorriso.

— Venha até minha casa e não precisa ter medo! Tenho coisas para conversar com você.

Sem opção, com muita curiosidade e assustado, fui até a casa dele.

Entrando e mexendo no meu *Tab P*, fui deixando preparado o acionamento à polícia, ativando minha localização. Apesar de já conhecer de vista o Sr. Wood, há um bom tempo, não podia deixar de me prevenir. Ele podia ser algum psicopata que estava nos observando faz tempo. Dentro da casa dele não parava de olhar para todos os lados. Era uma residência aconchegante e bem espaçosa.

— Espere aqui no sofá que vou trazer algo para a gente comer e beber.

Aguardei o Sr. Wood voltar e continuei olhando para todos os lados. Vi na mesa um porta-retrato antigo com uma foto dele e uns amigos fardados. Ele deveria ter sido fuzileiro naval. Apesar de parecer ter quase a mesma idade do meu pai, o seu físico parecia com o de um lutador de *MMA*. Dava até medo, mas quando olhava para seu rosto parecia inofensivo.

O Sr. Wood voltou da cozinha com uma jarra de suco de uva e vários aperitivos. No começo achei que era vinho, mas quando coloquei o copo na boca com a bebida, vi que realmente era suco. Havia hesitado de aceitar, mas não sei o que passou pela minha cabeça que, no fim, acabei aceitando.

— Aposto que há muitas perguntas circulando na sua cabeça? — disse o Sr. Wood.

Pensando cuidadosamente no que ia responder disse:

— Sim, realmente. O que o senhor sabe sobre Roger?

— Melhor perguntando... Sobre Roger e você? — disse Sr. Wood.

— Como assim?! O que o senhor sabe sobre nós e especialmente sobre mim?
Nem sempre morei aqui.

— Sei de muitas coisas que você não precisar saber.

— Me responda!

— Acalme-se! Vou lhe esclarecer algumas coisas.

— Quero respostas!

— Você nervoso se parece com sua mãe.

— Hum?! Como assim? Conheceu minha mãe?

Essa conversa já estava começando a me deixar mais assustado do que já estava, mas curioso, perguntei:

— Como conheceu minha mãe? Me fale sobre ela. Meu pai nunca conversou comigo com detalhes a respeito dela.

— Realmente ele não falaria — disse o Sr. Wood, tirando o sorriso.

— Me fale dela.

— Não tenho muito para falar sobre sua mãe. Só posso lhe dizer que ela morreu no parto de vocês.

— Mas isso eu já sei.

— Romeo! Preste atenção no que tenho para lhe dizer. O que está acontecendo com o seu irmão realmente é uma coisa incrível e perigosa, mas ele tem que encontrar as respostas sozinho. Confie nele. Ele voltará para casa em segurança.

— Mas, Sr. Wood...

— Apenas confie nele. Vai dar tudo certo. Agora volte para casa e prossiga com suas tarefas.

Ainda assustado e surpreso com as revelações do Sr. Wood, decidi confiar no que ele disse, pois apesar de tudo, me sentia no fundo mais confortável por saber que outra pessoa sabia sobre o que o Roger estava passando e se preocupando com isso.

— Absurdo! O que eu estou dizendo para mim mesmo? Como posso confiar num homem que antes nunca havia falado comigo? Que segredos ele esconde? Como ele sabe que o Roger anda fazendo? Preciso de respostas! Vou atrás do meu irmão! — pensei, revoltado.

O Sr. Wood se levantou e eu o acompanhei até a porta, mas antes de sair, perguntei:

— O que o senhor sabe sobre aquela *arma* que está com meu...

— Vá, Romeo. Não se preocupe. Apenas confie.

— Tá ok, Sr. Wood. Obrigado e até mais!

Saí e segui de volta para casa quando o Sr. Wood disse:

— Romeo! Só mais uma coisa. Pode me chamar de Rougan.

— Esse é seu primeiro nome? Rougan. Rougan Wood.

— Isso, Romeo, e não se esqueça: confie e boa tarde!

Em pensamento respondi:

— Confiar? Em quem? Nele ou no meu irmão? Com certeza não é nele.

Fiquei sentado, na praça perto de casa, por horas pensando em mil coisas. Tomei uma decisão.

Disposto a ir atrás do Roger, segui caminho. Passei pela minha casa, mas de repente ouvi um alerta de mensagem. Peguei meu *Tab P* e vi uma mensagem do meu irmão.

— Como pode?! Ele nunca me mandou mensagem — pensei, confuso.

Abri e para minha surpresa:

Está tudo bem. Logo mais entraremos em contato.

[5:31 PM]

Fiquei mais surpreso.

— Roger?! Será que está tudo bem mesmo?

Queria ligar ou responder à mensagem, mas não sabia o que dizer?

Parado por quase dois minutos pensativo, decidi confiar no meu irmão e ver que rumo as coisas tomariam. Já era fim de tarde e voltei para casa.

— *Nossa!*

Como o tempo passou rápido. Mais uma *quarta-feira* foi embora e nem percebi. Entrei e lá estava Clara preparando algo para ela comer.

— O que houve, Romeo? Você não ia ficar na casa do seu amigo?

Não me agradava mentir, mas respondi:

— Meu amigo teve que ir para casa da sua avó com os pais.

— Hum! Que pena! Então vou preparar algo especial para você.

— Obrigado, Clara! Vou subir, tomar um banho e já desço.

Fui até o meu quarto, peguei umas roupas limpas e fui tomar banho. No chuveiro, ainda muito pensativo com tudo que o Sr. Wood havia me dito e no que o Roger poderia estar fazendo, acabei demorando muito no banho. Me vesti e descí.

— O que houve, Romeo? Por que está com essa cara de triste?

— Nada, só estou cansado. Me esculpe pela demora.

— Que nada. Coma e vá descansar.

— Obrigado, Clara!

Terminei e subi para o meu quarto. Me deitei ainda muito pensativo e o que mais me incomodava era o fato do Sr. Wood ter mencionado a mamãe.

Muitas perguntas embaralhavam minha mente e nada se encaixava. Fiquei pensando em como ia vasculhar a vida do Sr. Wood e descobrir alguma coisa que

respondesse minhas perguntas, mas por um instante quase todo meu pensamento se apagou e a única coisa que minha mente passou a processar foi Desirée.

— Como será que ela está? — pensei alto.

Com o pensamento nela, meus olhos começaram a se fechar e...



CAPÍTULO 3

EU SOU O ESCOLHIDO

ROGER

Já passava das três da tarde e saí correndo ansioso, mas ao mesmo tempo assustado. Não parava de pensar em toda essa loucura. Essa *arma* estranha e meu avô suspeito. Eram tantas coisas que acabavam me fazendo esquecer da principal situação que deveria pensar e me preocupar. Desirée.

Peguei meu *Tab P* e fiquei pensando se iria para estação, de *transporte rápido* ou de *transporte público*. Abri o aplicativo e vi os horários dos ônibus para a estação. Quase todos os *transportes públicos* hoje em dia são conectados e, por meio de aplicativos, era possível saber os horários, a ficha dos condutores, tarifas, tempo de viagem, quantidade de passageiros utilizando o transporte, dentre outras funcionalidades. Tudo se via em tempo real, facilitando muita a vida e não havendo desperdício de tempo.

Decidi ir de *transporte público* mesmo porque pelo GPS do *Aplicativo de Transporte* vi o ônibus se aproximando. Peguei e fui me distraíndo com as *janelas interativas* do veículo. Em poucos minutos já estava na *30th Street Station*.

Estava bem movimentado. A partida era seis da tarde. Ainda faltavam mais de duas horas e fui procurar algo para comer. Estava morrendo de fome! Sem andar muito, parei numa praça de alimentação, comprei um sanduíche e um refrigerante. Comi e fiquei jogando *on-line* até dá a hora do embarque.

Foi se aproximando o momento e embarquei. Me acomodei e logo adormeci, mas depois de alguns segundos de sono já estava em *New York*.

— Que rápido! Dormi e nem vi a viagem passar.

Desembarquei e peguei meu *Tab P* para prosseguir com o trajeto. Vovô havia planejado tudo de forma eficiente para que eu pudesse chegar à casa dele da forma mais rápida e confortável possível. Bem que ele podia ter pago um *drone de transporte*, mas ainda estava muito caro e burocrático viajar num desses.

Era tudo muito estranho porque vovô não gostava de tecnologia e de uma hora para outra já estava bem familiarizado com tudo que a *era digital moderna* podia oferecer. Quando abri o aplicativo de “*trajeto de viagem programado*” vi que havia

várias mensagens do meu *aplicativo de mensagem*. Muitas eram de amigos me chamando para curtir a noite, mas uma delas era do vovô que dizia:

Olhe para frente.

[7:22 PM]

— Hã?!

Olhei para todos os lados procurando por algo que não sabia o que era. Depois de alguns segundos avistei o vovô Charles.

— Mas que louco!

Vovô estava me assustando cada vez mais. Aproximei dele.

— Seja bem-vindo, meu neto! Como foi a viagem?

— Foi bem, vovô. Na verdade, nem vi porque adormeci. Achei que encontraria com o senhor na porta da sua casa.

— Que bom que a viagem foi tranquila! Resolvi buscá-lo porque estava com muita fome e, como você sabe, não sou muito bom na cozinha.

Realmente vovô não gostava de cozinhar. Militar reformado, ele sempre deu seu jeito, ainda mais depois da morte da vovó.

— Sim. Então vamos jantar fora, vovô.

Chamamos um *transporte rápido* para nos levar a um restaurante. Vovô escolheu um bem legal que oferecia diversos tipos de pratos. Olhei para ele se divertindo com a interatividade do restaurante enquanto fazia os pedidos.

— Ei, vovô! Desde quando começou a gostar de tecnologia? Desde que me lembro o senhor nunca foi *chegado* a essas coisas.

— Sabe, Roger. Quando se aprende a perder o medo de descobrir coisas novas passamos a explorar e nos aventurar pelo mundo com mais audácia.

Fiquei olhando para o vovô desconfiado, mas até que contente por vê-lo se divertindo. Nunca tinha o visto assim. Vovô me perguntou o que queria comer. Fiz minha escolha na *mesa interativa de pedidos* e logo foram chegando os pratos. Enquanto comíamos, vovô me perguntava como estava na escola, como estava o papai, mas eu queria a todo momento interrompê-lo e perguntar sobre a estranha *arma* que estava comigo e de tudo que ele sabia a respeito. Aproveitei um breve momento de silêncio enquanto estávamos quase acabando de comer.

— Vovô, o que o senhor sabe sobre isso? — perguntei, mostrando o *chaveiro*.

Ele me olhou seriamente e quando ia dizer algo, fomos interrompidos por um garçom que trazia diversas sobremesas. Guardei o *chaveiro* e vovô abriu um sorriso de felicidade por ver tantos doces diferentes. Ele adorava.

Vovô se deliciava de se lambuzar e eu saboreava calmamente minha sobremesa olhando fixamente para ele esperando que dissesse algo. Depois de nós acabarmos

com os doces, passamos quase uma hora jogando xadrez na *mesa interativa de pedidos*. Depois de seis derrotas para o vovô, pagamos a conta ali mesmo no *cartão virtual* e levantamos. Saímos do restaurante em silêncio e na porta estava a nossa espera um *transporte rápido*.

— Vem, Roger. Vamos para casa.

Fiquei imaginando que horas que vovô havia pedido o *transporte rápido*, pois nem o vi pegando em seu *Tab P* lá dentro. Entramos no veículo e partimos para casa dele. Não era muito longe. No caminho vovô pegou seu *Tab P* e parecia que ele estava mandando uma mensagem para alguém. Tentei ver para quem era, mas ele desligou.

Logo chegamos em casa. Dava para ter ido andando, mas já estava tarde e achei que vovô queria me poupar de qualquer esforço. Entramos e fiquei surpreso com o interior da casa cheio de eletrônicos de última geração. Só faltava uma daquelas *AI* de última geração que controlavam tudo. Realmente vovô estava vidrado na tecnologia moderna. Fazia pouco tempo que ele morava aqui. Ele se mudou de *Overland, Kansas* que era um lugar tranquilo e calmo para voltar a viver na badalada e movimentada *New York*. Achava que o vovô não queria curtir a aposentadoria na monotonia.

— Está aqui seu quarto, Roger. Fique à vontade. Eu vou tomar um banho e vou dormir. Amanhã teremos um ótimo dia. Boa noite!

Ele não me deu a oportunidade de discutir sobre a estranha *arma*. Queria ali e agora resolver isso, mas estava muito cansado e com sono. Havia sido uma *terça-feira* bem cansativa e seria melhor deixar para amanhã.

Tomei um banho e me joguei na cama. Peguei meu *Tab P* para ver as mensagens. Tinha dezenas e como não queria olhar uma por uma, ativei minha *AI* chamada *Anne* e fiz uma busca.

— *Anne*. Buscar mensagens, Desirée.

— *Mensagem não encontrada*.

A mensagem que eu mais queria ver não estava ali. Pensei na Desirée por um momento e quando me vi já estava...

Ouvia sinos batendo. Batiam bem de longe e o som ia aumentando gradativamente. Eram sinos bem pequenos que estavam badalando bem perto dos meus ouvidos. O som aumentava cada vez mais e uma voz ao fundo dizia:

— Acorda, Roger! Acorda, Roger! Bom dia! Já estamos atrasados.

Acordei assustado e tentei olhar para todos os lados para saber o que estava acontecendo.

— O que foi que aconteceu, vovô? Acabei de dormir!

— Já dormiu o suficiente, Roger. Levanta. Já são cinco da manhã e estamos atrasados.

— Atrasados para quê, vovô?
— Para nossa corrida matinal.
— O quê?!
— Pegue esse tênis. Acho que vão servir em você. Estarei te esperando lá embaixo em cinco minutos.

Vovô parecia doido. Ele achava que ainda estava no “*United States Marine Corps*” *USMC*. Queria voltar a dormir, mas vovô não ia deixar. Com muito sono, me arrumei e desci. Vovô me jogou uma garrafa de suco e um sanduíche.

— Vamos, Roger. Vem comendo no caminho.

Olhei para o vovô assustado, mas aceitei a situação e saí com ele. Enquanto eu o seguia, lancei o olhar para a sua *perna de metal*. Ele havia perdido parte da perna direita na *guerra do Vietnã*.

Já estava para amanhecer quando seguíamos em direção ao *Central Park*. Enquanto caminhávamos, eu comia e ouvia vovô falando coisas sobre como era no tempo dele de serviço ativo no *USMC*. Eu só ouvia calado enquanto mastigava. Chegamos ao *Central Park*, vovô parou, deu umas alongadas e me perguntou se estava pronto. Tomei um gole de suco para fazer descer o último pedaço de sanduíche e respondi:

— Sim.

— Ok! Vou bem devagar e depois aumento o ritmo. Vamos!

Vovô colocou os fones de ouvido e sem esperar eu me alongar, saiu em disparada. Eu fui que nem louco atrás dele. Depois de dois minutos de corrida já não conseguia mais acompanhar o ritmo do vovô. Ele disparou e logo não o via mais à minha frente. Depois de alguns minutos, vovô já tinha dado uma volta pela *lagoa* e me alcançou. Ele deu uma reduzida.

— Já cansou, Roger? Nem começamos!

Olhei para o vovô com cara de quem não estava gostando e quando ia dizer que queria ir embora ele saiu em disparada novamente e logo já não o via mais. Novamente, depois de um tempo, vovô me alcançou e riu da minha cara quando passou por mim. Isso se repetiu outra vez e eu ainda estava acabando de completar a primeira volta.

Parei para respirar e vovô parou. Ele deu umas caminhadas em círculos à minha frente e falou que já estava na hora de voltar. Olhei para ele cansado e agradecendo mentalmente. Caminhamos bem devagar de volta para casa.

Vovô ainda sem fôlego caminhou até em casa sem dizer nada. Chegamos, fui tomar um banho e ele ainda foi fazer uns exercícios de musculação. Relaxei debaixo do chuveiro e quase perdi a noção do tempo. Saí do banho, me arrumei, peguei meu *Tab P* para ver as mensagens e quando desci as escadas até a cozinha

lá estava pronto um belo café da manhã. Olhei para o vovô sentado à mesa e perguntei:

— O senhor que preparou tudo isso? Mas o senhor não gosta de cozinhar!

— Realmente, Roger. Eu não gosto de cozinhar. Fiz um pedido de *comida expressa* por esse *aplicativo*. Eles trazem de tudo em poucos minutos, desde pequenos lanches a café, almoço e jantar completos. São bem diversificados.

Vovô e suas tecnologias estavam me surpreendendo a cada dia. Me sentei e saboreei aquele belo café da manhã. Vovô pegou seu *Tab Paper* e foi ler as notícias. Eu continuei vendo as mensagens uma a uma. Tinha uma mensagem do Romeo. Fiquei surpreso e abri. Não acreditei no que vi. Um monte de *emoji* de carinhas com raiva. Fiz uma cara de irritado, mas logo em seguida, por um momento, bateu uma tristeza por não ter nenhuma mensagem da Desirée. Fiquei imaginando como ela estava. Logo depois me veio à mente a *arma* estranha. Aquela era a oportunidade perfeita para perguntar ao vovô e arrancar informações dele. Engoli o pedaço de maçã que estava mastigando e perguntei:

— Vovô, o que o senhor...

— Roger, vou te mostrar o que queria que você me ajudasse. Foi por isso que te chamei aqui — disse ele.

Vovô não havia me deixado perguntar. Fiquei olhando para ele furioso enquanto o via terminar de ler o jornal e quando ia tentar perguntar novamente ele se levantou.

— Me acompanhe, Roger.

Olhei para ele assustado e o segui. Vovô foi para o quarto dele e lá estava uma mochila arrumada.

— Vamos, Roger. Arrume suas coisas e vamos sair para visitar um amigo.

— Mas que amigo? E a ajuda que o senhor precisava?

— Chegando lá te mostro.

Fiquei imaginando o que o vovô estava planejando. Algo estava muito estranho. Fui no quarto onde estava, peguei a *arma* estranha e fui até ele.

— O que o senhor sabe sobre isso? Preciso saber!

— Coloque-o na mochila que chegando lá te esclareço as coisas. Vamos!

Fiquei surpreso com a resposta. Vovô então realmente sabia sobre a *arma*. Fiquei assustado e ao mesmo tempo curioso. Ia ser uma aventura interessante. Arrumei minhas coisas, peguei meu *Tab P* e joguei o *chaveiro* em forma de cubo de gelo que se transformava em uma *arma* muito estranha na mochila. Desci e vovô já estava me esperando. Saímos.

— Vovô, não vai desligar as coisas da casa e trancar, não? Vamos ficar fora o dia todo.

— Já estou trancando.

Ele pegou sua *Tab P* e tocou em algo na tela que fez a casa se desligar e travar as portas e janelas. Incrível. Vovô estava mesmo obcecado pela tecnologia moderna e isso já estava começando a me preocupar. Ele pegou o carro dele e partimos. Até o carro era cheio de tecnologias. A *AI* do carro era muito legal. Conversava naturalmente e planejava qualquer trajeto com perfeição.

Depois de horas de viagem fizemos uma parada rápida para o almoço. Comemos e prosseguimos. Não estava nem prestando atenção para onde estávamos indo porque estava quase que o tempo todo jogando no meu *Tab P*. Já era quase fim de tarde e do *Tab P* do vovô soou um toque de notificação de mensagem bem diferente. Ele acionou a *direção automática* e pegou o *Tab P* para ver o que era. Ele olhou e fez uma cara de preocupação. Eu ia perguntar o que tinha acontecido, mas ele abriu um sorriso e pediu para que eu enviasse uma mensagem para o Romeo, notificando-o que estava tudo bem.

— Hã?! Para quê?

— Nada de mais! Só para avisar. Ainda mais porque estamos longe de casa.

— Tudo bem, então.

Vovô até que falou uma coisa certa, mas não estava a fim de mandar mensagem para meu irmão. Ainda mais depois da última briga e as carinhas de raiva que ele havia me mandado. Hesitei por um segundo, mas no fim abri o *aplicativo de mensagens* e escrevi:

Está tudo bem. Logo mais entraremos em contato.

[5:31 PM]

Enviei e falei para o vovô. Ele agradeceu.

— Chegamos!

Olhei para ver onde estávamos e vi um portão automático que se abriu. Fomos em direção ao que parecia ser uma casa bem simples vista de longe. O quintal era bem grande com muitas árvores e um chafariz. Vovô estacionou e em frente à casa fomos recebidos por um senhor bem estranho. Ele nos recebeu com muito entusiasmo. Sr. Donovan Lewis, esse era seu nome, nos convidou para entrar.

A casa era bem simples, mas vendo-a por dentro parecia ser bem maior. Aparentemente era bem confortável e ao contrário da casa do vovô não havia muitas coisas tecnológicas à vista. O Sr. Donovan tinha vários empregados. Era estranho, pois parecia que não tinha muito o que se fazer, tirando o quintal enorme. Ele falou que passaríamos a noite ali, mas eu estava achando tudo muito suspeito.

— O que será que o vovô estaria querendo? Que tipo de ajuda ele queria de mim? — pensei, confuso.

Tudo que eu queria saber era sobre aquela *arma* estranha que estava comigo. O Sr. Donovan nos apresentou os quartos que ficaríamos e imediatamente nos acomodamos. Ele avisou que o jantar estaria pronto em dez minutos. Já eram seis da tarde e como não tinha comido nada nas últimas horas, somente almoçado, estava cheio de fome.

Fui até a sala de jantar e lá estava quase arrumada uma bela mesa. Empregados do Sr. Donovan terminavam de arrumar. Ele parecia ser um homem rico e das antigas, tipo como o vovô era, sendo que ele mudou do nada e resolveu viver a vida moderna. Eu e o vovô fomos convidados a nos sentarmos à mesa. Toda a refeição ocorreu em silêncio. Fiquei um pouco incomodado com isso. Nunca tinha participado de nada tão formal assim.

— Senhores, agradeço a companhia neste jantar. Podem voltar a se acomodarem em seus quartos. O que precisarem é só falar — disse o Sr. Donovan, com um enorme sorriso de gratidão.

Que situação estranha. Não estava entendendo mais nada.

— O que estávamos fazendo aqui? — pensei, preocupado.

Voltamos para o quarto e quando ia falar com vovô, ele entrou no dele e bateu à porta na minha cara. Fiquei nervoso e me deu uma enorme vontade de chutar com muita força a porta do quarto onde ele estava, mas logo em seguida ele abriu, olhou para mim e me disse:

— Boa noite!

Olhei com cara de bobo e quando ia responder, ele tornou a bater à porta na minha cara. Que raiva! Fiquei quase um minuto em pé na dele esperando que ele abrisse novamente, mas desisti e fui para o meu quarto. Peguei meu *Tab P*, olhei as mensagens e nada de receber uma da Desirée. Queria mandar uma para ela, mas estava sem coragem de enviar um simples *emoji*. Joguei um pouco *on-line* e logo peguei no sono.

Estava tudo escuro. Sentia muito frio. Procurava algo para me agasalhar, mas não conseguia enxergar. Senti algo segurando minha mão esquerda. Tentava olhar para ver o que era. Na outra mão percebi que estava segurando algo. Parecia um cubo e estava muito gelado. Meu corpo começou a ficar muito quente e comecei a apertar o cubo com força. Ele irradiou uma luz muito forte que começou a iluminar tudo. Percebi que o cubo havia se transformado naquela arma estranha. Ela emitia uma luz constante. Me virei para ver o que estava segurando minha mão. Meu coração disparou quando vi que era uma criatura horrível como jamais tinha visto. Tentei me soltar, mas a criatura me puxou e atacou.

Acordei suado e com o coração muito acelerado. Foi um pesadelo horrível. Fiquei uns minutos tentando me acalmar, levantei e fui até a cozinha para beber água. Chegando lá havia um dos empregados na cozinha, preparando alguma coisa.

Pedi com licença e solicitei um copo d'água. Ele respondeu com toda delicadeza que ia me servir. Achei estranho ter um empregado ainda acordado, pois vi que eram três da manhã.

— Aqui está sua água, meu jovem aprendiz.

— Obrigado, senhor?

— Pode me chamar de Will.

— Sim. Obrigado, Sr. Will! Posso lhe perguntar uma coisa?

— Sim, claro.

— O senhor não descansa? Já está tarde e o senhor aqui na cozinha trabalhando.

— Não se preocupe, meu jovem.

— Hum. Entendi. Mas o senhor não tem medo de ficar sozinho por aí a noite?

— Não, meu caro Roger. Também estão trabalhando o pessoal da segurança numa sala secreta. Eles monitoram tudo por minicâmeras.

— Minicâmeras? Devem ser bem mini porque não vi nenhuma até agora.

O Sr. Will riu com meu comentário. Eu o agradeci mais uma vez, me despedi e voltei para o meu quarto. Quando entrei, um forte sono me veio. Cai na cama já cochilando. Parecia que o Sr. Will tinha colocado sonífero na água.

— Acorda, Roger! Vamos sair. Acorda!

— Hã. Vovô? Corrida de novo? Está muito cedo!

— Que nada, Roger! Já são nove da manhã.

— Hã?! Mas como? Mal dormi! Estou perdido no tempo, vovô. Que dia é hoje?

— Hoje já é *quinta-feira* e vamos sair. Se arrume.

— Para onde vamos?

— Vamos fazer escalada.

— Hã?!

— Se arrume! Estamos te esperando!

Vovô saiu do quarto e eu fui tomar um banho para ver se acordava. Ainda estava muito sonolento. Depois de um belo banho, me arrumei, peguei meu *Tab P* e fui para a cozinha comer algo enquanto lia as mensagens.

Chegando à mesa, um farto café da manhã estava preparado. Todos estavam em pé olhando para mim. O Sr. Donovan pediu que sentasse e me servisse. Ele se desculpou por não ter me esperado para o café, pois todos já tinham feito a refeição matinal e não queriam interromper meu sono bem cedo.

Fiquei sem graça, mas como a fome era maior, sentei e me delicieei com a diversidade de coisas que tinha à mesa. Fiquei meio envergonhado, pois todos olhavam para mim enquanto eu comia. Acelerei com a refeição e logo levantei dizendo que estava pronto.

Eu, vovô e o Sr. Donovan seguimos para fora e lá nos esperava um carro desses mais modernos com motorista particular. Fiquei surpreso e concluí que realmente o

Sr. Donovan era um homem bem rico, contudo simples em algumas coisas, principalmente em relação à tecnologia. Não se via muitas *Tabs* pela casa e nem nada tão conectado, tirando esse carro de última geração que estava parado à minha frente. Nem ao menos vi o Sr. Donovan com um *Tab P*.

— Como será que ele se comunica? — me perguntei, mentalmente.

Entramos no carro e lembrei que não havia pegado minha mochila.

— Espere! Preciso voltar e pegar minhas coisas.

— Não se preocupe, Roger! Está tudo aqui, inclusive os equipamentos para escalada.

Virei para o lado, vi o Sr. Will e com um olhar surpreso respondi:

— Obrigado!

Partimos. A *AI* do carro era incrível. Dava até para deixar por conta dela para dirigir todo o percurso, mas mesmo com todos esses recursos, o motorista conduziu até o destino ao som de música clássica. Preferiria ouvir um *rap*.

A viagem durou cerca de uma hora pela estrada e pegamos uma trilha. No fim dela paramos e em frente a uma outra trilha mais estreita que dava no topo de uma montanha, seguimos sozinhos. Caminhamos por cerca de uma hora e nos deparamos com um caminho que era uma subida um pouco íngreme. Preparamos os equipamentos e prosseguimos. Até que estava gostando da aventura. Vovô estava me surpreendendo. Depois de muitas horas e várias paradas chegamos ao topo. Tinha uma vista panorâmica muita linda. Eu e vovô ficamos admirando a paisagem por minutos. Sentamos à beira, tomamos água e continuamos apreciando a bela vista.

— Sabe, vovô. Devíamos fazer isso mais vezes.

— Com certeza, Roger! Isso é maravilhoso!

— Vovô, agora me responda! Qual era a ajuda que o senhor precisava de mim? Até agora não ajudei o senhor em nada.

— Meu caro neto. Na verdade, você está me ajudando desde quando eu o busquei na estação.

— Hã?! Mas como assim?

— Está me ajudando a viver. Desde a morte da sua avó e sua m... que não tenho sentido muita vontade de prosseguir. Andei vivendo com angústia e isolado, mas algo me fez depositar todas as minhas energias no que me resta de vida. Não sei por quanto tempo ainda vou viver, mas decidi que iria aproveitar ao máximo cada segundo e você está me ajudando e compartilhando isso comigo. Andei muito solitário nos últimos anos, mas agora será tudo diferente.

— Legal, vovô! Fico feliz que esteja compartilhando esses momentos comigo, mas uma pergunta: quem morreu além da vovó que o senhor ia falar? Algum amigo muito chegado?

— Não. Não. Foi a cachorrinha da sua avó que morreu um dia depois dela — respondeu o vovô Charles, sem graça.

Fiquei olhando para o vovô que permaneceu calado e que parecia querer chorar. Ficamos em silêncio por alguns segundos. Peguei na minha mochila o *chaveiro* em forma de cubo de gelo e fiquei observando sem falar nada.

— Roger, me dê isso aqui.

Entreguei para o vovô o *chaveiro* e ele ficou observando o *cubo* calado por alguns segundos.

— Sabe, Roger eu não sei se sou a pessoa certa para falar sobre isso, mas conheço quem sabe e que pode lhe esclarecer tudo com maior clareza.

— Mas o que o senhor sabe? Me diga, por favor!

— O que posso dizer é que isso é um objeto muito antigo e que carrega um poder desconhecido.

— Mas que poder é esse? Por que está comigo?

— Você é o escolhido.

— Escolhido para quê? Do que o senhor está falando?

— Vamos, Roger. Logo mais vai escurecer. Eu preciso ir.

Levantei, peguei minha mochila e questionei:

— Por que está escondendo a verdade de mim?

Vovô parou e olhou para mim com uma cara de surpreso.

— Você não está preparado. Pegue isso e guarde contigo.

Ele havia me devolvido a estranha *arma* em forma de cubo de gelo.

— Nem tudo posso lhe esclarecer, mas se sobreviver vou lhe mostrar quem pode.

Vovô pegou na minha camiseta e segurou com força. Olhei para ele assustado e perguntei o que estava fazendo. Vovô me puxou e me arremessou com força para o penhasco. Gritei desesperado em queda livre. Não acreditei que ia morrer assim e ainda mais pelas mãos do meu próprio avô.

O *chaveiro*, que estava em minhas mãos, começou a ficar gelado e a emitir uma luz muito forte. Apertei com força e ele se transformou na *arma* estranha. Uma *faca* que parecia estar bem gelada. Estava quase atingindo o chão, apontei a *arma* para baixo e ela lançou raios congelantes que começaram a me envolver e me congelar até formar uma bola enorme de gelo. Atingi o chão fazendo uma enorme cratera. A enorme esfera de gelo começou a se partir e eu saí de dentro intacto. Me levantei assustado e olhei para a *arma* em minhas mãos.

— Que incrível! — pensei alto, mas logo me toquei que poderia ter morrido.

O que o vovô estava pensando? Comecei a sentir um tremendo ódio dele. Sentia que a *arma* estava me guiando para algum lugar, mas logo em seguida ela voltou a se tornar um pequeno cubo de gelo.

— QUANDO EU SAIR DAQUI VOU TE DENUNCIAR POR TENTATIVA DE HOMICÍDIO! — gritei bem alto, cheio de raiva e olhando para cima.

Só tinha um problema. Não tinha a mínima ideia de como sair desse lugar. Era uma floresta bem densa. Parei, olhei para cima e tentei lembrar da vista lá do alto e vi que à minha esquerda a floresta diminuía, sendo que seria uma longa caminhada. Peguei meu *Tab P* para tentar entrar em contato com alguém, mas para minha infelicidade estava descarregado. Apesar de estar quase uma semana sem carregar acreditava que ainda tinha bateria para mais uns dias.

— Estranho! — pensei.

Joguei ele na mochila e segui em frente. Logo ia anoitecer e tinham muitos mosquitos. Corri para adiantar, mas me cansei rápido e já estava ficando escuro. Avistei uma árvore enorme que tinha uma pequena fenda que poderia servir de abrigo.

Parei para olhar o que tinha na mochila e torcendo que tivesse algo pelo menos para fazer uma fogueira. Tirei tudo de dentro e tinha meia garrafa de água, uns equipamentos de escalada, uma toalha, uns biscoitos, um boné, meu *Tab P* descarregado e, para minha sorte um isqueiro.

— Mas como tinha um isqueiro? — pensei confuso.

Não me lembrava de ter colocado isso na mochila. Também tinha umas outras coisas que não me lembrava de ter colocado. Uma lupa e um canivete... Achei estranho, mas deixei pra lá! Importante é que estava salvo até o momento e que tinha que sobreviver até sair desse lugar. Sem pensar muito, juntei uns galhos e acendi uma fogueira. Ajudou a espantar um pouco os mosquitos. Peguei uns biscoitos para comer e enquanto comia, fiquei imaginando diversas coisas horríveis sobre meu avô, sobre como estava Desirée e de como queria estar com ela naquele momento. Até pensei no meu irmão chato. Tudo que queria era sair desse lugar e ver meu avô preso. Forrei a toalha no chão e deitei. Continuei imaginando diversas coisas por horas e depois meus olhos começaram a pesar.

— *Desirée!*

De repente estava sozinho. Muito escuro. Uma luz bem longe apareceu. Corri sem parar, tentando alcançá-la. Consegui me aproximar. Era a faca coberta de gelo! Ela brilhava de forma irradiante e mais forte a cada instante que me aproximava. Tentei pegá-la e quando a segurei, meu corpo começou a congelar. Entrei em desespero, mas uma força aumentava cada vez mais dentro de mim. Tudo começou a ficar branco e branco.

— Hum, que isso?! Essa luz!

Era a luz do sol no meu rosto. Havia amanhecido e juntei todas as coisas para poder sair desse lugar. Pensei em ir correndo para sair dessa floresta o quanto antes, mas ia me cansar logo e perder muito mais tempo recuperando o fôlego.

Resolvi ir caminhando e me guiando pela posição do sol até chegar ao ponto que vi do topo da montanha onde a floresta diminuía.

Passaram-se horas e parei para descansar. Estava com muita sede. A pouca água havia acabado na noite anterior quando comi metade dos biscoitos. Me lembrei do que a *arma* estranha havia feito. Produziu uma esfera de gelo ao meu redor, me congelando, amortecendo a queda e me deixando intacto. Se conseguisse produzir pelo menos um pouquinho de gelo, mataria minha sede.

Peguei o *chaveiro* e apertei com força esperando ele se transformar na *faca*. Tentei e tentei, mas nada aconteceu. Por um longo período tentei ativá-lo, mas sem sucesso. Caí sentado e deitei no chão exausto. Estava quase desmaiando e desistindo de prosseguir quando lembrei do momento que meu avô me jogou do penhasco. Fiquei nervoso e o *chaveiro* que estava na minha mão começou a ficar gelado e emitir uma luz. Apertei com força e ele se transformou na *faca*. Apontei para uma árvore e a *arma* estranha disparou um raio de gelo congelando o tronco em uma boa área em volta dela. A *arma* voltou a se transformar em *chaveiro*.

Corri e comecei a lamber o gelo feliz da vida, mas parecia que estava me deixando com mais sede. Sentei no chão desanimado olhando para a árvore congelada e percebi que depois de uns minutos o sol estava fazendo o gelo derreter bem devagar. Lembrei da lupa na mochila. Peguei e alinhei com sol na direção do gelo fazendo-o derreter mais rápido. Enchi minha garrafa de água e *matei* minha sede. Tomei ali umas três garrafas completas e enchi uma última vez para prosseguir com a caminhada.

Olhei para posição do sol e parecia que já havia passado do meio-dia. Caminhei por mais um bom tempo e parei para descansar. Comi os restos de biscoito e tomei apenas metade da água para tentar economizar, pois não estava confiante de fazer o *chaveiro* se ativar e produzir gelo novamente.

Continuei andando e ouvi um barulho estranho. Olhei para todos os lados e o som só aumentava. Parecia o som de pisadas. Estava vindo do meu lado direito. Virei e quando menos esperei, me deparei com um urso enorme.

Não sabia se corria ou se ficava imóvel com a esperança de não ser percebido, mas tive que correr, pois o urso veio furioso na minha direção. Subi numa árvore e o animal quase me pegou. Não ia escapar porque o tronco não era muito forte e alto. O urso atacava a árvore incansavelmente e quase me desequilibrei. Tinha que fazer algo senão ele ia me matar.

Peguei o *chaveiro* e tentei desesperadamente ativá-lo. Não consegui e o urso com um golpe muito forte na árvore me fez cair. A fera descontrolada pulou para cima de mim e, sem muito o que fazer, fechei os olhos, levantei os braços na direção dela apontando o *chaveiro*, que imediatamente se transformou na *faca* mágica, lançando uma forte rajada de gelo. Abri os olhos assustado e vi o enorme urso

congelado. Toquei no gelo e fiquei observando-o imóvel. A *arma* começou a brilhar e desativou. Bateu um desespero de medo da fera se libertar e comecei a correr sem parar.

Cansado e com muita sede, continuei correndo. Comecei a ouvir bem à frente um barulho de veículo passando. Já muito cansado juntei minhas últimas forças e corri em direção ao som. Depois de segundos correndo, percebi que tinha saído da floresta e bem à frente vi uma autopista. Carros passavam e já sem forças, caminhei até a via para tentar ser visto por alguém passando. Cheguei até a autopista, vi um carro parando e um senhor saiu. Percebi que era o meu avô. Tentei voltar e fugir dele, sendo que não conseguia mais me movimentar. Dei um passo e desmaiei.

Abri meus olhos desesperado, mas devido a claridade não consegui enxergar nada de imediato. Me levantei para ficar sentado e quando a minha visão voltou percebi que estava no quarto onde estava hospedado na casa do Sr. Donovan.

— Como vim parar aqui? — me perguntei, mentalmente.

Tentei ficar de pé, mas sentia uma dor muito forte como se tivesse quebrado uma costela. Com muito esforço consegui levantar e caminhei até a porta. Quando estava próximo, a porta se abriu e quem entrou foi o Sr. Will.

— Meu jovem, não se esforce. Deite-se. Trouxe algo para você comer.

Ele me levou de volta para cama e deitei. Montou um pequeno banquete e logo depois eu perguntei:

— Como vim parar aqui? Não me lembro de nada.

— Foi seu avô quem lhe trouxe.

— Hã? Cadê ele? Ele tentou me matar...

Fui interrompido pelo Sr. Donovan entrando no quarto e logo atrás dele estava meu avô.

— SEU ASSASSINO! TENTOU ME MATAR! — gritei, desesperado.

— Calma, meu caro Roger. Vai ficar tudo bem! — falou o Sr. Donovan, calmamente.

— Como posso ficar calmo? Ele tentou me matar! Quero sair daqui!

— Fique calmo. Vou lhe esclarecer tudo.

Tentei me levantar, mas fui acalmado pelo Sr. Will e o Sr. Donovan começou a me explicar:

— Meu caro Roger, você carrega uma responsabilidade muito grande. O que seu avô fez foi tudo por ordem minha. Você precisa ficar mais forte o quanto antes.

— Hã? A mando do senhor? Como podem? Tentaram me matar! Quero voltar para casa!

— Se acalme, Roger! Vou lhe esclarecer tudo que você deseja saber sobre a poderosa *arma* que está contigo.

Fiquei sem reação quando ele falou da *arma*.

— Como ele sabia dela também? — me perguntei, mentalmente.

Me calei e deixei ele explicar.

— Roger, essa *arma* lhe foi deixada e você demonstrou ser um descendente compatível, pois desde o primeiro momento ela respondeu a você. Agora o que você precisa é treinar para aprender a dominá-la por completo e estar preparado para futuras ameaças.

— Como assim compatível? O que quer dizer com descendente? E que ameaças são essas?

— Nos escritos antigos diz que essa *arma* há muito tempo caiu do céu junto com um *ser* que a manipulava como mágica. Ele controlava o frio e com esse poder ele vinha ajudando e protegendo a humanidade. Ele foi deixando *descendentes* que foram assumindo seu lugar, mas nem sempre os *descendentes* diretos conseguiam dominar esse poder ou ativar a *arma*. Muitas das vezes passavam-se várias gerações até surgir um descendente compatível com a *arma* e prosseguir com a missão de proteger a humanidade de ameaças que, assim como a própria *arma*, viriam do céu. Você, Roger, é um descendente que se mostrou compatível. Consegue ativar a *arma* e precisa dominar o uso dela. Estamos aqui para ajudá-lo. Tudo que você passou até agora foi um teste para ver se você era forte o suficiente para continuar com o treinamento.

— Difícil acreditar nessa história. Quase me mataram. Acho que essa é alguma *arma* tecnológica que inventaram e estão testando em mim. Querem criar alguma *arma* para venderem para o governo e os militares.

— Não tire conclusões precipitadas, meu caro Roger. Descanse. Vamos dar um tempo para você refletir sobre tudo isso.

Eles saíram do quarto. Queria que meu avô falasse algo, mas ele se manteve calado o tempo todo. Vi que o Sr. Will, quando trouxe o banquete, havia deixado meu *Tab P* carregado do lado da cama. Peguei e me espantei, pois já era já muito tarde. 11:45 da noite de *sexta-feira*. Tudo o que eu mais queria era voltar para casa. Fui verificar as mensagens e vi que tinha milhares. Muitas delas ignorei porque eram de amigos me chamando para festas. Tinha uma mensagem da Clara avisando que papai tinha chegado de viagem.

— Era uma novidade a Clara enviar mensagem — pensei.

Para minha maior surpresa tinha a mensagem de quem eu mais queria, Desirée, que dizia:

Me perdoe, meu amor! Fui muito equivocada com você e te pressionei muito sem entender o que você pensava. Não desista de mim, porque jamais desistirei de você. Estou

— Não quero fazer parte disso. Me deixem em paz, por favor. Não quero arrumar mais problemas.

— Não precisa devolver. Fique contigo. Não se sinta obrigado a usá-lo, mas guarde contigo.

Pensei e quase lancei longe o *chaveiro* com raiva por tudo que essa coisa havia me causado, mas como o que mais queria era ir embora e não passar por mais problemas, joguei o *chaveiro* na mochila, agradei pelo *drone*, pela hospedagem, me despedi e embarquei.

O *drone* levantou voo e vi todos lá embaixo acenando para mim, menos meu avô, que nem ao menos chegou perto para falar comigo. Do alto dava para ver o quanto era enorme a propriedade com uma pequena casa ao centro.

Nesse momento, *minha ficha começava a cair*, porque fiquei tão empolgado em buscar respostas sobre a *arma* que nem percebi que nos últimos dias não fazia a mínima ideia de onde estava. Não quis nem procurar saber, porque naquele momento só me importava em chegar em casa.

Depois de um tempo, já estava pousando no *Philadelphia International Airport*. Lá já me esperava um *transporte rápido* que me levou até a porta de casa. Cheguei às 10:20 da manhã e quando entrei a primeira pessoa que vi foi meu pai. Larguei a mochila no chão e o abracei.



CAPÍTULO 4

UM NOVO AMIGO

ROMEO

Meu *Tab P* despertou e me acordou. Por um momento me perdi no tempo achando que estava atrasado para escola, mas as aulas e provas já tinham acabado. Começavam as férias de verão. Peguei meu *Tab P* para ver na agenda o que tinha planejado para as férias.

— *Abele*, o que tem para hoje?

— *Bom dia, Romeo! O dia está lindo e não tem nada programado para hoje. Gostaria de agendar algo?*

— Por enquanto, não.

— *Ok! Tenha uma ótima quinta-feira.*

Abele era a *AI* que eu estava desenvolvendo. Existiam diversas *AI* no mercado. Estavam entre nós para controlar o que quiséssemos facilitando a vida em vários aspectos. Muitos ainda tinham preconceitos contra essas *inteligências artificiais*, com medo delas dominarem o homem, mas para mim ainda estava muito longe de se tornarem uma ameaça significativa. Para chegar ao ponto de ter um raciocínio como nos humanos seria necessário um *hardware quântico*, que por enquanto estava longe de se tornar concreto por depender de uma tecnologia ainda nos princípios de desenvolvimento. Quando um dia isso acontecer será mais óbvio que ocorra a *transcendência humana* nos tornando *biônicos* do que criarmos uma *AI* independente que se revolte contra nós.

Minha *Abele* controlava e tomava as melhores decisões baseada na minha pré-programação. Estava aprimorando-a a cada dia com novas funcionalidades para me atender. Nunca a apresentei para ninguém, pois nunca me interessei em obter lucro com isso, ainda mais porque ela estava sendo desenvolvida especificamente para facilitar a minha vida. Colocá-la à disposição do mercado só estaria expondo minha personalidade.

Levantei, tomei um banho e desci para tomar café. Clara já estava acordada e havia preparado tudo.

— Bom dia, Clara!

— Bom dia, Romeo! Dormiu bem?

— Sim, sim! Ontem fui dormir mais cedo do que de costume. Aproveitei bem o sono.

— Que bom! Vou ao mercado repor algumas coisas da dispensa. Você vai querer algo especial?

— Compre as coisas para fazer aquela sua torta especial, pois me deu uma vontade. E Clara, por que você não faz os pedidos *on-line* e pede para entregar? Tudo hoje em dia, em termos de comida, já dá para comprar *on-line* e chega em até vinte e quatro horas.

— Eu sei, mas sabe como sou a respeito dessas coisas tecnológicas. Gosto de ver e escolher tudo fresquinho. Do jeito que minha mãe fazia e por falar nela, tenho que ir visitá-la hoje.

— Só você mesmo, Clara. A tecnologia está ao nosso lado para facilitar nossas vidas e você resistindo a ela. Não deixe de ver sua mãe.

Por um momento imaginei como seria ter uma mãe. Quase que uma lágrima caiu.

— Não vou sair pela manhã. Ficarei no meu quarto fazendo uns trabalhos.

— Tudo bem, garoto! Já entrou de férias! Sai de casa e vai curtir a vida lá fora.

— Melhor não. Estou trabalhando em um projeto importante. Quando sobrar tempo eu saio.

— Você quem sabe, Romeo! Se fosse seu irmão ele não perderia tempo.

Fiquei em silêncio a respeito do comentário de Clara. Não gostava de ser comparado ao meu irmão.

— Estou saindo, Romeo! O que precisar me liga!

— Tudo bem, Clara! Até mais!

Ela era uma mulher de quarenta anos. Dedicava sua vida cuidando de sua mãe viúva que vivia doente. Amiga de muito tempo do meu pai, ela é dois anos mais nova que ele e dividia o seu tempo entre cuidar da mãe e da gente. Eu a conheci faz poucos anos, mas ela ajudava meu pai a criar o Roger desde pequeno. Minha mãe morreu no parto e nunca me explicaram como fui separado do meu irmão. Investigo isso há um bom tempo e até hoje não obtive respostas. A mãe da Clara estava com sessenta e oito anos e prosseguia resistindo bem aos tratamentos. Ela possuía HIV e tinha sido infectada pelo falecido marido. O amor entre mãe e filha era o laço forte que a mantinha viva até agora.

Clara saiu e eu subi para meu quarto. Liguei o meu *Tab de 18"* e fui fazer umas pesquisas para tentar descobrir algo sobre o Sr. Rougan Wood. Nada encontrava a respeito dele somente sobre outros Rougan Wood pelo mundo. Nem *redes sociais* ele possuía. Parecia comigo.

Minha vontade era poder invadir o *banco de dados* da *receita* e tentar achar algo, mas isso não estava ao meu alcance *processual*. Umas ideias me vieram à mente.

Parei com a pesquisa e abri o código fonte da *Abele* e comecei a incrementar novas funções que poderiam ser úteis no futuro. Iniciei o desenvolvimento de um algoritmo que rastreasse e previsse movimentos conforme o uso de *redes sociais, aplicativos básicos* que envolvessem cadastro, entre outros. Ideal era que fosse conectado a todos os *bancos de dados* do mundo, assim conseguiria prever os passos e planos de qualquer um no planeta.

O governo devia ter algo parecido para monitorar a população. Uma ideia antiga deles era de implantar um chip em todos como *identificação digital única*, mas isso era um assunto muito polêmico que já se arrastava há anos.

Conservadores não aceitavam tal tecnologia por acreditarem que o fato estaria conectado com o fim do mundo. No meu ponto de vista era até interessante, pois isso acabaria com as falsificações e homicídios, pois todos seriam facilmente localizados e teriam todos os rastros da pessoa. A polêmica na minha opinião era mais pela falta de privacidade do que com o bendito *apocalipse*.

Eu estava bem concentrado no desenvolvimento dos códigos quando de repente ouvi a campainha.

— *Ora!* Quem será? Não estou aguardando nenhuma entrega.

Desci para ver quem era e para minha surpresa:

— Desirée!

— Oi, Romeo! Tudo bem? Estava andando perto e resolvi passar aqui. Está ocupado?

— Não, não! Entre!

— O seu irmão já voltou?

— Não. Só no final de semana. Eu acho.

Vi pelo olhar dela que ainda estava muito abalada por causa da briga que teve com o Roger. Não conseguia pôr na minha cabeça e entender os motivos que faziam o imbecil do meu irmão magoá-la tanto.

— Ok! — respondeu Desirée, com ar de desânimo.

Olhei para o relógio.

— Nossa, já é quase meio-dia! Nem vi o tempo passar.

— O que estava fazendo?

— Estava programando. Acabei me empolgando tanto que nem percebi a hora passar.

— Você gosta mesmo de estudar, mas já está de férias, por que não vai curtir?

Fiquei chateado com a pergunta dela. Achei que já estava bem claro que eu não gostava muito de sair. Por isso que ela devia ter escolhido o imbecil do meu irmão. Ambos gostavam de uma curtição. Ela era em quase tudo perfeita, a não ser pelo fato de ter escolhido para namorar um cara que não lhe dava o valor merecido.

— Não. Você sabe que eu não gosto de sair.

— Ah! Não me lembrava — disse Desirée, confusa.

Sem querer acabei respondendo grosseiramente. Percebi pelo olhar dela um espanto.

— Acho que essa tinha sido a primeira vez que tinha mudado o tom de voz com Desirée — pensei, inconformado, comigo mesmo.

— Me desculpe pelo modo como falei. Ando com a cabeça atordoada.

— Que nada, Romeo. Não precisa se desculpar. Está com algum problema? No que eu puder ajudar, estou aqui.

— Nada de mais! Deve ser excesso de estudos mesmo. Estou precisando relaxar com alguma coisa que não seja estudar.

— Então vamos dar uma volta.

— Sim, sim! Vou me arrumar e já saímos.

— Vou aguardar você aqui — disse Desirée, com uma cara desconfiada.

Ela deve ter achado estranho o fato de aceitar sair, já que eu não gostava. Minha resposta havia sido impensada, pois nunca desperdiçaria uma oportunidade de estar com ela. Subi correndo com um enorme sorriso no rosto e me arrumei igual ao sopro do vento de um furacão. Em menos de dez minutos e com banho tomado, descii e fui até Desirée. Ela estava mexendo no seu *Tab P* e quando me aproximei, imediatamente ela bloqueou a tela. Não consegui ver o que ela estava fazendo.

— Vamos! — disse Desirée, com um sorriso desconcertante.

— Sim, vamos! Mas, para onde?

— Vamos andando sem pressa e no caminho decidimos.

— Ok!

Saímos e passeamos calmamente conversando sobre o fim das aulas e sobre o que pretendíamos fazer nas férias de verão. Algumas das respostas dela eram incertas devido à situação ruim em que se encontrava com meu irmão.

— Romeo, me responde uma coisa com total sinceridade. O que devo fazer?

— Fazer o quê? O que você quer dizer?

— Não se faça de bobo! Você sabe do que estou falando. Estou falando do seu irmão.

— Ah! O que você devia fazer era largar esse imbecil. Ele não te merece. Só te faz sofrer e não te dá a atenção merecida. Procure alguém que te trate como uma deusa. Seja feliz com quem quer te fazer feliz e largue esse otário para lá — disse minha razão, falando na minha mente, o que eu deveria falar, mas controlei minhas emoções.

— Ah! Sinceramente, Desirée, acho que vocês deveriam sentar e conversar para acertarem as diferenças. Se vocês realmente se gostam, uma boa conversa resolverá os problemas entre vocês.

Ela ficou em silêncio! A caminhada ao lado dela estava sendo excepcional, mas o calor já estava começando a me incomodar. Durante o passar dos anos os verões vêm se tornando cada vez mais quentes.

— Vamos tomar alguma coisa? Esse calor já está ficando insuportável — quebrei o silêncio perguntando.

— Sim, Romeo. Está muito quente mesmo para ficar caminhando sem rumo. Vamos em uma sorveteria.

— Sim! Boa ideia!

Sempre gostei do clima frio. Suportar os verões nos últimos anos vem sendo uma tortura. Quase pedi um *transporte rápido* só para nos levar um quarteirão à frente, onde tinha uma ótima sorveteria, mas aguentamos, caminhando um pouco mais, até chegar ao *paraíso dos sabores gelados*.

Entramos e o ar-condicionado nos aliviou, mas a sede era tanta que antes do sorvete compramos água. Os pedidos eram feitos em *painéis interativos*. Nos divertimos montando nosso sorvete e ali mesmo pagamos. Ao lado, em menos de um minuto, vieram numa pequena esteira os nossos pedidos exatamente como pedimos.

Sentamos em uma mesa e saboreamos as delícias geladas. Foram minutos de muito frescor que congelava a *alma*. Nós deveríamos estar almoçando, pois já tinha passado da hora, contudo repetimos o delicioso e gelado sorvete. Empanturrados e sem disposição para encarar o calor resolvemos ir ao *shopping center*. Dessa vez chamei um *transporte rápido* que nos levou em minutos. Era o melhor lugar para se passar uma tarde bem quente.

Para uma *quinta-feira* estava bem cheio. Achei que todos tiveram a mesma ideia para fugir do calor. Não gostava muito de sair justamente por muitas das vezes me deparar com lugares cheios. Quase dei meia volta, mas vi que Desirée estava empolgada.

Seguimos a vontade dela e começamos a passear pelo *shopping*. Ela parou numa loja de roupas e entrou. A loja era interessante pois possuía um sistema novo que estava em testes. Você escolhia as roupas dos manequins virtuais e usava o *DI-Eyes* “*Óculos de Realidade Aumentada*” da loja e se via com a roupa vestida no corpo. Era uma experiência interessante, porém com muitos *bugs*. Hoje em dia é comum o uso dos *DI-Eyes*. Uns são bem discretos e te mostram uma interatividade com as coisas ao seu redor. Mapas, propagandas das lojas para onde se olhavam, perfil das pessoas, jogos e muitos outros. Nas *redes sociais* era estranho, pois quando se olhava para alguém podia ver seu perfil sobre a cabeça e suas últimas postagens. Claro, se fosse escolhido perfil público.

Era bom por um lado, pois mostravam seus amigos quando estavam próximos e se podia abrir uma tela na sua frente com uma *videochamada* no meio da rua. As

polêmicas envolvendo esse *gadgets* eram devido a privacidade, pois nunca sabíamos quando alguém estava nos filmando e em muitos estabelecimentos eram proibidos o uso, assim como nos *shoppings*. Por isso não era muito comum o uso dos *DI-Eyes* em público. Contudo, muitos lojistas para aproveitar a tecnologia, disponibilizavam nas próprias lojas e ofereciam como uma forma mais interativa na hora das compras. Até se viam grupos usando *DI-Eyes* em público quando marcavam em algum parque para jogar.

Desirée comprou umas peças de roupas e logo depois continuamos a caminhada refrescante pelo *shopping*. Passamos cerca de uma hora só andando e olhando todas as lojas. Estava ficando cansado de caminhar, mas a felicidade de estar fazendo isso com Desirée me fazia criar forças para continuar e ter mais tempo com ela.

Parei numa loja de eletrônicos. Pensei na possibilidade de dar um corpo a *Abele*. Daria muito trabalho. Apesar de já ter muitas funções, programar para controlar um corpo robótico seria bem complexo. Pensei e decidi deixar isso para um futuro mais distante, quando já estiver numa faculdade de eletrônica e robótica.

Continuamos caminhando e quando vi a hora me espantei, pois já eram mais de quatro da tarde. Paramos na praça de alimentação e, pelo *aplicativo do shopping* que mostrava exatamente onde estávamos em tempo real, vimos todos os estabelecimentos ao redor e seus cardápios. O *aplicativo* era interessante, pois mostrava com muita precisão nossa posição e andar em que estávamos. Com isso aparecia o mapa das lojas no nosso raio útil que informava todos os itens disponíveis em cada uma delas. Nos restaurantes mostravam o cardápio e tempo de preparo para cada prato ou *fast-food*. Fizemos nosso pedido e só notifiquei o número da mesa em que estávamos. O pagamento era feito no próprio *aplicativo do shopping* e não demorou muito e já vinha alguém trazendo nosso lanche.

A tecnologia realmente estava facilitando muito nossas vidas. Comemos enquanto conversávamos sobre umas séries que estavam na moda. Para ser sincero, eu estava desatualizado e enrolei um pouco com o assunto, pois andei me dedicando muito aos estudos nos últimos meses. Queria ter um currículo impecável para ter uma boa chance numa faculdade. Depois de quase uma hora sentados na praça de alimentação, percebi que passamos uma tarde quase inteira juntos.

— Nossa, como o tempo passou rápido! Nem vimos a tarde passar!

— Realmente!

Desirée pegou desesperadamente seu *Tab P*, dando uma rápida olhada.

— Preciso ir, Romeo! Foi maravilhoso passar o dia com você! Espero que tenhamos novas oportunidades.

Eu, com um enorme sorriso e quase sem palavras, respondi:

— Vamos, sim! Marcaremos quando você puder. Vamos andando para a saída, já estou pedindo um *transporte rápido*.

Minha vontade era pedir um *drone de transporte* para levá-la em casa, mas ainda era absurdamente caro e burocrático andar em um desses pelo país, sem contar que não faziam viagens curtas pela cidade. Caminhamos em passos acelerados até a saída e lá já estava à nossa espera o *transporte rápido*.

Desirée entrou no carro, permaneceu calada e ficou mexendo freneticamente no seu *Tab P*. Eu fiquei observando a tela do *Tab* dela para tentar ver o que ela fazia, mas parecia que ela estava escondendo de mim. Fiquei sem graça de perguntar e também permaneci calado a viagem toda. Não demorou muito e já estávamos na porta da casa dela.

— Obrigada, Romeo! Até mais! — falou Desirée, saindo do carro rapidamente.

— Eu que agradeço o maravilhoso dia que me proporcionou. Espero que tenhamos muitos outros e para que não esqueça... Eu te amo!

Foi o que fiquei imaginando dizer, porém ela saiu tão depressa que nem se despediu olhando para mim. Pedi ao motorista que me deixasse em casa. Cheguei e logo fui para o meu quarto tomar um banho. Percebi que Clara ainda não havia voltado.

— Estranho! Será que aconteceu algo? — imaginei, preocupado.

Já estava pronto para tomar um bom banho, mas antes peguei meu *Tab P* para ver se tinha alguma mensagem de Clara. Só havia mensagens de propagandas oferecendo planos de dados infinitos a preços exorbitantes. Ainda era uma grande fonte de lucro para as empresas de telecomunicações a venda de tráfego de dados, ainda mais depois da revolução do modo de interação *homem X hardware*. Antigamente se tinha os smartphones, computadores de mesa, Smart TV, mas hoje em dia temos as CSB onde se concentram todos os *hardwares* de processamento, armazenamento e software que geralmente ficavam em casa.

Com isso só bastava ter um dos diversos *Tabs* e acessar sua CSB via *Wi-Div* da sua casa com limite de trezentos metros ou via 6G de qualquer lugar do mundo. Isso mudou o mercado de tecnologia e telecomunicações radicalmente, fazendo com que muitas empresas quebrassem e que outras se adaptassem, trazendo mais inovações para o mercado atual.

— Clara, o que houve?! — falei para mim mesmo.

Ainda preocupado, entrei no chuveiro e tomei banho. Permaneci por dez minutos no banho e enquanto isso fiquei imaginando várias coisas sobre a Desirée, meu irmão e o que eles poderiam estar fazendo naquele momento. Também fiquei pensando na Clara que ainda não havia chegado, sobre o vizinho Sr. Rougan e coisas bobas como programar novas funções para *Abele*.

Terminei o banho, me vesti e desci com meu *Tab P* tentando ligar para Clara. Quando cheguei na sala e selecionei o contato dela, a porta da frente se abriu.

— Clara! Onde estava? Anoiteceu e você não havia chegado e nem deixado recado. Fiquei preocupado.

— Me desculpe, Romeo! Tive um contratempo, mas está tudo bem. Você já comeu alguma coisa? Vou preparar algo para você.

— Não se preocupe, Clara! Não estou com fome. Saí com Desirée à tarde e comemos na rua.

— Ok! Então vou tomar um banho e ir descansar. Tive um dia agitado.

— Tudo bem! Vai descansar!

Ela estava com uma cara de desânimo. Nem fiz muitas perguntas para não enchê-la. Bebi um copo d'água e subi para o meu quarto. Eram 7:40 da noite e peguei meu *Tab de 18"* para programar um pouco. Testei umas funcionalidades para *Abele*. Uma delas era de fazer um *scanner* e identificar os usuários por meio do GPS em um raio de um quilômetro. *Abele* forçaria os aparelhos que se encontravam no raio de contato com GPS ligado e interceptaria a leitura via rede móvel e satélite GPS. Resumindo! Exploraria a vulnerabilidade no A-GPS "*GPS Assistido*" que serve para simplificar os cálculos complexos de localização GPS usando uma *rede móvel*. Meus testes indicaram que o código estava funcionando e mostrava a localização de alguns vizinhos que estavam com GPS ligado.

— Legal! Espero que a CIA ou NSA não me prendam por causa disso.

Continuando com algumas configurações em minha rede *Wi-Fi* percebi que uma rede surgiu com nome de:

— *Combatente Wood*? Será possível? — me perguntei, imaginando mil coisas.

Olhei pela janela esperando algo que com certeza não aconteceria.

— Será que essa rede pertencia ao Sr. Wood? — me fiz essa pergunta, por várias vezes, em um intervalo de um minuto.

Não pensei duas vezes a ativei *Abele* para invadir a rede e concluir minhas suspeitas. Por quinze minutos *Abele* tentou descriptografar a rede, mas sem sucesso. Como seria possível? A rede parecia possuir uma *criptografia de nível militar*. Nunca pensei que ia me deparar com isso em uma área residencial. A última vez que havia visto algo parecido foi há alguns anos, no orfanato, quando mexendo escondido em um daqueles computadores antigos que tinha por lá eu, com meu jeito curioso e querendo testar minhas habilidades, tentei invadir a rede da NASA.

Lembro até hoje que essa brincadeira me gerou muitos problemas. Depois de quase trinta minutos de tentativas a rede havia sido desligada.

— *DROGA!* — gritei e joguei o *Tab* na cama.

Sempre invadi com facilidades as redes *Wi-Fi* vizinhas, mas essa era diferente. Fiquei imaginando mil coisas. Peguei o *Tab* novamente para avaliar as tentativas de invasão com detalhes e foi quando recebi uma notificação de mensagem:

/Olá! Também não consegui descriptografar a rede!_

— O quê? Quem será?

Fiquei imaginando como invadiu meu *sistema*.

/Desculpe-me entrar assim no seu sistema, mas vi daqui que você tentou invadir a mesma rede Wi-Fi que eu tentei também._

/Quem é você? Me Responda._

/Ah! Esqueci de me apresentar, sou o NEOTTH!_

/Hã? Que nome é esse?_

/É um codinome. Preciso ir. Até._

/Como assim ir? Você é alguém da CIA ou NSA?_

/Não. Não. Fica tranquilo. Sou um amigo._

/Como assim, amigo? Nem nos conhecemos._

/Ok! Vamos marcar para nos conhecermos. Encontre-me no sábado às 10 da manhã no Washington Square Park_

/Como assim te encontrar? Me diga. Quem é você?_

Fiquei esperando uma resposta, mas ele havia ficado *off-line*.

— Mas, quem seria? — me perguntei, assustado.

Achava que deveria parar de tentar invadir redes porque senão acabaria arrumando muitos problemas. Olhei para o relógio e vi que já era quase meia-noite. O sono começou a me derrubar. Eram muitas perguntas na cabeça, mas o sono foi mais forte. Em poucos minutos minha mente se acalmou e eu entrei num sono profundo.

Estava perdido numa floresta. Era fim de tarde. Tinha muita sede. Estava em pleno verão, mas começou a nevar. De uma hora para outra a neve cobriu meus pés. Via por todo os lados árvores mortas e congeladas. Não sentia frio, mas a

fome aumentava. Dei alguns passos e parei ao pé de uma montanha enorme. Escutei um barulho que aumentava gradativamente. Quando percebi, vi que se tratava de uma avalanche. Tentei correr, mas não conseguia sair do lugar. Meu coração disparou e o desespero tomou conta de mim. Olhei para trás.

Acordei desesperado e muito ofegante. Olhei para o relógio na parede e vi que já era bem tarde.

— Nossa, já são mais de 10:00 da manhã!

Fiquei perdido no tempo, peguei meu *Tab P* e vi que era *sexta-feira*. Perdi a manhã dormindo, mas bem que estava precisando de um bom descanso. Me sentia culpado por desperdiçar tempo, contudo tinha que parar com esse sentimento, porque estava de férias e tinha que aproveitar com qualquer coisa sem me preocupar com nada.

Tomei um bom banho e descii.

— Bom dia, Romeo! Dormiu bem? Já estou preparando o almoço e fiz a sua torta favorita que prometi preparar.

— Bom dia, Clara! Dormi bem, sim. Só tive um pesadelo, mas o sono foi profundo e consegui descansar bem. Por que não me acordou para tomar café? Você gosta que sempre tenhamos todas as refeições do dia.

— Não quis te incomodar. Até fui ao seu quarto para saber se estava tudo bem e vi que estava em um sono gostoso.

— Ok! Queria esperar o almoço, mas estou com fome.

— Imaginei! Tem uns bolinhos que fiz bem ali na mesa! Só não se encha porque estou preparando um prato especial.

— Tudo bem! Vou comer só alguns!

Enquanto comia os deliciosos bolinhos, mexia no meu *Tab P* e verifiquei as pouquíssimas mensagens. Todas de propagandas! Fiquei pensando sobre o *NEOTTH* que invadiu minha rede.

— Quem seria? Seria o governo me monitorando? — pensei, um pouco assustado.

Imaginei mil coisas e tive uma ideia para tentar identificar os rastros da invasão dele e tentar descobrir sua localização.

— Clara, vou subir para o meu quarto. Daqui a pouco desço para almoçar.

— Tudo bem!

O cheiro da comida estava bom. Subi correndo para o quarto e peguei meu *Tab de 18"* e comecei a rodar uns *programas* e verificar os “*acessos DNS*” da minha rede. Fiquei uns trinta minutos vasculhando tudo e não achei nada.

— *Droga!* Quem será esse maldito *NEOTTH*? — resmunguei, furioso.

Recebi uma notificação de mensagem. Achei que era de propagandas, mas percebi que o toque foi diferente. Fui verificar.

Não precisa me rastrear. Está aqui o meu endereço, mas não vem aqui em casa agora porque vou sair. Amanhã lhe aguardo no Washington Square Park e o convido para vir aqui. Para não lhe causar mais preocupação, está aqui meu perfil na rede social. Até mais.

[11:16 AM]

— O quê? Só pode estar de brincadeira — imaginei, indignado.

O endereço que ele me mandou era a poucos quarteirões daqui. Eu não tinha *rede social* para ver o perfil dele e imediatamente fiz uma só para verificar. Abri o link do perfil dele e pela minha surpresa era alguém que já tinha visto várias vezes pela vizinhança, mas que nunca dirigi uma palavra. Derek era seu nome.

Por um momento me veio um alívio por ter quase certeza de que não era alguém do governo ou serviço secreto, mesmo assim suspeitei que poderia ser um agente se passando por ele e estava marcando só para me prender. Cheguei a essa conclusão porque ele havia me mandado o endereço da casa dele e mesmo assim ainda queria marcar comigo na *praça*.

Uma notificação veio na *rede social*. Era ele me adicionando como amigo. Aceitei e fiquei vasculhando o perfil dele. Tudo mostrava que era ele mesmo, mas as suspeitas não sumiram. Mandeí uma mensagem para o Derek pedindo esclarecimentos, mas ele estava *off-line*.

Depois de muito pensar, decidi ir até a casa dele hoje já que era bem perto daqui. Se o governo estivesse planejando algo uma hora ou outra eles iriam me pegar. Na verdade, nada impediria do governo de bater a minha porta e me levar a hora que eles bem entendessem. Todas essas suspeitas deveriam ser coisas da minha cabeça, mesmo que tudo parecesse estar se ligando aos fatos que estão acontecendo com meu irmão e o vizinho Sr. Wood.

Já era quase hora do almoço e como tinha falado para Clara, desci para almoçar. Depois eu resolveria isso. Desci as escadas enfeitado pelo cheiro bom. Cheguei à sala de jantar e a mesa estava arrumada e o prato principal era uma deliciosa *costela de porco*.

— Hummmm! Deve estar delicioso! — falei, com água na boca.

— Sente-se, Romeo! E já pode se servir. Vou pegar algo na geladeira para gente beber e já me sento com você.

Preparei meu prato e comecei a me deliciar. Estava fabuloso. Clara logo se sentou à mesa e se serviu.

— Como está? Está bom? — perguntou Clara.

— Está excelente! Melhor impossível.

Almoçamos e no fim ela se levantou e foi até a geladeira e trouxe a torta que ela tinha preparado. A minha torta favorita de limão.

— Está maravilhosa essa torta.

Clara deu um sorriso de satisfação enquanto também saboreava a sobremesa. Já estávamos quase terminando de comer e o meu *Tab P* tocou. Era uma chamada de voz. Olhamos para o *Tab* ao mesmo tempo e Clara interrompeu a última garfada.

— Quem está ligando agora na hora do almoço?

— Não sei! É uma chamada de voz não identificada.

— Atende então.

Peguei meu *Tab P* e atendi.

— Alô!

— Alô! Boa tarde! É Romeo quem fala?

— Sim. É ele.

— Olá, meu velho amigo! Tudo bem com você?

Por um segundo fiquei imaginando quem seria, mas logo fui reconhecendo a voz.

— Phillip Perry! É o senhor?

— Sim, Romeo! Como vão as coisas no seu novo lar? Já faz muito tempo!

— Vão bem! Faz tempo, sim. Desde que saí do orfanato o senhor só me ligou uma vez. Até tentei outras vezes entrar em contato, mas o número que havia me ligado não chamava mais. Até cheguei a entrar em contato com o próprio orfanato para saber do senhor, mas me responderam que o senhor havia pedido demissão.

— Realmente, Romeo! Tive uns problemas que precisavam de uma delicada atenção para resolver e por isso tive que ir embora, mas me diz uma coisa. Se adaptou bem à nova casa e família?

— Sim. Só com meu irmão que às vezes nos desentendemos, mas no pior das situações está tudo indo bem!

— Que bom! Fico feliz por você. Deixa eu perguntar. Você está sozinho?

— Não! A Clara está aqui almoçando comigo.

— Ah, não! Interrompi o almoço de vocês. Me desculpe!

— Que nada! Praticamente já acabamos!

— Ótimo, então! Preciso falar algo importante com você. Teria como ir para algum lugar mais reservado?

— Sim! Só um segundo.

Fiquei surpreso e muito curioso para saber o que o Sr. Phillip queria falar. Dei as duas últimas garfadas na torta e pedi licença para Clara. Ela já havia terminado de comer e se levantou para tirar a mesa. Subi para o meu quarto e fechei a porta.

— Pronto. Pode falar, Sr. Phillip!

— Tudo bem, mas na verdade queria marcar com você em algum lugar. Seria possível?

— Sim! Sem problemas, mas onde estaria o senhor?

— Vamos marcar no próximo domingo, no *Washington Square Park*, às quatro da tarde. Te vejo lá. Até mais.

— Mas...

Quando ia questioná-lo sobre onde ele estava e do que se tratava o assunto o, Sr. Phillip havia desligado. Achei muito estranho, pois o local que ele falou era no mesmo lugar em que Derek havia marcado comigo, sendo que um dia depois.

As coisas ultimamente estavam acontecendo de uma maneira muito estranha. Decidi ir até a casa do Derek para ter certeza do que ele me mandou nas mensagens. Tudo estava coincidindo, mas nada se conectando em fatos concretos e conversar com Derek talvez ajudasse a esclarecer algumas coisas. Ele havia falado que não estaria em casa, mas ignorei, troquei de roupa e peguei meu *Tab P*.

— Clara! Vou dá uma saída rapidinho e já volto!

— Vai aonde?

— Na casa de um amigo aqui perto.

— Tudo bem! Tchau!

Era uma situação engraçada, pois dessa vez estava realmente indo a casa de um possível amigo. Caminhei poucos minutos e logo já estava na porta da casa do Derek. Toquei a campainha e aguardei pelo pior, quando a porta se abriu.

— Boa tarde! Quem é? — perguntou a senhora, que abriu a porta.

— Boa tarde. Me chamo Romeo. Queria falar com Derek.

— Olá! Então você que é o Romeo! Prazer sou a Sra. Dana Miller, mãe do Derek. Infelizmente ele não está em casa. Ele foi à casa da avó. Volta só amanhã, pelo que me lembro! Derek me disse que você viria aqui amanhã.

— Ah, sim! Realmente. Me desculpe. Havia esquecido. Amanhã eu volto, então.

— Quem é, mãe?

— É um amigo do seu irmão, Melanie!

Uma menina linda e morena apareceu.

— Então foi dele que Derek falou — disse Melanie me olhando de cima para baixo.

— Prazer. Romeo — disse, sorrindo.

Ela não falou nada e entrou.

— Mais uma vez me desculpe, Sra. Dana. Obrigado, me dá licença, até mais!

— Não tem de quê! Amanhã o aguardo aqui. Até mais!

— Até!

Saí sem graça. Então era verdade o que Derek havia me dito. A casa dele era bem próxima do local que marcamos. Sentei em um banco na praça, de baixo de

uma árvore e fiquei pensando nas coisas estranhas que estavam acontecendo. Fiquei quase trinta minutos refletindo e vendo minha tarde de *sexta-feira* passar. Meu *Tab P* tocou e quando peguei para ver:

Não demore. Volte para casa. Tem uma surpresa.

[2:12 PM]

Era uma mensagem da Clara. Era uma surpresa vê-la mandando mensagens. Então devia ser algo importante mesmo.

— Será que ela preparou mais uma das deliciosas guloseimas? — me perguntei.

Voltei para casa a passos largos e quando abri a porta de casa:

— Pai?!

Ele havia chegado de viagem do trabalho. Corri e o abracei como se não o visse há mais de um ano. Meu pai era engenheiro e trabalhava embarcado em umas dessas plataformas de exploração de petróleo.

— Olá, meu filho! Tudo bem? — perguntou meu pai, com um enorme sorriso.

— Sim! Tudo bem, pai. Como foi de viagem? Voltou cedo. Achei que só chegaria amanhã.

— Sim! Realmente. Só que dessa vez consegui vir de avião em um voo único, sem escalas.

— Que ótimo! O senhor deve estar cansado! Vai descansar. Depois conversamos.

— Ok, meu filho.

Estava muito feliz com a chegada do meu pai. Ele passava muito tempo fora trabalhando. A escala dele de embarque era 30/15. Trinta dias embarcado e quinze em casa, sendo que esses quinze dias passavam muito rápido. A indústria petrolífera não andava em uma das suas melhores época. Devido à implementação de energias alternativas renováveis, carros híbridos e elétricos, o petróleo não era tão requisitado como matéria-prima. Por causa da experiência inigualável do meu pai, ele ainda conseguia se manter em uma das poucas empresas de exploração que ainda restavam. Ele subiu para seu quarto e eu fui beber água.

— Romeo! Vou para casa da minha mãe. Ia fazer um jantar especial para vocês, mas seu pai disse para não me preocupar. *Domingo* eu volto e vou fazer um almoço especial — disse Clara, enquanto terminava de arrumar a despensa.

— Ok!

— O que precisarem, não hesitem em me chamar.

— Sim! Obrigado, Clara.

Eu sentei no sofá da sala e fiquei mexendo no meu *Tab P*, fuxicando no meu recente perfil que fiz numa *rede social*. Nunca pensei que ia ficar nessa de *social virtual*. Sempre achei isso uma perda de tempo. Mesmo só com um amigo

adicionado não consegui parar de mexer por uns dez minutos só olhando as *páginas de tecnologia*. A coisa era mesmo viciante. Por isso que esse *aplicativo* ainda persistia por tanto tempo.

— Seu irmão volta amanhã — disse meu pai, aparecendo do nada e sentando do meu lado.

— Acho que sim.

— Não, Romeo. Isso foi uma afirmação.

— Ah! Ok.

— Falei com seu avô enquanto viajava para casa.

— Entendi! O vovô disse mais alguma coisa sobre Roger?

— Disse que eles estão se divertindo. Roger está ajudando-o em um trabalho.

— Que trabalho?

— Ele não entrou em detalhes, mas disse que está tudo bem. Você também devia ir visitá-lo de vez em quando.

— Realmente! Mas ele quase não liga. E dessa vez ele só chamou o Roger.

— Sim, mas da próxima ele vai te chamar.

Fiquei olhando sério para meu pai, tentando adivinhar se ele sabia algo sobre aquela *arma* estranha que estava com Roger. Meu avô e o vizinho eram suspeitos.

— Seria possível meu pai ser também? Será que eles estão acobertando meu irmão de alguma coisa? — fiquei me fazendo essas perguntas, várias vezes.

— Vou indo, meninos. Até *domingo*! Mandeí mensagem para Roger avisando que o senhor chegou. O que precisar, me liguem — disse Clara, se despedindo.

— Tudo bem, Clara! E já disse que não precisa me chamar de senhor! Até mais e muito obrigado — disse meu pai, olhando fixamente para ela.

Clara saiu e meu pai pegou seu *Tab P*.

— Vamos começar a ver uma série?

— Sim! Só vou tomar um banho e já volto.

— Ok. Vou ligando o *Tab TV* aqui da sala.

Subi correndo para meu quarto e tomei um *banho de gato*. Desci e meu pai já estava com a série pronta para iniciar. Sentei do lado dele e ele apertou o play. Ficamos três horas assistindo sem parar.

— Estou com fome. Vamos comer algo?

— Sim! Também estou. O que o senhor sugere?

— Vamos pedir uma pizza?

— Boa ideia.

Peguei meu *Tab P*.

— *Abele!* Pede uma *pizza portuguesa*. Quero do local que ficar pronta primeiro.

— *Sim! Localizando! Encontrado em uma lanchonete a três quarteirões daqui. Ela ficará pronta em quatorze minutos. Confirmar?*

— Sim! Confirma.

— *Pagamento finalizado! Quando estiver chegando lhe aviso.*

— Obrigado, *Abele!*

— *De nada, Romeo!*

— Essas *AI* ainda vão dominar o mundo — disse meu pai, com um olhar de preocupação.

Sorri para ele, levantei e fui ao banheiro. Ele se levantou e foi também. Voltamos para sala e voltamos a assistir a série. Meu *Tab P* vibrou e *Abele*:

— *Desculpe interromper Romeo, mas sua pizza já está chegando.*

A campainha tocou e eu fui atender. Era o entregador trazendo nossa pizza quentinha. Meu pai pausou a série enquanto estava recebendo. Levei a pizza para sala e comemos enquanto terminávamos de ver mais um episódio. Continuamos assistindo um após outro e quando me dei por conta já estávamos dormindo.

Acordei me espreguiçando. Havia tido uma ótima noite de sono. Levantei do sofá e vi meu pai preparando o café da manhã. Fui até a cozinha.

— Bom dia, pai!

— Bom dia, meu filho! Dormiu bem?

— Sim! Apesar de ter dormido no sofá, até que o sono foi profundo.

— Que ótimo!

Meu pai terminou de preparar o café e arrumar a mesa. Começamos a comer e ele me perguntou:

— O que vamos fazer de bom nesse *sábado*?

Quando ele falou o dia lembrei que tinha marcado hoje na praça com Derek. Olhei para o relógio na parede e vi que já eram quase dez da manhã. Eu queria aproveitar o momento e perguntar pela milésima vez sobre a mamãe e comentar sobre o vizinho Sr. Wood que sabia dela, mas como precisava sair, deixei para depois.

— Vamos sair, pai, mas antes preciso ir rapidinho na casa de um amigo aqui perto.

— Ok, meu filho. Pode ir porque também preciso resolver umas coisas e responder uns *e-mails*. Te aguardo por volta de uma da tarde. Saímos e almoçamos fora.

— Tudo bem.

Terminei de tomar meu café correndo, subi, tomei um banho bem rápido, peguei meu *Tab P* e desci.

— Estou indo, pai. **ATÉ MAIS!** — gritei, saindo de casa, correndo.

— Até, meu filho!

Olhei o meu *Tab P* e vi que tinha uma mensagem de Derek.

Está atrasado. Já estou aqui te esperando.

[10:10 AM]

Tínhamos marcado às dez horas e eu já estava atrasado. Coloquei meu *Tab P* no bolso e corri até o *Washington Square Park*.



CAPÍTULO 5

RECONCILIAÇÃO E DESCONTENTAMENTO

ROGER

Abracei meu pai como se o não visse há anos.

— Olá, pai! Tudo bem? Como foi de viagem?

— Está tudo ótimo! Foi tranquila! E você? Como foi a estadia na casa do seu avô?

Queria denunciar o vovô por tudo que havia acontecido, mas me segurei porque não sabia como ia contar. Imaginei que meu pai poderia estar muito cansado e não queria estressá-lo já no seu primeiro dia de volta.

— Sim, pai. Está tudo bem. A viagem foi rápida. Vim de *drone*.

— *Drone*? Seu avô está com dinheiro — disse meu pai, desconfiado.

— Pai, por que não vai descansar? Deve estar cansado — perguntei, tentando mudar de assunto.

— Estou cansado sim, mas tenho umas coisas para fazer. Serão quinze dias em casa. Acho que vai dar para descansar bem.

— Ok, pai. Já estou de férias. Vamos marcar para curtir um pouco.

— Boa ideia, filho. Estou precisando mesmo sair para descontraí.

Recebi uma notificação de mensagem da Desirée:

Me avise quando chegar para eu poder ir te ver e te encher de beijos. Te amo!

[10:32 AM]

Respondi imediatamente que já havia chegado.

— Pai, vou subir e tomar um banho. Desirée está vindo.

— Ok, meu filho.

Passei pela cozinha para beber água.

— Cadê a Clara? — perguntei para meu pai.

— Dei folga. Ela volta no *domingo* para fazer um almoço especial para gente e seu irmão que acabou de sair. Foi na casa de um amigo.

— Amigo? — me perguntei, mentalmente.

Quase não via Romeo falando com ninguém, quanto mais ter amigos, mas como não estava muito interessado em saber dele, nem me importei. Bebi minha água e subi para meu quarto. No meio da escada meu pai me gritou.

— ROGER!

— Fala, pai.

— Já ia me esquecendo. Marquei com seu irmão para irmos almoçar fora. Vem também. Vamos pôr as conversas em dia, você pode levar sua namorada.

— Ok, pai. Vou ver.

Meu irmão era um chato. Não queria ir, mas também não queria dispensar uma oportunidade de estar na companhia do meu pai. Deixei isso para depois e fui tomar um banho.

Enquanto estava me arrumando para Desirée olhei para cama e me lembrei do corte que fiz com aquela *arma*. Puxei o lençol e não vi o corte. Levantei o colchão e vi que o corte estava por baixo.

— Quem mexeu aqui? — me perguntei. — Teria sido a Clara? — pensei, desconfiado.

Peguei o *chaveiro* da minha mochila e fiquei olhando para ele por uns minutos, imaginando as baboseiras que me disseram sobre ser o escolhido.

— Maldito — resmunguei, falando do meu avô.

A campainha tocou e recebi uma mensagem da Desirée quase que ao mesmo tempo.

Cheguei. ♥

[11:01 AM]

Deixei o *chaveiro* sobre a escrivaninha e descii correndo. Abri a porta e Desirée pulou em cima de mim, me abraçando.

— Calma, meu anjo! Assim vamos cair! — disse, assustado pela reação dela, mas muito feliz por tê-la em meus braços.

— Te amo! Te amo! Te amo! Me perdoe!

— Calma, meu anjo! Não tem que me pedir perdão por nada. Eu que tenho que me desculpar com você.

Desirée começou a chorar e eu a abracei com força.

— Vem. Vamos na cozinha beber algo.

Desirée me acompanhou e dei um copo de água bem gelado para ela. Subimos para meu quarto. O *sábado* começava bem quente. Ótimo para curtir uma praia.

— Está sozinho em casa Roger? A casa está silenciosa.

— Não. Meu pai está lá no quarto dele.

— Legal! Ele já voltou.

— Sim. Chegou ontem.

— Que bom! O que vamos fazer hoje? Vamos sair e matar a saudade.

— Sim! Vamos, sim! Mas meu pai nos chamou para almoçar fora. Eu não estava a fim não porque o chato do meu irmão também vai.

— Nossa, Roger! Deixa de ser cruel com seu irmão. Por que você não se dá bem com ele?

— Na verdade nem eu sei direito. O que me irrita é o jeito dele de se achar certinho. Apesar de eu sempre ter tido muitos amigos, em casa sempre me sentia solitário. Meu pai vivia fora trabalhando e só tinha a Clara para ficar comigo. Quando Romeo apareceu achei que seríamos ótimos amigos, mas ele sempre foi reservado e não falava muito. Ele desde sempre apresentou certas habilidades que chamavam atenção e isso fez com que meu pai desse mais atenção para ele. Comecei a notar que, para meu pai, o Romeo era o filho perfeito e eu o filho desordeiro que só queria saber de bagunça.

— Parece que você tem é ciúmes dele. E inveja por ele fazer coisas que você não faz ou tem dificuldades em fazer. Vocês são gêmeos, mas cada um tem seu lado especial. Você, ao contrário do seu irmão, consegue cativar as pessoas. Fazê-las rir com suas piadas que eu mesmo às vezes acho sem graça.

— Minhas piadas são sem graça? — perguntei, com um olhar de desapontado.

— Brincadeira, amor. Mas voltando, essas são qualidades que faz com que as pessoas queiram ficar perto de você. Esse seu jeito descontraído que me atraiu. Você sabe muito bem que eu era muito fechada. Acho que era até mais do que seu irmão, mas você tirou isso de mim. Me ajudou a aproveitar mais o que o mundo pode oferecer de bom e é por isso que sou louca por você. Você me completou.

Olhei para ela emocionado com suas palavras e a beijei como se nunca a tivesse beijado antes. Foi um longo beijo de quase cinco minutos. Quando parei de beijá-la, já quase sem fôlego, olhei para o relógio e vi que já era mais de meio-dia. Quando pensei no meu pai, ele bateu na porta.

— Dá licença! Olá! Atrapalhei alguma coisa?

— Nada, pai. Entre!

— Olá, Sr. Fred! — disse Desirée.

— Tudo bem, Desirée? Estão prontos?

— Melhor impossível, Sr. Fred! Sim, estamos prontos. Roger falou que sairíamos todos juntos.

— Sim! Só está faltando o Romeo. Vou mandar uma mensagem para ele.

Fiquei olhando para meu pai desanimado enquanto ele mandava a mensagem para meu irmão chato.

— Pronto! Agora é só aguardá-lo — disse meu pai, empolgado.

Não demorou nem dois minutos e ele recebeu uma mensagem. Ele me olhou com um olhar desapontado.

— Pessoal recebi duas mensagens aqui. Uma é que o Romeo respondeu avisando que não vai poder ir. Por um lado, foi até bom porque também não vou poder devido a um imprevisto que surgiu agora. Acho que vai ser bom para vocês dois. Vão poder curtir o resto do dia a sós.

— Que pena, pai — respondi, com um ar de sarcasmo.

Fiquei feliz por um lado, pois foi um alívio não ter que sair junto com meu irmão. Por outro fiquei triste porque meu pai mais uma vez estava colocando o trabalho na frente da família. Já brigamos várias vezes por causa disso e parecia que nada havia mudado. Como não estava muito a fim de me aborrecer, deixei meu pai de lado e chamei Desirée para irmos almoçar fora. Ele saiu e foi para o quarto dele trabalhar e eu peguei na mão da Desirée.

— Vamos, meu anjo. Vamos ao *shopping* comer alguma coisa e aproveitar a nossa tarde de *sábado* juntos.

— Sim, meu amor. Vamos!

— Já pedi um *transporte rápido*. Está quase chegando.

Descemos e do lado de fora o motorista já estava à nossa espera. Entramos no veículo e em poucos minutos já estávamos no *shopping*. Cheios de fome, seguimos direto para a praça de alimentação. Desde a entrada, pelo meu *Tab P*, que já havia se conectado com o *aplicativo do shopping* fui fazendo nossos pedidos para não perdermos tempo. Escolhemos um lugar e sentamos. Notifiquei o número da mesa que escolhemos e em pouco mais de dois minutos já vinham chegando nossos pedidos.

— Nossa, amor! Quanta coisa!

— Realmente! Acho que exagerei.

Não sabíamos por onde começar. Olhei para toda aquela comida e iniciei pelas coxinhas de frango empanadas. Desirée me acompanhou e ficamos por quase cinco minutos calados, só mastigando.

— Até que está vazio, apesar de ser *sábado*. Quando vim com Romeo na *quinta-feira* estava mais cheio.

Parei imediatamente de comer e olhei para Desirée, não acreditando no que ela havia acabado de dizer.

— Hã?! Repete o que você disse.

— Que hoje o *shopping* está mais vazio.

— E depois o que disse?

— Que na *quinta-feira* estava mais cheio.

— Você veio com quem?

Desirée percebeu que fiquei nervoso e respondeu cautelosamente.

— Com Romeo.

Dei um soco de leve na mesa. Ela me olhou assustada.

— O que foi, Roger?! Não gostou que eu tenha vindo aqui com seu irmão?

— O que você acha, Desirée?! VOCÊ ACHA QUE GOSTO DE SABER QUE MEU IRMÃO ANDA COM MINHA NAMORADA POR AÍ? — respondi, levantando o tom de voz.

— Me perdoa, amor! Não foi por mal! A gente estava brigado. Ele foi gentil. Saímos somente para conversar. Ele até me ajudou.

— AJUDOU EM QUÊ?

— A te entender melhor. Que você apesar de tudo sempre gostou de mim.

Fiquei *perplexo*!

— Romeo falou isso? — me perguntei, mentalmente, por várias vezes, em poucos segundos.

Mesmo com tudo isso não conseguia perdoar o meu irmão. Não gostava quando ele se intrometia na minha vida. Gostava de resolver as coisas por mim mesmo.

— Entendi, mas não gosto que você fale com ninguém principalmente com meu irmão sobre nossa relação íntima.

— Ok, Roger! Me perdoa!

— Tudo bem! Vamos terminar de comer.

— Só mais uma coisa, meu amor. Desde que você foi para seu avô foram duas vezes que saí com seu irmão. Na verdade, a primeira foi no meu aniversário. Quando você mandou a mensagem que estava acontecendo algo estranho e que estava indo para seu avô eu vim correndo para sua casa. Você já havia saído e o seu irmão me chamou para sair e não deixar meu dia passar em branco. Só saímos para comer alguma coisa.

— SÓ PARA COMER ALGUMA COISA?! VOCÊ ME TRAIU, DESIRÉE!

— Para, Roger! Eu não te traí! Nunca ia te trair, ainda mais com seu irmão!

Levantei furioso e resolvi ir embora.

— ROGER! PARE COM ISSO! VOLTE AQUI!

Saí sem olhar para trás e, quando já estava quase saindo do *shopping*, Desirée puxou meu braço:

— ROGER, ME-ESCUTA! EU TE AMO!

Uma lágrima escorreu do meu olho direito, mas a raiva ainda era grande e não me virei para olhar para ela. Desirée surgiu na minha frente, segurou meu rosto e olhou nos meus olhos:

— Roger! Eu te amo e para sempre vou te amar! Foi você que escolhi para ter ao meu lado por toda eternidade.

Não me segurei e a beijei.

— Me desculpe, meu anjo. Andou acontecendo tanta coisa nos últimos dias que ando com a cabeça cheia.

— Eu te amo, meu amor! Vamos embora agora!

— Sim! Vamos, sim! Vou te deixar na sua casa e vou para a minha esfriar a cabeça.

— Sim, meu amor. Vamos!

Ela segurou minha mão com força e saímos do *shopping*. Pedi um *transporte rápido* que nos levou até à casa dela. Chegamos e nos despedimos aos beijos.

Caminhei de volta para minha casa refletindo sobre o Romeo e Desirée. Ainda não tinha aceitado a situação do meu irmão com ela. Por mais que não tenha acontecido nada, me irritava profundamente a aproximação dos dois. Não saía da minha cabeça que, por mais que ela me amasse, o Romeo era igual a mim fisicamente e isso podia fazê-la ter algum pensamento íntimo com ele. O ódio ainda me dominava. Minha vontade era de acertar as contas com meu irmão intrometido.

Cheguei em casa e meu pai estava no sofá mexendo em seu *Tab de 18"* fazendo algum trabalho. Fiquei ainda mais chateado porque mesmo estando fora tanto tempo trabalhando ainda tinha que trabalhar em casa.

— Onde está o Romeo? — perguntei, secamente.

— Ainda não voltou. Está tudo bem? Está com uma cara de desânimo.

Não respondi ao meu pai e subi para meu quarto. Tomei um banho e me joguei na cama. Troquei várias mensagens amorosas com Desirée enquanto assistia um show de comédia no *Tab TV*. A porta do quarto se abriu bem devagar.

— Com licença, meu filho. Posso entrar?

— Pode, pai — respondi, sem tirar os olhos do *Tab TV*.

Ele entrou bem cautelosamente no quarto e se sentou na cadeira da escrivaninha. Meu pai não falou nada e ficou assistindo ao programa comigo. Depois de quase dez minutos ele comentou:

— Bem que depois desse programa poderíamos ver um filme.

— Seria bom, mas estou começando a ficar com sono — respondi, sem interesse.

— Que pena! Mas ainda está muito cedo. Nem são cinco da tarde. Não está com fome, não? Bem que podíamos pedir uma pizza.

— Estou com fome não, pai. Já comi no *shopping* com a Desirée. Só quero descansar.

— Compreendo. Vou deixar você descansar.

Meu pai saiu do quarto e fechou a porta. Na hora que estava fechando ele chegou a abrir novamente, mas voltou a fechar bem devagar. Parecia que ele queria dizer algo muito sério.

Terminei de ver o programa e fui *jogar on-line*. Toda hora parava para responder as mensagens da Desirée. Uma hora parei de respondê-la dando a desculpa que ia cochilar, mas fiquei jogando por mais de duas horas sem parar.

Começou a dar fome e desci para pegar uns biscoitos. Da escada vi meu pai vendo um filme no *Tab TV* da sala. Fui direto para cozinha, peguei dois pacotes de biscoitos e voltei para meu quarto. Continuei jogando enquanto via uma *partida de futebol* e comia. Já ia dar dez da noite e o sono já estava me dominando. Ia mandar uma mensagem de boa noite para meu anjo falando que tinha acordado só para ir ao banheiro e que ia voltar a descansar, mas me deu uma preguiça porque sabia que se iniciasse uma conversa ia demorar para terminar e geralmente quando estava com sono não conseguia ser romântico.

Desliguei tudo, abracei o travesseiro e fui dormir.



CAPÍTULO 6

O SINAL

ROMEO

Corri sem olhar para trás. Cheguei bem rápido, já que era perto. Logo eu avistei Derek sentado no mesmo banco da praça em que sentei ontem quando eu vim até a casa dele. Ele estava mexendo em seu *Tab P* e fiquei observando-o de longe. Um toque de mensagem soou do meu *Tab P* e quando peguei para ver o que era:

Para de me olhar e vem logo.
[10:15 AM]

Quando olhei novamente para o Derek, ele estava acenando para eu ir até lá. Fiquei sem graça e um pouco assustado, pois nem percebi que Derek já havia me visto. Caminhei até ele.

— Então já havia me percebido. Você *hackeou* as câmeras do bairro? — perguntei, sarcasticamente.

— Você é engraçado, Romeo! — respondeu Derek, rindo.

— Comece me respondendo uma pergunta. Como você invadiu minha rede? Ela não tinha uma criptografia tão simples assim.

— Sei que tem várias perguntas, mas vamos até a minha casa. Sei que já conheceu minha mãe então não ficará desconfiado. Tenho muitas coisas legais para te mostrar.

— Que coisas seriam?

— Uns brinquedinhos tecnológicos meus. Assim você vai ver como invadi sua rede.

Olhei para ele surpreso e muito curioso para conhecer seus equipamentos. Seguimos até sua casa em poucos passos e assim que entramos a mãe dele me ofereceu umas rosquinhas doces.

— Seja bem-vindo, Romeo. Fique à vontade — disse Sra. Dana

Peguei uma rosquinha que parecia deliciosa e agradei a recepção.

— Venha, Romeo! Vou lhe mostrar meu laboratório.

Fui seguindo-o pela sua casa bem espaçosa.

— Seu quarto é no porão? — perguntei.

— Pode se dizer que faz parte, pois muitas das vezes passo muito tempo aqui e acabo dormindo por aqui mesmo. O meu quarto mesmo fica lá em cima.

— Legal! — respondi, surpreso.

Descemos para um lugar que parecia um porão estranho, mas quando as luzes automáticas se acenderam, foi revelado um imenso laboratório subterrâneo.

— Uau! Você é muito rico ou deve trabalhar como espião para o governo. Derek, não minta para mim! Você trabalha para o governo? — perguntei, preocupado.

— Fica tranquilo, Romeo. Não sou nada disso que sua imaginação fértil está criando. Meu pai era militar. O governo disse que ele morreu em missão, mas nunca acreditei, porque até hoje nunca encontraram o corpo. O governo, sem fornecer muitos esclarecimentos, nos calou com uma boa quantia em dinheiro para nos recompensar pela perda. Desde então venho estudando e me empenhando em descobrir a verdade sobre o que aconteceu com meu pai. Por isso montei esse laboratório de pesquisa e venho tentando buscar pistas. Agora está mais convencido, Romeo?

— Sim. Um pouco. É que ultimamente vem acontecendo umas coisas estranhas que estão me deixando preocupado.

— Que coisas estranhas? — perguntou Derek, curioso.

Quase me abri totalmente com ele para contar tudo que estava acontecendo, mas me contive.

— Nada de mais! São coisas da minha cabeça.

— Você mente mal, Romeo. Mas deixa. Não vou te forçar a nada.

Fiquei olhando para ele sem reação por quase um minuto.

— Será que podia confiar nele? — me perguntei.

Meu coração dizia que deveria me arriscar um pouco e aprender a confiar mais nas pessoas, mas minha razão dizia ao contrário. Se continuasse do jeito que estava sendo não iria conseguir fazer amigos.

Derek acionou sua *AI* e pediu para ela ligar seus incríveis *Tabs transparentes de 60"* para me mostrar uma coisa:

— Veja, Romeo. Esses são meus registros de tentativas de invasão naquela noite à rede *Combatente Wood*.

— Nossa! Criptografia nível militar das mais avançadas. Vi que chegou bem perto de invadir a rede.

— Realmente! Faltou mais alguns minutos. Acho que perceberam minhas tentativas de invasão e desligaram. Consegui despistar para não me localizarem, mas pode ser que tenham conseguido me identificar.

— Não vieram até você?

— Até o momento não, mas devo lhe confessar que estou preocupado. Sou capaz de invadir a rede da NASA, CIA, Pentágono ou qualquer outra do governo,

americano ou estrangeiro, sem ser identificado, mas essa era diferente.

— O que te levou a querer invadir essa rede?

— Minha *AI* que identificou e me avisou do tipo de rede. Vi que não era algo comum e resolvi tentar descobrir o que uma rede desse tipo fazia aqui. Nessas tentativas que vi que você também tentou invadir. Parece que até queriam que alguém tentasse invadir a rede deles.

— Entendi, mas foi uma situação muito estranha. Tem como me mostrar os registros da invasão da minha rede? Queria ver as falhas da minha criptografia e corrigi-las.

— Realmente precisa corrigir muita coisa. A criptografia da sua rede é patética.

Fiquei olhando para ele com raiva, pois me esforçava muito para desenvolver meus códigos, mas deixei a discórdia de lado e concordei com sua opinião. Ele me mostrou os registros e percebi que realmente as falhas de criptografia da minha rede eram patéticas.

— Como nunca havia percebido isso? — me perguntei, mentalmente, indignado.

— Romeo, vou ser sincero com você. Quando invadi sua rede, aproveitei para vasculhar sua vida em seus próprios arquivos. Como você, eu também não tenho muitos amigos. Vi que em seus arquivos havia muitos registros de buscas sobre o seu passado e isso me identificou com você. Ambos buscamos respostas de fatos do nosso passado e, assim como você, nunca desisti de procurar. Pensei que se nos juntássemos poderíamos nos ajudar a encontrar o que tanto procuramos. Assim como lhe mostrei uma falha simples em sua rede que você nunca havia percebido, pode ser que tenham coisas que eu não estou enxergando e que você possa ver.

Fiquei por quase dois minutos calado refletindo no que Derek havia falado.

— Ok! Pode contar comigo.

— Ótimo! — respondeu Derek, com um olhar de satisfação.

Ele continuou me mostrando seu laboratório e equipamentos. Ficava cada vez mais deslumbrado a cada coisa que ele me mostrava. Derek havia investido pesado. Por um momento fiquei pensando como eu não o detectei já que morava tão perto de mim. Eu não tinha o costume de sair invadindo a rede dos outros para vasculhar a vida de ninguém. Somente quebrava as criptografias para testar minhas habilidades e nada mais. A mãe dele nos chamou:

— Meninos, venham almoçar!

Eu olhei para meu *Tab P* e vi que já era quase uma da tarde. Tinha que ir para casa porque havia combinado de almoçar fora com meu pai. Segundos depois de ter visto a hora, recebi uma mensagem dele.

Estamos prontos só o aguardando. Seu irmão e Desirée estão aqui e vão também. Abraços.

— NÃO! — gritei, mentalmente.

Fiquei imaginando o que Desirée estaria fazendo lá em casa, mas logo me toquei que ela e Roger deviam ter se entendido.

— Então meu irmão já voltou — pensei.

Seria até legal ir com a Desirée, mas não estava a fim de vê-la junto com Roger. Não queria furar com meu pai. Ele passava tanto tempo fora quando estava trabalhando, que seria uma crueldade não aproveitar o tempo com ele quando estava em casa. Avaliei as situações.

— Vamos, Derek! Não vamos deixar sua mãe esperando.

— Sim! Só um segundo.

Enquanto respondia a mensagem do meu pai avisando que não ia poder ir, Derek visualizava algo em seu *Tab P*. Ele desligou a tela e logo em seguida deixou em cima de umas das mesas do laboratório. Subimos e na *sala de jantar* a mesa estava arrumada como se fosse um almoço de *Ação de Graças*.

— Nossa, quanta coisa gostosa! Vão receber mais alguém? — perguntei.

— Não, meu querido. É para vocês. Será que exagerei? — perguntou a mãe do Derek, com um sorriso.

— Sim, mãe! Tem muita coisa só para nós três — respondeu Derek.

— Onde está sua irmã? — perguntei, me lembrando de ontem, quando a vi.

— Ela foi para casa da minha avó e só volta na outra semana — respondeu Derek, de olho na imensa quantidade de comida gostosa.

Fiquei olhando para os dois e o enorme banquete. Derek sentou e me chamou para sentar e aproveitar. A Sra. Dana pegou na geladeira umas duas jarras de suco com bastante gelo e colocou na mesa. Ela sentou e iniciamos o almoço.

Enquanto almoçávamos, a mãe do Derek fazia perguntas para me conhecer melhor. Respondia algumas com sinceridade e outras perguntas mais íntimas eu tentava desconversar. Depois de quase quarenta minutos terminamos saboreando uma deliciosa sobremesa. Parecia algum tipo de doce que nunca havia comido antes e que estava maravilhoso.

Derek se levantou e me chamou para ir até a sala. Ele ligou o *Tab TV* na parede de 98” e colocou para assistir uma daquelas séries antigas de super-heróis. Derek olhou para mim.

— Vamos descansar uns minutos o almoço. Eu comi muito. Ainda tenho muita coisa para lhe mostrar.

— Ok. Deixa te perguntar antes que esqueça. O que quer dizer NEOTTH?

— Nada de mais. Um dia te explico.

Olhei para ele desconfiado, mas deixei para lá. O sofá em que estávamos sentados era bem aconchegante. A imagem da série que estávamos assistindo me incomodava um pouco, porque a resolução era *Full HD* e hoje em dia no mínimo temos conteúdos como séries, filmes e jogos em resoluções *4k*. A *Tab TV* daqui dava para assistir conteúdos em até *16k*. Menos de cinco minutos se passaram e peguei no sono. Uma voz me chamou:

— Romeo! Acorde. Vamos.

— Hum? Desculpe, peguei no sono.

— Percebi. Você dormiu quase quatro horas.

— O quê? Não é possível! — respondi, surpreso.

Peguei meu *Tab P* para ver que horas eram e pela minha surpresa:

— Que isso. São quase seis da tarde. Por que não me acordou?

— Fica tranquilo. Não o acordei porque também dormi — respondeu Derek, rindo.

Levantei e na mesa tinha um lanche preparado.

— Meninos, venham comer! — chamou a Sra. Dana.

Não estava com tanta fome assim porque havia almoçado bem, mas não neguei aquelas guloseimas que pareciam deliciosas. Comemos e quinze minutos depois descemos para o laboratório.

— Romeo, vou lhe mostrar uma coisa que venho trabalhando há muito tempo.

— O que é? — perguntei, curioso.

Derek acionou sua *AI* e deu um comando para mostrar o mapa da nossa vizinhança. A luz ambiente diminuiu e um holograma com mapa em *3D* da nossa área surgiu no meio da sala como naqueles filmes futuristas.

— Que incrível? Como você fez isso? — perguntei maravilhado com o que estava vendo.

— Deu um pouco de trabalho, mas depois te mostro com detalhes como consegui.

Os *hologramas* de hoje não tinham ainda conseguido o mesmo efeito que estava vendo no laboratório dele. Até então só tinham conseguido *hologramas* por combinações de telas transparentes ou *efeito óptico*.

— Você já patenteou? Com isso você pode ficar bilionário!

— Sim! Realmente, mas não fiz isso ainda porque não queria chamar atenção.

— Chamar atenção de quem? — perguntei, confuso.

Derek não respondeu minha pergunta e quando eu ia questioná-lo, começou a soar um alerta.

— Será que consegui?

— Conseguiu o quê? — perguntei.

Derek mais uma vez não me respondeu e foi até um de seus *Tabs* para analisar os registros.

— Isso! Acho que dessa vez *Lilian* conseguiu algo interessante — disse Derek, empolgado.

— *Hey*, Derek! Pode me explicar o que está acontecendo?

— Só um momento!

Derek analisou cuidadosamente os registros que sua *AI* fez e:

— *Droga!* Não é o mesmo!

Fiquei olhando para o Derek assustado e tentei perguntar mais uma vez:

— Você pode me explicar o que está acontecendo?

— Olha aqui nos registros, Romeo. Eu estava esperando localizar o mesmo sinal daquela noite que tentamos interceptar e vê se descobria algo, mas *Lilian* detectou outro um pouco parecido, mas bem inferior. Esse aqui está estranho. *Lilian* interceptou a troca de dados e coletou as informações. São sobre o incidente que teve numa base militar há alguns dias. Os noticiários falaram que foi um incidente militar em *Nevada*, mas alguém está escondendo alguma coisa.

— Ainda estou perdido, mas vai falando, Derek.

— Olha isso, Romeo. Aqui está falando que os militares estão mobilizados para alguma ameaça.

— Que ameaça é essa? Alguma invasão de outro país ou o nosso que vai invadir algum?

— Não sei! Aqui somente mostra um código referente a essa ameaça. Teríamos que buscar a relação de *códigos X ameaças* deles, mas para isso precisaríamos invadir o banco de dados interno deles.

— Então invade! Acho que com todo esse equipamento sofisticado e seu conhecimento não será problema.

— Não é possível. Nos últimos anos devido a vazamentos de documentos sigilosos, o governo adotou uma medida em que todos dentro do Departamento de defesa usem *mini-HDs* que armazenam dezenas de *teras*. Dessa forma, quando essas informações precisam ser acessadas fica mais fácil o controle de quem utiliza um desses *mini-HDs* e quando precisam ser deslocadas são levadas por carros fortes com mais segurança do que a nossa própria moeda física. Caso tenha um atentado para roubar um veículo desses os dados são totalmente destruídos por reação química. Com isso as informações que circulam nas redes são as de menor importância e geralmente quando intercepto nunca tem uma informação útil que me ajude a esclarecer o que realmente houve com meu pai. Até circulam informações um pouco mais importantes, mas por redes de complexas criptografias.

— Entendi, mas como você sabe dessas informações todas? Nem eu que sou mega curioso sabia dessa do governo de usar esses *mini-HDs ultrassecratos* e desconectados de todas as redes.

— O mundo conectado de hoje em dia é todo vulnerável. Por mais que a segurança virtual nos mostre ao contrário a realidade é outra. As informações digitais valem mais do que diamante na minha opinião. Com elas podemos conhecer, influenciar e até mesmo controlar qualquer ser humano que vive no meio desse mundo digital.

Derek depois disso ficou quieto enquanto analisava com mais detalhes os registros e mais uma vez não obtive resposta sobre o que havia perguntado.

— Mas me esclarece uma coisa. Essa mensagem de mobilização militar não deveria estar sendo tramitada em uma rede de alto criptografia como você falou? — perguntei, esperando não ter uma resposta novamente.

— Sim! É isso que estou tentando entender! Apesar de não ter sido muito fácil para *Lilian* interceptar e evitar ser localizada, ela obteve êxito. Achei estranho essa interceptação.

Ficamos por horas tentando entender uma lógica clara para todos os dados interceptados. O nosso receio era de ter detectado algo relacionado a uma possível guerra em potencial. Já bastava os tensos conflitos que passamos há tempos. Por um momento parei e fui ver as horas.

— Nossa, já está tarde! Vou para casa!

— Realmente... Por que não dorme aqui?

— Agradeço o convite, mas preciso ir. Amanhã vai ter um almoço em casa e preciso estar presente.

— Compreendo. Na *segunda-feira* vem para cá então. Temos de iniciar um trabalho. Vem comigo que vou te dá uma coisa.

Eu o acompanhei até uma porta que parecia ser uma entrada secreta.

— Nossa, é aqui que fica toda sua unidade de processamento central? Então esse que é o seu *supercomputador*?

Derek riu e respondeu.

— Na verdade isso é só a *Lilian*.

Fiquei de boca aberta. Com uma unidade enorme poderia ser só para processar sua *AI*? Isso justificava a facilidade da *Lilian* de invadir redes corporativas e governamentais. Fiquei por uns minutos tentando entender como tudo isso estava aqui. Para quem olhava a casa dele por fora nunca iria imaginar que por dentro e abaixo haveria algo tão grandioso quanto isso.

— Derek, vou ser sincero. Você não acha isso muito perigoso? Pelo que estou vendo aqui, isso tudo pode ser uma ameaça para o mundo. Se alguém descobrir, você será considerado uma ameaça para qualquer nação.

Derek ficou em silêncio por alguns segundos. Achei que ele ia ignorar mais uma vez o que falei.

— Confio na minha *Lilian*. Ela está em *nível quântico*.

— Hã?! O que você disse?

— Pegue, Romeo. Leve esse *kit de desenvolvimento robótico*. Estou com umas ideias e vou precisar que me ajude.

Fiquei atordoado com o que ele disse sobre a sua *AI*, mas minha atenção foi desviada quando ele me mostrou um super kit para robótica avançada. Era o que estava querendo para poder dar um corpo a *Abele*.

— Vai lá! Pode levar o kit de desenvolvimento e já ir estudando. Na *segunda-feira* a gente continua.

— Ok!

Saímos do laboratório e me despedi da Sra. Dana. Voltei para casa a passos largos. Já passavam das dez da noite e a rua já estava quase deserta. Cheguei em casa e meu pai estava na sala vendo filme no *Tab TV*.

— Olá, pai! Acordado ainda?

— Estava preocupado. Já ia entrar em contato.

— Me desculpe. Ia até fazer companhia para o senhor, mas estou cansado e com sono. Amanhã terminamos de ver a série que iniciamos.

— Ok, meu filho. Vai descansar. Seu irmão já deve estar dormindo. Boa noite!

— Boa noite, pai.

— Meu irmão está de volta — pensei, enquanto subia as escadas para meu quarto.

Queria ir lá conversar com ele para saber o que andou fazendo com vovô, mas essa intimidade não existia. Ele devia ainda estar chateado devido a nossa última briga. Estava muito cansado e com a mente processando tanta coisa que, quando entrei no meu quarto, lembrei de uma coisa e a oportunidade era nesse momento. Voltei para sala e meu pai já havia desligado o *Tab TV*.

— Já está indo dormir, pai? Posso conversar com o senhor rapidinho?

— Sim, meu filho. Você tem toda minha atenção.

— Me responde com sinceridade. Sei que já conversamos por várias vezes esse assunto, mas...

— Sobre sua mãe. Já te expliquei que ela morreu no parto de vocês.

— Entendo, pai. Mas onde o senhor estava quando estávamos nascendo?

— Já falei que estava embarcado, trabalhando. Eu recebi a notícia e voltei imediatamente, mas só tinha o Roger. Não falaram que tinha outro bebê, que no caso era você.

— Quem falou?

— Seu avô. Devido ao mau tempo e ao lugar onde estava embarcado levei quatro dias para voltar. Quando cheguei já haviam enterrado minha... sua mãe. E seu avô me entregou seu irmão. Foi um dia feliz e ao mesmo tempo muito triste, pois era uma vida que nascia e uma vida que partia.

Uma lágrima começou a descer, mas me contive.

— E como ficou sabendo da minha existência? O senhor só me falou que o próprio orfanato entrou em contato. Explicou que lá o identificaram como possível parente meu. Mas, sempre achei esse fato estranho porque nunca ninguém do orfanato chegou para conversar comigo a respeito disso. Foi tudo muito rápido. Quando fiquei sabendo o senhor já estava lá para me buscar.

Meu pai ficou em silêncio por uns segundos.

— Na verdade, meu filho, não foi o orfanato que entrou em contato comigo e sim, com seu avô. Ele que me notificou da sua existência e pediu para ir buscá-lo imediatamente. Pedi mais esclarecimentos, mas ele até hoje nunca deixou as informações muito claras. Eu o questionei muito pelo fato dele, na hora que vocês nasceram, não ter tomado conta e ter deixado separá-los. Foi um choque saber que você ficou esse tempo todo abandonado em um orfanato.

— Mas não sabiam desde o começo que éramos gêmeos? Não acompanhou o pré-natal?

— Já lhe disse, meu filho. Eu ficava muito tempo fora. Muito mais do que hoje e isso não me permitiu acompanhar a gravidez da sua mãe de perto. Ela também não me falou nada antes porque queria me fazer uma surpresa.

Meu pai começou a chorar. Eu fiquei sem palavras no momento, mas minha razão o questionava. Parecia que ele escondia algo. Que não estava sendo sincero totalmente. Isso me incomodava e me deixava mais determinado em querer descobrir uma possível verdade escondida.

Fiquei ainda mais desconfiado do vovô. Ele já andava fazendo coisas suspeitas. A ida do meu irmão à casa dele, as mensagens que me mandou. Tudo parecia ter alguma ligação, mas eu não fazia a mínima ideia de como essas coisas se conectavam. Tudo estava muito estranho e essa que meu pai disse, que foi o vovô Charles quem recebeu o contato do orfanato notificando minha existência foi a mais estranha das situações. Olhei para meu pai que não parava de chorar.

— Não se preocupe. Isso é só a curiosidade que às vezes me persegue, mas o importante é que agora estou aqui. Te amo, pai! — disse, chorando.

Eu cheguei mais perto dele e o abracei bem forte. Apesar de não ter sido criado por ele desde pequeno sempre fui grato, pois ele era a família que tanto sonhei.

— Pai, vou dormir — disse, enxugando as lágrimas.

— Tudo bem, meu filho. Eu também vou.

Subimos e cada um foi para seu quarto. Tomei um bom banho enquanto refletia a respeito das minhas suspeitas sobre o vovô. Eram tantas coisas que estavam perturbando e cansando minha mente que, logo após o banho, me joguei na cama e apaguei.



CAPÍTULO 7

A FÚRIA DO GELO

ROGER ROMEO

A manhã de *domingo* estava nublada. Fred foi o primeiro a levantar. Ele preparou um café fresquinho e sentou-se à mesa. Enquanto saboreava a sua bebida quentinha ele foi vendo as notícias em seu *Tab Paper*. Fred ouviu a porta se abrindo e logo percebeu que era Clara chegando.

— Bom dia, Sr. Fred!

— Já te disse mais de mil vezes para não me chamar de senhor e... bom dia! — respondeu Fred, com um enorme sorriso.

Clara ficou sem graça, mas respondeu com um outro sorriso. Ela havia chegado com uma bolsa cheia de frutas fresquinhas e ofereceu uma maçã para ele. Fred aceitou e deu uma mordida com vontade.

— Os meninos estão em casa? — perguntou Clara, preocupada.

— Sim. Eles estão dormindo.

Clara olhou para o relógio na parede e respondeu:

— Cheguei cedo. Ainda são seis da manhã.

— Não se preocupe. Estava querendo uma companhia mesmo.

Clara deu um sorriso envergonhada e se virou para arrumar a despensa. Depois, enquanto ele terminava de ler as notícias, ela foi adiantar as coisas para o almoço especial que havia prometido. Fred se levantou, pediu licença e foi para o quarto concluir uns trabalhos. Clara olhou para ele preocupada, pois a dedicação dele ao trabalho era admirável, mas isso o afastava muito da família.

Romeo acordou uma hora depois, lavou seu rosto e desceu para cozinha.

— Bom dia, Clara!

— Bom dia, Romeo. Tem café quentinho e frutas frescas. Vou fazer umas torradas.

— Hum. Obrigado.

Ele tomou seu café enquanto via uns vídeos sobre robótica em seu *Tab P*. Depois de uns trinta minutos, Roger desceu do quarto e se sentou à mesa olhando fixamente para o irmão.

— Bom dia, Roger. Tem café e frutas frescas. Vou fazer umas torradas para você também.

— Quero não. Vou tomar só café e comer uma maçã.

Clara percebeu que Roger estava estranho, mas não questionou. Romeo parou de assistir ao vídeo e olhou para o irmão. Roger, que não parava de focar no Romeo, desviou o olhar. Romeo achou estranho e se levantou. Ele agradeceu a Clara pelo café da manhã e subiu para o seu quarto.

Roger deu a última mordida em sua maçã e também subiu para o seu quarto sem falar nada. Durante a manhã, enquanto Clara preparava o almoço especial, Fred continuou no seu quarto trabalhando e Romeo ficou implementando em *Abele* umas funções que Derek o havia passado. Roger permaneceu quase a manhã toda *jogando on-line* e trocando mensagens amorosas com Desirée.

O cheiro do almoço circulava por quase toda a casa. Fred desceu para a cozinha e se deparou com um enorme banquete quase pronto.

— Isso está maravilhoso, Clara! É *Ação de Graças*?

— Claro que não. Estamos em *junho* ainda, mas no Dia de *Ação de Graças* farei um almoço ainda melhor!

— Que ótimo. Bem que podíamos marcar um dia para sairmos e almoçarmos fora para te dar um dia de descanso.

Clara deu um sorriso sem graça e não respondeu. Ela terminou de preparar os sucos e pôs na mesa.

— Clara, obrigado pelo que você tem feito por mim e pelos meninos esses anos todos. Não sei o que seria de mim sem você.

— Eu que agradeço, Sr. Fred. O senhor que me ajudou quando mais precisei. Depois que meu pai nos abandonou, eu e minha mãe passamos por um enorme problema financeiro. Essa oportunidade de vir trabalhar aqui que nos salvou. Eu e minha mãe que somos muito gratas — disse Clara, emocionada.

Fred sorriu e disse:

— Já falei que não precisa me chamar de senhor.

Clara terminou de arrumar a mesa e quando ela passou do lado dele para pegar alguns talheres, ele segurou sua mão.

— Clara! Eu...

— Hum, o cheiro está ótimo! — interrompeu Roger.

Fred imediatamente largou a mão de Clara.

— Já ia chamar vocês. Cadê seu irmão?

— Não sei! — respondeu Roger, sem muito interesse.

Ele se sentou à mesa e Fred se levantou para ir chamar Romeo, mas ele já estava descendo.

— Nossa! O cheiro está muito bom! — disse Romeo.

O irmão de Roger ficou maravilhado com o enorme banquete preparado e até se lembrou do almoço que teve ontem na casa do Derek.

— Vamos, Romeo! O almoço já está pronto! — disse Fred.

Romeo se sentou do lado oposto ao de Roger. Fred logo em seguida se sentou e chamou Clara. Ela tirou o avental e se aproximou da mesa quando de repente, Fred se levantou e puxou a cadeira dela.

— Obrigada, Fred — disse Clara, sem graça.

Roger olhou para o pai sem entender nada. Romeo deu um sorriso.

— Podemos, família?

— Sim — respondeu Fred.

— Aproveitem, meninos! — disse Clara, com um enorme sorriso.

O almoço se iniciou e todos se serviram. Fred cortou o frango oferecendo primeiro a Clara e depois aos meninos. Todos começaram a comer.

— Hum, Clara! Está excelente! — disse Fred.

Romeo olhou para Clara e falou:

— Realmente, Clara! Está maravilhoso!

— Está bom Roger? — perguntou o pai.

— Está sim — respondeu Roger, sem muita empolgação.

Durante o almoço, Roger não parou de encarar o irmão. No final do almoço, enquanto Clara colocava as sobremesas na mesa, Romeo percebeu que Roger o encarava com um olhar sério. Romeo começou a saborear sua sobremesa e sem olhar para o irmão falou:

— O que foi, Roger? Quer falar alguma coisa comigo?

Roger arregalou os olhos e permaneceu quieto por quase vinte segundos, mas respondeu com um ar de agressividade:

— Você que tem que me dizer?

— Eu não tenho nada para falar com você.

Romeo até tinha, mas não queria falar na frente do pai e Clara.

— O que você andou fazendo com minha namorada?

— Hã? Eu não andei fazendo nada de mais. Só andei tratando ela melhor do que você!

— O QUE VOCÊ DISSE? — gritou Roger, batendo na mesa e se levantando.

— *Hey!* Vamos com calma, garotos! Já disse várias vezes que não quero ver vocês brigando! — disse Fred.

— Obrigado, Clara! Estava tudo maravilhoso! Pai, o que precisar, estarei no meu quarto — disse Romeo, chateado e saindo da mesa.

— Não quero mais você perto da Desirée — disse Roger se levantando e colocando o dedo no peito do irmão.

Romeo se segurou e engoliu as palavras do irmão calado. Se virou e subiu para o seu quarto. Roger ficou observando o irmão subir as escadas e quando Romeo já estava lá em cima:

— ESSE IDIOTA NÃO MERECE A GAROTA QUE TEM! — disse Romeo, em tom de voz alto.

Roger escutou e subiu a passos largos. Romeo entrou e quando ia fechar a porta do seu quarto, Roger o impediu e o segurou pela blusa:

— QUEM VOCÊ PENSA QUE É? JÁ ESTOU CANSADO DAS SUAS ATITUDES E DE VOCÊ SE METENDO NA MINHA VIDA! — gritou Roger, enfurecido.

— Me largue! Eu não tenho culpa das besteiras que você faz! Não sei como Desirée ainda gosta de você!

Roger tentou dar um soco em Romeo, mas ele desviou e conseguiu se soltar. Roger agarrou o irmão novamente pela blusa e o derrubou no chão. Romeo, caído, pegou um travesseiro que estava no chão e jogou no rosto de Roger. Ele se distraiu por um segundo e Romeo esticou a perna puxando a de Roger, fazendo-o cair. Romeo se levantou e foi para o canto do quarto. Fred apareceu na porta.

— Parem com isso!

Roger saiu do quarto do Romeo e foi até o seu.

— O que pensam que estão fazendo? Quantas vezes vou ter que repetir que não quero ver vocês brigando? Fique aqui Romeo, vou chamar seu irmão para gente conversar! — ordenou Fred, furioso.

Roger empurrou levemente o pai, que estava na porta, para o lado e entrou com o *chaveiro* em forma de cubo de gelo na mão que imediatamente se transformou numa *arma*.

— QUE ISSO, ROGER! LARGUE ESSA *FACA*, *ESPADA*, SEI LÁ! — gritou Fred, desesperado.

Clara logo apareceu atrás de Fred e pôs a mão na boca apavorada. Romeo olhou assustado para o irmão e disse:

— Larga isso, Roger! Não faça nenhuma estupidez!

— NÃO QUERO QUE SE INTROMETA MAIS NA MINHA VIDA! — gritou Roger, apontando a *arma* para o irmão.

A *arma* voltou ao seu estado inicial e Roger se virou para poder sair do quarto quando Romeo aproveitou e pulou nas costas dele, derrubando-o. Os dois caíram e Roger soltou o *chaveiro*. Romeo agiu mais rápido e pegou o pequeno cubo de gelo. Eles se levantaram e quando Roger ia atacar o irmão, o *chaveiro* se transformou na mão de Romeo. Uma *arma* diferente surgiu. Parecia a mesma em alguns detalhes com a *arma* que surgia com Roger, mas bem maior. Romeo apontou a *arma* para o irmão assustado. Ele recuou para o canto do quarto.

— Pare, Romeo! — disse Roger.

Todos olharam para Romeo assustados.

— Meu filho, largue isso — disse Fred.

A *arma* começou a brilhar e o ar no quarto começou a esfriar rapidamente. Fred e Clara foram até Roger e o puxaram para o canto oposto do quarto ao que Romeo estava. Todos olhavam para ele com um olhar de medo. Romeo continuou apontando a *arma* para todos e se aproximou da mochila dele que estava perto, jogando-a no ombro.

— Me perdoem.

Romeo saiu do quarto chorando e desceu correndo as escadas. Na sala a *arma* voltou para seu estado normal e ele saiu de casa.

— Roger, o que foi que aconteceu? O que era aquilo com vocês? Onde arrumaram aquela *coisa* perigosa? — perguntou Fred.

— Aquilo é *coisa* do vovô Charles — respondeu Roger.

— Hã?! O que vocês andaram fazendo em *New York*?

Roger permaneceu calado. A vontade dele era de falar tudo o que o avô havia feito. Que tentou matá-lo, mas Roger naquele momento só queria não ser acusado de ter iniciado a confusão.

Fred desceu atrás do Romeo, mas não o encontrou mais em casa. Tentou ligar para ele, mas não foi atendido. Fred ligou para o Charles.

— Alô! Pai?

— Olá, meu filho! Tudo bem? Como vão as coisas?

— Nada bem, pai.

— O que houve?

— O senhor que tem que me dizer o que houve! O que o senhor e o Roger fizeram? Os garotos brigaram e se ameaçaram com uma *arma*! O senhor que deu aquilo para Roger?

— De que *arma* que está falando?

— Sei lá! Uma espécie de *faca* grande ou *espada*! O objeto era algo parecido com um pequeno cubo de gelo e se transformou em uma *arma* perigosa. O que é isso, pai?

— Foi Roger que usou?

— Sim! Roger e Romeo se desentenderam e começaram a brigar aos socos e chutes. Roger usou isso para afastar o irmão. Romeo conseguiu tomar dele e depois foi ele quem começou a ameaçar todo mundo. O senhor não tem consciência do que estava fazendo ao deixar Roger trazer isso para casa? Me responde, pai! Por que deu isso para ele?

— Repete o que você disse. Romeo ameaçou vocês com a *arma* depois que a tomou do irmão?

— Sim, pai! Mas quando Romeo pegou naquilo a coisa se transformou na mesma *arma*, sendo que um pouco diferente. Parecia maior. E o mais estranho foi que o ar do ambiente começou a esfriar como se o ar-condicionado estivesse ligado. Me explique, pai! O que era aquilo?

— Interessante!

— Interessante o que, pai? Os garotos quase se mataram e o senhor não me explicou nada do que está acontecendo! Romeo saiu de casa com aquilo. E se ele fizer uma besteira? O senhor que vai ser o culpado!

— Calma, meu filho. Deixa que eu resolvo isso. Tenho um amigo na *Philadelphia* que pode ajudar! Vou ligar para ele! Caso Romeo volte para casa antes de eu te retornar, me avise. Qualquer novidade entre em contato. Abraços, filho.

— Mas pai... O que era aquilo com os garotos? Por que deu isso para eles?

Fred percebeu que estava falando sozinho e, quando estava voltando para o quarto, Clara desceu. Ela parou na frente dele.

— Achou o Romeo?

— Não. Ele saiu de casa.

— Precisamos ir atrás dele.

— Sim, mas liguei para meu pai. Ele disse que irá ajudar.

— Mesmo assim. Precisa saber onde ele está!

— Clara, isso é tudo culpa minha. Tenho sido um pai muito ausente.

— Pare com isso. Você é um excelente pai. Mesmo que passe um tempo fora de casa trabalhando, quando está presente, você cumpre bem seu papel de pai.

— Não é verdade, Clara! Não tenho sido atencioso e nem presente. Se eu tivesse sido, isso não teria acontecido.

Clara ficou em silêncio por alguns segundos. No fundo ela realmente sabia que Fred estava falhando com os meninos. Ela ia contar sobre a briga que os garotos tiveram antes na rua, mas hesitou.

— Não precisa ser tão duro com você mesmo. Sei que tem se esforçado ao máximo para poder dar o melhor para os meninos. Não desista de você. Pode contar comigo no que precisar.

Fred começou a chorar e Clara o abraçou.



CAPÍTULO 8

IKIHATSUNUKISHI

ROUGAN

Terminei de arrumar a mesa para mais um solitário almoço de *domingo*. Sentia muita falta dela. Melissa. Desde quando a perdi no incidente, venho vivendo sozinho há anos, só me dedicando à missão.

Iniciei meu almoço quando meu *Tab P* tocou. Vi que era um amigo importante.

— Fala, meu amigo Charles! Tudo bem?

— Comigo, sim. Mas aconteceu algo inesperado e ao mesmo tempo incrível!

— Fala, Charles! O que houve?

— Romeo também ativou o *Ikihatsunukishi*.

— Sério?

— Sim. Sendo que tem um problema. Romeo fugiu de casa após um desentendimento com o irmão e, pelo que parece, levou o *Ikihatsunukishi*.

— Complicado! Já entrou em contato com Donovan? — perguntei.

— Sim. Ele ficou surpreso.

— Será que devemos...

— Por enquanto, não. Vamos nos concentrar em encontrar o Romeo. Com o sistema do Donovan será possível ter acesso a muitas das câmeras que estão conectadas à rede no país. Acho que não vai demorar muito para encontrá-lo — disse Charles me interrompendo.

— Excelente, mas a situação fugiu do nosso controle. Qual será o próximo passo?

— Vamos pular para a próxima fase da missão. Tentei entrar em contato com seu irmão e não consegui.

— Deve ser porque ele viajou para o *Tibete*. Ele não deve ter levado seu *Tab P* ou desativou o recebimento de chamadas — disse.

— Quando conseguir falar com ele me avise.

— Ok! E o Roger? Onde ele está? — perguntei.

— Está em casa com Fred. Vou pedir para que fique de olho nele mais do que já ficava e que não o deixe ir para longe. Vou conversar com meu filho para não deixá-lo mais preocupado. Acho que não devia tê-lo envolvido nisso desde o

começo. Já foi demais para ele a morte da Rebecca. Ter que entregar tanta responsabilidade a ele sem poder contar toda verdade é muito também. Preciso um dia desabafar com ele.

— Entendo, meu amigo Charles. É realmente difícil. Eles sempre nos alertaram sobre as consequências de criarmos relação íntima com alguém e até sobre ter uma família. Mesmo assim eles nunca impediram ninguém, mas a missão vem em primeiro lugar! Arriscar a missão é comprometer o planeta.

— Realmente! Somos provas dessas consequências! Perdemos pessoas muito próximas da gente. Vamos nos concentrar na missão para garantir pelo ao menos a proteção não só de quem ainda está com a gente, mas a de todo o mundo.

— Sim, meu amigo! Qualquer informação que obtiver entro em contato.

— Ok! Até mais, Rougan!

— Até, meu amigo!

A notícia de Romeo ter ativado o *Ikihatsunukishi* me deixou empolgado, mas não era para ter acontecido agora. Foi tudo tão inesperado que até esqueci que ia almoçar. A comida havia esfriado um pouco, mas não me importei e comi enquanto acionava minha *AI* para monitorar Roger e tentar encontrar Romeo, caso ele ainda estivesse por perto. Precisava entrar em contato com meu irmão Ryan urgente, mas devido ao local onde ele estava, não seria possível. O jeito seria aguardar ele voltar. Terminei de comer e meu *Tab P* tocou novamente.

— Olá, Donovan! Tudo bem? Já estou sabendo.

— Boa tarde, Rougan! Excelente, mas estou entrando em contato para avisar que já localizamos o Romeo e estamos monitorando-o. Deixo a missão de acompanhar o Roger com você. Não o deixe sair do estado. Ryan sumiu do nosso alcance em uma hora não desejável. Precisamos falar com ele urgentemente! Prepare-se, caso precise ir atrás dele.

— Entendido.

— Fique atento e até mais!

As coisas estavam ficando agitadas. Foi uma boa notícia saber que Romeo havia sido localizado. Recolhi a mesa, *coloquei a louça para lavar* e fui para o quarto. Fiquei uns minutos refletindo sobre as coisas que estavam acontecendo. Peguei um porta-retratos que estava na mesa ao meu lado e falei mentalmente:

— Sei que é tudo muito arriscado. Cumprirei a minha missão e não deixarei que o pior aconteça com eles. Eu lhe devo minha vida. Obrigado, meu amigo Henry.

Lembrei de várias coisas e falei comigo mesmo.

— Como o tempo passou rápido.

Diversas cenas de combate na *guerra do Iraque* me vieram à mente como um curta metragem. Foram tempos difíceis, mas as amizades conquistadas e perdas

pelo terror da guerra me fizeram o homem honrado de hoje. Mergulhado em tantas lembranças, acabei cochilando.

Depois de algumas horas a campainha tocou me fazendo acordar no susto. Fui olhar nos *Tabs* conectados às câmeras de segurança e vi quem era:

— Phillip?! O que ele faz aqui? — perguntei para mim mesmo, confuso com a surpresa.

Fui até a porta para atendê-lo.

— Olá, meu amigo Rougan! Quanto tempo! Tudo bem?

— Olá, Phillip! Quanto tempo mesmo! O que faz por aqui?

— Vim rever os amigos. Está ocupado? Sei que apareci sem avisar, então, se for te atrapalhar eu volto outro dia.

— Não, não! Entre.

Achei estranho o aparecimento dele aqui. Desde que foi dada a ordem de levarem o Romeo do orfanato, ele resolveu sair do grupo e sumiu sem dar muitas explicações. Phillip trabalhava como zelador no orfanato onde o Romeo foi deixado. Era a missão dele tomar conta do garoto.

— Fala, Phillip. O que tem feito esse tempo todo? Desde que saiu do grupo nunca mais deu notícias.

— Andava muito transtornado e perdido sobre quem eu realmente era. Eu queria construir uma família e sabia que estando envolvido nas missões isso seria complicado.

— Realmente. Sei muito bem como é.

Ele ficou calado e pensativo como se estivesse refletindo sobre algo. Quebrei o silêncio perguntando:

— Está morando onde?

Phillip gaguejou, mas respondeu que estava morando em *New Jersey*. Achei estranho, mas fingi que acreditei. Levantei e fui até a cozinha para preparar algo para ele. Peguei umas rosquinhas e fiz um café fresquinho. Phillip agradeceu e comeu como se não se alimentasse por dias. Ele estava muito suspeito e quando ia lhe fazer uma pergunta ele indagou:

— Como vão os gêmeos?

Como estava achando muito estranho seu aparecimento do nada, hesitei em dar informações.

— Estão bem!

— Já viram se algum deles são compatíveis com o *Ikihatsunukishi*?

— A missão terá sua hora. Por que está perguntando?

— Nada de mais. Só curiosidades do antigo trabalho. Por mais que tenha saído nunca deixei de pensar nas missões.

Fiquei em silêncio com a resposta dele. A cada palavra que ele falava só me deixava mais com o pé atrás sobre suas reais intenções.

— Meu amigo, Rougan... Preciso ir. Foi bom revê-lo e obrigado pelo lanche.

— De nada, Phillip. Quando puder, apareça mais vezes. Deixe seu contato, assim podemos marcar.

— Estou sem meios para entrar em contato, mas vou providenciar.

Agora sim! Ele já estava mais do que muito suspeito! Como alguém hoje em dia não anda nem com um *Tab P*, no mínimo? Ia colocá-lo contra parede e arrancar a verdade dele, mas meu *Tab P* tocou. Era Donovan!

— Vou indo, meu amigo. Vai lá atender sua ligação. Até mais!

Phillip aproveitou da situação e saiu. Atendi a chamada.

— Olá, Donovan!

— Olá, Rougan. Perdemos o Romeo. Precisamos nos reunir imediatamente. Esteja no *local combinado* em uma hora. Tem um *drone* já à sua espera.

— O que houve? Como assim perdemos o Romeo?

— Siga as ordens. Em uma hora.

Donovan desligou. Ele parecia muito nervoso. Corri para arrumar minha mochila e nesse tempo liguei para Charles.

— Olá, Charles! Donovan me ligou. Ele marcou uma reunião imediata.

— Sim, estou sabendo! Já estou indo. Ele disse que lá será esclarecido tudo.

— E o Roger?! O que faremos?

— Com Roger a situação está sob controle por enquanto. Ele está em casa. Vamos continuar monitorando-o de longe. Agora no momento o mais importante é o Romeo. Ele que está com o *Ikihatsumukishi*.

— Mas o que houve? Levaram ou atacaram ele?

— Não sei também. Só falaram que ele não foi para o local que combinamos. Precisamos ir logo.

— Ok. Já estou terminando de arrumar minhas coisas e estou partindo em cinco minutos.

— Ok, Rougan. Nos encontramos lá. Até.

Tudo parecia estar ocorrendo bem, mas essa notícia complicou tudo. Queria acreditar que o pior não tinha acontecido com Romeo, mas pelas ligações não se podia esperar o melhor.

Terminei de arrumar minhas coisas, peguei um *transporte rápido* até o aeroporto onde um *drone* já me esperava. Embarquei e em quase uma hora já estava no local marcado.

Passei por todos os procedimentos de segurança e fui conduzido até à *sala mestre*. Me sentei à mesa e já estavam sentados Donovan, Charles e mais alguns membros da *área local*. Diversos *Tabs gigantes de 16k* rodeavam a sala. Por elas

que os outros membros em diversos lugares do mundo se comunicavam com a gente. Depois da minha chegada mais dois se sentaram à mesa e a reunião iniciou.

Foram discussões intensas e eu fui questionado por várias vezes sobre o paradeiro do meu irmão. Só rebatia que ele não sumiu por definitivo e que estaria de volta logo.

Charles também foi muito questionado sobre a própria relação com sua família. Algumas de suas atitudes pessoais estavam comprometendo as missões. Eu ia comentar sobre o aparecimento repentino do antigo membro Phillip, mas um comunicado emergencial chegou e interrompeu a reunião. Era a informação que localizaram o Romeo novamente e que ele não estava sozinho.

A notícia foi animadora e mobilizaram todos para acompanhar o caso. Donovan ficou responsável pela missão de acompanhá-lo e eu e Charles o auxiliariamos já que éramos os mais próximos do garoto. A reunião encerrou-se e fomos guiados para saída onde já nos esperavam um *drone* que nos levaria de volta para casa.

Em pouco mais de uma hora já estava de volta à *Philadelphia*. Já era madrugada de *segunda-feira* e antes de tomar um banho para ir descansar, verifiquei os registros que minha *AI* fez acompanhando Roger. Nada tinha acontecido de anormal. Fui para o banheiro e relaxei por uns minutos debaixo do chuveiro. Me sequei e no mesmo me joguei na cama cheio de sono.



CAPÍTULO 9

VAMOS SEGUIR JUNTOS

ROGER

— Roger, o que foi isso? Vocês estão querendo se matar? — perguntou Clara, ainda apavorada pelo ocorrido.

— Não! O louco do Romeo que começou.

— E agora? Meu Deus, Roger! Como vocês chegaram a esse ponto? Era para ser um dia especial. Primeiro almoço com a família reunida desde a chegada do seu pai.

Ela ficou olhando para mim por quase cinco minutos sem saber o que fazer. Nesse intervalo mandei várias mensagens para Desirée falando o que tinha ocorrido. A última mensagem dela foi:

Estou indo agora para sua casa. Abra a porta.

[1:26 PM]

Clara saiu do quarto e eu fui para o meu trocar de camisa que havia rasgado com a briga. Desci e vi Clara abraçando meu pai. Passei direto e fui até a porta da saída.

— PARA ONDE VOCÊ VAI ROGER?! VOLTE PARA SEU QUARTO! — gritou meu pai, aborrecido e chorando.

— Não vou para lugar nenhum. Só vou abrir a porta para Desirée.

Meu pai e Clara ficaram observando enquanto eu abria a porta. Desirée já havia chegado.

— Chegou rápido, garota!

Desirée viu a situação delicada que estava acontecendo, só deu um oi e subiu para meu quarto comigo.

— Meu Deus, Roger! Como vocês chegaram a esse ponto? — perguntou Desirée, apavorada.

— O louco do Romeo tentou nos matar.

— Ele não seria capaz disso.

— Também achei que não, mas quando eu vi seu olhar de ódio para gente foi como se não fôssemos da mesma família.

— Meu Deus, Roger! Ainda não estou conseguindo acreditar!

— Eu já não confiava nele e depois dessa nem chego mais perto. Isso se ele voltar.

— Ninguém foi atrás dele?

— Não sei. Meu pai e Clara devem ir.

Me joguei na cama cansado como se tivesse feito uma corrida de dez quilômetros. Desirée ficou em silêncio. Ela devia estar pensando no quão louco e perigoso era meu irmão.

— Espero que isso sirva de lição para ela e que nunca mais se aproxime dele — pensei — Isso claro, se ele voltasse ou não fosse preso.

A porta do quarto se abriu. Era meu pai entrando.

— Venha, Roger! Vamos conversar!

— Pai! Não estou a fim de conversar, não!

— AGORA, ROGER! — gritou Fred, nervoso.

Desirée arregalou os olhos assustada. Ela nunca tinha visto meu pai irritado e para não gerar mais problemas levantei e o acompanhei. Fomos para o quarto dele. Ele permaneceu de pé e me mandou sentar.

— Roger! Me escute com atenção. Sei que já tivemos essa conversa várias vezes, mas quero que saiba que estou me esforçando ao máximo para ter mais tempo com vocês. Sei que você e seu irmão não se deram bem desde o começo, mas queria que vocês se esforçassem para, pelo ao menos, não saírem por aí se matando. Para mim também foi um choque saber da existência do Romeo. Acho que se o seu irmão estivesse junto da gente desde começo talvez seríamos uma família melhor e mais unida, mas como isso não aconteceu te peço, por favor, que se esforce para trazer harmonia para essa família. Agora seu irmão está andando por aí sem rumo e com uma *arma* perigosa. Espero que...

O *Tab P* do meu pai tocou.

— É seu avô, Roger! Me dá um segundo.

Meu pai ficou por quase dez minutos conversando com vovô e depois desligou.

— Ótima notícia, Roger! Seu avô localizou seu irmão. Romeo está indo para a casa dele. Vai ser bom que meu pai vai conversar com ele. Lá o seu irmão vai esfriar a cabeça e, quem sabe, voltar melhor!

Ha! Ha! Ha! Fiquei rindo mentalmente.

— Ficar bem com o vovô?! — pensei.

Poderia ter falado sobre o que o vovô fez comigo tentando me matar, mas preferi deixar acontecer e ver o que ele aprontaria com o chato do meu irmão. Espero que o vovô lhe dê uma boa lição e um grande susto.

Aquela *arma* doida estava com Romeo. Vovô ia gostar disso. Ele iria vir com aquelas loucuras dele e tentar matá-lo com a desculpa de prepará-lo para alguma baboseira. Passou pela minha cabeça por alguns segundos que estava sendo muito

cruel, mas por fim nem liguei. Estava decidido que ia focar mais na minha vida e na Desirée.

— Que bom, pai. Menos um problema.

— Roger! Me desculpe! Vou fazer o possível para deixar essa família melhor.

Ele se aproximou de mim e me abraçou. Eu mais uma vez me deixei comover e o abracei também. Novamente um pensamento cruel me veio à mente de que se o Romeo não tivesse surgido, talvez eu e meu pai estaríamos mais felizes, mas eu via uma felicidade muito grande quando ele falava do meu irmão. Era uma coisa que não conseguia sentir o mesmo e entender. No fundo até queria me dar bem com Romeo, mas parecia que minha mente não colaborava e sempre deixava a razão e as emoções superficiais agirem primeiro.

Saímos do quarto dele. Meu pai desceu e eu fui para o meu. Na minha cama Desirée estava de bruços, jogando no seu *Tab P*. Quando entrei fiquei hipnotizado com as curvas dela. Minha vontade era de agarrá-la de tão excitado que fiquei, mas me segurei. Toda vez que tentava algo do tipo Desirée falava para eu pegar leve porque ela havia sido criada na igreja e que tinha que respeitar o momento. Eu não tinha muita paciência, mas como estava apaixonado por ela, aguentava certas coisas.

— Oi, amor! Tudo bem? Seu pai brigou contigo?

— Até que não, meu anjo. Foi mais uma conversa modesta entre pai e filho. Vovô ligou e falou que achou Romeo. Ele está indo para *New York* passar uns dias lá.

— Que ótimo! Estava preocupada.

Fiquei olhando com uma cara de quem não havia gostado do comentário dela, mas deixei para lá e a chamei para jogar comigo. Umas das coisas que me fazia ficar cada dia mais apaixonado pela Desirée era que ela também gostava muito de jogos. Iniciamos uma partida *on-line* e ficamos por quase duas horas direto jogando. Só demos uma pausa porque o *Tab P* dela tocou. Era a tia dela, Naleah.

— *Droga!* Minha tia falou para eu ir para casa daqui a pouco. Ela quer que eu vá para igreja.

— Vai lá, então.

— Eu não queria! Queria ficar aqui com você! Estou cansada da minha tia! Morar com ela é um saco!

Desirée morava com a tia Naleah, que era irmã da falecida mãe dela. Os pais dela morreram em uma expedição no *Egito*. Eles eram arqueólogos e a causa da morte deles foi um desmoronamento em um dos sítios arqueológicos subterrâneos em que eles trabalhavam.

Dei uma de conselheiro rebelde e falei:

— Então não vai. Fica aqui e mais tarde te levo em casa.

Ela ficou pensativa e não me respondeu o que faria.

— Meu anjo, enquanto você decide vou lá embaixo pegar alguma coisa para a gente comer.

Deixei Desirée deitada na minha cama refletindo enquanto ia na cozinha pegar umas guloseimas. As luzes estavam apagadas e só a luz do *Tab TV* iluminava a sala. Meu pai e Clara estavam vendo um filme.

— ABRAÇADOS?! — gritei, na minha cabeça.

Parecia que eles estavam vendo algum filme romântico.

— Será possível?!

Fiquei imaginando mil coisas sobre os dois, mas deixei de lado, fui até a cozinha e peguei uns biscoitos e doces. Subi silenciosamente.

— Acho que eles não me perceberam — pensei.

Entrei no quarto e Desirée estava deitada de lado vendo *Tab TV*. A posição em que ela estava só realçou ainda mais suas curvas. Tranquei a porta do meu quarto silenciosamente.

— Oi, meu anjo. Trouxe uns biscoitos e doces.

— Hum! Traz aqui!

Sentei ao lado dela na cama e começamos a saborear umas barrinhas de chocolate. Ela se lambuzou com doce do lado da boca e eu me aproximei limpando com a língua. Começamos a nos beijar.

Ela foi me deitando na cama e quando percebi ela estava por cima de mim. Estava tão excitado que não estava pensando em mais nada a não ser no que poderia acontecer ali. Enquanto Desirée me beijava, eu acariciava suas pernas lisas explorando todas as suas curvas acima do seu short. Estava louco para arrancar sua blusa, mas quando menos esperava ela a tirou, ficando só de sutiã. Eu tirei a minha com a ajuda dela. Ela começou a tirar minha bermuda e no meio do caminho parou. Ela me olhou e falou:

— Estamos indo rápido demais. Me perdoe, meu amor!

Fiquei sem palavras. Até deu um pouquinho de raiva, mas não podia forçá-la a nada. Ela saiu de cima de mim e eu ajeitei minha bermuda. Ela, sem graça, colocou a blusa de volta.

— Meu amor, vou para casa. Não quero irritar minha tia, não. Ela já anda muito chata e não estou com muita paciência de aturar ela a semana toda reclamando. Você me perdoa?

— Não tem que pedir perdão por nada. Eu que tenho que me desculpar.

Desirée pulou em cima de mim e me encheu de beijos.

— Te amo, meu amor! — disse Desirée, com um enorme sorriso.

Ela se levantou e eu a acompanhei. Descemos e Clara estava na cozinha preparando algo para comer e meu pai estava ajudando-a. Desirée se despediu

deles e falei que ia levá-la em casa e que logo já estaria de volta.

Saímos e mal demos dois passos fora de casa e, da esquerda vinha a sua:

— Tia Naleah! — falou Desirée, com olhar de espanto.

— Você estava demorando. Achei que tinha acontecido algo e vim procurar saber. Vamos! Já estamos ficando atrasadas para o culto! — disse Naleah me olhando de cara feia.

— Ok, tia! Estou indo!

Desirée se despediu rapidamente de mim com um beijo no rosto e seguiu com ela.

Eu voltei para casa.

— Já foi Roger?! Foi rápido! — perguntou meu pai.

— Nada! A tia dela veio buscá-la.

— Hum! Entendi! Vem comer com a gente!

— Obrigado, pai, mas não vou querer. Eu e Desirée comemos vários biscoitos.

— Ok, mas se sentir fome mais tarde vamos deixar um pouco para você. Eu queria pedir uma pizza, mas Clara insistiu que temos que nos alimentar melhor — disse meu pai, sorrindo e cutucando a Clara.

Eu fiquei olhando desconfiado para os dois. Eu só bebi uma água e voltei para meu quarto. Peguei meu *Tab P* e já tinha várias mensagens da Desirée. Ela teimava em pedir desculpas pelo que aconteceu, mas respondi para ela parar, que não tinha que se preocupar, pois eu ia respeitar o tempo dela. Mandeí vários *emoji* apaixonados. Desirée respondeu com milhares dos mesmos *emoji*. Ela disse que estava terminando de se arrumar para ir para o culto.

Isso era uma coisa chata que eu não curtia. Não gostava muito dessas coisas de religião, mas como a tia dela a criou assim, tinha que respeitar. O que eu não fazia estando apaixonado? Quem diria! Bem antes de conhecê-la nunca pensei que fosse me apaixonar e me prender a um relacionamento.

Minha vida antes dela era de pura curtição inconsequente. Tomei um banho ao som de um bom *pop rock*, liguei o *Tab TV* e fui jogar nele. Fiquei até quase onze da noite jogando. Desirée me fez uma *videochamada*. Conversamos por quase dez minutos. Ela desligou e foi dormir.

Não estava com sono e continuei jogando até uma da manhã. Já era *segunda-feira* e eu não fiquei preocupado porque estava de férias. Comi os restos de biscoitos que estavam em cima da escrivaninha e depois me joguei na cama. Peguei meu travesseiro, fechei os olhos e fiquei lembrando da Desirée em cima de mim. Sem que me desse conta, caí em um sono profundo.



CAPÍTULO 10

O ESTRANHO

ROMEO

Saí correndo desesperado sem rumo. Parei, abri minha mochila para pegar meu *Tab P*.

— *Droga!* Deixei em casa — resmunguei, furioso.

Não ia voltar para pegar. Continuei caminhando por quase uma hora. As ruas não estavam movimentadas e as poucas pessoas que passavam por mim pareciam me olhar desconfiadas. O tempo estava bem nublado e uma chuva estava por vir. Sem meu *Tab P* ficava complicado comprar as coisas porque podia fazer tudo pelos meus *cartões virtuais* e para piorar nem com meus cartões físicos estava, pois fazia tempo que não os usava. Fui até um caixa eletrônico e por biometria fiz um saque de duzentos dólares. Fazia tempo que não pegava em dinheiro físico.

Sem rumo definido, parei para pensar no que deveria fazer. No primeiro momento achei que poderiam estar procurando por mim. Estava torcendo para que não tivessem chamado a polícia.

Pensando na *arma* estranha que estava comigo lembrei que, depois que vi o Roger com ela, ele foi estranhamente para casa do vovô.

— Seria possível o vovô Charles saber de algo a respeito? — me perguntei, suspeitando.

Como não tinha muita opção e já estava desconfiando do vovô já fazia um tempo, decidi que iria arriscar procurar saber se ele estava envolvido com tudo isso.

Era um saco não ter um *Tab* em mão. Estava me sentindo desconectado de tudo e quase impossibilitado de fazer as coisas.

— Maldita dependência tecnológica — resmunguei, indignado.

Pensei em um momento ir até a casa do Derek, mas não queria envolvê-lo nos meus problemas pessoais. Talvez estivesse enganado e ele me ajudasse, mas resolvi seguir e resolver isso sozinho.

Esperei um ônibus que me deixasse na *30th Street Station*. Depois de uns seis minutos esperando veio um. Chegando comprei a passagem para *New York* que para meu azar só partiria daqui a uma hora. Vi que havia *Tabs* à venda em uma loja

na estação. Pensei, pensei e por fim decidi comprar um *Tab P* dos mais simples, só para não ficar perdido. Comprei por quarenta e cinco dólares um de 4". Liguei e iniciei as configurações para ter acesso a minha CSB e antes mesmo de terminar:

— Hã?! Uma chamada! Quem poderia ser?

Fiquei preocupado e assustado. Fiquei por um tempo sem reação olhando o *Tab P* chamar. A curiosidade foi maior que a preocupação e atendi:

— Alô?!

— Olá, Romeo! Não fique assustado! Sou um amigo. Aqui quem está falando é Donovan e posso lhe ajudar.

— Me desculpe, mas não estou precisando de ajuda e como conseguiu me ligar?
QUEM LHE DEU MEU CONTATO?

— Calma, Romeo! Sou amigo do seu avô e sei sobre a *arma* que está com você.

Fiquei surpreso com o que ele havia dito.

— Como ele saberia disso? — me perguntei, por várias vezes, em questões de segundos.

Não poderia confiar em um estranho que entrou em contato comigo do nada. Ele poderia ser alguém do governo que vinha me monitorando e que estaria armando para me pegar.

— Não sei do que está falando! ADEUS!

Desliguei a chamada e pela minha surpresa e espanto ela não se encerrou. O *Tab P* não estava respondendo aos meus comandos e depois de muito tentar voltei a chamada que ainda estava ativa.

— Romeo! Pode confiar no Sr. Donovan.

— Hã?! É o senhor, vovô Charles?

— Sim! Tudo que Sr. Donovan falou é verdade. Ele está até aqui ainda em chamada simultânea.

— Sim. Estou aqui — disse Sr. Donovan.

Fiquei surpreso de imediato, mas isso me tranquilizou em partes confirmando minhas suspeitas sobre vovô. Sem alternativas:

— Vovô, preciso da sua ajuda. O que é essa *arma*? O que está acontecendo?

— Vem para minha casa. Vou lhe explicar tudo.

— Sim, já estou indo.

— Essa linha é segura. O que precisar, nosso contato já está gravado. Venha imediatamente que tudo será esclarecido — disse Sr. Donovan.

— Tudo bem! Logo mais estarei em *New York*.

— Ok. Estou te aguardando, meu neto — disse vovô.

A chamada foi encerrada. Fui mexer no *Tab P* e suas funções estavam inacessíveis. Só havia dois contatos habilitados. Devia ser o deles, conforme Sr. Donovan dissera.

— Eles *hackearam* meu *Tab P* novo ou pior, minha CSB. Quem é esse Donovan? — fiquei me perguntando, mas como ele era amigo do vovô achei que poderia confiar nele. — Será que o vovô é um agente do governo? — me perguntei, assustado.

Fiquei suspeitando dessa possibilidade, mas como não tinha muita opção e estava curioso para saber o que era essa *arma* estranha e de tudo que estava acontecendo, resolvi seguir em frente e ver no que dava.

Faltava tempo para a partida do trem e fui procurar algum lugar para comprar algo para beber. Cheguei à área de alimentação e pedi um suco. Aproveitei e pedi algo para comer durante a viagem. Tive que fazer o pedido e pagar tudo manualmente.

Sem meu *Tab P* e com esse que comprei travado não podia automatizar esse processo de pedido e pagamento. Peguei meu suco e lanche e fui sentar na aérea de espera.

Depois de uns minutos, enquanto apreciava meu suco, um homem estranho se aproximou e sentou-se ao meu lado. Fiquei olhando incomodado porque tinham muitos lugares vazios e ele havia sentado justamente próximo de mim. Suspeitei dele e me levantei.

— É Romeo seu nome, não é? Pode ficar aí! Eu não mordo!

Olhei assustado para o indivíduo quando ele falou meu nome.

— Desculpe, mas o senhor me conhece?

— Sim. E sei sobre o objeto que se transforma em uma *arma* e que está contigo.

Arregalei os olhos quando ele mencionou a *arma* estranha. Voltei a sentar do lado dele.

— Quem é o senhor?

— Me chamo Ivan e posso te ensinar sobre o poder do objeto que está contigo. Pode confiar em mim que lhe mostrarei tudo.

— De onde é o senhor?

— Fique tranquilo. Eu não pertenço a nenhuma entidade governamental. Eu pertenço a algo muito superior.

— O senhor pode me explicar o que seria esse algo superior? — perguntei, sarcasticamente.

— Vamos lá fora para que eu possa lhe mostrar todo o poder que tem em mão.

— Melhor não. Meu trem partirá daqui a pouco.

— Confie em mim. Conheço seu avô e sei que posso lhe esclarecer muita coisa.

Nunca iria acompanhar um estranho que falou que supostamente me conhecia, mas como eu estava me achando confiante e ele falou que conhecia o vovô, aceitei ir ver o que esse maluco teria para me mostrar. Na verdade, a curiosidade foi maior

e o segui até uma área de estacionamento externo. Chegando, percebi que o lugar estava deserto e com poucos carros estacionados.

— Eu devo estar louco. Esse cara vai puxar uma arma e me assaltar — pensei, ficando amedrontado.

Parei.

— Fica tranquilo. Não vou lhe fazer mal. Só quero abrir seus olhos para a verdade.

— De que verdade está falando? — perguntei, assustado e com vontade de sair correndo.

Ele estava a mais ou menos uns três metros de distância de mim e começou a me observar com um olhar de ganância.

— Me mostre o *Ikihatsunukishi*?

— Hã?! Iki... Tsu... o quê?

— A *arma* que está contigo.

Por um segundo hesitei em pegar a *arma* estranha, mas um brilho começou a sair da mochila. Abri e vi que o *chaveiro* que se transformava em uma *arma* estava reagindo, emanando um brilho forte. Eu o peguei e imediatamente o *chaveiro* se transformou numa espécie de *espada*. Ivan arregalou os olhos como se estivesse satisfeito.

— Me entregue o *Ikihatsunukishi*. AGORA!

Me afastei apontando a *arma* para ele. Me senti atraído por Ivan como se estivéssemos conectados. Senti a mesma coisa quando ativei isso da primeira vez no quarto do Roger, sendo que dessa vez está mais intenso. Como se eu o sentisse na minha frente.

— O que você quer comigo? Me deixe em paz! Se afaste!

— Você não tem para onde fugir. Me entregue o *Ikihatsunukishi* AGORA!

— SE AFASTE OU TE MACHUCAREI! — gritei, apavorado.

Ivan começou a crescer e se transformar em uma *criatura* horrível. Parecia um tipo de demônio como aqueles vistos em filmes de terror ou pior. A *criatura* possuía três olhos alaranjados quase vermelhos que brilhavam intensamente. Em seu peito parecia ter um tipo de *cristal* alaranjado que emitia raios por todo seu corpo. Ele pulou para cima de mim e só deu tempo de eu me jogar para o lado.

Tentei correr, mas facilmente fui alcançado e com um único golpe me lançou longe. Caí em cima de um carro, amassando-o. Senti uma dor intensa nas costas, contudo tentei me levantar para fugir, mas não consegui. Sem poder me mexer muito, fiquei olhando a *criatura* levantar o seu enorme braço e me atacar. Inconscientemente apontei a *arma* em sua direção e na mesma hora vi o braço dela congelar. Ela se afastou e resmungou algo que não entendi. Aproveitei o momento e com muito esforço me levantei, tentei correr, mas fui jogado para longe

novamente, sendo que atingi a parede. A *arma* caiu ao meu lado e sem forças tentei pegá-la desesperadamente.

— Vou morrer — pensei, aterrorizado.

Vi a *criatura* se aproximando e sem forças para reagir, fechei os olhos aguardando o fim. Segundos depois o chão começou a sacudir como se estivesse ocorrendo um terremoto. Abri os olhos sem entender o que estava acontecendo, quando percebi que tinha alguém lutando contra a *criatura*. Fiz mais uma tentativa de me mover para tentar fugir, mas não consegui. Depois de alguns minutos vi que a *criatura* havia sumido e que o estranho que havia lutado contra ela estava se aproximando de mim. Caído e de olhos fechados, fiquei esperando o pior.

— Esse *Ikihatsunukishi* é seu?

Olhei para o estranho e vi que ele segurava meu *chaveiro* em forma de cubo de gelo. Era um japonês, chinês, sei lá. Esses com cara de ninja desses filmes orientais antigos. Cansado e sentindo muita dor perguntei:

— Quem é você? Vai me matar?

— Não se preocupe. Sou igual a você e estou aqui para ajudá-lo. Me chamo Mitsuaki.



CAPÍTULO 11

OS IKIHATSUNUKISHISEN

MITSUAKI

それは曇っていた em *Komatsu, província de Ishikawa*. Meu avô insistia numa rotina que não me agradava muito. Não escolhi ser um *Ikihatsunukishisen*. Eu queria curtir a vida como um adolescente comum.

Minha manhã de *segunda-feira* se iniciava bem cedo com os treinamentos. Alongava por vinte minutos antes de ativar o meu *Ikihatsunukishi*. Era um saco! Treinava, treinava e até hoje nunca havia batalhado com nenhuma das ameaças que vovô me cansava de contar em suas histórias.

Depois dos treinamentos tomava café e ia para escola como um garoto comum. Assim que terminava o dia intenso de estudos e avaliações a minha obrigação era voltar para casa para prosseguir com os treinos, tarefa difícil quando meus amigos tinham outros planos.

— Vamos, Mitsuaki! As meninas estão nos esperando para sair!

— Esperem! Estou indo!

Quase sempre desviava o caminho para ir sair com os amigos. Chegava em casa perto da noite e sempre ouvia as mesmas palavras do meu avô Kensuke.

— Quantas vezes vou ter que repetir que você deve ser mais responsável com suas obrigações?

— Eu sei, vovô, mas eu não escolhi isso. O senhor podia me dar um espaço para eu poder viver minha vida.

— Você acha que a vida é só brincadeira. A qualquer momento uma ameaça pode surgir e...

— ... E eu posso ser pego desprevenido e acabar morrendo como meu tataravô. O senhor sempre fala a mesma coisa.

— Exatamente, mas parece difícil você entender.

Ignorei ele, me arrumei e fui treinar. De vez em quando exercitava sem vontade só para cumprir o que meu avô queria. Depois dos treinos ia tomar banho e encerrava a noite nas *redes sociais*, jogando algum jogo *on-line* ou estudando. Já bem tarde fui deitar para poder recuperar as energias e aguentar mais um dia chato. Fechei meus olhos...

Andava por uma floresta bem densa. Uma neblina forte ofuscava minha visão a cada passo que dava. Algo me derrubou e levantei assustado, ativando meu Ikihatsunukishi. Aguardei alguém ou alguma coisa se aproximar. Por um tempo só ouvia um silêncio. Uma energia fluía no meu corpo como se me direcionasse para algum lugar. Comecei a ser puxado. Finquei o meu Ikihatsunukishi no chão para tentar me segurar, mas algo me puxava como um ímã superforte atraindo um alfinete. Não consegui me segurar por muito tempo e fui arrastado violentamente.

— Acorde, Mitsuaki! Acorde! — falou meu avô, tentando desesperadamente me acordar.

Acordei assustado e a cabeceira da cama estava destruída. Quando percebi, vi que meu *Ikihatsunukishi* estava ativado em minhas mãos.

— O que houve, Mitsuaki? Você ativou seu *Ikihatsunukishi* enquanto dormia.

— Não sei, vovô. Tem algo estranho acontecendo. Estou sentindo uma presença. É como se estivesse conectado a alguém ou alguma coisa.

Inconscientemente aponteí meu *Ikihatsunukishi* para o “noroeste”.

— Parece que está vindo nesta direção.

Vovô me olhou assustado e se afastou resmungando algo para ele mesmo. Desativei o *Ikihatsunukishi* e fui atrás dele. Ainda era muito cedo. Cinco da manhã de *terça-feira*. Entramos no dojo de treinamento e perguntei:

— O que houve, vovô? O senhor sabe o que foi isso?

— Mitsuaki, o seu *Ikihatsunukishi* detectou outro *Ikihatsunukishi* — respondeu vovô, olhando para as *katanas* penduradas na parede.

— Hã?! O senhor nunca me falou que existiam outros.

— Nunca falei porque não achava necessário você se envolver com outros.

— Por favor, vovô. Me esclareça isso! O senhor vive falando que eu preciso estar preparado e agora está falando que não é necessário me envolver com outros iguais a mim. Já passou pela sua cabeça que eles podem nos ensinar algo que não saibamos?

— Esqueça isso, Mitsuaki. O que foi passado de geração a geração da nossa família que ativava o *Ikihatsunukishi* era que tínhamos que estar sempre preparados para possíveis ameaças vindas do céu e que até outros como nós poderiam ser perigosos.

— Entendo. O senhor já me explicou que nós viemos de uma linhagem híbrida. Que o primeiro de nós não era *terrestre*, mas me responda com sinceridade: quantos mais chegaram com o primeiro?

— Meu neto! O que me passaram foi que com o nosso ancestral puro veio mais um. Ele era o *Ikihatsunukishisen do fogo*. Logo no início e sem um motivo claro eles se separaram quando chegaram aqui e cada um seguiu seu caminho. O nosso antepassado que era o *Ikihatsunukishisen da terra*, descobriu que tinham outros

como eles aqui, mas não foi recebido amigavelmente. Com isso ele decidiu se isolar. Sobre as ameaças vindas do céu, foram contadas a ele por alguém daqui que já possuía conhecimento dos *Ikihatsunukishi*. Essa pessoa o ajudou muito no início, já que ele era um estranho vagando no nosso planeta, mas em um confronto de aldeias esse amigo dele acabou morrendo.

— Me explica uma coisa. O que eles vieram fazer aqui? Eles estavam fugindo de algo?

— Não tenho essa resposta e nem de onde vieram. Nunca me explicaram essa parte.

— E o senhor nunca pensou em ir atrás de respostas? Vem seguindo esse legado sem saber seu real intuito?

— Sim. Por muitas vezes, mas devido a morte violenta do meu avô, que era um *Ikihatsunukishisen*, sempre preferi manter em segurança a integridade da minha família.

— Que covarde! — pensei.

Mas era difícil compreender o que eles haviam passado. Vovô nunca foi aberto a assuntos da vida pessoal.

— Então eu vou em busca de respostas. Vou atrás desses outros iguais a gente.

— Não! Você deve treinar e se fortalecer.

— Estou treinando há anos. Acho que já estou forte o suficiente.

Meu avô largou a bengala dele e se aproximou de mim como um raio. Tomou meu *Ikihatsunukishi* e o ativou transformando-o em uma espécie de *katana* enorme de lâmina dupla. A terra abaixo de nós tremeu e quando menos esperei o chão se rasgou e uma muralha de terra me cercou. Achei que ia ser esmagado, mas vovô desativou o *Ikihatsunukishi* e estendeu a mão para devolvê-lo a mim.

— Você ainda tem muito que evoluir. Limpe essa bagunça e volte para seu treinamento.

Fiquei sem reação e assustado como um cachorrinho acuado. Ele pegou sua bengala no chão e pôs as mãos nas costas se queixando de dor. Vovô entrou em casa se arrastando. Olhei para o *Ikihatsunukishi* imaginando quando que alcançaria o poder dele.

Fui limpar o dojo pensando como seria encontrar esses outros iguais a mim. Olhei para o relógio e saí correndo. Tinha esquecido que era *terça-feira* e que já estava atrasado para escola. Me arrumei correndo e saí. Ainda tinha algumas avaliações para concluir.

O dia todo andei desligado só pensando que tipo de poder teriam os outros *Ikihatsunukishisen*. Terminei o dia como um zumbi cumprindo as minhas responsabilidades com os estudos. Pelo meu avô, só me dedicaria aos treinos. Pelo meus pais eu teria que ser engenheiro igual a eles. Eu quase não os via porque eles

viviam trabalhando. Como meu pai não conseguiu manipular o *Ikihatsunukishi*, meu avô cismou que eu tinha que morar com ele já que desde pequeno eu já havia mostrado ter herdado o poder.

Depois de um dia muito cansativo, resolvi ir direto para casa. Amigos me perturbaram para sair, mas dessa vez meu cansaço venceu e fui para casa. Parecia que algo estava sugando minhas energias.

Chegando, vi meu avô tomando seu chá na varanda. Eu o cumprimentei e fui direto para o dojo. Terminei de limpar a bagunça que havia deixado e peguei meu *Ikihatsunukishi*.

Fiquei olhando para ele e imaginando mil coisas sobre essas ameaças que o vovô vivia falando. Eu apertei com força o *Ikihatsunukishi* e o ativei. Eu sentia um poder que me atraía para *noroeste*. Era constante. Em todos esses anos que vinha praticando com o *Ikihatsunukishi* nada desse tipo havia acontecido. Queria ir até onde esse poder estava me atraindo. Queria saber a real verdade e entender por que vovô teme tanto os outros com mesmo poder.

Ele surgiu do nada e me cutucou nas costas com sua bengala. Eu me virei no susto e quase o ataquei. Ele não fez nenhuma reação brusca para tentar ao menos se defender. Achei que o vovô estava ficando velho para isso.

— Meu neto, parece cansado. Vá descansar.

Ele havia percebido minha indisposição.

— Tudo bem, vovô. Estou indo, mas me responde uma coisa. O que...

— ... quero que se disperse dessas curiosidades. Tenha foco no que sempre te ensinei. Você tem esse poder para proteger a você e seus próximos.

Fiquei acuado para questionar meu avô, mas:

— Vovô! O senhor vive me falando de umas ameaças que podem aparecer. E se essas ameaças forem para todos? O senhor não acha injusto só querer proteger a gente? Acho que esse poder não deveria estar restrito só para nossa segurança. Poderíamos ser uma força bem maior se nos juntássemos aos outros iguais a nós.

Vovô arregalou os olhos como se estivesse enfurecido por causas das minhas palavras. Ele se virou e saiu.

Desativei meu *Ikihatsunukishi* e fui para meu quarto. Me Alimentei e fui deitar ao som de um bom *rock clássico*. Minha *AI* detectou que eu havia pegado no sono. Ela desligou o som e apagou as luzes.

Vagava por um pântano e a neblina ofuscava tudo a minha frente. Tentava correr, mas a grossa lama nos meus pés dificultava. Tentei ativar meu Ikihatsunukishi para controlar toda terra ao meu redor, mas nada acontecia. Estava ficando escuro e olhos vermelhos brilhantes começaram a surgir no meio do mato. O desespero bateu e os diversos olhos vermelhos se aproximavam como se quisessem me devorar vivo. Tentei correr, mas a lama nos meus pés ficava mais

grossa ainda e quando percebi já estava na minha cintura. Parecia afundar e quando estava quase todo coberto uma criatura horrível com três olhos vermelhos me puxou. Ela pegou meu Ikihatsunukishi e começou a ficar maior...

— Bom dia, Mitsuaki! O dia está nublado. Vamos iniciar os treinamentos, mas antes com um bom alongamento. Hoje é quarta-feira, dia das suas últimas avaliações. O que precisar, estou à disposição.

Era Nami me acordando. Minha AI. Estava com os batimentos acelerados. Levantei, tomei um chá bem quente e fui alongar para iniciar os treinamentos. Peguei o *Ikihatsunukishi*, mas desisti de ativá-lo. Não estava disposto a treinar e voltei para meu quarto. Fiquei acessando minhas *redes sociais* pelo meu *DI-Eyes* enquanto ouvia música. Esperava meu avô ir ao meu quarto nervoso para me dar umas broncas por não estar treinando, mas deu a hora de ir para a escola e nada dele aparecer. Saí do meu quarto e não vi o vovô em lugar nenhum da casa.

— Cadê o vovô?! — fiquei me perguntando, preocupado.

Já estava ficando atrasado e não poderia perder as últimas avaliações. Saí de casa pensativo e passei o dia cumprindo minhas responsabilidades escolares enquanto imaginava mil coisas de onde poderia estar ou que o vovô poderia estar fazendo. Depois de tudo concluído, voltei para casa já no fim de tarde. Nem dei atenção para os amigos. Quando cheguei, meu avô estava na varanda, como sempre tomando seu chá. Perguntei:

— Para onde o senhor foi de manhã cedo?

Vovô permaneceu calado tomando seu chá como se eu não estivesse na sua frente. Fiquei com raiva e fui para meu quarto. Tinha que treinar como de costume, mas ignorei as responsabilidades que o vovô me impôs como um *descendente* e fui jogar *on-line*. Joguei, vi vídeos engraçados, acessei as *redes sociais* enquanto ouvia música ao mesmo tempo, só esperando que o vovô parecesse para reclamar das minhas atitudes, mas novamente nada dele aparecer.

Olhei para o relógio e ainda eram 6:50 da tarde. Entediado peguei meu *Ikihatsunukishi* e fui para o dojo. Passei pela sala e vovô estava vendo alguma coisa que não parecia interessante no *Tab TV*. No dojo, ativei meu *Ikihatsunukishi* e logo comecei a sentir uma força que parecia me guiar para algum lugar. Fechei meus olhos e tentei me concentrar. Comecei enxergando uns vultos, mas logo em seguida as imagens começaram a ficar mais nítidas. Parecia que estava em algum tipo de parque florestal. Via pessoas correndo. Pareciam estar praticando exercícios. A visão começou a acompanhar um coroa com uma *perna de metal* e um garoto loiro que corriam. Vi uma placa que dizia em inglês “*Central Park*”. Comecei a ficar tonto como se minha força estivesse sendo sugada.

— Acorde, Mitsuaki! Acorde!

— Hã?! O que houve?

— Parece que você desmaiou. Eu que te pergunto, o que houve?

Estava chateado com ele e não fui honesto ao respondê-lo.

— Não sei, vovô! Acho que foi por causa do cansaço. Essa semana foram as últimas avaliações e isso me desgastou um pouco.

Ele me olhou, nada convencido com a minha resposta. Depois que analisei o que falei, percebi que foi uma resposta ridícula. Não poderia dar como desculpa para o meu cansaço os estudos puxados. Vovô sabia que por muitas vezes saía da escola e ia me divertir com amigos até a noite.

Levantei com ajuda dele e tentei voltar para meu quarto. Ele ficou me observando e não falou nada.

Chegando, me joguei na cama. Parecia que tinha corrido milhares de quilômetros sem parar. *Nami* apagou as luzes e eu adormeci logo em seguida.

Acordei assustado, reclamando que minha *AI* não me acordou e, achando que estava atrasado, levantei para me arrumar. Olhei para o relógio.

— Ainda são 4:27 da manhã.

Então me lembrei que já havia acabado as avaliações e que estava em fim de *período*. Esse ano, *sem muitas justificativas*, o *período* estava se encerrando mais cedo para dar início às férias de verão. Era *quinta-feira* e o dia tinha tudo para ser tranquilo e voltei a deitar para tentar dormir mais um tempo. Aos poucos fui lembrando das coisas que vi quando ativei o *Ikihatsunukishi* ontem. Queria saber quem eram as pessoas que vi, principalmente aqueles dois nos quais a visão foi focada.

— *Central Park* — disse, curioso.

Eram muitos *Central Parks* pelo mundo, mas...

— Acorde, *Nami*. Preciso de você.

— *Bom dia, Mitsuaki. Acordou cedo. O que deseja?*

Peguei meu *DI-Eyes*.

— Me mostre todos os lugares com nome “*Central Park*”.

— *Sim. Processando. Esses são os lugares possíveis pelo mundo e o mais famoso deles fica em New York, nos Estados Unidos.*

Não achei que seria o mais óbvio, mas para ter certeza:

— Explorar.

Comecei a fazer um *tour* em *realidade virtual* pelo parque e logo percebi que se tratava do mesmo lugar das visões.

— *Nami*, verificar voos para *New York* e hotel.

— *Sim. Processando. Voo com escalas para sexta-feira às 5:10 da tarde. Esses são os melhores hotéis conforme seu orçamento.*

— Não tem nenhum voo antecipado ou direto não?

— *Os voos antecipados são com paradas mais longas e, pelos meus cálculos, a diferença de tempo de chegada antecipada não são tão significativas.*

— Compreendo. Pode comprar e reservar o melhor hotel.

— *Sim. Processando.*

Depois de dois minutos:

— *Algo mais em que posso ajudá-lo?*

— Por enquanto, nada.

— *Tudo bem. Estou à disposição.*

Já estava amanhecendo e não tinha a mínima vontade de ir para escola, mas ainda havia algumas pequenas atividades que precisava concluir e terminar o *período* com o mínimo satisfatório que, na minha opinião, já era super puxado conseguir. Prossegui com a rotina, mas sem fazer o treinamento matinal com o *Ikihatsunukishi*.

Depois de um dia tranquilo, no meio da tarde, voltei para casa. No caminho fui tentado a sair com os amigos e acabei cedendo. Passei resto do dia com eles e voltei bem tarde. Eram exatamente 10:20 da noite e quando entrei, não vi meu avô. O procurei pela casa e o achei em seu quarto, já dormindo.

Na cozinha, vi que ele deixou algo preparado, caso eu sentisse fome. Como havia comido e bebido com os amigos, guardei o que ele havia feito na geladeira. Fui para meu quarto e arrumei minhas coisas para viajar. Só preparei uma mochila sem muitas coisas porque estava planejando ir sem avisá-lo. Sairia como se estivesse indo para a escola e de lá partiria. Só ia deixar um recado para minha *AI* transmitir ao vovô no início da noite, avisando que tinha viajado para buscar respostas.

Fui deitar e enquanto não pegava no sono, fui trocando umas mensagens com umas amigas, mas logo deixei meu *Tab P* de lado e as luzes foram se apagando junto comigo.

— *Bom dia, Mitsuaki! O dia será ensolarado. Tudo está certo para sua viagem. Vamos iniciar essa sexta-feira com sua rotina de treinamentos.*

— Não estou a fim de treinar. Hoje não quero me cansar porque a viagem até os *Estados Unidos* será longa.

— *Compreendo. Deseja sugestões?*

— Não.

— *Tudo bem. Estou à disposição.*

Levantei calmamente e iniciei a manhã com um *leite com chocolate*. Me arrumei, peguei minha mochila, joguei o *Ikihatsunukishi* dentro e fui para a escola. Havia pequenas atividades para essa *sexta-feira*. Saí e vovô estava no jardim plantando alguma coisa.

— Bom dia, vovô!

— Bom dia, meu neto!

Estava abrindo o portão para sair quando:

— Mitsuaki! Quando você voltar, vamos conversar.

— Hã?! — imaginei.

Vovô já ia ficar superchateado porque eu ia viajar sem sua permissão e agora essa de querer conversar. Ele ia ficar me esperando e eu não ia voltar. Seria uma crueldade fazer isso com o velho, mas...

— Pode falar agora, vovô. Não estou atrasado.

— Pode ir, Mitsuaki. Agora estou ocupado. Te aguardo mais tarde.

— 糞 — gritei, mentalmente.

Fui para a escola pensativo e me decidindo entre a razão e a emoção.

Depois de ter terminado todas as minhas atividades escolares ainda estava decidindo o que ia fazer. Para piorar, os amigos estavam me chamando para comemorar o fim de *período*, mas por fim decidi partir para o aeroporto. Seria uma viagem longa e aproveitei para tentar dormir e repor minhas energias.

Dormia e acordava e não chegava. Depois de quase treze horas finalmente cheguei ao *John F. Kennedy International Airport*. No relógio do aeroporto mostrava a mesma hora que embarquei em *Komatsu*. Maldito fuso horário! Treze horas de viagem e o tempo não andou.

Peguei um táxi que me levou para o hotel. Fui bem recepcionado. O ambiente era bem aconchegante e espaçoso. Essa viagem estava sendo uma ótima oportunidade de pôr em prática meu inglês. Eram mais de 6:30 da tarde e por causa do *horário de verão* a luz do sol ainda iluminava a bela cidade de *New York*.

Deixei as minhas coisas, que foram levadas para meu quarto, e saí para ir até ao *Central Park*, que era bem perto do hotel. Depois de uns minutos de caminhada, parei exatamente onde vi a placa com o indicativo do nome do parque nas visões. Parecia que as observações eram o que alguém vira naquele momento bem aqui.

— *Déjà vu!* — pensei, sem entender muito.

Continuei passeando enquanto admirava a beleza do parque. Eu estava analisando tudo com a realidade aumentada do meu *DI-Eyes*. Percebi que o pessoal daqui não usava muito os *DI-Eyes* em público.

— Que estranho! — imaginei.

No *Japão* era tão comum o uso que você conhecia todo mundo sem ser definitivamente amigo da pessoa. Pela *realidade aumentada* as pessoas deixavam seu nome ou até outras informações que elas achavam úteis flutuando nas suas cabeças. A minha opinião era que os americanos deviam estar levando muito a sério esse *lance* de privacidade.

馬鹿 eles! Quanto mais conectado o mundo e as pessoas, e aumentando o conhecimento sobre cada um, melhor era a relação e entendimento entre nós

mesmos. E essa de *privacidade digital* era maior enganação. Há muito tempo que isso não existe e só não enxergava quem não queria.

Já estava anoitecendo e depois de uma boa caminhada pelo parque, voltei para o hotel. Entrando no meu quarto fui recepcionado por uma voz bem doce que parecia vir de todos os lados.

— *Boa noite, senhor Mitsuaki Ishida! Me chamo Camille e estou aqui para lhe servir no que for necessário.*

Era a *AI* do hotel. Tomei um bom banho e pedi pela *Camille* algo para comer. Logo chegou um prato farto. Era uma comida bem temperada, mas muito saborosa. A essa altura *Nami* já devia ter notificado o vovô sobre minha viagem aos *Estados Unidos*. Apesar de estar nessa missão imprudente eu estava preocupado com ele. Nesse momento ele já deveria ter falado com meus pais. A qualquer instante eles iriam entrar em contato comigo querendo saber o que vim fazer.

Peguei meu *Ikihatsunukishi*. Fiquei olhando fixamente para ele por uns minutos. Queria ativá-lo para poder sentir aquela presença que me atraía, mas deixei em cima da mesa e me joguei na cama. Estava cansado após a longa viagem e fui ver uns filmes americanos no enorme *Tab TV* do quarto. Logo peguei no sono e dormi profundamente.

Acordei assustado ao som de uma música instrumental. Era *Camille*.

— *Bom dia, senhor Mitsuaki! Já são dez da manhã. O senhor quer algo para comer ou prefere continuar o seu descanso?*

— Hã? Dez da manhã. Dormi demais. Acho que estava cansado mesmo.

Levantei e pedi que *Camille* trouxesse o café. Enquanto tomava banho me lembrei que ninguém do *Japão* havia entrado em contato. Fiquei preocupado e saí correndo do chuveiro para verificar se tinha alguma chamada perdida. Não tinha nada nos registros do meu *Tab P*. Verifiquei se *Nami* tinha mandado a mensagem programada que havia deixado para o vovô e estava constando como entregue. Ele havia visto. Fiquei pensando se teria acontecido algo e quando ia entrar em contato com vovô o *Tab P* tocou.

— Hã?! Pai?

Era uma *videochamada* e sem pensar muito atendi.

— Pai! Mãe!

— Olá, meu filho. Tudo bem? Como estão sendo as férias aí nos *Estados Unidos*? — perguntou meu pai, entusiasmado.

— Estão indo bem, mas como vocês sabem q...

— Seu avô que nos falou. Ele nos disse que você resolveu ir de última hora porque estava cansado do longo período escolar. Ficamos felizes por você. Achamos que você merecia realmente umas boas férias — disse meu pai me cortando.

Fiquei sem entender nada. Meu avô não tinha reclamado com eles que eu tinha viajado sem avisar. Estava muito estranho, mas...

— Obrigado. Vou ficar um tempo e logo voltarei para casa.

— Isso, meu filho! Aproveite! — disse minha mãe, empolgada.

— Sim, vou aproveitar! Obrigado! — respondi, sem graça.

— Até mais, filho! O que precisar, entre em contato — falou meu pai.

— Até!

As coisas estavam ficando estranhas. Queria ligar para o vovô e saber o porquê de não ter reclamado com meus pais sobre a minha atitude indisciplinada, mas não estava com coragem de olhar para ele.

O café chegou bem farto. Antes de sentar para comer olhei pela janela do hotel e vi que estava um dia ensolarado. Chamei *Camille* e pedi os melhores roteiros turísticos para curtir o dia de *sábado*.

No fundo a minha razão falava para prosseguir com a missão, mas como meus pais falaram, eu estava merecendo mesmo umas férias. A rotina escolar do *Japão* era puxada e logo teria que voltar ao ritmo para me dedicar ao próximo *período*.

Apreciei o saboroso café americano, me arrumei e sai pela badalada *New York*. Aproveitei bem o sábado nessa enorme cidade. Voltei bem tarde para o hotel e como passei o dia todo andando na rua, fui direto para o chuveiro. Depois de um bom banho fui para a cama e liguei o *Tab TV*. Enquanto rolava mais um daqueles filmes de ação americanos, eu fiquei observando pensativo o meu *Ikihatsunukishi*.

— Preciso continuar com a missão — falei para mim mesmo.

Deitado mesmo, fechei meus olhos e ativei o *Ikihatsunukishi*. Continuei em meditação e logo comecei a ter as visões. Era como se tivesse no corpo de outra pessoa. Estava vendo o que ela via naquele exato momento.

Entrava em um hotel. O recepcionista disse algo — bem-vindo a *Philadelphia*! Subi para um quarto e segui até a janela. O aposento ficava no 7º andar. Fiquei olhando para fora, reparando todos os detalhes. O olhar foi direcionado para um espelho na parede e vi um homem que aparentava ter uns quarenta anos. O olhar dele começou a ficar vermelho e logo em seguida minha visão foi ofuscada e desmaiei.

Acordei assustado com a campainha tocando. Era um funcionário do hotel. Fui atendê-lo ainda sonolento e um pouco cansado.

— Boa tarde, senhor Mitsuaki! Desculpe incomodá-lo, mas é que o senhor não respondeu a *Camille* essa manhã e achamos que tinha acontecido alguma coisa.

— Está tudo bem, obrigado. Você disse boa tarde? Que horas são?

— É meio-dia e cinco.

— Hã?! De que dia?

— *Domingo*, senhor. Está tudo bem mesmo? O que precisar, estamos aqui para servi-lo.

— Ok! Ok! Está tudo bem, sim! Só dormi demais mesmo. Ontem andei muito pela cidade e isso me cansou. Obrigado.

— Tudo bem, senhor. O que precisar é só pedir pela *Camille*.

O funcionário foi embora e eu voltei para cama tentando entender o que havia acontecido. As lembranças foram voltando e logo percebi que havia desmaiado no momento em que estava tendo as visões. Aquilo devia ter sugado todas as minhas energias. Procurei em cima da cama pelo meu *Ikihatsunukishi* e não encontrei. Olhei para o chão ao lado e ele estava lá, caído. Eu o peguei e fiquei observando-o por uns minutos, concentrado e tentando me recordar das visões.

— 糞. Preciso ir até lá. O que está me atraindo tem se movimentado pelos *estados*. Se eu não for logo pode ser que se afaste ainda mais.

Nami providenciou o melhor, que não gastasse um absurdo e mais rápido jeito de ir para *Philadelphia, Pennsylvania*. Enquanto isso pedi para *Camille* me trazer algo para comer e fechar a conta que eu ia partir.

No mesmo tempo em que terminava de arrumar minhas coisas, chegou um suculento banquete. Na mente reclamei porque havia pedido algo bem mais simples, mas logo vi que havia sido uma cortesia do hotel.

— Excelente! — pensei.

Aproveitei e depois saí. Na recepção fui muito bem tratado e na porta já me esperava um táxi que me levaria até a *estação*. *Nami* havia reservado as passagens e a viagem de trem seria a mais rápida e confortável. Melhor seria ir em um *drone de transporte*, mas aqui nos *Estados Unidos* ainda era muito caro viajar em um desses. Em poucos minutos já estava na estação e não precisei esperar muito porque o trem já ia partir.

Em pouco mais de uma hora já estava na *30th Street Station*. Desembarquei e depois de dar alguns passos senti uma presença estranha. Fui até o banheiro e ativei rapidamente meu *Ikihatsunukishi*. Percebi que estava muito perto.

Vi um garoto loiro que parecia se defender. Ele tinha uma *arma* que logo me dei conta que era um *Ikihatsunukishi*. O lugar parecia ser um estacionamento externo. Desativei meu *Ikihatsunukishi* e vi que tinha um senhor de idade que estava me olhando espantado. Me retirei sem graça e sem explicar nada.

Saí correndo da *30th Street Station* à procura de estacionamentos próximos. No primeiro que achei não vi nada, mas ouvi um barulho estranho vindo do outro lado. Corri e vi uma *criatura* enorme, que parecia uma espécie de *demônio*, atacando o garoto loiro que eu havia visto nas visões.

Ativei meu *Ikihatsunukishi* e fiz tremer a terra na direção deles. A *criatura* se afastou do garoto e avancei em cima dela. Ela me lançou raios, sendo que meio

desajeitado. Eu desviei facilmente e me aproximei o suficiente para lhe cortar superficialmente o braço esquerdo.

A *criatura* parou e se afastou. Ela olhou para o braço ferido e correu, querendo fugir. Eu ia atrás dela, mas vi o garoto loiro caído e todo ferido. Deixei a *criatura* fugir e fui ajudá-lo. Peguei o *Ikihatsunukishi* que estava no chão perto dele, que tinha voltado ao estado inicial em forma de um cubo de gelo e me aproximei, me abaixando.

— Esse *Ikihatsunukishi* é seu?

Ele abriu os olhos amedrontado e com a voz cansada perguntou:

— Quem é você? Vai me matar?

— Não se preocupe. Sou igual a você e estou aqui para ajudá-lo. Me chamo Mitsuaki.



CAPÍTULO 12

NÃO SOU O ÚNICO

ROMEO MITSUAKI

Romeo quase foi morto, mas Mitsuaki apareceu na hora e o salvou.

— Vamos, levante-se! Precisamos sair daqui! — disse Mitsuaki, preocupado.

Ele carregou Romeo até saírem do estacionamento. Mitsuaki colocou seu *DI-Eyes* e por comando de voz pediu a *Nami* para providenciar um transporte e uma reserva em um bom hotel, o mais próximo possível. Em poucos minutos um táxi chegou e eles foram para o local que *Nami* reservou. O motorista achou estranho Romeo todo machucado e com as roupas rasgadas, mas evitou comentar a situação e os deixou na frente do hotel. Estava começando a chover. Um funcionário chegou para ajudá-los a carregar algo, mas ao ver Romeo no estado que estava ficou sem reação.

— Vamos, amigo. Me ajude com ele — disse Mitsuaki, preocupado em ajudar Romeo.

— Acho que deveria levá-lo para um hospital — comentou o funcionário do hotel.

— Não precisa. Ele está bem. Só me ajude a subir com ele.

O funcionário o ajudou, mas com receio. Os outros funcionários do hotel que estavam na recepção ficaram olhando a cena espantados. O gerente do hotel se aproximou deles.

— Precisam de algo?

— NÃO! — respondeu Mitsuaki, aborrecido com a pergunta inútil.

O gerente chamou mais um para ajudá-los e eles pegaram um elevador. O supervisor foi conversar com os outros funcionários. Eles chegaram no 12º andar e entraram no quarto 1203. Os funcionários colocaram Romeo na cama e ficaram na porta esperando como se estivessem aguardando algo.

— Podem ir. Obrigado.

Os funcionários ficaram olhando para ele e um deles falou:

— Seu amigo...

— Fiquem tranquilos. Ele só bebeu demais e caiu. Ele vai ficar bem.

— Tudo bem, senhor. Me desculpe, mas vou precisar da identificação dele para registro no hotel. A reserva era somente para o senhor e...

— Ok! Ok! Só um segundo!

Mitsuaki abriu a mochila do Romeo torcendo para achar algum documento dele.

— Está aqui! Façam o registro dele e tragam algo para a gente comer. O que precisar para cobrir gastos podem debitar do meu *cartão* que está cadastrado no hotel. Obrigado e até mais.

Mitsuaki bateu a porta na cara dos funcionários e foi até Romeo para verificar seus ferimentos. Olhando superficialmente viu que ele não tinha nenhuma hemorragia e que seus batimentos estavam normais. Mitsuaki o deixou desmaiado na cama se recuperando e foi *jogar on-line*. O serviço de quarto chegou e trouxe um farto banquete. Mitsuaki se deliciava com o cardápio americano enquanto via um filme. Já eram quase nove da noite quando Romeo acordou.

— Hã?! Onde estou?

— Fique tranquilo. Você está a salvo. Você apagou por horas. Estava começando a achar que não acordaria mais e se isso acontecesse eu ia te abandonar aqui e ia embora — disse Mitsuaki, rindo e zombando.

— Hã?! É você! Onde estamos? RESPONDA!

— Se acalme! Estamos em um hotel, mas precisamos partir. Aqui pode não ser mais seguro.

— Hotel? Hotel onde? Por que temos que partir? O que está acontecendo? — perguntou Romeo, tentando se levantar.

Mitsuaki se levantou e foi até Romeo.

— Deita aí e relaxa. Vamos conversar.

Romeo, sem muita opção e ainda sentindo muita dor, voltou a deitar.

— Pegue, Romeo. Tome esses analgésicos. Vão te ajudar.

Romeo olhou para Mitsuaki desconfiado, mas como ele conhecia a *embalagem* dos remédios, acabou tomando.

— De onde que você surgiu? Por que me ajudou?

— Vim do *Japão*. Estou em buscas dos outros iguais a nós.

— Iguais a nós como?

Mitsuaki pegou o *Ikihatsunukishi* dele no modo inicial que parecia um *chaveiro* e mostrou para Romeo.

— Isso são os *Ikihatsunukishi*. Eles se transformam em *armas* especiais que só podem ser usadas por aqueles que carregam a *descendência* e que se mostram ativos. Eu recebi a minha que era do meu avô. Ele era um *Ikihatsunukishisen*. Só os *Ikihatsunukishisen* conseguem ativar os *Ikihatsunukishi*. Meu pai, apesar de ser herdeiro direto do meu avô, não conseguiu ativá-lo. Assim a responsabilidade de

ter o *Ikihatsunukishi* foi passada para mim, que mostrei desde novo ser um *Ikihatsunukishisen*. E você, Romeo? Quem lhe passou seu *Ikihatsunukishi*?

— Isso que você chama de *Ikiha... itsu...* sei lá. Eu peguei do meu irmão. A gente teve uma briga e eu fugi de casa.

— Como assim pegou dele? Era dele esse *Ikihatsunukishi*?

— Sim. Ele ativou e apontou a *arma* para mim. Eu fiquei com raiva e quando ele virou as costas eu o ataquei, tomando essa *arma* estranha dele.

— Não acredito! Vocês dois conseguem ativar o *Ikihatsunukishi*! Meu avô nunca comentou algo similar que tenha acontecido com nossos antepassados! Legal! Vamos então até o seu irmão. Preciso ver isso de perto!

— NÃO! Não quero! Eu e meu irmão não nos entendemos muito bem. Não quero que minha família se envolva com isso. Se bem...

— Se bem o quê?

— Antes de ser atacado eu estava indo até ao meu avô que mora em *New York* e...

— Hum! *New York*! Eu estava lá. Desculpa. Pode continuar.

— ... ele falou que sabia de tudo sobre essas *armas* e pediu que fosse até ele para poder me esclarecer. Até então não sabia de nada.

— Entendi. Então vamos até seu avô. Talvez ele tenha as respostas que também estou à procura.

— NÃO! Acho que ele não é confiável. O *estranho*, antes de se transformar naquela *criatura*, me falou que conhecia meu avô.

— Compreendo. Tenho quase certeza de que a *criatura* também possui um *Ikihatsunukishi*. Quando estava batalhando com ele percebi que tínhamos a mesma *essência* do poder, sendo que a dele era muito sombria e negativa. As coisas estão ficando mais difíceis, mas o que acha de seguir comigo na minha missão? Estou aqui para tentar entender umas coisas sobre as quais meu avô não foi claro e encontrar outros iguais a nós. Pelo que sei, existem mais. Eu encontrei você que para minha sorte parece ser bom, mas a *criatura* que vim rastreando desde *Japão* se mostrou ao contrário.

— Rastreando? Como? Conseguiu senti-lo?

— Sim. Como sabe?

— Porque também consegui. Assim que ativei o *Ikihatsunukishi* me senti atraído por ele assim como da primeira vez que ativei. Sendo que da primeira vez eu o senti mais distante.

Mitsuaki ficou calado pensando sobre o que Romeo havia falado e ativou seu *Ikihatsunukishi*.

— Hã?! O que vai fazer? VOCÊ DISSE QUE NÃO IA ME MATAR! — gritou Romeo, apavorado.

— Se acalme! Não vou fazer nada com você! Fica quieto para eu poder me concentrar.

Mitsuaki fechou os olhos e ficou quase imóvel por uns dois minutos.

— Estou vendo.

— Vendo o quê? — perguntou Romeo, curioso.

— Quietos! Estou concentrado! Hum. Então é isso!

Romeo permaneceu calado. Mitsuaki desativou seu *Ikihatsunukishi*.

— Hum! Estranho!

— Estranho o quê? O que você fez?

— Estava rastreando a *criatura*. O que não estou conseguindo entender é por que não conseguimos sentir e ver os outros?

— Será que esses outros existem mesmo ou será que, se existiram, foram mortos?

— Isso é o que quero descobrir. Você está comigo?

Romeo não respondeu de imediato, mas analisando a situação em que se encontrava, sem muita opção e ainda querendo entender o que estava acontecendo respondeu:

— Ok. Vou lhe ajudar.

— Que ótimo porque precisamos partir!

— Partir para onde? — perguntou Romeo, preocupado.

— Vamos para *Roswell, New Mexico*.

— O que vamos fazer lá?

— Vamos atrás da *criatura*.

Romeo ficou pensativo e com medo de ter que enfrentar a *criatura* novamente, mas como ele aceitou a missão de acompanhá-lo...

— Como você sabe que ele está indo para lá? Você viu quando o rastreou?

— Exatamente. Nas visões eu o vi no aeroporto daqui embarcando em um voo para lá. Ele não era a *criatura* que vi. Ele estava transformado em humano. Parece até que ele quer que o sigamos.

— Entendi! É estranho! Como vamos para *Roswell*?

— Já acionei minha *AI* e ela já está vendo isso para gente. Devemos ir de avião.

— Avião? — pensou Romeo.

Essa aventura ia lhe custar todas suas economias ou até poderia não ser suficiente porque se realmente eles fossem atrás dos possíveis outros iguais a eles, os custos dessa busca seriam inimagináveis. Romeo ia fazer um comentário a respeito quando:

— Pronto. Partiremos amanhã de manhã bem cedo. Isso vai dar tempo para você descansar — disse Mitsuaki, empolgado.

— Ok. Mas devo ser sincero. Eu não posso pagar pela passagem.

— Fica tranquilo. A missão é minha, os custos são meus. Só quero que me acompanhe, o resto deixa comigo!

Romeo ficou surpreso e um tanto aliviado com o que Mitsuaki falou. Ele ficou imaginando se Mitsuaki era rico.

— Você mora onde no *Japão*? Eu conheço um pouco de lá. De vez em quando eu pegava meu *DI-Eyes* e explorava virtualmente algumas cidades japonesas.

— Moro em *Komatsu* na *Província de Ishikawa*.

— E sua família?

— Eu moro com meu avô. Meus pais moram em *Nagoya*, *Província de Aichi* e viajam quase toda semana pelo país a trabalho. Comecei a morar com meu avô desde que ele começou a me treinar para melhorar minhas habilidades com o manuseio do *Ikihatsunukishi*. E você?

— Eu moro com meu pai, que vive um pouco ausente devido a escala de trabalho embarcado dele, Clara, que trabalha lá em casa e meu irmão que, como já te falei, não me dou muito bem. Sou recente na família. Eu era do orfanato. Meu pai me descobriu há uns anos e foi me buscar. Ele ficou surpreso quando descobriu que tinha outro filho e gêmeo.

— Gêmeo? Você e seu irmão são gêm...

— Isso.

— Mas que história. Como vocês foram separados? Como deixaram isso acontecer?

— Minha mãe morreu no parto e meu pai estava embarcado. Essa história nunca ficou clara para mim e o que descobri há pouco tempo, vindo do meu pai, foi que quem me encontrou foi o meu avô.

— Estranho isso. Você falou que seu avô não era um cara confiável e que essa *criatura* que o atacou está envolvida com ele. Pode ser que seu avô tenha armado isso para separá-los. Como ele tem conhecimento do *Ikihatsunukishi* e você e seu irmão conseguem ativá-lo, pode ser que ele não quisesse vocês juntos.

— Já havia pensado nessa possibilidade depois que falei com meu avô na estação, mas como nunca pensei que o vovô pudesse ser mau a ponto de querer me ver morto logo descartei essa situação.

— Até certo ponto as coisas se encaixam, mas o que não consigo entender é por que ele só mandou te atacar agora?

Romeo ficou calado pensando sobre o avô com um olhar triste. Mitsuaki se levantou e foi até a mesa com pés de rodinha, que ainda estava cheia de comida e empurrou até a beira da cama onde Romeo estava.

— Vamos. Coma e descanse. Amanhã teremos muito que fazer.

Romeo foi saborear o excelente banquete e Mitsuaki voltou a ver filme. Romeo se lembrou do seu *Tab* novo e foi até a mochila para ver se ainda estava lá.

Remexeu na mochila até que o encontrou.

— Eu desliguei ele. Não sabia quem poderia entrar em contato enquanto você estava desmaiado. Aconselho a se livrar dele, já que seu avô não é de confiança. Pode ser que ele entre em contato de novo para persuadi-lo.

Romeo ficou pensativo olhando para o *Tab*.

— Você tem razão.

Ele com muito esforço partiu o *Tab* no meio que amassou igual a um pedaço de metal maleável. Mitsuaki desviou o olhar para o Romeo e voltou a ver o filme com um singelo sorriso.

— Então quer dizer que somos *Ikihatsunukishibem* — disse Romeo, achando engraçado.

— *Ikihatsunukishisen* — falou Mitsuaki, corrigindo-o.

Depois de um tempo, ambos pegaram no sono.

No dia seguinte bem cedo, às quatro da manhã de *segunda-feira*, Mitsuaki acordou e pediu para adiantar o café. Ele pegou seu *Ikihatsunukishi*, fechou os olhos e o ativou. Mitsuaki foi interrompido com a chegada do serviço de quarto que apareceu com um ótimo banquete. Romeo acordou com o delicioso aroma de um café fresquinho.

— Bom dia, Mitsuaki. Esse café parece estar bom!

— Vem tomar. Levanta.

Romeo se levantou cheio de energia e com muita fome.

— Nossa! Não estou sentindo as dores horríveis que estava sentindo ontem — disse Romeo, entusiasmado e confuso.

— Que bom! — respondeu Mitsuaki, com um sorriso sarcástico.

Romeo avançou e começou a comer como se não se alimentasse há dias.

— Vai devagar, Romeo.

Ele olhou para Mitsuaki envergonhado e começou a mastigar mais devagar.

— O voo está marcado para daqui a pouco, 5:15 da manhã, com uma parada em *Dallas, Texas*. Previsão de chegada 9:40 do horário de lá.

— Hã?! Está muito cedo ainda! Dormimos tarde ontem, mas parece que estava dormindo há dias.

Romeo continuou comendo e olhando com os olhos arregalados para Mitsuaki.

— Espero que a *criatura* fique por lá até a nossa chegada — disse Romeo, não muito confiante.

— Você tem razão, mas devemos chegar quase ao mesmo tempo. A *criatura* ontem parecia querer sair o mais rápido possível da *Philadelphia* e pegou o voo mais próximo. Pelo horário e momento que o vi nas visões era o último voo de ontem. Esse voo partiu às 9:15 da noite de ontem sendo que tinha duas paradas de mais de sete horas. Uma parada em *Boston* e outra em *Dallas*. A essa hora ele

ainda deve estar saindo de *Boston* e partindo para *Dallas*. A previsão de chegada dele a *Roswell* é bem próxima da nossa. Então a gente espera o melhor momento para interceptá-lo e conseguir arrancar o máximo de respostas possíveis dele! Tudo que ele sabe sobre os *Ikihatsunukishi* e o que está planejando!

— Parece um bom plano, mas perigoso. E se a *criatura* acabar nos matando?

— Está tudo sob controle. Ontem percebi que ele não era muito forte. Por isso que ele fugiu. E, com você do meu lado, é uma força a mais.

— Mas eu não tenho tantas habilidades quanto você!

— Não se preocupe! Depois dessa missão eu vou parar para te ajudar a treinar.

Romeo olhou para Mitsuaki não muito confiante, mas decidiu não questionar. Eles terminaram de comer, pegaram suas coisas e partiram. Um táxi os levou até o *Philadelphia International Airport*. Chegando, imediatamente embarcaram e logo depois o voo partiu.

Como previsto, eles chegaram às 9:41. Mitsuaki, analisando os voos que pousaram e que iam pousar percebeu que:

— *Droga!* Ele já chegou faz vinte minutos. Vamos! Precisamos encontrá-lo!

Mitsuaki chamou um táxi.

— Para onde vamos, senhores? — perguntou o taxista.

— Só um segundo — respondeu Mitsuaki.

Ele pegou seu *Ikihatsunukishi* e o ativou dentro do táxi, abrindo um rombo no teto do veículo. Romeo e o taxista levaram um enorme susto.

— O que é que estão fazendo? SAIAM!

— ROMEO, SEGURE O TAXISTA! Precisamos que ele nos leve para... calma... segue em frente. Ele não está muito longe e também está em um táxi.

— OUVIU O QUE ELE DISSE, VAI! — gritou Romeo.

— SAIAM DO MEU TÁXI AGORA! VOU CHAMAR A POLÍCIA!

Romeo pegou e ativou seu *Ikihatsunukishi* apontando para a cabeça do taxista.

— NÃO ESCUTOU? VAI! — gritou Romeo, nervoso.

Mitsuaki ficou concentrando enquanto acompanhava a *criatura* pelas visões. E Romeo ficou ameaçando o taxista para ele não sair do caminho. Romeo, para ter certeza de que o taxista não ia desviar, mandou o motorista ligar o GPS do carro. Eles foram acompanhando por *realidade aumentada* no vidro dianteiro do veículo.

— Que loucura que estamos fazendo! Vamos acabar presos! — pensou Romeo, assustado.

— Ele parou e saiu do táxi. Está indo em direção a uma casa velha.

— Me diga, Mitsuaki. Onde? FALA!

— Vire na próxima rua à direita e depois duas à esquerda!

— Hã?! Uma família? A *criatura* está encurralando uma família?!

Romeo olhou assustado para Mitsuaki.

— VAMOS! MAIS RÁPIDO! — gritou Romeo para o taxista.

O motorista acelerou e eles viram um outro táxi vindo da direção contrária. Rapidamente chegaram ao local.

— VAMOS, ROMEO! RÁPIDO PORQUE...

Mitsuaki e Romeo saíram rapidamente do veículo e o taxista deu meia volta. Eles correram em direção à casa, nos fundos, onde a *criatura* estava atacando a família. Eram dois jovens e um casal de idosos. A *criatura* havia segurado o velho pelo pescoço e atravessado o peito dele com seu braço eletrocutado.

— 糞! — gritou Mitsuaki, revoltado.

— Há! Há! Chegaram bem na hora! — disse a *criatura*, gargalhando.

— DO QUE ESTÁ FALANDO, SEU DEMÔNIO? — gritou Romeo, apavorado.

— Eu estava à espera de vocês e aqui será seus túmulos!



CAPÍTULO 13

QUEM SOU EU?

VICTOR

— Julie! Vamos! Já estamos ficando atrasados!

— Já estou indo, irmão!

Terminei de arrumar minhas coisas e apressei minha irmã novamente.

— VAMOS! — gritei, aborrecido.

— Já estou indo, garoto chato! — respondeu minha irmã, saindo do quarto dela.

— Vamos. Nossos avós estão nos aguardando. Pegou todas as suas coisas?

— Sim, peguei. Não tenho muitas coisas — disse Julie, com um olhar triste.

Desde a morte dos nossos pais que estamos morando com nossos avós paternos em *Brownfield, Texas*, mas de repente vovô decidiu se mudar e até agora não nos deu uma explicação convincente.

Havia acabado de completar dezesseis anos e minha irmã de treze anos tentou fazer um bolo para mim, mas solou. Claro que não reclamei e passei quase que todo o dia com ela vendo filme. Bom que tínhamos acabado de terminar o período letivo, pois seria um saco começar em outro lugar onde não íamos conhecer ninguém. Para mim não ia fazer muita diferença já que não tinha amigos por aqui, mas minha irmã era mais popular. Deixar tudo para trás era doloroso para ela, mas achava que já estava acostumada porque praticamente a cada dois anos, ou até menos, nossos avós se mudavam.

— Estamos prontos, vovô — falei, desanimado.

— Ótimo! Entrem!

Entramos na velha caminhonete do vovô. Ele estava levando só o essencial. Vovô partiu e minha mente processou em câmera lenta enquanto eu olhava para casa que moramos quase dois anos. Ainda estava bem cedo. Pegamos a estrada saindo de *Brownfield, Texas* e seguimos para *Tucson, Arizona*. Iniciamos nossa semana fazendo uma viagem sem volta.

Julie ainda estava com sono e adormeceu no colo da vovó no banco de trás. Depois de uns vinte minutos de viagem vovó também pegou no sono. Eu estava com vovô na frente.

— Vovô, preciso que seja sincero. O que está havendo?

Ele permaneceu calado por uns segundos.

— Já falei que sua avó não se adaptou ao último lugar.

— O senhor já falou isso. É sempre a mesma desculpa. Não é possível que a vovó, nos últimos sete anos, que me lembre, não tenha gostado de nenhum lugar. Nunca vi vovó reclamando de nada. A única coisa que percebi foi que o senhor tem agido estranho nos últimos meses. E, vovô? Eu ouvi a conversa que você e a vovó tiveram ontem à noite...

Vovô Nathan arregalou os olhos.

— É para o nosso bem!

— Mas que bem? O que está havendo? O senhor falou ontem com a vovó que antes íamos fazer uma parada em *Roswell*. O que vamos fazer lá? O que o senhor está escondendo?

— Não é para envolver vocês. Deixa isso para lá. Porque se não...

— Porque se não vou acabar que nem meu pai? — perguntei, ironicamente.

— Seu pai foi um idiota. Cansei de falar para ele não se meter...

— Então é isso. Papai e mamãe não morreram em um acidente de carro como vocês sempre falaram — falei, com lágrimas escorrendo no rosto.

Vovô permaneceu calado por um tempo. Minha vontade era de pegar minha irmã e sumir, mas...

— Por quê? Por quê? Por que nunca contou a verdade?

— Já lhe falei. Era para protegê-los!

— Proteger de quê?

— Quando for a hora você vai saber.

— Fale agora!

— NÃO!

A vovó acordou com o grito do vovô.

— O que está havendo? Tudo bem?

Permanecemos calados por uns segundos.

— Está tudo bem, Amy — disse vovô.

Seguimos em silêncio e depois de algumas horas de viagem, chegamos em *Roswell*. Paramos em uma velha casa que parecia não ter ninguém há anos. Vovô foi até os fundos, entrou na casa sozinho e pediu para aguardarmos do lado de fora. Ouvimos uns barulhos estranhos de dentro da casa. Olhei pela janela empoeirada para ver se ele estava bem, quando a porta se abriu.

— Vamos embora!

Vovô estava com uma velha e pequena caixa de madeira e uma mochila daquelas antigas bem surrada. Quando ia perguntar o que era um homem estranho se aproximou.

— Excelente, Nathan! Você encontrou o que vim buscar. Me entregue!

— Quem é você? Do que você está falando? — disse vovô, recuando.

O senhor estranho começou a se aproximar dele. Vovô recuou mais bruscamente e puxou uma pistola.

— SE AFASTE! — gritou vovô, assustado, apontando a pistola para o estranho. Vovô agarrou a Julie pelo braço e se afastou. Eu fiquei imóvel, sem reação.

— Você fugiu a vida toda para não acabar como seu filho inútil e no final veio parar no mesmo lugar! Aqui também será seu túmulo, Nathan!

O senhor estranho começou a emanar raios por todo seu corpo e se transformou em uma *criatura* horrível. Um tipo de *demônio* ou *fera mutante*. Eu continuei imóvel. A *criatura* demoníaca foi para cima do meu avô e o atacou. O golpe o arremessou longe. Sem saber o que fazer, só observei a cena que parecia um filme de terror. A *criatura* foi até onde vovô caiu e o segurou pelo pescoço.

— Você é um tolo, Nathan! MORRA!

A *criatura* atravessou, com o seu braço, que parecia estar eletrocutado, o peito do meu avô. Arregalei os olhos apavorado. Um ódio começou a fluir por todo meu corpo, mas não conseguia mover um dedo. Parecia um gatinho amedrontado e acuado.

Dois garotos apareceram segurando algo que parecia *espadas* estranhas. Era um garoto loiro e um chinês, japonês ou coreano, sei lá!

O garoto oriental gritou algo que não entendi:

— 糞!

— Há! Há! Chegaram bem na hora! — disse a *criatura*, gargalhando.

— DO QUE ESTÁ FALANDO, SEU DEMÔNIO? — gritou o garoto loiro, parecendo apavorado.

A *criatura* demoníaca olhou para eles parecendo satisfeita e respondeu:

— Eu estava à espera de vocês e aqui será seus túmulos!



CAPÍTULO 14

AJUDA INESPERADA

ROMEO MITSUAKI VICTOR

A *fera* demoníaca largou Nathan e partiu para cima de Romeo e Mitsuaki. Romeo se afastou e Mitsuaki abriu o chão aos pés da *criatura*. Ela caiu no buraco, que o cobriu. Romeo tentou congelá-lo ali dentro, mas a *criatura* lançou raios em todas as direções ofuscando a visão de quem estava próximo. Ela saiu do buraco e foi para cima do Romeo com seu braço emitindo diversas faíscas, como se estivesse em curto. Romeo foi arremessado longe. Mitsuaki pulou e tentou atacar a *criatura* pelas costas, mas ela se virou rapidamente, acertando-o em cheio. Ele caiu sentindo muita dor, como se tivesse sido atropelado por um carro em alta velocidade. A dor era tanta que não conseguiu mais se mover. A *criatura* direcionou um golpe para a cabeça do Mitsuaki, mas foi impedido a tempo por Romeo, que conseguiu congelar o braço da *fera*.

— Você está melhorando garoto, mas isso não será o suficiente — disse a *criatura*, surpresa.

Ela derreteu o gelo que envolvia seu braço facilmente com um curto-circuito. Essa energia elétrica se condensou em algo que parecia uma *espada* e a *fera* demoníaca atacou Romeo. Ele conseguiu se defender com seu *Ikihatsunukishi* por sorte, mas o contato o fez se eletrocutar. Romeo caiu, mas logo se levantou com muito custo e sentindo muita dor. Mitsuaki também se levantou e se esforçando muito para ficar de pé, gritou:

— VOCÊ NÃO VAI ME DERROTAR ASSIM TÃO FACILMENTE!

A *criatura* olhou para eles e começou a rir. Um *drone de transporte* se aproximou rapidamente.

— Vocês têm garra, mas não o suficiente! Vou adiar a morte de vocês, mas seus *Ikihatsunukishi* ainda serão meus!

A *criatura* se afastou rapidamente, pegou *as coisas* que Nathan tirou da velha casa e embarcou no *drone*. Diversos carros de polícia chegaram e antes que algum policial saísse do carro Romeo e Mitsuaki desativaram seus *Ikihatsunukishi*. Victor ainda se encontrava imóvel e apavorado. Amy e Julia estavam abraçadas e

chorando, muito assustadas. Os policiais cercaram todos eles apontando suas armas, prontos para atirarem.

— RENDAM-SE E DEITEM NO CHÃO! AGORA! — gritou um dos policiais.

Mitsuaki desmaiou e a última coisa que viu foi o taxista que eles sequestraram, no meio dos policiais e que parecia falar algo, revoltado. Romeo tentou ajudar Mitsuaki, mas um disparo próximo a eles o fez permanecer no mesmo lugar. Ele se deitou no chão e pôs as mãos na cabeça.

Enquanto os policiais se aproximavam cautelosamente para prendê-los, Romeo observava Mitsuaki que estava caído e desacordado. Mil coisas sobre o que poderia acontecer depois transtornaram sua mente naquele momento. Todos foram algemados. Victor ficou com raiva quando viu sua irmã e sua avó sendo algemadas, mas ele tentava e não conseguia se mover. Ele se sentiu um inútil naquele momento e foi levado junto com Romeo em uma das viaturas. Sua irmã e avó foram levadas em outra.

Mitsuaki e Nathan foram analisados por paramédicos que chegaram minutos depois e foram levados pela ambulância, acompanhados por policiais e diversas viaturas que os escoltaram para a delegacia.

Chegando à delegacia, Romeo e Victor foram levados para mesma cela e Julie com sua avó foram levadas para uma sala onde seriam interrogadas. Mitsuaki ainda se encontrava desmaiado, aos cuidados dos paramédicos, algemado e vigiado por quatro policiais fortemente armados.

Na cela, Victor se encontrava sentado no chão bem ao fundo. Romeo estava em pé de cabeça baixa segurando as grades quando foi para trás e se abaixou ao lado do Victor.

— Tudo bem com você? Me chamo Romeo.

Na cela fria, em que somente tinha uma lâmpada de trinta watts para iluminar, Romeo tentou conversar com Victor, mas foi ignorado. Logo em seguida Romeo percebeu que a pergunta que fez foi insensível. O velho senhor que foi morto devia ser algum parente próximo. Depois de um bom tempo Romeo falou:

— Entendo que não queira conversar na situação em que nos encontramos. Lamento pela sua perda.

Mais uma vez Romeo foi ignorado. Depois de um tempo em silêncio:

— Era me... u aaavô — disse Victor, gaguejando.

— Compreendo. Lamento pela perda.

— Me chamo Vic... tor...

— Não entendi.

— Me... chamo Victor.

— Prazer! Romeo.

— Como nos acharam? Quem são vocês? O que queriam lá?

— Não sei se você vai entender, mas eu e Mitsuaki estávamos atrás da *criatura* que os atacaram. Nós temos... tínhamos, porque agora está confiscada pelos policiais, uma *arma* especial que de alguma forma estava conectada com a *criatura* e assim conseguimos rastreá-la até aqui. Ela também me atacou antes, na minha cidade, mas Mitsuaki me salvou.

— Entendi. O ninja.

— Sim. Ele mesmo! — disse Romeo, rindo.

— Por que não o impediram antes? Então por culpa de vocês que meu avô morreu. ME DIGA, O QUE QUEREM COM A GENTE? — perguntou Victor, em um tom de voz alto.

— Me desculpe, mas não sabíamos que a *criatura* estava vindo atrás de vocês. Nossa missão era, em princípio, encontrá-lo e tentar arrancar umas informações dele. Queríamos saber o que ele sabia sobre os *Ikihatsunukishi*. Quando fui atacado ele tentou roubar o meu.

— *Iki... Tsu...* o quê?

— *Ikihatsunukishi*. Essas *armas* especiais que lhe falei.

— É aquilo que vocês usaram para lutar contra a *criatura*?

— Exatamente.

— Eu fui fraco. Não consegui nem sair do lugar. A culpa então foi toda minha. Devia ter feito alguma coisa — disse Victor, chorando.

— Não foi culpa sua e você também não poderia ter feito nada. Aquela *criatura* possuía algum tipo de poder estranho e muito forte. Se Mitsuaki que é mais experiente com esse *lance* de saber usar o *Ikihatsunukishi* não conseguiu detê-lo eu muito menos teria alguma chance e você então...

— Eu sei. Eu sou um inútil.

— Para, cara! Você não é um inútil! Estamos lidando com alguma coisa poderosa que nem eu mesmo compreendo. Tudo isso para mim está sendo novidade. Se eu te contar o que vem acontecendo comigo nos últimos dias você não vai nem acreditar!

— O que vem acontecendo? — perguntou Victor, curioso e ainda com olhos cheios de lágrimas.

— É uma longa história.

— Pode contar porque acho que não vamos sair tão cedo daqui.

Romeo ficou em silêncio. Apesar de estar parecendo mais calmo do que Victor ele estava inquieto e assustado com a situação. Solto um suspiro.

— Você tem razão. Tudo começou...

— Olá, Romeo! Tudo bem com você? Vamos embora! — disse Mitsuaki, do lado de fora da cela.

Romeo se levantou rapidamente e correu até a grade:

— Como é possível? Você fugiu?

Logo em seguida apareceu um policial e um senhor. Romeo olhava para os dois sem entender nada.

— O que está acontecendo?

— Esse senhor nos ajudou. Ele esclareceu as coisas e está aqui para nos levar embora.

O policial abriu a porta da cela.

— Vamos! Estão liberados! — disse o policial.

Romeo saiu, mas Victor permaneceu sentado ao fundo da cela.

— Falei para os dois saírem — disse o policial, parecendo não muito satisfeito.

Romeo voltou e foi até o Victor e estendeu uma das mãos.

— Vamos, meu amigo — disse Romeo, parecendo aliviado.

Victor no início pareceu ignorá-lo, mas logo estendeu a mão e Romeo o segurou, ajudando-o a se levantar. Eles saíram e acompanharam o policial. Romeo ficou olhando, tentando entender quem era o senhor que estava ajudando. Ele imaginou que devia ser algum parente americano importante do Mistuaki, mas era estranho porque ele não havia mencionado até o momento que conhecia alguém no país.

— Está aqui. Peguem suas coisas — disse um outro policial, que colocou, sobre a mesa, uma caixa com os pertences deles.

Romeo e Mitsuaki pegaram suas coisas e pela surpresa deles seus *Ikihatsunukishi* estavam também. Um *Tab P* ficou na caixa.

— Esse *Tab P* não é seu, não? — perguntou Romeo ao Mitsuaki.

— Não é meu — respondeu Mistuaki, pensativo.

— É meu — disse Victor, pegando seu *Tab P* na caixa.

O policial se aproximou.

— Obrigado, Sr. Leecker. Podem ir agora.

— E o Victor? Onde está a família dele? — perguntou Romeo.

— Eles vão ter que ficar mais um pouco por causa da morte do Nathan. Já foi explicado que foi acidente. Ele estava mexendo com alta tensão e foi eletrocutado — disse o policial.

Romeo e Mitsuaki trocaram olhares como se não estivessem entendendo nada.

— Vamos! — disse o Sr. Leecker.

Mitsuaki o acompanhou e Romeo hesitou por um momento.

— Só um instante.

Ele se aproximou do Victor, estendendo as mãos.

— Vai ficar tudo bem. Se precisar, pode entrar em contato.

Victor estendeu a mão e apertou a do Romeo. Ele deixou os *seus contatos* com Victor e partiu com Mitsuaki e o Sr. Leecker. Um carro os aguardava na saída. Eles entraram e partiram. Mitsuaki perguntou:

— Agora me responda. Por que está nos ajudando?

— Porque sei de tudo e posso dar algumas respostas para as perguntas de vocês.

A pergunta que Romeo fez para si mesmo, se o Sr. Leecker era algum parente do Mitsuaki, havia sido respondida.

— Para onde estamos indo, Sr. Leecker? — indagou Romeo.

— Não se preocupem que logo saberão e pode me chamar de Sr. Donovan. Esse é meu primeiro nome.

Romeo arregalou os olhos e gritou apavorado:

— PAREM ESSE CARRO AGORA!

— O que foi Romeo?! — perguntou Mitsuaki, assustado.

— FOI ELE QUEM ME LIGOU ANTES DE EU SER ATACADO PELA *CRIATURA*! ELE E A *FERA* DEMONÍACA ESTÃO JUNTOS! VAMOS SAIR DAQUI! — gritou Romeo, forçando Mitsuaki a sair do carro.

— SE ACALME, ROMEO! NÃO ESTOU AQUI PARA FERI-LO! — disse Sr. Donovan, com um tom de voz alto e firme.

— Se acalme, Romeo. Acho que ele está falando a verdade. Porque senão, a essa altura, já teria nos matado! — disse Mitsuaki.

— Você foi enganado, Romeo. Quando entrei em contato com você era para ajudá-lo. Sei de tudo a respeito desse objeto perigoso que parece ser mágico e que está com você. Estou aqui para ajudá-lo a entender e dominar seu uso.

— Por que eu deveria confiar em você? — perguntou Romeo, acuado.

— Porque posso esclarecer algumas coisas sobre o seu passado.

Romeo arregalou os olhos surpreso e permaneceu quieto com a cabeça baixa como se tivesse aceitado as condições.

— O que o senhor sabe sobre os *Ikihatsunukishi*? — perguntou Mitsuaki.

— Quando chegarmos vou responder todas as perguntas de vocês. Eu não vou forçar vocês a nada. Se quiserem ir embora eu peço para parar o carro agora e vocês podem ir, mas se querem ter as respostas que estão procurando, podem confiar que lhes darei todas. A decisão é de vocês — respondeu Sr. Donovan, com ar de confiança.

Os garotos permaneceram calados. Romeo levantou a cabeça e olhou para Mitsuaki.

— O que você acha? Vamos correr o risco?

— Acho que nunca estivemos tão próximos da verdade. Se não fosse por ele a gente estaria bem ferrado e ainda presos.

No fundo o que Romeo queria era sair dali por conta própria. Sua confiança nas pessoas já estava bem comprometida e confiar em um estranho não seria a melhor das opções. Ele se lembrou que o Sr. Donovan conhecia o seu avô Charles e perguntou a ele:

— E o meu avô? O que ele tem a ver com tudo isso?

— Ele é um velho e grande amigo meu.

Romeo olhou para Mitsuaki e acenou com a cabeça, confirmando que o acompanharia. Sr. Donovan olhou para Romeo através do espelho do carro e deu um sorriso. Eles chegaram até o *Roswell International Air Center* onde lhes aguardavam um *drone de transporte*.

— Que legal! — disse Mitsuaki, olhando para a aeronave.

Eles embarcaram e o *drone* levantou voo.

Enquanto isso, ainda na delegacia, Victor aguardava a burocracia para liberar o corpo do avô para realizar o enterro. Ele ainda estava inconformado com a morte do avô e a conclusão de que ele havia morrido eletrocutado por estar mexendo com alta voltagem foi ridícula e um tanto estranha, mas como ele estava cansado e queria sair dali o quanto antes, não relatou nenhum detalhe do que realmente havia acontecido. Ele reencontrou a avó e sua irmã que chegaram abraçando-o com força e chorando.

— Tudo bem, Julie. Já vamos sair daqui — falou Victor, aos prantos e aliviado por ver que a irmã e a avó estavam bem.

— Vamos, meu neto. Já liberaram o corpo do seu avô. Não vamos mais para *Tucson*. Vamos voltar para *Brownfield* e lá realizaremos o enterro.

— Tudo bem, vovó. Vamos.

Antes de saírem, Victor pegou na mão da irmã para partirem. Quando estavam chegando na saída uns militares chegaram e um oficial disse:

— Vocês, me acompanhem.

O policial se aproximou e perguntou:

— O que está havendo? Eles já foram liberados.

— Eles estão sob minha custódia agora. Afastem-se, policial. Eu assumo daqui para frente.

O policial se afastou com cautela e Julie começou a chorar.

— O que está havendo? Já foi tudo esclarecido — falou Victor, assustado.

— Venham agora. Quando for a hora deixaremos que façam as perguntas — falou o oficial.

— E o meu avô?

— O corpo já está sob nossos cuidados. AGORA VAMOS! — gritou o oficial, impaciente.

Os militares forçaram a família a acompanhá-los e todos foram escoltados até a viatura que os levou para alguma das diversas bases existentes no mapa — ou não.



CAPÍTULO 15

O CARRO PRETO

ROGER

Acordei perfeitamente bem e tomei um bom banho para despertar totalmente. Era *segunda-feira* e queria aproveitar bem o dia. Meu *Tab P* tocou enquanto estava me secando. Corri para ver e era Desirée.

— Bom dia, meu anjo! Tudo bem?

— Bom dia, amor! Tudo bem! Te liguei mais cedo e você não atendeu. Imaginei que ainda estivesse dormindo e deixei para ligar depois. Quais os planos para hoje? O dia está lindo!

— Bem que podíamos ir viajar! Curtir as praias da *Florida* e aproveitar bem o verão. Estava querendo pegar umas ondas!

— Seria ótimo, mas minha tia não me deixaria viajar com você.

— Realmente — falei, desapontado.

— Se bem que...

— O quê? O que tem em mente?

— Tem uma prima da minha tia que mora na *Florida*. Podia falar que ia passar uns dias lá.

— Excelente! Seria perfeito... Vamos, então! Vou arrumar minhas coisas, reservar a estadia e à tarde partimos.

— Tudo bem, amor! Vou lá falar com minha tia. Beijos! Te amo!

— Te amo também. Até!

Essa ideia de ir viajar havia me deixado muito empolgado. Arrumei minhas coisas. Reservei o melhor lugar para passar os dias e comprei as passagens. Não ia poder esbanjar porque havia gastado metade das minhas economias com as alianças de noivado.

— Bem que podia aproveitar a situação e fazer o que deveria ter feito antes — pensei.

Mandeí mensagem para Desirée avisando o local de encontro. Ela não me respondeu de imediato. Larguei o *Tab P* na cama e descí.

O *Tab TV* estava ligado e passando noticiário. Quando ia entrar na cozinha me deparei com uma cena inusitada. Meu pai e Clara estavam aos beijos. Fiquei

imóvel por uns segundos olhando aquela cena um tanto estranha. Dei meia volta envergonhado e resolvi retornar para meu quarto. Enquanto subia as escadas ouvi um:

— Bom dia, Roger! Não vai tomar café? — perguntou meu pai, com um enorme sorriso.

— Sim. Eu vou. Só vou pegar meu *Tab P* que esqueci.

— Ok, estamos te aguardando na cozinha.

Entrei no meu quarto, peguei meu *Tab P* e desci. Meu pai e Clara estavam sentados à mesa que estava arrumada com um belo café da manhã. Eu sentei e comecei tomando um suco de laranja. Clara e meu pai estavam me olhando como se quisessem me dizer algo.

— Pai... — Filho... — dissemos, ao mesmo tempo.

— Pode falar, filho.

— Vocês não vão tomar café da manhã?

— Já tomamos. Pode aproveitar.

Continuei e peguei umas torradas e enquanto passava geleia, percebi que meu pai e Clara não tiravam os olhos de mim.

— O que está havendo? Querem me dizer algo? — perguntei me sentindo coagido.

— É... que... eu e Clara temos algo para lhe dizer.

Estava na cara envergonhada deles o que queriam falar. Tentei fazer cara de surpreso, mas...

— O que é? — perguntei, sem expressar curiosidade.

— Sabe, Roger. Clara já está há tanto tempo com a gente. E... acho... na verdade estamos tendo um relacionamento mais próximo. E...

— Estão *ficando* — cortei meu pai.

— Pode-se dizer que sim — disse meu pai, envergonhado.

Clara ficou me olhando constrangida, esperando o que eu ia dizer.

— Que legal! Fico feliz por vocês!

Meu pai deu um sorriso de satisfação e Clara abaixou a cabeça parecendo aliviada.

— Que bom que gostou! — disse meu pai.

Eu dei um sorriso tentando disfarçar, pois lembrei que há alguns minutos eles estavam se beijando. Enquanto terminava de tomar meu café eles ficaram se olhando e olhando para mim como se estivessem esperando eu dizer mais alguma coisa. Terminei, pedi licença e subi para meu quarto. Fechei a porta, mas voltei porque tinha esquecido de falar com meu pai sobre a viagem. Quando ia descer ele estava subindo.

— Pai, preciso falar com você.

— Sim. Vem, filho.

Entramos no quarto dele. Ele sentou na cama.

— Quer falar sobre a Clara. Você não gostou da ideia que estarmos juntos?

— Hã?! Não, pai. Não é isso. Eu realmente gostei de saber que estão juntos. O senhor estava precisando de uma companhia amorosa. Nunca ficou com ninguém desde que mamãe morreu. Passaram-se dezessete anos e eu nunca o vi se envolvendo com alguém. Sempre torci para o senhor encontrar alguém legal. Só foi uma surpresa porque nunca imaginei que essa pessoa seria a Clara. Até que ela foi uma boa escolha. Ela está com a gente há tanto tempo que eu já a considero como minha mãe. Só nunca falei isso antes.

Meu pai sorriu de felicidade. Uma lágrima do seu olho esquerdo escorreu e ele se levantou para me abraçar. Eu o abracei.

— Pai, ainda preciso falar com o senhor.

— O que quer falar, meu filho? — perguntou meu pai, receoso.

— É que estou querendo ir para a *Florida* curtir o verão. Já até reservei o lugar onde vou ficar. Estou precisando relaxar e pegar umas ondas. Não será por muito tempo. Logo estarei de volta ainda mais porque o senhor logo voltará a embarcar.

— Ah, tá! Ok! Está tudo bem! Vai lá curtir suas férias de verão. Só entra em contato quando chegar lá — disse meu pai, parecendo aliviado.

— Ok, pai!

Ele pegou seu *Tab Paper* e foi ler alguma coisa que não vi o que era e eu voltei para o meu quarto. Junto com o local de encontro, também havia mandado o horário para Desirée que seria 12:40. Enquanto não dava a hora fui *jogar on-line*, mas antes olhei meu *Tab P* e vi que ela ainda não tinha respondido minha mensagem.

— Estranho — pensei.

Desirée nunca demorou mais do que trinta minutos para me responder, mas imaginei que ela poderia estar ocupada com algo importante e iniciei meu jogo.

Sem perceber a hora passou e já estava atrasado para partir. Olhei no *Tab P* para saber da Desirée. Ela ainda não havia respondido, mas tinha visualizado minha mensagem. Entrei em contato e Desirée não atendeu.

— Ela deve estar despistando a tia — imaginei.

Segui o combinado de nos encontrarmos no local marcado já que ela havia visualizado minha mensagem. Peguei minhas coisas e desci correndo. Meu pai e Clara estavam na cozinha terminando de arrumar a mesa.

— Vem almoçar, Roger! Já está pronto — disse meu pai.

— Não vou querer, pai! Já estou atrasado. Semana que vem estou de volta. Até!

— Até mais, filho! Boas férias! — disse ele.

— Até mais, Roger! Chegando lá, ligue para nós! — disse Clara.

— Ok! Até!

Parei na frente de casa e pedi um *transporte rápido*. Em menos de dois minutos chegou e quando eu ia entrar no carro:

— Hã?! Desirée? O que faz aqui? Você havia visualizado minha mensagem. Achei que me encontraria no local combinado.

— Vem, Roger! Preciso falar com você urgente.

— Mas já estamos atrasados.

— VENHA, ROGER! AGORA! — disse Desirée, em um tom de voz alto.

Ela estava com cara de choro. Dispensei o motorista e a acompanhei. Ela parou.

— Não poderei viajar com você — disse Desirée, chorando.

— Mas por quê, meu anjo? Sua tia descobriu nosso plano e não deixou?

— Não é por causa disso — falou Desirée, aumentando o choro.

Eu a abracei e tentei consolá-la e perguntei:

— Mas o que houve então, meu anjo?

Ela, aos prantos, não correspondeu ao meu abraço e se afastou dizendo:

— Temos que terminar!

Fiquei sem reação com o que ela disse. Demorei a entender e perguntei:

— O que você disse?

— Precisamos terminar.

— Mas por quê? O que houve? O que eu fiz?

— Você não fez nada.

— ENTÃO ME EXPLICA! — disse, alterando a voz.

— Eu te traí.

Não acreditei no que ela havia me falado. Um ódio tomou conta de mim. Minha vontade era gritar com ela e expor toda minha raiva, mas fiquei imóvel como um otário sem reação. Tentei falar.

— Mas por que fez isso? Eu não sou suficiente para você? Isso é vingança por causa das últimas brigas que tivemos? RESPONDE!

Desirée permaneceu calada, chorando muito.

— Me perdoe.

Ela se virou e foi embora. Eu fui atrás dela e a segurei pelo braço.

— Pelo menos me diz com quem foi! Eu tenho o direito de saber!

— Não vai fazer diferença.

Ela se soltou e saiu correndo. Eu permaneci imóvel ainda não acreditando no que estava acontecendo. Minha vontade era de gritar de raiva, mas sentei no banco da praça e fiquei olhando para o nada por um bom tempo, tentando entender o que havia levado a Desirée fazer isso. Me sentia um inútil. Por certos momentos admiti para mim mesmo que eu a havia magoado, mas nunca cheguei a traí-la, como ela fez comigo. Eram sempre brigas causadas por desentendimentos bobos.

Vi que já tinha perdido a hora. Sem saber o que fazer, comecei a andar sem rumo. Parado no sinal, aguardando para poder atravessar, um carro preto parou bem ao meu lado. Não dava para ver quem dirigia por causa do vidro escuro. Olhei para o semáforo e vi que estava vermelho para os carros. Atravessei e segui meu caminho sem destino.

Dobrei a esquina e, quando olhei para o lado, vi que o mesmo carro que havia parado do meu lado andava devagar, como se estivesse me acompanhando. Comecei a achar estranho e apertei o passo, mas o veículo começou a andar mais rápido. Olhei para trás e de repente comecei a correr. O carro acelerou. Dobrei à direita na esquina à frente. No desespero de fugir e olhar para trás, acabei tropeçando em alguém.

— Me desculpe, senhor! — disse, amedrontado e querendo desaparecer.

— Roger!

— Hã? Conheço o senhor! É o vizinho, senhor...

— Wood. Rougan Wood.

— Isso! — disse, sem ter certeza por estar atordoado com a trombada.

— Está tudo bem? Parece assustado.

Nesse momento percebi que o carro preto havia sumido. Ele devia ter desistido de me perseguir.

— Está tudo bem, sim — disse, tentando disfarçar do susto que tive.

— Ok, então. Está indo para casa? Porque se estiver eu estou indo também e, se quiser, pode vir comigo.

Eu nem sabia na verdade para onde estava indo. No fundo queria ficar sozinho. Aquele carro preto me perseguindo foi assustador. Parecia que alguém queria me sequestrar. Lembrei que na *semana passada* um carro preto bem parecido também havia tido uma atitude estranha quando passou por mim.

— Será que era o mesmo? — me perguntei, mentalmente.

Resolvi voltar para casa acompanhado pelo Sr. Wood.

— Ok. Eu vou com o senhor.

Eu o acompanhei até em casa praticamente em silêncio. Quase chegando o Sr. Wood me perguntou:

— Como vai seu irmão? Vocês não brigaram novamente, como daquela vez que separei vocês? Brigaram?

Essa pergunta me fez lembrar do desentendimento que tive com o Romeo ontem depois do almoço, quando ele quase me matou com aquela *arma* estranha.

— Não — respondi, de cabeça baixa.

— Que bom!

Levantei a cabeça e vi que o Sr. Wood estava rindo.

— O que foi engraçado?

— Não. É que lembrei de uma piada.

Fiquei olhando para Sr. Wood sem entender.

— Será que ele estava debochando de mim? — imaginei.

Chegamos e o Sr. Wood perguntou:

— Você está com pressa?

— Não. Por quê?

— Vamos até minha casa. Estou precisando conversar com alguém.

Não estava no clima para conversar com ninguém, mas como não queria ainda ir para casa, aceitei o convite. O senhor Wood já era vizinho há um bom tempo. Sempre o via andando pela vizinhança sozinho, mas nunca havia trocado uma palavra com ele.

— Vamos, entre. Pode ficar à vontade. Deixe a mochila ali no canto. Já almoçou?

Estava cheio de fome, mas não queria incomodar.

— Ainda não almocei.

— Ok. Vou preparar algo para gente comer. Vem comigo para a cozinha.

Eu o acompanhei e me sentei. Ele foi preparar o almoço.

— Eu não tenho muita habilidade na cozinha, mas vou tentar dar o meu melhor aqui.

— Não se preocupe, Sr. Wood. O que tiver já estará excelente.

O cheiro bom começou a aumentar ainda mais minha fome. Em poucos minutos o almoço já estava pronto e a mesa arrumada. Iniciamos e eu comi desesperado de fome.

— Hum! Está ótimo, Sr. Wood!

— Que bom que gostou. Já fazia tempo que não tinha uma companhia para almoçar.

— Legal, mas o senhor não tem nenhum parente por perto ou até mesmo que more com o senhor aqui?

— Aqui, não. Moro sozinho desde que minha esposa faleceu.

— Hum! Compreendo. Me desculpe!

— Nada. Está tudo bem. Tem o meu irmão, mas ele mora em outro país.

— Entendi.

Terminamos de almoçar e fomos para a sala. Lá o Sr. Wood foi se espreguiçar no sofá e eu:

— O que queria conver...

— Só um instante, Roger. Vou atender uma chamada.

Sr. Wood atendeu e se levantou. Ele saiu e depois de cerca de cinco minutos retornou:

— Senta aqui, Roger. Tenho muitas coisas para lhe esclarecer.

— Que coisas?

— Coisas sobre seu passado.

Fiquei sem entender nada.

— O que ele poderia saber do meu passado que eu já não soubesse? — me perguntei, por várias vezes, em uma fração de segundos.

A situação estava começando a ficar estranha, mas curioso, sentei ao lado dele no sofá e aguardei para saber o que ele tinha para me dizer.



CAPÍTULO 16

NÃO ME ABANDONEM

DESIRÉE

Meu coração doía como se tivesse sido apunhalado por uma lança envenenada. Corri sem parar de volta para casa. Olhei para trás para saber se Roger não estava vindo atrás. Meu coração desejava que ele viesse atrás, mas minha razão queria que o abandonasse para não fazê-lo sofrer.

Cheguei em casa e fui direto para meu quarto. Minha tia bateu na porta.

— Abra essa porta, Desirée.

Ignorei, me joguei na cama e continuei chorando.

— ABRA ESSA PORTA, AGORA!

Levantei furiosa e abri.

— VOCÊ ME RESPEITE, GAROTA. NÃO SOU SUA MÃE!

— Realmente não é!

Tia Naleah ficou mais furiosa e me deu um tapa no rosto. Deitei na minha cama e não parei de chorar.

— TRATE DE ARRUMAR SUAS COISAS QUE VAMOS PARTIR AMANHÃ CEDO. ESPERO NÃO TER QUE VIR AQUI REPETIR ISSO! MAIS TARDE IREMOS PARA O CULTO DE AGRADECIMENTO DE INÍCIO DE SEMANA.

Minha tia saiu do quarto e bateu à porta. Estava odiando-a cada dia mais. Não aguentava nem mais ir para os cultos com ela. Minha tia estava insuportável.

Depois de horas chorando levantei e fui tomar um banho. Peguei meu *Tab P* e comecei a apagar todas as fotos e *registros on-line* meus com Roger. Cada foto apagada era uma apunhalada no coração. Voltei a chorar desesperadamente. Ativei minha *AI* e ela terminou de fazer o restante. Devia ter pedido que ela fizesse isso desde começo, mas queria ver pela última vez todas as lembranças boas que tivemos. De repente a porta se abriu bruscamente.

— VÁ SE ARRUMAR. VAMOS SAIR AGORA PORQUE TENHO MUITAS COISAS PARA RESOLVER NA IGREJA ANTES DE PARTIR. NÃO DEMORE!

Era minha tia nojenta que depois de gritar saiu e bateu à porta novamente. Sem muita escolha me arrumei sem demora e fui até ela.

— Muito bem. Vamos, Desirée! — disse minha tia, sem olhar para mim.

Sáímos e fomos até a garagem pegar o carro dela. Partimos e depois de uns vinte minutos já estávamos na igreja. Algumas das minhas colegas estavam lá. Eu estava com maior cara de choro e não queria conversar, mas precisava me despedir delas. Fui até as meninas.

— Olá, Violet — disse, já começando a chorar.

— Não chore, amiga. O que houve?

Demorei a responder, mas...

— Vim me despedir.

— Despedir por quê? Vai mudar de igreja?

— Não, necessariamente. Vou embora da cidade.

— Puxa, amiga! Que pena! Vamos sentir muito sua falta!

— Sim, vamos! — disse Isabel.

— Vão se mudar para onde? — perguntou Haven.

— Vamos para...

— DESIRÉE, VENHA AQUI! — gritou minha tia.

— Amigas... Depois conversamos.

Fui correndo até ela.

— Pois não, tia?

— Venha me ajudar. Tem muita coisa para fazer e preciso finalizar isso hoje.

— Tudo bem.

Minha tia tinha muitas responsabilidades na igreja. Ela precisava transferir cada umas das funções que desempenhava para outros membros, já que íamos embora. Ficamos todo fim de tarde até quase dez da noite passando as coisas. Nem consegui me despedir direito de ninguém porque quando terminamos, quase todo mundo já havia ido embora.

Voltamos para casa e ainda tinha que arrumar minhas coisas porque partiríamos pela manhã bem cedo. Chegando, fui direto para o meu quarto preparar as malas. Terminei e quando fui ver as horas, para minha surpresa já eram 2:45 da manhã. Nem tinha percebido o tempo passar. Estava cheia de fome e com dor de cabeça. Tomei um analgésico e fui até a cozinha para comer algo. Havia um lembrete da minha tia no *display* da geladeira.

Tem comida. Só pegar e esquentar.

Quando fui ver era um prato arrumado.

— Até que ela conseguia ser boa além da vida na igreja de vez em quando — pensei, rindo sarcasticamente.

Sentei na mesa da sala de jantar e comi sozinha. Estava muito triste e a única coisa que me iluminava era a luz fraca vinda da rua. Lembrei da falta que faziam

meus pais. Eles eram arqueólogos e morreram em um desmoronamento em uma das explorações deles. Desde então, com seis anos, vim morar com minha tia. A irmã mais velha da minha mãe.

Tia Naleah nunca teve filhos e eu ficava imaginando se isso era devido à chatices dela, que nenhum homem aguentaria. Terminei, lavei meu prato e um pouco das coisas que havia na pia. A lavadora de louça havia quebrado há um mês e minha tia não comprou uma nova porque veio do nada com a ideia que mulher de verdade tinha que lavar tudo na mão, como ela fazia antigamente.

Voltei para meu quarto, tomei um banho e fui deitar. Antes de dormir ainda peguei meu *Tab P* e vi que a minha *AI* havia concluído a limpeza das minhas lembranças com Roger. Comecei a chorar. Eu era uma tola medrosa. Ainda não estava acreditando no que fiz com ele. Devia ter sido mais sincera desde o começo. Não conseguia me perdoar, mas achei que foi a melhor decisão. Caí em um sono profundo.

Anoitecia. Estava em uma rua sozinha. Não sabia onde era. As poucas luzes que a iluminavam começaram a se apagar uma a uma. Tentei correr desesperada, procurando por ajuda. Roger segurou minha mão. Tentei abraçá-lo, mas ele se afastou. Comecei a chorar. Ele se distanciou mais e mais. Gritei pedindo para voltar. Entrei em desespero. Tudo ficou escuro.

Uma luz bem de longe começou a surgir. Aumentava cada vez mais. A luz me cegou por uns instantes, mas logo percebi que era um casal. Eram meus pais. Eles falavam algo, mas não conseguia entender. Tentei chegar perto deles, mas não conseguia sair do lugar. Eles foram sumindo assim como a luz que os iluminava. Gritei desesperadamente pedindo que não me abandonassem. A escuridão tomou conta de tudo ao meu redor. Me ajoelhei chorando. Ouvi uma voz bem de longe. Me esforcei para tentar entender.

— ACORDA! ACORDA, DESIRÉE! JÁ ESTÁ NA HORA!

Levantei assustada. Era minha tia me acordando. Olhei para o relógio e vi que já eram 5:30 da manhã. Me aprontei para partir. Peguei minhas coisas e saí com ela. Minha tia havia chamado um *transporte rápido* que nos levaria para o aeroporto. Ela fechou toda casa e partimos.

Enquanto o carro saía da frente da casa, me vinham em câmera lenta as lembranças de toda minha vida, tudo que havia vivido ali. No caminho até o aeroporto não parei de lembrar dos momentos maravilhosos que havia passado com Roger. Havia me lembrado do dia em que o conheci. Na época, bem antes de conhecê-lo, eu era uma menina muito doutrinada, que seguia tudo certinho. Não tinha muitos amigos, era muito fechada e tímida.

No dia em que Roger surgiu na minha vida, há dois anos, logo na primeira vista eu o achei um chato, metido e malandro. Nos conhecemos em uma festa em que fui

com uma das pouquíssimas amigas que tinha na época. Samantha era muito extrovertida e conhecia muita gente. Eu a tinha conhecido na igreja. Apesar da Samantha não parecer, a mãe dela era bem religiosa e a obrigava a ir aos cultos de vez em quando. Um dia ela foi com a mãe visitar a minha igreja. Ela me viu em um canto sozinha e chegou toda extrovertida para falar comigo e desde esse dia que nos tornamos melhores amigas. Não conseguia ser igual a Samantha, mas ela tentava me levando escondida a lugares badalados. Por causa dela que conheci o Roger numa festa em que ela me levou.

No início, nem Roger e nem eu, parecíamos ter interesse um no outro. Ele havia chegado perto de mim, aparentemente *bêbado*, e pediu meu contato. Eu o havia ignorado e pedi para Samantha me tirar daquele lugar que não estava me agradando. Dias depois para minha surpresa, Roger entrou em contato comigo. Perguntei como ele havia conseguido meu contato e ele falou que havia explorado o mundo atrás de mim. Achei ridículo e desliguei. Nada nele me agradava.

Um outro dia passeando no *shopping* com Samantha eu me encontrei com o Roger. Estava lindo e bem arrumado. Fiquei surpreendida porque no dia que o vi na festa estava horrível. Ele implorou para nos acompanhar, mas eu não queria. Samantha que insistiu. Passamos o resto do dia conversando. O papo dele até que foi me convencendo a querer ficar perto e ouvi-lo.

Minha amiga percebeu que estava começando a rolar um clima e se despediu para nos deixar a sós. Depois de um tempo que descobri que ela havia armado tudo. Samantha que havia dado meu contato para Roger.

Ficou tarde, nos despedimos e eu fui embora. Continuamos trocando mensagens, mas demorou para nos encontrarmos novamente porque minha tia era muito rígida com meu horário.

Um dia ele apareceu lá em casa. Roger havia monitorado a minha tia e acompanhado a rotina dela. Nesse dia ela havia saído e só voltaria à noite. Ele me convenceu a sair sem avisar. Eu tinha muito medo dela e hesitei no começo, mas no fim acabei cedendo. Passamos um dia maravilhoso e inesquecível. Roger me ensinou a me soltar e ser mais extrovertida. Me ensinou a viver e a partir desse momento que percebi que ele seria o homem da minha vida. A paixão só aumentou.

— Chegamos — disse o motorista.

Descemos e seguimos para o embarque. Embarcamos e, já sentada perto da janela, fiquei por minutos olhando para o nada até o avião levantar voo.



CAPÍTULO 17

ENTRELAÇADOS

ROMEO MITSUAKI

Depois de um tempo de viagem eles já estavam aterrissando no quintal da casa do Sr. Donovan. Já era noite e eles foram recepcionados por Will, o *mordomo* da casa. Romeo ainda estava inseguro e Mitsuaki estava parecendo empolgado com o que ele poderia descobrir ali. Eles entraram e lhes foram apresentados os quartos onde iriam se acomodar. Eram bem espaçosos.

— Esse quarto é enorme. Como poderia ter quartos assim? A casa vista de lá de fora parece bem menor — pensou Mitsuaki, que não se importou e foi logo se acomodando.

Romeo foi se ajeitando mais cautelosamente, olhando para todos os lados.

— Fiquem à vontade. Daqui a pouco venho lhes chamar para jantar.

— Ok, Donovan! Desculpe! Sr. Donovan — disse Mitsuaki.

— Tudo bem! O que precisar é só chamar.

— Obrigado, Sr. Donovan — disse Romeo.

Sr. Donovan foi embora e eles foram tomar um banho. Romeo e Mitsuaki se aprontaram e logo o Will foi chamá-los. Eles seguiram até a sala de jantar que estava com um farto banquete preparado. Com Romeo ainda meio receoso e Mitsuaki alvoroçado e cheio de fome, eles sentaram-se à mesa e iniciaram suas refeições. Era tanta coisa boa que Mitsuaki não sabia por onde começar. Romeo foi mais cauteloso e comeu bem devagar enquanto olhava os diversos empregados que estavam à volta, observando-os.

Sr. Donovan se sentou à mesa, mas só comeu uma fruta. Depois que Romeo e Mitsuaki acabaram a refeição, Sr. Donovan se levantou e disse:

— Espero que tenham gostado.

— Estava excelente! — falou Mitsuaki.

— Estava ótimo, Sr. Donovan — disse Romeo.

— Que bom! Agora quero que me acompanhem.

Eles seguiram até uma porta de aço. Era um elevador que os levou para uns andares abaixo. Chegando eles se depararam com um corredor e com diversas outras portas. Eles entraram na terceira à direita.

— Senhores, isso é um centro de treinamento avançado.
— Treinamento para quê? — perguntou Romeo.
— Para vocês se prepararem para futuras ameaças previstas.
— Que ameaças são essas? — perguntou Romeo, preocupado.
— Meu avô sempre falou dessas ameaças, mas nunca me explicou o que eram.
Só falava que viriam do espaço — disse Mitsuaki.

— Quem é ou era seu avô? — perguntou Sr. Donovan.
— Kensuke e ainda está vivo. Ele que me passou o *Ikihatsunukishi*.
— Que tipo de *Ikihatsunukishi* é o seu?
— Da terra. Sou *Ikihatsunukishisen da terra*.
Sr. Donovan abaixou a cabeça como se não compreendesse algo e falou:
— Não é possível. Não temos registros sobre um *Ikihatsunukishisen da terra*.
— Como assim? O que o senhor quer dizer? O que são esses registros? —
perguntou Mitsuaki, confuso.

— Me acompanhe, vou explicar.
Eles seguiram até uma outra sala passando pelo corredor onde havia outras portas e entraram em uma à direita. A sala parecia ser de reuniões.

— Sentem-se.
Todos se sentaram. Romeo e Mitsuaki se olharam demonstrando não estar entendendo nada.

— Tudo começou há muito tempo quando o primeiro da linhagem de vocês chegou. Os relatos dizem que ele veio como um *deus* da sabedoria. Ele passou parte de seus conhecimentos e alertou sobre uma ameaça que viria do céu.

— Isso de ameaça que virá do céu eu já sei — falou Mitsuaki, interrompendo o Sr. Donovan.

— Se acalme e não me interrompam. Vou explicar tudo e depois vocês poderão perguntar o que quiserem. Eu mesmo tenho muitas perguntas para lhes fazer.

Mitsuaki se sentiu envergonhado. Sua curiosidade e ansiedade o fizeram ser mal-educado sem querer.

— Me desculpe, Sr. Donovan.
— Tudo bem. Continuando... Nos últimos anos estivemos analisando e concluimos que essa ameaça já chegou. Desde então estamos nos preparando e estamos fazendo de tudo para encontrar todos os *Ikihatsunukishisen* que chegaram aqui. O primeiro, como falei, veio como um *deus* e passou muitos conhecimentos. Ele sumiu logo em seguida e até hoje não se teve mais registros sobre outros aparecimentos dele. Logo depois outros vieram juntos, sendo que, por algum motivo, eles se separaram. Por muitas gerações tentamos encontrá-los e uni-los para enfrentarem juntos essa ameaça. Os *Ikihatsunukishi* foram passados para os *descendentes* desses primeiros que chegaram, mas nem sempre eles eram ativos.

Muitas vezes acontecia de várias gerações não conseguirem ativar o *Ikihatsunukishi*. Esse fato, aliado à migração dos povos em busca de melhores condições de vida, fugindo de guerras e conflitos em geral, fez com que os *Ikihatsunukishisen* se espalhassem por todo planeta, dificultando sua localização e a identificação de acontecimentos que pudessem ser associados a eles. Chegamos a encontrar alguns, mas sempre acontecia algo que os fazia fugir e não serem mais localizados. Isso nos forçou a investir mais em meios para os encontrarmos e não deixarmos acontecer deles saírem novamente do nosso controle. O que monitoramos, sem prendê-lo, até os dias de hoje foi o *Ikihatsunukishisen do gelo*.

Romeo arregalou os olhos e Sr. Donovan continuou.

— Muitas coisas aconteceram e percebemos que, apesar de vocês *Ikihatsunukishisen* possuírem o poder, estava notável que não possuíam a habilidade necessária para manipulá-lo. Isso era estranho, mas com o tempo recolhemos informações para esclarecer, contudo mesmo assim chegamos a pequenas conclusões não coerentes. Por isso que temos toda essa estrutura para ajudar e preparar aqueles que encontramos e continuar com a busca daqueles que faltam. O primeiro a vir para cá foi seu irmão, Romeo. Iniciamos de uma maneira intensiva com ele, mas foi equivocado e ele não aceitou muito bem. Você e seu irmão são um caso raro de duas pessoas poderem ativar o mesmo *Ikihatsunukishi*.

O Sr. Donovan deu espaço para as perguntas e imediatamente Mitsuaki quis saber:

— Desde quando que estão à procura dos outros?

— Há mais de quatro mil anos.

Mitsuaki arregalou os olhos e permaneceu quieto pensando confuso.

— O que o meu avô tem a ver com tudo isso? — perguntou Romeo.

— Seu avô Charles é um de nós.

— E o que vocês são? — continuou Romeo.

— Somos uma *sociedade* que recebeu o conhecimento do primeiro *Ikihatsunukishisen* que chegou. Ele nos deixou diversas responsabilidades.

— Que responsabilidades? Quem é esse *Ikihatsunukishisen* que chegou primeiro? — perguntou Romeo, não entendendo nada.

— O que vocês têm que saber no momento é que temos que reuni-los o quanto antes porque o inimigo já está entre nós.

Romeo e Mitsuaki trocaram olhares desconfiados.

— O que são exatamente essas ameaças que virão do céu? Quem é o inimigo que já está por aqui? — perguntou Mitsuaki.

— Ainda temos poucas informações, mas tudo indica que o que atacou vocês em *Roswell* é um deles.

— O que eles são? — perguntou Romeo.

— Seres que não são deste planeta.
— Tipo feras ou demônios? — questionou Romeo.
— Possivelmente. Os relatos dizem que assumem diversas formas.
— Ele me atacou no dia em que o senhor entrou em contato comigo — disse Romeo.

— Por isso que resolvemos ir atrás dele em *Roswell*, para saber o que estava planejando e também tentar obter algumas respostas — falou Mitsuaki.

— Ele disse que conhecia o meu avô Charles, por isso que, quando fui atacado, decidi ir com Mitsuaki, achando que a *fera* estava agindo juntamente com o senhor e meu avô — comentou Romeo.

— Compreendi. Em algum momento o *ser* obteve informações a seu respeito e as usou para manipulá-lo.

— Hum. Isso explica algumas coisas — disse Mitsuaki.

— Vocês foram atacados na *Philadelphia*, mas como vocês dois se encontraram?

— Eu comecei a sentir a *criatura* desde semana passada lá no *Japão*. Conseguia ver o que ele via e por isso que vim para os *Estados Unidos* tentar entender o que estava acontecendo. Encontrei Romeo na hora em que estava sendo atacado. Talvez se tivesse demorado mais um pouco ele estivesse morto agora. Meu avô também falou desses outros iguais a gente. Outros *Ikihatsunukishisen*. Eu e Romeo decidimos encontrar esses outros, mas não conseguíamos sentir mais ninguém além da *criatura*.

— Eu também conseguia sentir sua presença quando ativei o *Ikihatsunukishi*, mas não conseguia vê-lo como Mitsuaki. Não sou tão concentrado e habilidoso como ele — falou Romeo, se sentindo inferior.

— Coloquem seus *Ikihatsunukishi* aqui. Agora!

Ambos pegaram e colocaram sobre a mesa. O Sr. Donovan os pegou.

— Jamais ativem aqui. Vocês estão *entrelaçados*.

— Entrela... o quê? — perguntou Mitsuaki.

— *Entrelaçados*. Conectados por meio do espaço. Não importa a distância, vocês conseguem localizar e até mesmo se comunicar um com o outro — falou o Sr. Donovan, nervoso.

— Entendi. Mas por que só conseguimos sentir ele e não os outros?

— Pelos registros isso só é possível quando dois *Ikihatsunukishisen* entram em combate. Assim seus *Ikihatsunukishi* se entrelaçam. Até hoje não sabíamos que isso era possível, o entrelaçamento entre os *Ikihatsunukishisen* e esses *seres*.

— Da primeira vez em que lutei com a *criatura*, na *Philadelphia*, senti uma força, como se ele tivesse um *Ikihatsunukishi*. Acho que o que eu estava sentindo era realmente um *Ikihatsunukishi*. Vi algo no seu peito que parecia um cristal, igual ao meu *Ikihatsunukishi* quando não está ativado — disse Mitsuaki.

— Talvez o que você está dizendo faça sentido. A *criatura* deve ter roubado o *Ikihatsunukishi* de algum *Ikihatsunukishisen* — disse o Sr. Donovan, pensativo.

— A *criatura* em *Roswell* disse que estava à nossa espera. Talvez ela tenha nos sentido da mesma forma — disse Romeo, preocupado.

— Sim, você pode estar certo. Será que o velho que a *criatura* matou em *Roswell* tinha alguma coisa a ver? — perguntou Mitsuaki para Romeo.

— Talvez, sim. A *criatura* o matou por algum motivo que provavelmente está relacionado com o *Ikihatsunukishi*. Ele disse que ainda teria nossos *Ikihatsunukishi* e que estava à nossa espera. Isso fortalece a teoria de que ele realmente estava sentindo nossa presença — falou Romeo.

— Então esse não é mais um lugar seguro. Ele pode estar sentindo esse *Ikihatsunukishi* nesse exato momento — disse o Sr. Donovan, ainda mais nervoso.

— Creio que talvez não. Nós só conseguimos senti-lo quando ativamos o *Ikihatsunukishi*. Acho que a mesma regra se aplica a ele. Enquanto não ativarmos, nem ele e nem a gente poderá sentir ou localizar um ao outro — disse Mitsuaki, esperando estar certo.

— Você pode estar correto, mas mesmo assim vou solicitar reforço máximo na segurança deste local. Não podemos correr riscos.

O Sr. Donovan ativou uma tela oculta na mesa e deu alguns comandos para alertar a segurança.

— O que faremos agora? — perguntou Romeo.

— Vamos prepará-los. Mas por hoje é só. Vão descansar. Amanhã começamos.

O Sr. Donovan se levantou e pediu para os garotos o acompanharem. Eles se levantaram.

— Sr. Donovan, o senhor disse que já vem acompanhando o *Ikihatsunukishisen do gelo* há bastante tempo. O que o senhor sabe sobre meu passado? Saberá me dizer alguma coisa? — quis saber Romeo.

— Depois conversamos sobre isso. Agora vá descansar. Vamos.

Romeo ficou curioso e ao mesmo tempo assustado com tudo que estava acontecendo. Eles seguiram o Sr. Donovan, que os levou para seus quartos. Um lanche foi levado para eles e ambos ficaram quietos refletindo sobre a conversa que tiveram.

Romeo saiu do seu quarto e bateu na porta do quarto de Mitsuaki. Ele atendeu e Romeo entrou.

— O que está achando sobre tudo isso? — perguntou Romeo.

— Está meio estranho ainda, mas algumas coisas já foram esclarecidas.

— Sim, mas ainda não estou conseguindo confiar por completo.

— Compreendo, mas relaxa! Pelo que ele disse e pelo que já sei, acho que estão dizendo a verdade.

— Acha?

—É! Se não se importa, vou dormir.

— Ok! Também vou. Até amanhã!

Mitsuaki apagou quase que de imediato e Romeo voltou para seu quarto. Ele tentou dormir, mas ainda estava muito inquieto com toda essa situação. Romeo não conseguiu dormir e pela madrugada foi até a cozinha beber água. Alguém surgiu das sombras.

— Está sem sono ou é sonâmbulo? — perguntou o Sr. Donovan, sarcasticamente.

— Não. Não. Só vim beber água.

— Quando for assim tem um controle ao lado da cama que é só pedir a *AI* central que vem alguém e leva para você.

— Entendi, me desculpe. Eu não tinha percebido que tinha essa função.

— Eu que me desculpo por não ter explicado isso a vocês.

— E respondendo à pergunta do senhor, estou sem sono.

— Compreendo. Me acompanhe, então.

— Sim, mas me deixa fazer uma pergunta.

— Pois não?

— O senhor não dorme nunca?

O Sr. Donovan riu com a pergunta, mas não respondeu.

— Venha. Vamos até uma sala para nós conversarmos. Quem sabe com o que vou lhe dizer e mostrar você não relaxa e passa a confiar mais.

Romeo ficou surpreso e ao mesmo tempo assustado. Mas curioso e com muitas perguntas para fazer, ele o acompanhou.



CAPÍTULO 18

O GRUPO DAS SOMBRAS

ROMEO

Entrei com o Sr. Donovan em uma sala diferente. Era toda espelhada, com quatro poltronas no centro, uma de costas para outra, formando tipo uma cruz.

— Sente-se, Romeo.

Sentei e ele sentou de costas para mim. Para onde eu olhava me via de diversas formas distorcidas, mas quando olhava para frente via meu reflexo perfeitamente.

— É para cá que venho quando preciso refletir sobre algo.

— *Refletir!* — pensei. — Realmente se reflete tudo aqui — disse, em um tom sarcástico.

O Sr. Donovan riu, fechou os olhos e permaneceu quieto por uns minutos. Eu fiquei pensando em interromper o silêncio por várias vezes, mas me contive. Por um momento achei que ele tinha pegado no sono quando disse:

— Me conte tudo que te aflige, Romeo. Não tenha medo de perguntar nada. Vou tentar ser o mais sincero possível.

— Tentar?

— Sim! Pode ter coisas que você queria saber que eu não esteja autorizado a lhe contar.

— Quem que autoriza?

— Essa é umas das coisas que não posso contar — disse Sr. Donovan, rindo.

— O que é esse lugar? O que o senhor quer com a gente? Por que está nos ajudando?

— Somos um *grupo* que está nas sombras há muito tempo de olho em vocês. Como já lhe disse, uma de nossas missões é encontrá-los e mantê-los unidos. Sabemos que existem outros e até já encontramos alguns desses, mas sempre fugiam, morriam ou simplesmente sumiam com medo de algo. Viemos falhando por muito tempo e esperamos que dessa vez, com vocês, possamos fazer da maneira correta e prepará-los para enfrentar essa ameaça que pode condenar nosso planeta.

— Isso tudo ainda é muito estranho para mim. Como que carrego esse poder? Por que eu? Me diga uma coisa, Sr. Donovan. O que sabe sobre meu passado?

Busco por respostas há anos.

— Sei de tudo.

— Hã?! ENTÃO ME CONTE! POR FAVOR!

— Sim, vou contar. Fique calmo que vou contar. Já está mais do que na hora de você saber de tudo.

— Concordo! Me conte tudo!

Ouvi o Sr. Donovan rindo e esperei ele começar a me contar. Minutos se passaram e nada.

— Sr. Donovan! Sr. Donovan! Tudo bem? Está aí?

Me virei e, para minha surpresa, ele estava dormindo.

— Mas que inconveniente! — pensei.

Fiquei de frente para ele e o cutuquei para acordá-lo.

— Acorde, Sr. Donovan! Acorde!

— Hã? Hã? Me desculpe! Acho que peguei no sono — disse o Sr. Donovan, rindo.

— Vamos embora. Depois continuamos.

— Hã?! Como?! Não! Preciso saber o que o senhor sabe sobre mim. AGORA!

— Já falei. Fique calmo. Temos bastante tempo para isso. Você não me perguntou se eu não durmo? Pois então. Eu durmo e agora estou com muito sono. Vamos! Eu te prometo que vou contar tudo depois. A sua busca por respostas já acabou. Agora você sabe onde elas estão. Então fique tranquilo e vai descansar.

— Hã?! Que filho da %#&@! — pensei, mas como não tinha escolha deixei para depois e o acompanhei.

Ele me levou para meu quarto e eu fui para cama pensando em tudo o que ele poderia saber e o que ele me contaria. Demorei a pegar no sono. Vi que já eram 4:12 da manhã de *terça-feira*. Depois de alguns minutos apaguei.

Acordei com a chamada da *AI* central. Ainda com sono tomei um banho, me arrumei e fui tomar café. Na mesa já estavam Mitsuaki e Sr. Donovan tomando um café quentinho.

— Bom dia — disse.

— Bom dia, Romeo — disse Sr. Donovan.

— おはようございます, Romeo — disse Mitsuaki.

Tomamos o café reforçado e logo em seguida fomos direcionados para a área de treinamento no subsolo. Parei ao lado do Sr. Donovan.

— Bom dia, senhor! Será que podemos continuar nossa conversa? Quero saber tudo! Não aguento mais esperar!

— Sim. Mais tarde. Agora precisam iniciar os treinos.

— Mas...

— Mais tarde.

Permaneci em silêncio.

— Vão! Mitsuaki, como você já tem experiência de luta corpo a corpo, quero que passe algumas de suas técnicas para o Romeo. Lute com ele.

— Sim! — respondeu Mitsuaki, empolgado.

Nos posicionamos para começar.

— Pegue leve comigo, Mitsuaki! Não sou tão....

Tomei uma banda inesperada.

—... experiente... quanto... você — disse, sentindo muita dor.

— Regra número um. O inimigo não espera para atacar. Ele sempre vai tentar atacar de surpresa.

— Entendi — respondi me levantando.

Assim que me levantei Mitsuaki me encheu de pancadas. Até desviei de algumas, mas logo já estava no chão novamente. Ele deu uma maneirada e parou para me ensinar uns movimentos. Até que peguei rápido e logo já estava conseguindo me defender melhor, mas mesmo assim vivia indo para chão. Foi um dia intenso de treinos.

Sr. Donovan chegou com uma bebida que era muito ruim, mas que ajudava na recuperação muscular rapidamente. Não tirava totalmente as dores, mas a velocidade com que agia no músculo anestesiando era incrível. Isso ajudava a ir além do limite que achávamos que era possível. Os treinos corpo a corpo seriam aqui na academia subterrânea e os treinos com o *Ikihatsunukishi* seriam pela madrugada em algum lugar deserto lá fora. Seríamos levados de *drones* e treinaríamos por algumas horas. Faríamos isso para não revelar nosso esconderijo, devido ao *entrelaçamento* com a *criatura* que estava à solta.

Depois do jantar, Mitsuaki foi para o quarto dele descansar e eu também, pois estava morto e havia dormido pouco, mas resisti mais uns instantes e fui até o Sr. Donovan.

— E então, Sr. Donav...

— Sim, vamos! — respondeu o Sr. Donovan me interrompendo.

Eu o acompanhei de volta até a sala espelhada. Nos sentamos da mesma maneira. Um de costas para o outro e ele:

— Quero que preste muita atenção no que vou lhe dizer. Não quero que me interrompa. Quando eu terminar deixarei que faça as suas perguntas.

— Ok! — disse, empolgado, mesmo muito cansado e cheio de sono.

— Vamos começar, então. Começar com a história do seu...



CAPÍTULO 19

O PASSADO OBSCURO

ROUGAN

— Alô, Rougan! Romeo foi preso há umas horas. Estou indo buscá-lo.

— Olá, Donovan! O que ele fez para ser preso? Atacou alguém com o *Ikihatsunukishi*?

— Ainda não tenho todas as informações, mas parece que está sendo acusado de um possível assassinato.

— Não acredito!

— Estou quase chegando em *Roswell, New Mexico*.

— *Roswell*? O que eles foram fazer lá?

— Como disse, não tenho muitas informações. Ele foi com um garoto japonês que desembarcou em *New York* na *sexta-feira*.

— O que esse garoto japonês quer? Será que ele sabe de alguma coisa e está manipulando o Romeo?

— Espero que não porque os dois foram presos.

— Compreendo.

— Estou indo. Precisamos seguir com o próximo plano. Encontre o Roger, esclareça o que for necessário e o convença a vir para cá. Não podemos mais ficar só nas sombras observando.

— Afirmativo! Pode deixar! Ele está comigo nesse momento.

— Excelente! Aguardo vocês. Até!

Voltei para a sala e me acomodei:

— Senta aqui, Roger. Tenho muitas coisas para lhe esclarecer.

— Que coisas? — perguntou o garoto, curioso.

— Coisas sobre seu passado.

Roger ficou quieto e pensativo por uns segundos, mas logo perguntou:

— O que o senhor sabe sobre o meu passado? Eu não o conheço pessoalmente.

— Você não, mas seu pai foi meu melhor amigo.

— Foi? Ele nunca falou nada a respeito. Vocês brigaram?

Eu ri com a pergunta dele, mas fui sincero.

— Já brigamos, sim. Por muitas vezes, mas não do jeito que deve estar imaginando.

— Então me diz.

— É uma história muito longa.

— Estou aqui para ouvir. Não estou com pressa — disse Roger, bem curioso.

— Vamos lá, Roger! Quero que preste muita atenção. Muitas das coisas que vou lhe falar talvez não faça sentido no início, mas foi assim que tudo começou.

Meu *Tab P* tocou mais uma vez.

— Me dá licença novamente. Já volto.

Roger me olhou parecendo impaciente, mas eu me virei e saí. Atendi a chamada.

— Olá, meu amigo Charles!

— Olá, Rougan! Donovan entrou em contato e falou que você vai contar para o Roger.

— Sim. Preciso convencê-lo a ir para a *base*.

— Eu sei, mas estou entrando em contato para que você conte a ele exatamente tudo.

— Tudo? O que você quer dizer com “tudo”?

— Conte sobre nosso passado. Sobre meu passado.

— Tem certeza? Por que você mesmo não conta?

— Eu falhei com ele. Já venho falhando há tempos como avô. Não me sinto confortável em ter que revelar tantas coisas.

— Compreendo, mas não seria melhor deixar para depois?

— Não. Tem que ser agora. Essa é a melhor oportunidade. Como você vai contar sobre o passado dele em relação aos *Ikihatsunukishisen*, não tem situação melhor para contar logo toda nossa história.

— Ok, meu amigo. Vou fazer sua vontade. Sobre o Romeo. Já está sabendo?

— Sim. Estou, sim. Donovan foi buscá-lo.

— Ok. Vou seguir aqui com o Roger. Depois entro em contato para lhe dizer como foi.

— Obrigado, meu amigo. Até!

— Até!

Fiquei indeciso sobre o pedido do meu amigo Charles, mas no fim decidi fazer o que ele solicitou. Seria complicado para o garoto compreender, ainda mais partindo de mim todas as revelações, mas o momento estava ficando crítico e uma hora ou outra seria preciso. Voltei para a sala e me sentei novamente. Olhei para o Roger que parecia impaciente.

— Vamos lá, então.

— Sim, vamos! — disse o garoto, inquieto.

— Quero que preste muita atenção. Muitas das coisas que vou lhe falar talvez não compreenda no início, mas foi assim que tudo...

— Me desculpe interromper, mas você já disse isso.

— Sim. Voltando. Tudo começou...



CAPÍTULO 20

AMIZADES DO GELO

CHARLES ROUGAN

Era madrugada de Ano Novo. 4:32 da manhã de *janeiro de 1971*. Em um velho bar na cidade de *Overland, Kansas*.

— Me traga mais um drink, George — pediu Charles, triste e desolado.

— Não tem mais ninguém. Acho que está na hora de você ir. Precisa que alguém venha lhe buscar. Não está em condições de ir embora sozinho.

— Mais... uma...

Uma mulher entrou no bar.

— Seu idiota! Não era para você estar aqui! Ela se foi!

Charles tentou chorar, mas não conseguiu. Ele tentou tomar mais um drink, mas deixou a bebida cair.

— Pare com isso! Vamos embora!

— Me deixa, Sophia!

— Sua mãe acabou de morrer e você nem sequer estava presente.

— Não tinha cura. Eu não pude fazer nada.

— Vamos agora.

Charles foi carregado até o carro por ela. Eles seguiram até o hospital onde estava internada sua mãe. Ele sentou na sala de espera.

— O *sepultamento* será à tarde. Não fique assim. Pode contar comigo no que precisar — disse Sophia, triste.

Charles se levantou e correu até o banheiro. Lá ele vomitou muito e saiu tonto. Sophia o ajudou a se sentar e ele dormiu ali mesmo. Depois de umas três horas ele acordou cheio de dor de cabeça e ela estava dormindo sentada ao lado dele. Ele se levantou tentando não acordá-la, mas ela despertou. O dia havia sido cansativo e no fim a mãe de Charles foi enterrada em um funeral sem muitas pessoas.

Sophia levou Charles, que ainda estava muito exausto, para casa. Chegando, ele tomou um banho enquanto ela preparava algo para ele comer. Ele se deitou e Sophia entrou no quarto.

— Está aqui, Charles. Coma.

— Não quero. Estou sem fome. Só quero dormir.

Sophia insistiu, mas no fim não conseguiu convencê-lo.

— Vou embora. Logo mais voltarei para ver como está. Boa noite.

— Até — disse Charles, sonolento.

Ela foi embora e Charles apagou em um sono profundo. Ele só acordou na tarde no dia seguinte. Sophia já tinha retornado e ficou tomando conta dele. Charles estava se sentindo um inútil e não queria estar mais presente nesse mundo. Ela havia dormido. Ele pegou seus documentos e algumas roupas e pôs numa mochila. Charles ficou olhando para Sophia por uns minutos e saiu.

Ele pegou qualquer ônibus e seguiu sem rumo definido. No meio da viagem ele viu vários *outdoors* chamando os jovens para guerra no *Vietnã*, mas também se viam muitas coisas contra a guerra.

Charles, como estava desgostoso consigo mesmo, decidiu tentar ser útil alguma vez na vida. Ele definiu seu rumo. A guerra não poderia ser a melhor das opções para levantar sua moral, mas Charles seguiu sem medo do pior. Depois de alguns meses ele já estava em treinamento em *Beaufort, South Carolina*. Eram treinamentos intensos, mas Charles estava decidido a dar o seu melhor.

Ele foi para o campo de batalha, pronto e preparado para encarar o pior. A equipe em que Charles estava inserido tinha dois oficiais, alguns sargentos bem experientes e muitos novatos inexperientes que não haviam passado pelos mesmos treinamentos que ele. Charles não tinha amigos e sempre preferia agir sozinho.

Em uma das diversas missões cansativas, a equipe de Charles foi emboscada. Tudo aconteceu muito rápido e a reação não foi eficiente. Ele olhou para todos os lados e viu sua equipe sendo atacada sem piedade. Charles correu até um dos soldados novatos que ia ser atacado pelas costas e tentou impedir o inimigo. Com muita sorte ele conseguiu, mas uma granada foi jogada ao lado deles. Charles empurrou o novato para um lado e chutou a granada para o outro, mas ela explodiu um segundo depois. A explosão o arremessou para longe. Ele caiu muito ferido e surdo. Sua última visão foi de flocos de neve caindo. Charles abriu os olhos, mas não conseguia enxergar direito. Ele só viu uma luz branca embaçada. Charles relaxou e dormiu.

— Sophia! — disse Charles, delirando.

O médico que o estava acompanhando injetou medicamentos em seu soro. Depois de dias, Charles acordou assustado:

— Onde eu estou? — perguntou para todos, na enfermaria.

Uma enfermeira se aproximou.

— Acalme-se, Sr. Stan. O senhor vai ficar bem.

— E a guerra? Onde estou?

— O senhor está a salvo. Foi encontrado com vida e vai voltar para os *Estados Unidos*.

Charles ficou pensativo por minutos tentando entender o que estava acontecendo.

— Minha perna? O que houve? Cadê minha perna direita?

— Infelizmente tivemos que amputá-la, mas não se preocupe. O senhor vai ficar bem.

Ele ficou olhando para a perna que restou.

— E a minha equipe?

— Pelos registros, somente o senhor e mais um sobreviveram — respondeu a enfermeira, friamente.

Charles permaneceu quieto por uns minutos e quando a enfermeira já estava quase saindo:

— Quem foi o outro que sobreviveu?

— Se não me engano, foi o soldado Curtin.

A enfermeira saiu e Charles ficou tentando lembrar dos integrantes da equipe. Como ele não era muito sociável, custou a lembrar quem era, mas no fim percebeu que era o soldado que ele empurrara bem antes da granada explodir. Charles ficou com isso na cabeça por um tempo, mas logo deixou de lado e tentou focar no que iria fazer da sua vida de agora em diante.

Em pouco tempo ele voltou para os *Estados Unidos* e passou por uma intensiva recuperação. Fez várias sessões de fisioterapia e um dia, em uma dessas atividades ouviu:

— Olá, Stan. Como você está?

Charles olhou para o lado, insatisfeito com a pergunta, para ver quem estava falando.

— Você?!

— Sim. Curtin, mas se quiser pode me chamar pelo primeiro nome, Nicholas.

— Então foi você que sobreviveu junto comigo.

— Infelizmente, sim. Quase perdi o braço esquerdo inteiro. Tive sorte e só perdi dois dedos. Tudo aconteceu muito rápido. Não consegui salvar mais ninguém.

— Que cara idiota! Eu que o salvei. Novato convencido — pensou Charles. — Entendi, herói — disse Charles, ironicamente, olhando para o braço esquerdo todo enfaixado do Nicholas.

— Obrigado, Stan.

— Pelo quê?

— Por ter me salvado. Se não tivesse feito o que fez, nem eu e nem você estaríamos vivos. Você me salvou e com isso eu consegui te salvar.

Charles não estava mais entendendo nada. Ele ficou uns segundos ainda tentando compreender, mas disse:

— Me explique com clareza. O que houve naquele dia?

— Sim. Eu explico, mas depois do almoço. Vamos comer.

Charles olhou para Nicholas desconfiado, mas como estava com fome foi com ele se alimentar. Logo depois do almoço eles foram para uma área de treinamento externa onde não tinha ninguém. Nicholas levou Charles em uma cadeira de rodas e eles pararam debaixo de uma árvore.

— Aquele dia foi desastroso. Sobrevivemos graças a você.

— Me diga, o que houve? Depois que te empurrei e chutei a granada a explosão me derrubou e dali não me lembro de mais nada.

— Naquele momento em que fomos surpreendidos algo ofuscou minha visão. Você veio e me empurrou, me distanciando da granada que foi jogada ao meu lado. Depois que explodiu, me levantei e ativei meu *Ikihatsunukishi* e congelei o máximo de inimigos possíveis que estavam próximos. Eu ainda quase morri por causa de outra granada. Eu a congelei, mas ela ainda explodiu do meu lado, me fazendo quase perder o braço esquerdo. Logo em seguida escapei te carregando porque você estava desmaiado. Consegui chegar até um local seguro onde fomos resgatados.

— Espera aí. Fez o quê? O que é isso? *Kikitsu... kikishi?*

— *Ikihatsunukishi*. É uma *arma* especial. Com ela que consegui nos salvar — disse Nicholas, segurando o *Ikihatsunukishi* em uma forma de cubo de gelo.

— Hã?! Do que está falando? Isso não é possível.

— Vou esclarecer, então. Veja!

Nicholas ativou o *Ikihatsunukishi*, que se transformou em uma espécie de *espada de esgrima serrilhada* e Charles quase caiu da cadeira assustado.

— Como pôde? O que é isso?

— Eu também não sei muito sobre isso. Só sei que se chama *Ikihatsunukishi* e foi meu pai quem me deu antes de morrer.

— Entendi — respondeu Charles, tentando se acalmar.

— Queria descobrir mais sobre isso, mas meu pai quando me entregou alertou que não deveria confiar em ninguém que soubesse sobre essa *arma*. Desde então venho descobrindo as coisas sozinho.

— Compreendo. Como seu pai morreu?

— Ele foi assassinado. Tentativa de assalto.

— Chato isso, mas me deixe te perguntar... Se ele tinha essa *arma* por que não a usou para se defender do assalto?

— Ele, bem antes, havia me dito que eu carregava um poder que ele não tinha. Na época não havia compreendido, mas hoje entendi que se tratava do poder para usar essa *arma* especial.

— Entendi. Que pena, mas me diz, o que veio fazer no *USMC*?

— Não sei. Acho que depois da morte da minha mãe, me senti um inútil e vim para cá para tentar ser alguém.

Charles riu.

— Acho que temos muito em comum.

Nicholas não entendeu, mas deu um sorriso de satisfação. Há muito tempo que ele não se abria assim com alguém. Ele desativou seu *Ikihatsunukishi* e eles voltaram para suas rotinas como sobreviventes de guerra. Os dois mantiveram contato e com o tempo a amizade foi se fortalecendo.

A dispensa do serviço militar deles saiu e mesmo fora dos quartéis a amizade deles se manteve firme e forte. Charles voltou para Sophia. Ela sempre o esperou e eles se casaram. Dois anos depois Nicholas também se casou. A esposa dele se chamava Miranda. Os casais moravam em *Perth Amboy, New Jersey* e eram vizinhos. Viviam um na casa do outro fazendo churrasco.

Depois de um tempo Miranda e Sophia engravidaram na mesma época. O primeiro bebê a nascer foi o de Charles e Sophia. Era um menino e se chamava Fred. Um mês depois foi Henry que nasceu, o filho de Nicholas e Miranda, mas uma situação muito triste aconteceu. Miranda teve complicações no pós-parto e faleceu logo em seguida. Foi um enorme abalo para ambas as famílias que eram tão unidas. Nicholas recebeu todo o apoio dos Stan, que o ajudaram a criar Henry.

Meses depois da morte de Miranda, Nicholas com o filho Henry no colo, foi até seu quarto e olhou uma foto da esposa. Ele começou a chorar. Nicholas viu uma caixa de madeira e a abriu. Lá estava seu *Ikihatsunukishi* que ele não ativava há muito tempo. Ele pegou o pequeno cubo de gelo e pela sua surpresa a *arma* começou a reagir ao Henry. Imediatamente percebeu que o filho havia herdado o poder de manipular a *arma* especial. Ele guardou o *Ikihatsunukishi* na caixa e deixou de lado essa situação, não queria expor o filho a possíveis perigos.

Quase dois anos depois Charles e Sophia tiveram outro filho. Uma bela menina a quem deram o nome de Rebecca. Eles seguiram suas vidas, sempre preocupados em manter o bom relacionamento e fortalecendo ainda mais a amizade. Anos se passaram anos e Henry e Fred já estavam com dezessete anos e Rebecca com quinze. Devido ao longo convívio, Rebecca e Henry estavam ficando íntimos e todos já estavam percebendo isso. Era gratificante para Nicholas e Charles verem seus filhos bem próximos.

Um dia, em uma linda tarde de outono, Henry e Nicolas estavam chegando em casa quando foram abordados por dois homens estranhos e armados que os obrigaram a entrar.

— Se acalmem. Peguem o que querem e vão embora.

— Queremos o *Ikihatsunukishi*.

Nicholas ficou pasmo e respondeu:

— Vou dar o que querem. Me deixem ir até o quarto pegar.

Ele foi acompanhado do filho até o quarto e logo atrás estavam os homens apontando as armas para eles. Entrando no quarto Nicholas foi até a caixa de madeira e pegou o cubo de gelo. Ele se virou, puxou Henry para o lado ativando o *Ikihatsunukishi* e lançou um raio de gelo na direção dos homens, quase tudo ao mesmo tempo.

Os homens atiraram, mas Nicholas conseguiu ser mais rápido e os congelou parcialmente. Nicholas se afastou e foi até Henry para ver se estava bem. Nesse momento, o gelo que envolvia os homens começou a se partir e ambos começaram a se transformar em um tipo de *criatura* estranha. Nicholas gritou para Henry se afastar e direcionou um ataque.

Uma luta se iniciou e isso começou a destruir a casa. Charles da sua moradia percebeu que algo errado estava acontecendo na casa do amigo e foi até lá para ver. Nicholas foi surpreendido e acabou sendo golpeado mortalmente no peito na frente do filho. Henry, apavorado, segurou o pai. O *Ikihatsunukishi* voltou ao estado inicial e Nicholas o colocou na mão do filho. O cubo de gelo começou a brilhar e quando as *criaturas* foram na direção deles para atacá-los, Henry empurrou o pai para o lado e ativou o *Ikihatsunukishi* que se transformou em um tipo de espada de lâmina bem larga. Ele revidou ao ataque das *criaturas*, que se afastaram.

Elas tentaram um novo ataque, mas Henry lançou uma rajada congelante e paralisou as *criaturas*. Ele desferiu um ataque que destruiu as *feras*. Elas começaram a se liquefazer e uma espécie de cristal saiu delas e logo em seguida virou pó.

Charles chegou e ficou horrorizado com o que havia acontecido. Henry desativou o *Ikihatsunukishi* e foi até o pai. Nicholas, já quase morto, olhou para o filho.

— Você carrega o poder, mas cuidado. Não sei em quais perigos isso pode te envolver.

Ele olhou para o amigo Charles.

— Meu amigo, cuide dele.

Nicholas não resistiu e morreu.

Depois da situação trágica Henry foi morar com Charles. Rebecca estava muito apaixonada por Henry, mas devido ao incidente e pelo fato da *arma* ter ficado com o garoto, Charles não estava satisfeito com o relacionamento deles.

Charles conversou com Henry e ele falou que os *seres* estranhos queriam a *arma* especial. Ele ficou preocupado já que o garoto estava sob sua responsabilidade e foi investigar sobre essa *arma* estranha e especial. Após meses de investigação ele conheceu um homem que sabia muitas coisas a respeito das respostas que ele procurava. O nome dele era Donovan. Ele se interessou pelo que Charles e Henry falaram e explicou o que sabia sobre os *Ikihatsunukishi*, os *Ikihatsunukishisen* e a

missão em que estava envolvido. Charles ficou surpreso com todas essas revelações e ficou ainda mais preocupado com o futuro do Henry e de sua filha, que estava apaixonada por ele.

Charles se juntou a Donovan e tomou uma importante decisão a respeito do relacionamento da filha com Henry. Assim, num fim de tarde de sábado:

— Minha filha, precisamos conversar — disse Charles, impaciente.

— O que houve, pai? Aconteceu alguma coisa grave? O senhor parece nervoso.

— Rebecca, me escute. Você e Henry precisam terminar. Apesar dele estar aqui morando conosco, não quero mais vocês juntos. Logo, logo ele vai completar dezoito anos e vai seguir seu próprio rumo e você não fará parte disso.

— Mas por quê, pai? Eu não posso fazer isso!

— Não quero saber se pode ou não! Você vai!

— Mas, pai... eu te od...

Rebecca foi para o seu quarto chorando. Minutos depois Henry chegou em casa.

— Henry! Precisamos conversar! Agora! — disse Charles, nervoso.

Henry o acompanhou sem questionamentos e o aguardou falar.

— Você e Rebecca não podem mais ficar juntos.

Charles esperou alguma objeção, mas Henry permaneceu calado.

— Você já vai completar dezoito anos. Está na hora de seguir seu rumo.

Henry continuou calado e olhou para uma foto que estava na estante, de seu pai fardado.

— Pode deixar. Já sei exatamente o que vou fazer. Não vou mais incomodá-los.

Charles olhou para ele surpreso e encerrou a conversa. Na madrugada do dia seguinte Henry estava na varanda admirando a bela noite estrelada quando Rebecca apareceu, sentou no colo dele e o beijou.

— Não quero te deixar — disse Rebecca, chorando.

— É preciso, por enquanto. Vou seguir os passos do meu pai. Depois de alguns anos já estarei em condições de te receber e então você virá morar comigo.

— Não sei se vou aguentar tanto tempo.

— Você vai. Eu te amo.

— Também te amo.

Henry e Rebecca permaneceram ali por mais uma hora juntos e do lado de dentro Charles observava a cena quieto e pensativo. Dias depois ele entrou em contato com Donovan.

— Olá, Donovan. Ele realmente vai ingressar no “*United States Marine Corps*” *USMC*.

— Ok! Tenho gente de lá que ficará de olho nele.

— Tudo bem. O que você precisar, estarei pronto.

— Excelente! Até!

Depois de uns meses, logo depois do seu aniversário, Henry entrou para *USMC*. Ele passou por um árduo treinamento e depois de mais um tempo ele começou a participar de missões importantes.

— ALGUÉM TEM ALGUMA DÚVIDA? — perguntou o sargento Wood, no meio de um voo, a caminho da próxima missão.

— NÃO, SENHOR! — gritou a tropa.

— Estou de olho em você, soldado Curtin — disse o sargento Wood, bem baixo, para Henry.

Ele olhou para o Sargento e pensou:

— *Droga!* Esse cara não sai do meu pé! Desde quando comecei que ele fica me perseguindo. Tomara que tome um tiro e morra em missão.

Eles seguiram e no terceiro dia da missão eles sofreram um ataque que foi matando um a um dos companheiros. Henry levou um tiro de raspão na perna e quase levou um tiro na cabeça, mas foi salvo a tempo pelo sargento Wood.

— VOCÊ PRECISA SE SALVAR! VOU TE DAR COBERTURA E VOCÊ VAI! — gritou o sargento Wood, ao ouvir os barulhos de tiros e bombas.

— NÃO VOU DEIXAR O SENHOR PARA TRÁS!

— É UMA ORDEM, SOLDADO!

— NÃO FOI ISSO QUE O SENHOR NOS ENSINOU!

— NO SEU CASO É DIFERENTE, *IKIHATSUNUKISHISEN DO GELO!*

Henry arregalou os olhos surpreso.

— O QUE O SENHOR SABE SOBRE ISSO?

— AGORA NÃO É HORA! VAMOS!

O sargento Wood saiu para dar cobertura e tentar salvar Henry, sendo que levou um tiro no braço. Henry, que carregava o *Ikihatsunukishi* o ativou e atacou os inimigos. Eles conseguiram se salvar e salvaram mais dois soldados que estavam inconscientes. Todos ficaram internados para recuperação. Henry não demorou para ter alta pois seus ferimentos não foram tão graves. Ele foi até o sargento Wood.

— Olá, sargento! Como o senhor está?

— Estou me recuperando bem. Logo estarei de volta à ativa com vocês.

— Obrigado senhor, por querer me salvar.

— Não tem que me agradecer por nada. Não fiz mais do que minha obrigação.

— Compreendo, mas me diz senhor, o que...

— Você quer saber sobre o que sei a respeito dos *Ikihatsunukishi* — interrompeu o sargento Wood.

— Sim. O que o senhor sabe sobre isso?

— Sei de muitas coisas.

— Me diga então o que sabe, por favor!

O sargento Wood e Henry conversaram por horas e as revelações deixaram Henry surpreso. Desse dia em diante ele ficaram mais próximos e uma longa amizade se iniciou. Eles continuaram indo em missões que foram concluídas com sucesso.

Henry comprou uma casa e chamou sua amada Rebecca para irem morar juntos. Ela, sem perder tempo, arrumou suas coisas para partir. Em seu último dia em casa seu pai a chamou:

— Você vai mesmo me desobedecer? — perguntou Charles, triste e aborrecido.

— Pai, eu preciso. Eu amo o Henry.

Sophia se aproximou e segurou na mão de Charles.

— Tudo bem, minha filha. Pode ir. Não vou mais dizer o que deve fazer. Siga seu coração.

— Obrigado, pai. Eu te amo! — disse Rebecca, abraçando-o.

— Eu, sua mãe e seu irmão vamos ficar bem. Se cuida!

— Ok! Venho visitá-los sempre que puder! Beijos! Amo vocês!

Rebecca pegou suas coisas e partiu para onde seria seu novo lar em *Wilmington, North Carolina*. Henry e Rebecca passaram ótimos momentos juntos e se casaram. Depois de um tempo, em 2003, ele foi convocado para a *Guerra do Iraque*. Ia passar muito tempo por lá. Ele e o amigo Rougan Wood foram para guerra. Era uma rotina horrível e perturbadora, mas eles seguiram firme nas missões.

Nos períodos em que Henry voltava para casa, tentava aproveitar ao máximo seu tempo com Rebecca. A relação entre eles ficou fragilizada depois de dois anos nessa situação. A guerra estava consumindo o casamento deles, que tentavam ao máximo superar as dificuldades e o longo tempo que ficavam distantes um do outro.

Em *julho* de 2005, *três semanas* após Henry ter voltado para guerra, ele recebeu por *correspondência* a notícia que Rebecca estava grávida. Isso elevou sua vontade de ir embora, mas com a ajuda do amigo Wood eles se mantiveram juntos para sobreviverem aos terrores do confronto. Em uma noite nublada Henry olhou a foto da amada.

— Será que ela está bem? Não aguento mais! Quero largar isso! Quero voltar!

— Vai dar tudo certo, meu amigo! Logo você vai estar de volta com ela. Não se preocupe. Seu sogro está cuidando dela e para garantir que vai ficar tudo bem, meu irmão Ryan está por lá, acompanhando tudo.

— Obrigado, meu amigo. Espero que essa agonia acabe. Acho que vou usar o *Ikihatsunukishi* e acabar de uma vez com essa guerra.

— Seria ótimo, mas você não tem toda essa habilidade e nem poder suficiente para isso — disse Rougan, rindo.

— Será mesmo? — disse Henry, ativando o *Ikihatsunukishi* e apontando para Rougan, brincando.

— Vire isso para lá — disse Rougan, tentando parecer sério.

Henry desativou o *Ikihatsunukishi* e foi deitar. Eles continuaram conversando até tarde.

— Rebecca está me torturando. Ela não quer me dizer se é menino ou menina. Ela queria que eu estivesse lá.

— Ela está com toda razão, Henry — disse Rougan, rindo.

Depois disso Henry ficou refletindo e logo pegaram no sono. Bem antes do sol nascer, caso não tivessem de sentinelas, eles já estavam de pé prontos para prosseguirem com as rondas e missões. Por meses essa rotina se manteve, mas um dia tudo mudou e eles foram enviados em dois grupos para resgatar alguns militares que haviam sido feitos reféns devido a uma emboscada.

Antes, um oficial notificou que Henry voltaria para casa logo depois dessa missão de resgate. Isso era perfeito, pois ele veria seu filho ou filha nascer, mas uma outra notícia ruim também foi lhe passada. Sua sogra Sophia havia falecido em um acidente de carro. Isso o abalou, mas ele se manteve firme na missão.

A primeira equipe entrou fazendo a limpa sem alarme. A segunda equipe foi dando cobertura. Henry e Rougan estavam na primeira equipe e quando as duas equipes chegaram até o local do cativo, tiveram uma surpresa. Era uma armadilha. Havia diversas bombas e uma TV. Na tela um homem estranho apareceu e falou:

— Estava te aguardando, *Ikihatsunukishisen do gelo*.

Um cronômetro de cinco segundos se iniciou e Henry só teve tempo de acionar seu *Ikihatsunukishi* e se congelar junto com Rougan e mais um soldado em uma esfera espessa, que foi arremessada longe devido à violenta explosão. Na queda e por causa do calor da bomba detonada, eles quase morreram.

Henry se levantou ferido e viu Rougan e o outro soldado desmaiado. Ele foi até o amigo e viu que estava muito ferido, porém ainda vivo. O outro soldado também estava vivo. Do meio das labaredas de fogo que queimavam os destroços onde eles estavam saiu um homem. Quando ele se aproximou, Henry percebeu que era o mesmo homem da TV.

— Você ainda está vivo. Impressionante! Venho caçando vocês há tempo. Me entregue o *Ikihatsunukishi*.

— Quem é você? O que quer comigo? — perguntou Henry, confuso e muito ferido.

— Não precisa saber porque não viverá para isso.

O homem virou uma *criatura* enorme e o atacou. Henry se defendeu do primeiro ataque, mas se feriu com uma investida da *criatura*. A *fera* o atacou pelas costas e

o arremessou longe. Henry com muito custo se levantou.

— Você tem determinação *Ikihatsunukishisen do gelo*, mas isso não o fará vencer.

A *criatura* foi na sua direção, mas Henry lançou uma rajada de foices de gelo, ferindo.

— Como ousa, *terráqueo*?

A *fera* se aproximou do outro soldado que ele havia salvado e o matou.

— Me entregue o *Ikihatsunukishi* agora ou matarei seu outro amigo.

Henry ficou enfurecido com a atitude da *criatura* e seu *Ikihatsunukishi* sofreu uma transformação e começou a emanar mais poder. Ele fincou sua *arma* no chão e os pés da *criatura* começaram a congelar. Henry lançou uma rajada de gelo. A *criatura* levantou as mãos para tentar se proteger e acabou congelando as mesmas. Henry correu para atacá-lo e o atravessou ao meio. A *criatura* se desfez em líquido e um pequeno cristal alaranjado apareceu, mas logo virou pó. Quando Henry foi até o amigo Rougan, ele sentiu algo perfurando-o pelas costas. Ele se virou e viu uma espécie de *pequeno demônio*. Ele o atacou e o eliminou rapidamente. Henry caiu. Rougan abriu os olhos e viu seu amigo deitado ao seu lado. Ele, muito ferido, se levantou com extremo esforço e se aproximou de Henry.

— O que houve, meu amigo? Era para eu te proteger — disse Rougan, chorando.

— É meu amigo, você falhou — disse Henry, rindo. — Mas não se preocupe. Agora cuide da Rebecca e do meu filho. Nessa missão você não pode falhar!

— Sim, meu amigo. Com total certeza!

Henry morreu e Rougan se arrastou com o corpo dele para um lugar seguro até a chegada de um possível resgate. Depois de horas e para alívio dele, uma equipe chegou e o resgatou. Todos haviam morrido na explosão e ele se tornou o único sobrevivente.

Rougan passou por todos os procedimentos, entrevistas e foi designado de volta para casa. Faltando *um dia* para ele ir embora, seu irmão Ryan entrou em contato:

— Olá, meu irmão! Como está sendo sua recuperação?

— Está indo mais ou menos. Amanhã já estou de volta.

— Ótimo. Temos muito que fazer aqui. Não tenho boas notícias.

— O que houve?

— Já foi triste a morte do Henry, agora será ainda mais complicado porque Rebecca também faleceu. Ela sofreu complicações no pós-parto e não resistiu.

— Mas que m\$&@! E o bebê?

— Bebês. *São gêmeos*. Eles estão bem.

— Que bom. Pelo menos isso, mas o que faremos?

— Eu lhe aguardo aqui para decidirmos, mas Charles está pensando em uma coisa. Precisamos ver se eles são possíveis *compatíveis*. Traga o *Ikihatsunukishi*.

- Ok.
- Até, meu irmão.
- Até.

Depois de um tempo, após o enterro de Rebecca, se reuniram Charles, Rougan e Ryan. Eles discutiram sobre a situação logo após verem que o *Ikihatsunukishi* reagiu quando se aproximou dos bebês.

— O que fará Charles? Vai seguir com seu plano? — perguntou Rougan.

— Sim. Quero que eles tenham uma infância despreocupada, mas também não quero arriscar perdê-los de uma só vez caso haja algum imprevisto. Eles são um caso raro. Vamos separá-los — disse Charles, descontente com a sua própria decisão.

— Vamos, então! E como você decidiu, não levaremos todos os detalhes para o Donovan. Ele não aprovaria, mas como são seus netos, Charles, vamos seguir sua vontade — disse Rougan, apoiando o amigo.

— Obrigado, meus amigos — disse Charles, emocionado.

E assim os gêmeos foram separados para o próprio bem deles.



CAPÍTULO 21

TENTANDO ME ENCONTRAR

ROGER

— Não acredito no que disse. Como vou ter certeza que está dizendo a verdade?
— perguntei, abalado.

— Me aguarde um instante — disse Rougan.

O Sr. Wood foi até o quarto dele e voltou com uma maleta. Ele desarmou a senha dela e a abriu. Tinha diversos documentos, como registros e fotos. Uma lágrima caiu e molhou um dos retratos, em que tinha a mamãe e o papai. Sempre me perguntei por que em casa não tinha foto da mamãe?

Quando eu perguntava ao Fred ele sempre dava a desculpa não convincente de que ela não gostava de tirar fotos. Ainda não estava conseguindo acreditar que Fred não era meu pai e sim meu tio. Mesmo com todas essas revelações eu jamais ia deixar de considerar o tio Fred como meu pai. Ele que me criou com todo amor e carinho que ele podia oferecer.

— Então o homem que estava na foto que veio junto com o *Ikihatsunukishi*, era meu pai.

— Sim. Fui eu que deixei a caixa para você.

— Mas por quê? Por que só agora que está me revelando tudo isso?

— Para protegê-los. Estamos procurando pelos *Ikihatsunukishisen* há muito tempo. Desde meus antepassados nosso legado tem sido, de geração a geração, encontrá-los, protegê-los e uni-los para que estejam preparados contra futuras ameaças que os terráqueos não possam lidar sozinhos. Vocês. Os *Ikihatsunukishisen* são a chave de tudo. Para evitar o mesmo erro que cometemos com seu pai, decidimos fazer isso com a vida de vocês e monitorá-los de longe, para que também tivessem a oportunidade de crescerem como crianças comuns, antes de jogar essa tremenda responsabilidade nas costas de vocês.

— Compreendo, mas ainda não entendo tudo.

— Fique tranquilo. Com o tempo você entenderá tudo. Eu estou aqui para isso.

Permaneci calado pensando e tentando encaixar as coisas. Eram tantas revelações que não sabia por onde começar os questionamentos.

— E o meu irmão? Por que não lhe deram uma infância mais digna? Por que o abandonaram no orfanato?

Rougan permaneceu quieto por uns segundos.

— Eu que havia ficado com ele.

— Hã?! Você?! Como assim? Então como ele foi parar no orfanato?

— Eu tive que deixá-lo lá assim que ele completou um ano. Eu e minha esposa que cuidávamos dele, mas fomos atacados e Melissa acabou morrendo. Romeo quase morreu também. Para que isso não acontecesse novamente, decidi deixá-lo em um orfanato, mas eu sempre estava por perto o acompanhando. Foi por sua causa que Romeo foi morar com vocês. Você talvez não se lembre, mas seu avô me disse que você quando era bem mais novo vivia pedindo um irmão para brincar. Pensamos em umas estratégias e decidimos deixá-los juntos.

Eu me lembrei que até hoje continuava pedindo um irmão, mas que algumas coisas não me permitiam aceitar o Romeo.

— Eu acho que estou sendo um tolo — imaginei.

Tinha tudo o que vivia pedindo e não estava dando a devida atenção e gratidão.

— O que farei então a partir de agora?

— Vamos para *New York* daqui a uns dias. Encontraremos com seu avô e de lá vamos até onde está seu irmão.

Eu ainda não estava totalmente convencido sobre meu avô, mas como estava abalado pelo término do namoro e todas essas revelações, o que viesse dele não poderia ser tão pior. Resolvi dar uma chance para poder entender de uma vez tudo o que estava acontecendo.

— Tudo bem! Vamos então! — disse, tentando parecer empolgado.

— Ok! Vá para casa e aguarde por instruções.

— Ok! Sr. Wood, como devo lidar com meu pai? Hã? Tio? Hã? Sei lá!

— Foi ele que te criou. Você que deve decidir como vai agir. Ele escondeu isso esse tempo todo sob as ordens do seu avô Charles com intuito de protegê-lo e te dá uma chance de ter uma infância tranquila. Conversa com ele. Diz que descobriu tudo, mas não diga como. Vê o que ele tem a dizer e tire suas próprias conclusões. Mas tenha certeza de uma coisa, pelo tempo que venho acompanhando vocês, posso dizer com total certeza que ele cumpriu bem seu papel. Não de tio, mas sim de pai. Claro, isso no meu ponto de vista.

— Ok. Vou conversar com ele. Posso ligar para meu avô também?

— Sim, claro! Deve! Tudo que lhe contei foi com consentimento dele. Só não foi ele quem te revelou tudo isso, por causa do último desentendimento entre vocês. Ele deve ter pensado que você não acreditaria em nada vindo dele.

—Realmente. Não acreditaria. Na verdade, nem chegaria perto dele para conversar, mas depois disso tudo...

— Vá para casa. Qualquer coisa entre em contato comigo. Salve meu contato.

— Tudo bem.

— Até, então!

— Até! E... Obrigado, Sr. Wood!

Rougan deu um sorriso e me levou até a saída. Voltei para casa.

— O que houve meu filho? Não foi viajar? — perguntou meu pai... tio, surpreso e preocupado.

— Houve um imprevisto e voltei.

— Mas que imprevisto? Como assim?

Não estava muito a fim de me explicar e subi para meu quarto sem responder. Tranquei a porta e fui tomar um banho. Meu pai bateu na porta querendo entrar.

— Está tudo bem? Me deixe entrar!

— DEPOIS, PAI! ESTOU TOMANDO BANHO! — gritei, do banheiro.

Terminei meu banho e me joguei na cama. Não estava com vontade de fazer nada. Peguei meu travesseiro e o abracei enquanto pensava nas revelações que tive e no fim do meu relacionamento com Desirée. Havia sido um baita dia e já eram 6:48 da noite. Quando menos esperei, peguei no sono.

Estava sozinho em uma sala cheia de espelhos. Não conseguia ver meu reflexo. Queria sair, mas não tinham portas. Vi meu irmão em um dos espelhos. Me aproximei e ele sumiu. Em um outro espelho vi Desirée. Ela parecia falar algo, mas eu não entendia. Toquei no espelho em que ela estava e logo sua imagem desapareceu. Em um outro espelho vi meus pais. Eles pareciam felizes. Queria abraçá-los e quando fui me aproximar, eles sumiram. Dei um soco no espelho em que havia aparecido meus pais e ele quebrou. Uma porta se revelou e tentei abri-la. Estava trancada. Ouvi uma batida vinda de dentro que aumentava cada vez mais.

— OLÁ! ROGER! ROGER!

Era meu pai batendo desesperadamente na porta do quarto. Levantei sonolento e abri.

— O que houve, meu filho? Quase que arrombei a porta. O que está acontecendo?

— Muitas coisas aconteceram, pai. Ou seria melhor, TIO?

Fred arregalou os olhos surpreso e ficou sem reação.

— Então descobriu. Como descobriu? Seu avô que lhe contou?

— Não importa como descobri. Só queria saber por que nunca me disse nada antes.

— Nunca disse nada porque... porque... não sei bem o porquê de nunca ter dito nada — respondeu meu pai, com os olhos cheio de lágrimas.

— Podia ter me contado a verdade. Eu continuaria gostando de você. Apesar de ser meu tio foi o senhor quem me criou. O senhor sempre será o meu pai — disse, tentando conter minha emoção.

Fred se aproximou e me abraçou. No fundo ainda estava com raiva de todos esses segredos, mas fui deixando de lado as situações ruins e tentei aceitar. Queria falar sobre meu avô, mas...

— Me desculpe por tudo, Roger. Eu e o seu avô Charles que somos culpados por tudo isso. Devíamos ter te contado tudo desde o começo. Nos perdoe!

— Culpados? — perguntei, como se não soubesse disso.

— Sim. Foi tudo ideia dele. Ele que chegou contigo e me pediu para cuidar de você como se fosse meu filho. No começo não achei que seria uma boa ideia, mas acabei aceitando pela minha irmã, no caso sua mãe, Rebecca, que faleceu no parto de vocês. Depois de um tempo percebi que o mais importante era fazer você feliz. Ter uma vida normal com uma família. Eu era até pressionado pelo seu avô a me relacionar com alguém para poder te dar uma mãe, mas nunca encontrava ninguém que me completasse, até que percebi que tive a pessoa certa por tanto tempo ao meu lado e não a estava enxergando.

— A Clara.

— Isso — disse meu pai, envergonhado. — Pena que foi muito tarde, mas quero que saiba que tanto eu quanto Clara vamos continuar amando vocês da mesma maneira. Não importa se biologicamente seja seu tio, o que sinto por vocês não mudará. Continuarei sendo seu pai e vou me esforçar para ser o melhor pai que puder.

Não contive as emoções com as palavras dele e o abracei aos prantos.

— Tudo bem, pai. O que eu sinto também não vai mudar.

— Obrigado, meu filho.

— E o Romeo? Sabia dele desde o começo e só foi atrás dele depois?

— Não! Eu realmente não sabia dele. Só descobri depois. Foi seu avô Charles quem o encontrou.

— Entendi, mas é estranho. Quem estava com a mamãe quando nascemos? Não tinha nenhum amigo ou alguém da família com ela? Como deixaram que nos separassem?

— Meu filho, essa é uma pergunta que também me faço há tempos. A única pessoa que poderia ter essa resposta seria seu avô, mas ele disse que também não estava com ela na hora.

— Entendi.

Achei meio estranho. Pelo que Rougan havia me dito, vovô estava na hora e decidiu nos separar para nos proteger, mas pelo visto vovô também não havia sido totalmente sincero com Fred. Tinha que conversar com vovô Charles para ter esses

esclarecimentos, mas no fundo ainda estava receoso sobre ele. Por mais que ele estivesse tentando me treinar para alguma coisa, a verdade é que ele quase me matou.

— Meninos — disse Clara, abrindo porta do quarto.

— Oi, Clara. Já estou indo — disse meu pai, limpando as lágrimas.

— Me desculpem por atrapalhar. Só vim ver se estão bem.

— Já vou descer. Vamos. Com licença, meu filho.

— Tudo bem, pai.

Clara percebeu que eu e meu pai havíamos nos entendido sobre alguma coisa. Ela deu um sorriso e desceu com ele. Eu fui para cama e peguei meu *Tab P*. Imediatamente me lembrei da Desirée e ainda não estava acreditando no que havia acontecido. De repente meu pai voltou.

— Roger, foram tantas as emoções que até tinha esquecido de perguntar. Por que você não foi viajar? Houve alguma coisa?

— Eu desisti.

— Mas por quê, em cima da hora?

— Eu e Desirée terminamos — disse, querendo chorar e olhando para meu *Tab P*.

— Puxa, filho! O que houve? Não estavam mais se entendendo?

— Depois conversamos sobre isso, pai. Até eu não estou entendendo direito o que houve.

Ele ficou uns segundos em silêncio.

— Tudo bem, meu filho.

Meu pai saiu e fechou a porta do quarto. Já eram 10:25 da noite e liguei o *Tab TV* e deixei rolando uma reprise de uma partida de beisebol que estava quase no fim. Eram tantas coisas passando pela minha cabeça ao mesmo tempo, que não estava sabendo processar nenhuma delas para poder tomar uma boa decisão.

Já estava ficando tarde e eu permaneci no mesmo estado sem saber o que ia fazer da minha vida. Tomei um banho para tentar esquecer de tudo e fui dormir. Com a cabeça *à mil*, demorei a pegar no sono e quando percebi já eram 2:45 da manhã de *terça-feira*. Depois de mais um tempo o sono veio com muito custo e apaguei.

— Roger. Roger!

— Hã?

— Já é quase meio-dia! Não vai acordar não? Eu e Clara vamos na casa da mãe dela. Ela deve ficar lá e eu volto à noite. Qualquer coisa entre em contato.

— Tá! Tá! — respondi, ainda cheio de sono.

Meu pai e Clara saíram e eu voltei a dormir. Acordei quase três da tarde cheio de dor de cabeça e fui direto para o chuveiro. Estava me sentindo quebrado como se tivesse sido utilizado como um saco de pancada. Desci para comer alguma coisa e

tinha um recado em bilhete de papel avisando que tinha comida pronta, que era só esquentar.

Clara não perdia a mania dos seus bilhetinhos de papel. Por um segundo havia me esquecido de onde meu pai e Clara poderiam estar, mas logo me lembrei que eles haviam ido para a casa da mãe dela. Esquentei a comida e comi ali mesmo, sem ânimo nenhum.

Voltei para meu quarto, peguei meu *Tab P* e logo me veio à mente novamente a Desirée.

— *Droga!* Que garota ridícula!

Ainda não estava acreditando na situação. A minha razão estava me pentelhando dizendo que fui um idiota por ter perdido tanto tempo com ela, mas meu coração queria achar uma solução para poder voltar ao que era antes.

Estava sem paciência e do nada resolvi ligar para o meu avô Charles. Queria aproveitar o fervor das emoções e falar com ele para saber o que ele ainda escondia. Em poucos segundos:

— Olá Roger. Tudo bem? — disse meu avô, surpreso com a minha ligação.

— Olá, vovô Charles! Sabe de uma coisa? Quero saber de tudo! Estou cansado de tantas mentiras! Me fale tudo o que sabe!

— Sim, meu neto. Você tem todo direito de saber tudo. Sei que você já descobriu muita coisa. As coisas que ainda queira saber vou lhe esclarecer sem problemas, mas terá que vir me encontrar em *New York*. Venha com Rougan. Ele também está vindo. E não se preocupe, que não terá mais testes de sobrevivência. Pode confiar!

Ainda fiquei com o pé atrás, mas como já não me importava mais nada, aceitei a proposta do vovô.

— Tudo bem. Eu vou. Rougan já falou comigo a respeito de ir para *New York*.

— Excelente! Então venham! Eu os aguardo!

— Ok, vovô!

— Até mais, então!

— Até!

Joguei meu *Tab P* para o lado e fiquei olhando para o nada durante minutos. O término do namoro estava acabando comigo. Não estava animado nem para fazer as coisas que gostava. Meu *Tab P* tocou.

— Sr. Wood.

— Vamos para *New York* na *sexta* à tarde. Deixe tudo preparado e avise ao seu pai.

— Ok! Mas... por que não vamos antes?

— Tenho coisas para resolver por aqui. *Sexta* à tarde. Ok? Até!

— Até.

Eram 4:42 da tarde e ainda não tinha feito nada de legal. Não estava a fim de fazer nada. Pelo visto minhas férias iam ser só no quarto, deitado na cama. Eu fechei meus olhos e de repente me assustei com o toque da campainha.

— Quem será agora? Que saco! — falei, indignado.

Deixei tocar e não fui atender, mas continuaram tocando insistentemente. Desci para ver quem era. Vi de longe que era um garoto com cara de *nerd* igual à do meu irmão e atendi.

— Olá, o que você quer? Quem é você?

— Romeo?! Não! Você deve ser irmão gêmeo dele. O Romeo está em casa? Sou o Derek.

— Não! Não está!

— Hã?! Será que aconteceu algo com ele? Ele não me atende. Ele ficou de ir lá em casa *segunda-feira*. No caso ontem, mas não foi. Ele está bem?

— Está, sim.

— Entendi, mas por que será que ele não me atende?

— Deve ser porque ele não quer falar com você.

O garoto ficou em silêncio por uns segundos.

— Tudo bem. Com licença. Até.

Fechei a porta, voltei para meu quarto e me joguei na cama. Voltei a dormir.

— Roger! Roger! Tudo bem? — perguntou meu pai me acordando.

— Hã? Pai?

— Acabei de chegar. Clara vai ficar uma semana com a mãe porque o estado dela não é muito bom.

— Entendi. Que horas são?

— 11:40 da noite.

— Hã?! Como? Apaguei!

— Percebi. Está tudo bem?

— Sim. Está, sim.

— Ok. Vou tomar banho e dormir. O que precisar pode me chamar.

— Ok.

Estava sonolento ainda. Desci para comer algo e voltei para cama. Não demorei muito e voltei a dormir.

Acordei 6:43 da manhã. Tomei um banho para relaxar e desci para tomar café. Não havia ninguém acordado ainda e lembrei que Clara não estava. Fiz meu café e voltei para meu quarto. Quando ia entrar, meu pai saiu.

— Bom dia, meu filho!

— Bom dia, pai!

— Devo ficar no meu quarto trabalhando, porque surgiu uns imprevistos. Me chama se precisar de alguma coisa.

— Tudo bem, pai. Não devo sair. Vou ficar no meu quarto.

Ele percebeu meu desânimo.

— Quer conversar agora?

— Não! Quero não, pai. Obrigado. Só quero ficar sozinho.

— Tudo bem. O que precisar não hesite em pedir. Vou estar aqui no quarto.

— Ok. E... antes que me esqueça. *Sexta-feira* vou me encontrar com vovô.

— Que ótimo! Vai, sim!

— Ok.

Percebi que meu pai ficou animado de saber que eu iria para o vovô. Entrei para meu quarto e mesmo assim passei o resto da semana sem sair de casa, só na cama. Amigos me chamavam o tempo todo para curtir, mas nada conseguia fazer eu me animar.

Sexta-feira chegou e, com as coisas arrumadas, me despedi do meu pai. Era quase meio-dia e fui até a casa de Rougan para partirmos. Chegando lá, eu o vi saindo desesperado.

— Que bom que já está aqui, Roger. VAMOS!

— Sim, mas não estamos com tempo?

— SIM, MAS UM IMPREVISTO ACONTECEU E ANTECIPEI O VOO!

— O que houve?

— É O SEU IRMÃO!

— O que houve com ele?

— VAMOS QUE FALO NO CAMINHO!

Pegamos um *transporte rápido* até o aeroporto.

— O que houve, Sr. Rougan?

— Eu mesmo não compreendi!

— O que houve?

— Foi dada uma ordem. Seu irmão pode estar em perigo, mas eu não sei como foi permitido.

— Não estou entendendo.

— Quando chegarmos no seu avô explico com detalhes.

— Tudo bem, então.

Em pouco tempo chegamos ao aeroporto. Faltava um pouco mais de quarenta minutos para a partida do voo e ficamos aguardando. Iríamos de *drone*.

— Vou ali comprar algo para comer durante a viagem.

— Tudo bem. Vai lá e não demora! — disse Rougan, parecendo nervoso.

Segui até a praça de alimentação pensativo e curioso para saber o que estava acontecendo.



CAPÍTULO 22

ACEITANDO QUEM EU SOU

ROMEO

— VAMOS, ROMEO! ESTÁ MUITO DEVAGAR! — gritou Mitsuaki, empolgado.

— Calma! Não tenho o seu fôlego!

Mitsuaki avançou para cima de mim e quase rasgou o meu braço com seu *Ikihatsunukishi*. Caí e logo me levantei defendendo o ataque seguinte dele. Com os *Ikihatsunukishi* medimos força. A do Mitsuaki começou a congelar e ele se afastou.

— Está ficando esperto, Romeo!

Dei uma risada e finquei meu *Ikihatsunukishi* no chão fazendo surgir *estalagmites* de gelo na direção do Mitsuaki. Ele saltou para trás e criou uma muralha de terra na sua frente. Mitsuaki riu achando inútil o meu ataque, mas uma estalagmite atravessou a sua muralha e quase o acertou em cheio. Mitsuaki me olhou assustado.

— Vamos mais devagar! Está evoluindo muito rápido! — disse Mitsuaki, preocupado.

— Vamos parar mesmo! Não aguento mais!

Estávamos treinando em algum lugar cheio de árvores no meio do nada e quase destruimos toda a área ao redor.

— Vejo que estão indo bem! Vamos embora! — disse o Sr. Donovan.

Era *sexta feira*, seis da manhã e havíamos saído de madrugada para treinarmos com nossos *Ikihatsunukishi* e assim não entregarmos o local onde estávamos hospedados para a *criatura* devido ao *entrelaçamento* entre nós. Depois de um dia de treino intenso, voltamos exaustos para a *casa e base* do Sr. Donovan. Chegando, nos alimentamos e fomos descansar para depois do almoço continuarmos com os treinos, só que na área do subsolo. Treinos corpo a corpo sem o *Ikihatsunukishi*. Antes de ir para quarto descansar parei o Sr. Donovan para conversar mais uma vez.

— Com licença, Sr. Donovan. Sei que estou sendo chato, mas preciso entrar em contato com meu pai... tio. Preciso falar com ele. Preciso me entender com ele.

O Sr. Donovan ficou parado por uns segundos pensando.

— Vou providenciar. Me acompanhe.

Eu o acompanhei com um olhar de satisfação. As revelações que tive sobre meu verdadeiro pai têm me mantido inquieto com a situação. Precisava desabafar e o Sr. Donovan não estava me deixando fazer ligações externas.

— Entre, Romeo. Vou te dar dez minutos.

Entrei numa sala cheia de controles e lá peguei um aparelho de telefone daqueles bem antigos e liguei para o Fred.

— Olá, pai! Tudo bem?

— Olá, meu filho! Está tudo bem, sim. Temos muito o que conversar! Queria te encontrar. Quando você volta? Como estão as coisas aí com seu avô?

Pensei e hesitei um pouco.

— Está tudo bem. Queria encontrar o senhor também, mas não poderei ir agora. Eu e vovô estamos bem atarefados aqui.

— Que legal! O que estão fazendo?

Eu não queria mentir, mas...

— Estou ajudando o vovô com uns projetos de automação residencial.

— Legal! Bom ver que seu avô está cedendo mesmo à tecnologia.

— É mesmo.

— Tenho uma novidade para contar, mas queria falar pessoalmente.

— Que novidade? É boa ou ruim?

— Para mim é boa, mas você que vai decidir se é boa ou não para você.

— Fala, pai! O que é? — perguntei, achando que ele ia falar algo sobre seu passado.

— É sobre a Clara.

— Ah... — disse, desapontado.

— Quando nos encontrarmos digo do que se trata.

— Seria sobre vocês assumirem um relacionamento íntimo? — perguntei, já sabendo da resposta.

— Hã?! Como você sabe?

— Pai! Já estava na cara. Só alguém desligado não perceberia que vocês estavam muito próximos.

Ele ficou em silêncio por uns segundos.

— É mesmo! — respondeu meu pai, rindo.

— Tudo bem, pai. Não posso demorar. Teria mais alguma coisa para conversar comigo?

— Tem sim! Mas essa eu realmente queria conversar com você pessoalmente.

— Seria sobre mim?

— Sim. Já devo até imaginar que descobriu alguma coisa, mas deixe para conversarmos quando estivermos frente a frente.

— Tudo bem, pai. Eu aguardo — respondi, tentando não pressioná-lo.

— Ok, meu filho. Até mais, então! Pode entrar em contato a qualquer hora, se precisar.

— Ok. Até mais!

— E mais uma coisa. Quero que saiba que não importa o que aconteça, sempre vou te amar como meu filho.

Fiquei emocionado com o que ele tinha acabado de me dizer. Percebi que ele já sabia que eu provavelmente havia descoberto a verdade. Apesar de não ter me criado desde pequeno, ele sempre se esforçou para ser um bom pai e eu sou muito grato por isso. Ele me deu o que tanto procurei, mesmo não sendo pai biológico. Uma família.

— Tudo bem, pai. Eu te amo!

— Eu te amo também, filho! — respondeu meu pai, emocionado.

— Deixa eu ir. Até mais!

— Até, meu filho. Ah! O seu irm...

Desliguei antes sem querer. Achei que meu pai só tinha se despedido. Retornei a ligação, mas uma outra chamada a sobrepôs.

— Romeo? Romeo? É você?

— É ele sim, mas quem está falando?

— Que ótimo! Estava à sua procura desesperado! Você sumiu sem falar nada!

— Quem está falando?!

— Sou eu!

— Eu quem?

— Não reconheceu minha voz, não?

— NÃO! Fala quem é?

— Derek.

— Ah, tá! Como conseguiu me ligar?

— Não temos muito tempo! Descobri umas coisas!

— Que coisas? — questionei.

— Uma delas é sobre o sinal que captamos naquela noite em que nos falamos pela primeira vez. O sinal com criptografia militar.

— Legal! O que descobriu?

— *Lilian* conseguiu descriptografar e interceptar. É o mesmo sinal em que nós estamos nos comunicando agora!

— Hã? Como assim?

— O sinal de comunicação, daí onde você está nesse exato momento, que ocorreu com uma casa vizinha à sua e agora está conectado na sua casa.

— É... faz sentido... Sr. Wood. Combatente Wood.

— Hã? Como assim faz sentido? O que descobriu? O que está fazendo aí?

— Descobri muitas coisas, mas essa não é a hora ideal para lhe contar!

— Sim! Só tenho mais alguns minutos.

— Ok. Depois tento achar um jeito de entrar em contato com você.

— Ok! Só mais uma coisa! Descobri o porquê da mobilização militar. Eles estão protegendo as bases devido ao último incidente numa base militar em *Nevada*. Aquilo não foi um erro de exercício conforme noticiaram. Aquilo foi uma invasão e quem invadiu não pertencia a nenhum outro país. Pelas minhas conclusões, acho que nem era desse planeta!

— Que *doideira*! — disse.

— Sendo que está estranho porque tem coisas que estavam facilitadas. E mais! Rastreei a bagunça que fez em *Roswell*. Quando descobri, você já havia sumido do mapa. Você e um *japa* foram presos e logo depois que foram liberados os registros foram apagados. Um *tal* de Victor e sua família também ficaram sob custódia.

— Sim. Isso mesmo!

— Eles foram levados para outro lugar e sumiram do mapa também — disse Derek, mudando o tom de voz.

— Hã?! Como assim?! Eles também haviam sido liberados!

— Aí não sei! Só sei que sumiram! A única informação que consegui obter foi que eles estavam sendo levados para algum lugar no *White Sands, New Mexico*, mas não sei se eles estão por lá mesmo. Parece que montaram uma base provisória bem próximo da *área de teste de mísseis*. Não tenho mais detalhes porque não consegui mais registros.

— *Droga*! — disse, preocupado.

— Eu vou para lá. Tem coisas que preciso investigar de perto. *Lilian* encontrou umas pistas e pode ser que encontre informações sobre meu pai.

— Não vá! É perigoso!

— Me diga uma coisa. O que é *Ikihatsunukishi*?

— É uma *arma* especial. São muitas coisas que preciso lhe contar...

Quando percebi vi que estava falando sozinho.

— O que será que aconteceu com Victor? Será que o que a *criatura* estava falando nas visões era verdade? — pensei, preocupado.

Ele ia se arriscar muito indo lá. Não sabia o que fazer. Fui até o quarto do Mitsuaki para conversar com a sensação de que estava esquecendo de alguma coisa.

— Ei! Mitsuaki, acorde!

— Hã?! O quê? Já está na hora do almoço?

— Não. É daqui a pouco.

— Ah. Então me deixa dormir mais um pouco.

— Acorde! Precisamos conversar!

— Hã?! O que que você quer?

— Aquelas visões que estávamos tendo da *criatura* toda vez que ativávamos o *Ikihatsunukishi*, em que falava com a gente para irmos até ela, porque queria nos encontrar, pois sabia onde estava e o que havia acontecido com Victor. Acho que ela não estava mentindo.

— Hã?! Como assim? Por que acha isso?

— Eu conversei com um amigo. Ele é bom. Um *hacker*. Ele descobriu umas informações e uma delas é sobre o Victor estar em *New Mexico*. Mesmo lugar para onde a *criatura* estava dizendo para irmos.

— Que amigo é esse? Como conseguiu falar com ele? O Sr. Donovan proibiu contato externo até o momento.

— Ele me autorizou a ligar para meu pai. Tinha muitas coisas para falar com ele.

— Como conseguiu convencê-lo?

— Até agora não te falei, mas o Sr. Donovan revelou tudo sobre meu passado, tudo que eu vinha buscando saber há anos.

— Ih! Legal! E o que descobriu?

— Uma das coisas é que meu pai não é meu pai biológico.

— あれ? E aí?

— Ah! Foi um susto no início, mas estou aceitando. Continuo amando-o como pai. Apesar de não ter me criado desde o começo, fico feliz porque ele desempenhou bem seu papel.

— Que bom! Então deve ter sido por isso que Donovan te autorizou a falar com ele, mas você não me respondeu. Como conseguiu falar com esse seu colega *hacker*?

— Ah, sim! Ele rastreou a minha ligação com meu pai e se conectou logo depois.

— O cara é bom mesmo! O que vamos fazer então? Vamos atrás do Victor para saber o que houve? Será que ele foi levado por aquela *criatura* logo após sermos liberados e agora ela quer nos encontrar por causa disso? Quer usar o Victor como troca pelos *Ikihatsunukishi*?

— Não sei o que fazer! Por isso que vim aqui pedir sua ajuda.

— Vamos então atrás dele.

— Sim, mas acho que o Sr. Donovan não vai autorizar a gente a sair.

— É mesmo. Então vamos fugir!

— Hã?! Mas como?

— Não sei! Vamos sair correndo! — disse Mitsuaki, rindo e zombando.

— Para, cara! Victor e sua família podem estar em perigo! Também tenho que impedir meu amigo de se meter em problemas. Ele está indo para o provável local onde Victor pode estar.

— O que ele vai fazer lá?

— Ele disse que investigar uma coisa de perto. Algo sobre o passado do pai morto.

— Hum! São tantas coisas! Já estou começando a ficar confuso.

— E então? O que faremos? — perguntei, preocupado, querendo uma resposta objetiva.

— Depois do almoço. Até lá eu resolvo!

— Ok!

Não senti muita confiança no Mitsuaki, mas decidi esperar para ver o que ele faria. Ele voltou a dormir e eu fiquei no meu quarto impaciente. A impaciência superou meu sono por mais alguns minutos, mas acabou cedendo e eu finalmente adormeci.

Depois de umas poucas horas de sono, levantamos e fomos almoçar. O *energético* que o Sr. Donovan estava nos dando, ajudava a nos recuperar mais rápido.

Nos sentamos à mesa e logo em seguida chegou o Sr. Donovan, que se sentou também:

— Agora à tarde vamos intensificar os treinos. Na madrugada vamos para um local mais longe e frio para melhorar as habilidades do Romeo em terreno vantajoso ao seu elemento de controle. Depois será feito o mesmo com você, Mitsuaki.

— Tudo bem, Sr. Donovan, mas acho que vamos ter que interromper nossos treinos por um momento. Precisamos sair para ajudar um amigo.

Quase engasguei quando Mitsuaki falou. Estava bebendo água nesse momento. Olhei para ele e depois para o Sr. Donovan.

— Tudo bem. Podem ir.

— Hã?! Como poderia? — pensei.

Não tinha entendido nada! Mitsuaki me olhou e deu um sorriso de malandro.

— Vamos acompanhá-los de longe. Depois do almoço podem partir, mas aguardo o retorno de vocês. Precisam ficar mais habilidosos para dominar por completo seus *Ikihatsunukishi*.

— Como assim? Podemos mesmo? — perguntei, admirado.

— Sim, podem. Não vamos cometer os mesmos erros do passado.

Olhei para o Mitsuaki querendo rir. Ele iniciou seu almoço e o Sr. Donovan logo em seguida iniciou o seu.

— Não vai comer, Romeo? A comida está ótima!

Demorei uns segundos para responder.

— Sim. Obrigado, Sr. Donovan!

Almoçamos e fui arrumar minhas coisas. Segui até o quarto do Mitsuaki.

— Esse era seu plano? Mas como pôde? Você sabia que ele ia deixar a gente sair sem problemas?

— Não. Não sabia de nada.

— Mas como! Não achou estranho?

— Achei, mas não vamos questionar. Vamos logo antes que ele mude de ideia.

— Vamos!

Não estava entendendo mais nada, mas como Victor e Derek poderiam estar precisando de ajuda, não questionei muito e terminei de me preparar para partir. Depois de estarmos prontos, o Sr. Donovan preparou um *drone* que nos levaria até onde quiséssemos ir.

— Vão. Levem esses *Tabs* e esses *DI-Eyes*. Eles vão ser nossa comunicação direta. Tentem não morrer de bobeira. Qualquer ameaça que não possam enfrentar, fujam! Boa sorte! — disse o Sr. Donovan, tentando parecer encorajador.

— Obrigado, Sr. Donovan — disse, querendo parecer agradecido.

Partimos e pedimos ao piloto para nos deixar em *White Sands* próximo à *área de testes de mísseis*.

Peguei o *Tab* dado pelo Sr. Donovan e conectei a minha CSB e acionei *Abele*. Ela me mandou umas informações sobre esse tempo que estava fora. Nada de útil a não ser várias mensagens do Derek e tentativas de chamadas. Entrei em contato com ele.

— Olá, Derek!

— Fala, Romeo! Onde está?

— Estou indo para *New Mexico*. Vou ajudar o Victor. Ele é um amigo. E não vá para lá! É muito perigoso!

— Já estou a caminho! E não estou sozinho.

— Hã?! Como assim?

— Seu irmão está comigo.

— COMO PÔDE?! — gritei, mentalmente.

— O que está fazendo com ele? — perguntei, achando estranha a situação.

— Fala com ele, Romeo!

— Espera! Espera!

— Romeo?! O que está indo fazer?

— Você não entenderia, Roger!

— Como não entenderia? **ESTÁ ME SUBESTIMANDO?**

— Não é isso! Só não quero que arrumem problemas.

— E você pode arrumar problemas?

— Não é isso! Só não vá! Não deixe Derek ir! É perigoso!

— Já *estamos* indo, Romeo. Nos encontramos lá! Quando chegarmos entraremos em contato. Até! — disse Derek, tomando o *Tab P* do Roger enquanto falava com

ele.

— *DROGA!* — gritei, revoltado.

— O que houve? — perguntou Mitsuaki.

— Teimoso do Derek. Meu amigo *hacker*. Ele está indo para lá também.

— Deixa ele. Devemos chegar primeiro. Lá nós o impedimos de fazer alguma besteira.

— Sim, mas o pior é que ele está com meu irmão.

— Hã?! O que eles estariam fazendo juntos?

— Sinceramente, eu não sei — disse, preocupado e confuso.

— Legal! As coisas estão começando a ficar interessantes — disse Mitsuaki, rindo.

Pedi ao piloto para acelerar, queria chegar o quanto antes.



CAPÍTULO 23

ENCONTRO INESPERADO

ROMEO MITSUAKI VICTOR

— Acho que não vou poder me aproximar muito. O espaço aéreo é restrito — disse o piloto.

— Vamos ter que andar muito. Tenta se aproximar o máximo que puder! — disse Romeo.

— Estranho... Não tem mais restrição. Acho que vou poder deixá-los bem próximos — disse o piloto, confuso.

Ele os deixou bem próximos da *base* e voltou. Estava quase anoitecendo e Mitsuaki colocou os *DI-Eyes* que recebeu do Sr. Donovan.

— Nossa! Esse aqui é *top*!

— Estou de olho em vocês. Tudo o que verem, estaremos vendo. Tentem não morrer! — disse uma voz, ao fundo.

Mitsuaki olhou para os lados sem entender nada.

— Quem está falando? Parece a voz do Sr. Donovan!

Uma tela surgiu à sua frente.

— Exatamente. Aqui é o Donovan.

— Que legal, Sr. Donovan. Já chegamos! — disse Mitsuaki, empolgado.

— Perfeito. Estamos de olho. O que for necessário e quando for necessário notificamos vocês. Até então seremos somente seus olhos.

— Entendido.

Mitsuaki pegou o *Ikihatsunukishi* e ativou.

— Vamos, Romeo! Já estou sentindo! Coloque os *DI-Eyes*. O Sr. Donovan está nos monitorando por meio dele.

Romeo pegou os *DI-Eyes* e olhou desconfiado, mas o colocou. Ele viu diversas informações como temperatura, hora, topografia, velocidade do vento. Uma tela à sua frente também se abriu.

— VOVÔ! — disse Romeo, surpreso.

— Olá, meu neto. Estou de olho por aqui junto com o Sr. Donovan. Tente não morrer. Seu irmão...

— Sim, ele está vindo para cá.

— Exatamente. Ele estava vindo para cá com meu amigo Rougan, mas ele desviou o caminho e está indo para aí com um tal de...

— Derek! — disse Romeo, interrompendo novamente o seu avô.

— Isso!

— Tudo bem, vovô! Estou aqui para não deixá-los se meterem em encrencas!

— Ok! Estamos de olho! Até!

Romeo ativou seu *Ikihatsunukishi* e de repente ele começou a ser atraído. Algo o puxava em direção ao sul da base. Mitsuaki fechou os olhos e depois de uns segundos:

— Viu, Romeo?

— Sim.

— A *criatura* está próxima.

— O que faremos?

— Vamos até ela. Não foi para isso que viemos?

— Não sei. Quase morremos da última vez — disse Romeo, com medo.

— Não podemos temê-lo! Ele não está aqui à toa. Vamos logo resolver isso!

Romeo começou a sentir algo, como se fosse uma corrente elétrica, passando pelo seu corpo. Ele fechou os olhos e viu a *criatura* falando com ele.

— Precisamos ir. Ele sabe exatamente onde Victor está — disse Romeo.

— Eu também vi a *criatura* falando.

— Vamos.

Romeo e Mitsuaki correram em direção ao local em que a *criatura* os estava atraindo. Em poucos minutos correndo eles chegaram e logo se depararam com a *criatura* sendo que ele estava na forma humana.

— Vocês demoraram, *híbridos inúteis*!

— Me diga, onde está o Victor? — perguntou Romeo, em tom de fúria.

— Esses *Ikihatsunukishi* vão ser meus, mas ainda preciso de algo mais importante no momento e vocês vão me ajudar a conseguir.

— Do que está falando? — perguntou Mitsuaki, confuso.

— Victor está aí dentro juntamente com uma coisa que eu quero muito também. A base está com a segurança reforçada. Vamos invadir! Eu pego o que quero e vocês pegam o garoto. No fim vocês me dão seus *Ikihatsunukishi* e eu poupo a vida de vocês!

— Saiam daí! AGORA! — disse Charles para Romeo, por meio do *DI-Eyes*.

— Mas temos que salvar o Victor — respondeu Romeo, confuso sobre o que fazer.

— Você é um idiota se acha que vamos entregar nossos *Ikihatsunukishi*! — falou Mitsuaki, revoltado e com um pouco de medo.

— Já desconfiava que diriam isso. Então vamos lá! Depois mato vocês! — disse a *criatura*, se transformando em uma espécie de *touro mutante* enorme e com vários chifres.

— FUJAM DAÍ! — gritaram pelo monitor, quase que ao mesmo tempo, Donovan e Charles para os garotos.

Romeo e Mitsuaki viram a *criatura* arrebentando as cercas da base, invadindo e destruindo tudo o que via pela frente. Um alarme soou pelo local inteiro e soldados foram se colocando a postos para enfrentar a invasão.

— O que faremos? O que faremos? — perguntou Mitsuaki, apavorado e ao mesmo tempo, excitado pela emoção de um combate que resultaria num sério risco à vida deles.

— SAIAM DAÍ IMEDIATAMENTE! É UMA ORDEM! — gritou Donovan.

— A situação fugiu do controle, garotos! FUJAM! — disse Charles, preocupado. Romeo ficou quieto por uns segundos e jogou o *DI-Eyes* no chão.

— Vamos, Mitsuaki! — disse Romeo, correndo em direção à confusão.

Mitsuaki hesitou por um momento. Romeo olhou para trás.

— Você está comigo?

— Não façam isso! — disse Donovan para Mitsuaki.

Mitsuaki deu um sorriso e tirou o *DI-Eyes*, jogando-o no chão.

— Vamos nessa!

Os dois entraram na base tentando passar despercebidos.

— Para onde vamos? — perguntou Mitsuaki, parecendo perdido.

— Não sei! Temos que tentar achar o Victor.

— Mas assim fica difícil! Vamos ser pegos!

Soldados apareceram e atiraram na direção deles. Mitsuaki reagiu rápido. Fincou o seu *Ikihatsunukishi* no chão fazendo rasgar o asfalto e com muita dificuldade fez surgir uma muralha de terra que os protegeram dos disparos.

— Vamos, Romeo! Por aqui!

Eles correram até um galpão, mas foram surpreendidos por mais soldados. Quando Romeo ia reagir algo surgiu destruindo tudo. Era a *criatura*. Romeo e Mitsuaki aproveitaram a oportunidade para correrem e saírem do local. Eles entraram em um prédio, desceram as escadas e deram de cara com uma pessoa.

— Quem é você? — perguntou Mitsuaki, apontando seu *Ikihatsunukishi* para um homem estranho.

— Calma! Sou só um pesquisador. Me chamo Alexander.

— Saia! Nos deixe passar — disse Romeo, com um tom agressivo.

— Vocês querem o Victor.

— Hã?! O que disse? Como sabe disso? — perguntou Romeo, confuso e assustado.

— Porque sei quem são.

— Como pode saber quem somos? — perguntou Mitsuaki, desconfiado.

— Porque onde pegamos o Victor também pegamos registros de vocês na delegacia. Descobrimos tudo sobre vocês desde aquele dia em *Roswell*. A *criatura* que está invadindo a base nesse momento foi a mesma que invadiu uma base em *Nevada*, de onde roubou um poderoso objeto.

— Que objeto? — perguntou Romeo, parecendo ainda mais confuso.

— O mesmo que vocês têm nas mãos. Um *Ikihatsunukishi*.

Romeo e Mitsuaki trocaram olhares, como se tudo naquele momento passasse a fazer sentido.

— Como você sabe disso? O que sabe sobre os *Ikihatsunukishi*? — perguntou Mitsuaki, querendo respostas convincentes.

— Eu sou...

Um barulho estrondoso fez tremer o chão e eles se desequilibraram.

— Victor está na ala norte. Subindo, sigam pela esquerda e depois virem à esquerda novamente. Terceira porta. Peguem! Esse é o cartão de acesso!

Romeo pegou o cartão desconfiado.

— Como vamos saber se podemos confiar em você?

Um novo tremor quase os fez cair.

— Vão agora! Somente vocês podem deter a *criatura*!

Romeo olhou para Mitsuaki e eles saíram correndo. Com um pouco de dificuldade eles chegaram até o local indicado por Alexander e com o cartão de acesso conseguiram entrar na sala:

— ROMEO?! O que faz aqui? Como nos acharam? — disse Victor, confuso e ao mesmo tempo aliviado.

— É uma longa história. Agora, vamos!

Victor pegou nas mãos da irmã e com sua avó seguiram logo atrás de Romeo e Mitsuaki. Eles encontraram mais soldados, mas conseguiram evitar os tiros com seus *Ikihatsunukishi* e sem ferir ninguém seriamente. Eles passavam entre *containers* quando:

— Derek?! Roger?! — disse Romeo, espantado.

— Achamos vocês! Está um caos aqui! O que fizeram? — perguntou Derek, vibrando de emoção.

— Falei para não virem! Vamos sair daqui agora! — falou Romeo, desesperado.

— Ainda não! Preciso ir até a outra *base de dados* e pegar mais informações — disse Derek.

— Você está louco! Vamos embora daqui agora! — disse Romeo.

Romeo puxou Derek pelo braço. Victor e sua família junto com Mitsuaki foram atrás de Romeo. Roger demorou uns segundos para se mexer, mas logo os

acompanhou e pensou consigo mesmo:

— Que loucura! Vamos morrer aqui!



CAPÍTULO 24

AMIZADE

ROGER

Enquanto estava caminhando para escolher em qual loja entrar me deparei com:

— Roger! Tudo bem? Está indo viajar?

— Você é o...

— Derek.

— Isso! Que coincidência te encontrar aqui!

— Eu que o diga! Eu estou indo para *New Mexico* e depois vou me encontrar com seu irmão.

Parei por uns segundos.

— Como pode? O que ele planeja fazer junto com Romeo? Rougan me disse que meu irmão poderia estar em perigo... — pensei. — O que vocês estão planejando? — questionei Derek.

— São muitas coisas. Não tenho tempo para explicar.

— ME EXPLIQUE AGORA!

— Calma, cara! Realmente eu queria, mas não tenho tempo! Preciso ir!

— NÃO VOU DEIXAR VOCÊ IR ATÉ QUE ME EXPLIQUE O QUE PLANEJA FAZER JUNTO COM ROMEO.

— Só um instante! Vou atender uma chamada! Olha! É seu irmão!

— Fala, Romeo. Onde está?

— Estou indo para *New Mexico*. Vou ajudar o Victor. Ele é um amigo. E não vá para lá! É muito perigoso!

— Já estou a caminho! E não estou sozinho!

— Hã?! Como assim?!

— Seu irmão está comigo.

— O que está fazendo com ele?

— Fala com ele, Romeo!

Derek me passou o *Tab P*. Receoso em falar com ele tomei coragem.

— Romeo?! O que está indo fazer? — perguntei, parecendo ser o irmão mais velho.

— Você não entenderia, Roger!

— Como não entenderia? *ESTÁ ME SUBESTIMANDO?*

— Não é isso! Só não quero que arrumem problemas.

— E você pode arrumar problemas?

— Não é isso! Só não vá! Não deixe Derek ir! É perigoso!

Derek tomou o *Tab P* da minha mão.

— Já *estamos* indo, Romeo. Nos encontramos lá! Quando chegarmos entraremos em contato. Até!

Derek encerrou a chamada.

— Preciso ir.

— O que você quis dizer com “*estamos*”?

— Você que me diz. Vamos?

— Para onde?

— *Ora*, ir até seu irmão. Ele já está indo para lá.

— Até queria, mas não tenho passag...

Derek fez alguma coisa no seu *Tab P*.

— Já está providenciada. Vamos! — disse Derek, caminhando até a área de embarque.

Fiquei parado pensando na situação e no que ia falar para Rougan.

— Vamos, Roger! Vamos perder o voo!

Ignorei o fato de estar com Rougan e acompanhei Derek. Fomos até a área de embarque.

— *Drone!* — disse, surpreso.

— Sim! Vamos de *drone*. Precisamos chegar o quanto antes!

Embarcamos e em poucos minutos decolamos. Depois de uns minutos de silêncio, Derek disse:

— Por que você e seu irmão não se dão bem? Por que não gosta dele?

— Hã?!

— É. Sei sobre a relação de vocês. Vocês não deveriam ser assim. Tinham que ser unidos. Assim que são irmãos. Por exemplo, eu e minha irmã. Apesar de muitas vezes a gente se desentender, no final sempre entramos em um consenso e fortalecemos nosso amor e amizade entre irmãos.

Permaneci calado e de cabeça baixa refletindo no que Derek havia acabado de falar. Ele tinha razão. Não devíamos ser assim. Devia tê-lo aceito com suas diferenças. Eu fui um tolo ao excluí-lo. Uma lágrima quase escorreu dos meus olhos, mas me segurei.

— Até hoje eu não sabia por que não me entendia com meu irmão. Achava que ele devia ser igual a mim, ainda mais porque somos gêmeos. Eu o achava um tolo e antissocial, mas hoje percebo que eu que fui o tolo esse tempo todo. Eu o

discriminei não aceitando suas diferenças. Ele era o *nerd* e eu descolado e eu não respeitei a diferença entre nós. Espero que um dia ele me perdoe.

— Ele vai. Só falar exatamente isso que me falou para ele. Ele gosta de você. Todo irmão gosta um do outro, por mais que sejam diferentes.

— Obrigado, Derek! Até que você é legal! — disse, tentando parecer o mais sincero possível.

— Tudo bem! Não esquentar! Sei que me achou um idiota no começo, mas não ligo. Todos acham isso.

— Não. Não. Que isso!

— Tento não ligar.

— Apesar de não te conhecer direito, sei que é uma boa pessoa. Só pelo fato de ser amigo do Romeo, já me convenceu que você aceita as pessoas sem discriminá-las.

Derek deu uma risada e permaneceu calado. Ele pegou seu *Tab P* e começou a analisar alguma coisa. Uns gráficos e informações em *banco de dados*. Fiquei olhando tentando entender o que ele estava fazendo, mas não compreendia absolutamente nada.

Ele permaneceu assim por quase toda a viagem.

— Estamos chegando — disse o piloto.

— Nos deixem o mais próximo que puder.

— O espaço aéreo era restrito, mas não está mais. Estranho, porque está acontecendo alguma coisa. Vejo explosões — disse o piloto, preocupado.

— Aproxime-se o quanto puder.

— Não vou me aproximar mais do que isso. Vou deixá-los aqui.

O piloto nos deixou bem próximos do local. Derek até ficou satisfeito porque não achou que ficariam tão perto. Eles correram até uma base, que parecia estar sofrendo um ataque.

— Você não pretende entrar aí, pretende? — perguntei, preocupado.

— É óbvio que sim! Vamos aproveitar o caos para colher algumas informações.

— Você é louco. Vamos sair daqui!

Derek me ignorou e entrou sem medo na base. Sem saber o que fazer, eu o segui amedrontado. Entramos em um prédio e descemos umas escadas. Ele fazia alguma coisa com seu *Tab P* que acessava e liberava as portas que necessitavam de código de acesso. Entramos em uma sala escura e fria. Tinham várias máquinas eletrônicas. Parecia um *Data Center*. Derek parecia estar coletando dados. Ouvíamos barulhos e tremores cada vez mais fortes.

— Vamos, Derek! Precisamos sair daqui antes que sejamos pegos! Tem muitas câmeras de segurança. Com certeza algumas delas já nos filmaram e depois esses caras virão atrás da gente!

— Fica tranquilo! Desativei todas e apaguei os registros!

Olhei para ele surpreso e assustado.

— Você parece não ser desse planeta — disse, querendo rir, mas cheio de medo.

— Pronto. Vamos. Aqui já foi concluído o *download*. Precisamos ir até a outra sala de dados — disse Derek.

— Que outra sala de dados? Vamos embora! Vamos ser pegos!

Saímos da sala e tentamos passar despercebidos. Eram muitas explosões e tiros que ouvíamos. Estava apavorado e com medo de ser atingido por bombas ou ser baleado. Passamos entre uns *containers*.

— Derek?! Roger?! — disse Romeo, nos olhando espantado.

— Achamos vocês! Está um caos aqui! O que fizeram? — perguntou Derek, vibrando de emoção.

— Falei para não virem! Vamos sair daqui agora! — falou Romeo, desesperado.

— Ainda não! Preciso ir até a outra *base de dados* e pegar mais informações! — disse Derek.

— Você está louco! Vamos embora daqui! — disse Romeo.

Ele puxou Derek pelo braço. Os outros foram atrás de Romeo. Demorei uns segundos e olhei para todos os lados tentando acreditar na besteira que estávamos fazendo.

— Que loucura! Vamos morrer aqui! — pensei, apavorado.



CAPÍTULO 25

SAINDO DO CONTROLE

ROGER ROMEO MITSUAKI VICTOR

Todos saíram em disparada, tentando fugir da confusão. Quando estavam quase chegando na saída, eles foram cercados por muitos soldados. Romeo e Mitsuaki iam se defender quando os soldados assustados viraram para atacar a *criatura*, que vinha ferozmente na direção deles. Os soldados começaram a disparar na direção *dela*, mas os tiros não faziam efeito. Uma bazuca foi lançada contra a *criatura* e uma enorme explosão ofuscou a visão de todos.

Romeo e Mitsuaki, junto com os outros, aproveitaram a oportunidade para saírem dali. Quando estavam correndo para a saída, um vento forte foi dissipando a fumaça que estava ao redor e uma luz intensa foi apontada na direção deles. Mitsuaki percebeu que era um *drone de transporte*. A *aeronave* aterrissou e Charles saiu.

— VAMOS TODOS! RÁPIDO!

— MAS NÃO CABEM TODOS! — gritou Romeo.

Logo em seguida um outro *drone* aterrissou ao lado e Donovan saiu dele.

— VAMOS! — gritou ele.

Romeo e Mitsuaki desativaram seus *Ikihatsunukishi* e com Roger e Derek, entraram no *drone* com Charles. Victor, Julie e Amy foram com Donovan. Eles decolaram e de cima viram quase tudo em chamas na base. Eles se afastaram rapidamente do local, mas de repente o *drone* em que Charles e os outros estavam foi atingido por uma rajada de raios que fez torrar os controles eletrônicos. Eles fizeram uma aterrissagem forçada no meio do deserto.

Derek bateu a cabeça e desmaiou. Romeo tentou tirá-lo do *drone* e os outros foram ajudá-lo a carregar Derek. Eles se afastaram e viram uma outra rajada de raios atingindo o *drone* em que estavam Donovan e os outros. Eles caíram mais à frente e depois de um tempo uma enorme explosão foi vista.

— VICTORRR!!!! — gritou Romeo, sem muito o que fazer.

— Vamos lá ajudá-los! — disse Mitsuaki, desesperado.

— Temos que sair daqui o quanto antes! — disse Charles, sem esperanças e preocupado.

— Não podemos ir sem saber se sobreviveu alguém. Temos que ir até lá! — disse Romeo, ativando seu *Ikihatsunukishi* e saindo correndo em direção ao outro *drone* caído.

De repente uma rajada de raios quase os atingiu em cheio. Era a *criatura* que chegava atacando. Romeo fez uma barreira de gelo para tentar contê-lo, mas foi facilmente quebrada com um único ataque da *fera* descontrolada.

Mitsuaki estava limitado pois, com a enorme quantidade de areia abaixo dele estava difícil controlar a terra ao seu favor. A *criatura* sofreu uma nova transformação e virou uma espécie de *dinossauro bípede* com braços longos. O *ser estranho* deu um golpe que arremessou Mitsuaki longe. Romeo partiu para o ataque direto e congelou as pernas da *criatura*, mas ela se desprende do gelo facilmente e o arremessou para alto. Romeo caiu, perto de Roger e Charles, muito ferido.

— Pare, Romeo! Vai acabar morrendo assim! — falou Charles, sem saber o que fazer.

— Não temos escolha. De um jeito ou de outro vamos morrer — disse Romeo, sem forças.

Roger olhou para o irmão quase morto e pegou o *Ikihatsunukishi* que Romeo havia largado e que havia voltado ao seu formato de cubo de gelo. O *Ikihatsunukishi* assumiu a forma de uma pequena faca e Roger foi à frente para tentar lutar contra a *criatura*.

— Ha! Ha! Você com esse *Ikihatsunukishi* insignificante acha que poderá fazer alguma coisa? Você parece bem mais fraco do que esses que derrubei. Já que não consegui o que queria vou matar todos e pegar esses *Ikihatsunukishi*, seus terráqueos inúteis!

— VENHA, ENTÃO! — gritou Roger, tentando parecer corajoso e útil pelo ao menos uma vez na vida.

Sem nenhuma habilidade no manuseio do *Ikihatsunukishi*, Roger só aguardou o ataque da *criatura*. O *ser* concentrou raios no seu braço e os direcionou para ele. Roger fechou os olhos apontando o *Ikihatsunukishi* para frente, esperando o pior, mas o golpe da *criatura* não chegou. Ele abriu os olhos e viu que seu irmão havia entrado na sua frente e recebido o ataque.

— NÃOOO! POR QUÊ, ROMEO?

A *criatura* deu uns passos para trás e Romeo caiu gravemente ferido. Mitsuaki se levantou e foi gritando revoltado até a *criatura*, tentando desesperadamente atacá-la. Ela se virou e foi na direção de Mitsuaki. Roger foi até o irmão.

— Por quê, seu tolo? Por que fez isso?

— Não... sei... só não... queria que... você... morresse.

— Seu idiota — disse Roger, chorando.

— Me desculpe... por não ter sido... um irmão... que... você merecesse... ter.

— Pare de dizer bobagens. Eu que deveria tê-lo aceitado como você é. Fui um idiota todo esse tempo.

Romeo olhou para o irmão e começou a chorar. Ele deu um sorriso e seus olhos começaram a se fechar.

— NÃO! NÃO! FICA COMIGO, ROMEO! NÃOOOO!

Roger chorava desesperado. Charles via tudo sem reação. Uma raiva dominou Roger, que se levantou e gritou, tomado pela ira. Um tornado de vento gelado começou a se formar, com ele no centro. O deserto aos seus pés começou a congelar e seu *Ikihatsunukishi* foi mudando de forma. O que parecia uma pequena faca foi se transformando em uma espada bem maior e robusta.

A *criatura* derrubou Mitsuaki e partiu para cima do Roger. Ele com seu *Ikihatsunukishi* em um *outro nível* lançou uma rajada de gelo que foi congelando as areias do deserto à sua frente até atingir a criatura, que cristalizou quase que instantaneamente. Roger se aproximou e fincou o *Ikihatsunukishi* no chão e várias estalagmites de gelo surgiram, atravessando o corpo congelado da *criatura*.

Roger estava dominado pela fúria e com o *Ikihatsunukishi* erguido correu até o *ser* que estava imóvel e a atravessou ao meio. O gelo se quebrou em minúsculos cristais. Tudo começou a derreter e da *criatura* só restaram duas coisas, que pareciam ser cristais. Um amarelo e outro alaranjado. O alaranjado virou pó e o amarelo brilhou por uns segundos e parou. Roger se abaixou e pegou o pequeno *cristal amarelo* que, olhando em uma certa posição, lembrava o símbolo de um raio. Mitsuaki se levantou com muito custo e foi até Roger.

— O que você fez? Como conseguiu ativar o *nível dois* do *Ikihatsunukishi*?

— Hã?! O que está dizendo? — disse Roger, desativando o *Ikihatsunukishi*.

— Quando um *Ikihatsunukishisen* sobe de *nível* consideravelmente ele transforma seu *Ikihatsunukishi* em uma nova *forma* mais poderosa. Foi o que você fez. Sua simples *faquinha* se transformou em uma *espada* superpoderosa e com isso seu poder aumentou drasticamente. Dos meus antepassados, poucos conseguiram ativar esse *nível*, assim como meu avô. Eu mesmo, com tantos anos de treino, nunca consegui chegar a esse *nível* e você conseguiu fazê-lo sem tantas dificuldades. Como fez isso?

— Não sei — disse Roger, olhando para o *Ikihatsunukishi* na sua mão, que havia voltado a ser um cubo de gelo.

Roger correu até o irmão e Mitsuaki foi atrás.

— Romeo! — disse Roger, não acreditando no que tinha acontecido.

— Não acredito! Que maravilha! — disse Charles, parecendo empolgado.

— O que houve, vovô?

— Seu irmão ainda está vivo. Seus batimentos estão bem fracos, mas ainda está vivo. Precisamos sair daqui o quanto antes!

— Mas como vamos sair daqui? — perguntou Mitsuaki.

— A ajuda já deve estar chegando — disse Charles.

Eles perceberam um pessoal se aproximando e quando se deram por conta viram que era o Donovan, Victor e sua família.

— Vocês sobreviveram! Que bom que nada aconteceu! — disse Charles para Donovan.

— Sim, meu amigo!

De longe eles viram que diversos *carros* e *drones militares* estavam se aproximando.

— São os militares? O que faremos? — perguntou Roger.

Um *drone* enorme se aproximou do lado oposto e aterrissou bem próximo a eles. Um homem saiu dele.

— VAMOS! DEPRESSA! — gritou Rougan.

— VAMOS! VAMOS! — gritou Charles.

Roger pegou o irmão no colo e Mitsuaki, Derek e os outros entraram no *drone*, menos Donovan, que permaneceu do lado de fora e ordenou que partissem.

— O que pensa que está fazendo, Donovan? — perguntou Charles.

— Vão! Vou ficar para despistá-los!

— Ha! Ha! Despistá-los? Você sozinho? — disse Charles, rindo sem entender o que Donovan estava planejando.

Donovan respondeu com um singelo sorriso e se virou.

— VÃO AGORA! É UMA ORDEM!

Rougan decolou e partiu rapidamente dali.

— Você é mesmo teimoso, Charles! — disse Donovan, rindo.

— Não vou deixá-lo se meter em encrencas sozinho — respondeu Charles, rindo também.

— Ainda bem que *estávamos próximos* porque senão algo pior poderia ter acontecido — disse Donovan, dando um sorriso.

Os militares se aproximaram apontando todo armamento na direção deles. Donovan e Charles permaneceram imóveis. Um *oficial* que parecia ser o líder se aproximou cautelosamente.

— Então são vocês! — disse um *oficial general*, se aproximando.

— Olá — disse Donovan, parecendo confiante.

— Vocês nos trouxeram muitos problemas, nos acompanhem!

Donovan e Charles entraram em um caminhão e o *oficial general* seguiu acompanhando-os em um jipe.

Depois de um tempo o *drone* que Rougan pilotava já estava sobrevoando a casa do Donovan e eles aterrissaram. Era madrugada de *sábado* e eles foram recepcionados pelos empregados que deram total assistência. Romeo e Derek foram encaminhados para a enfermaria. Lá eles receberam os cuidados que precisavam.

Já de manhã, Derek acordou assustado.

— Hã?! Onde estou? Que lugar é esse?

Ele olhou para o lado e viu Romeo deitado e bastante ferido.

— Romeo?!

Derek se levantou, foi até Romeo e tentou acordá-lo. Seu amigo não respondia. Parecia estar em coma. Ele se desesperou e o sacudiu com mais força.

— *Hey!* Pare com isso! — disse Romeo, sentindo muita dor.

— Hã?! Você está vivo! O que foi que aconteceu com você?

— Não me lembro direito. Nem sei como vim parar aqui.

Uma enfermeira entrou.

— Vocês estão acordados. Sente-se, Sr. Derek. Ainda está se recuperando e você, Sr. Romeo, não se esforce tanto. Seu estado ainda é crítico e requer cuidados.

Derek, mais tranquilo, voltou para sua cama e deitou tentando se lembrar das coisas que aconteceram. Ele se recordou de uma coisa muito importante!

— MINHA MOCHILA! ONDE ESTÁ?

— Calma, Sr. Derek! Suas coisas estão todas guardadas. Depois vocês terão acessos a elas. Fiquem tranquilos!

O Sr. Donovan, Charles e Rougan entraram na enfermaria.

— Que bom que está bem! — disse Charles, feliz.

— Olá, vovô! O que houve?

— Não se esforce, meu neto. Depois conversaremos e explicarei tudo o que aconteceu. Por enquanto, se concentre em descansar para se recuperar.

— E meu irmão? Ele está...

Romeo foi interrompido pela entrada de Mitsuaki, Victor e Roger que vinham logo atrás. Romeo olhou para eles e começou a chorar de felicidade.

— Estão todos aqui. Que legal! — disse Romeo, aos prantos.

Todos foram até ele para ver seu estado. Apesar de ainda estar muito ferido Romeo apresentava melhoras e isso fez todos ficarem aliviados. O pessoal o deixou descansar e saíram, menos Roger.

— Você é muito forte, meu irmão.

Romeo deu um sorriso e levantou a mão esquerda. Roger se aproximou e segurou a mão do irmão.

— Prometo que vou ser um irmão melhor! Eu prometo! — disse Roger, não segurando a emoção.

Romeo deu um sorriso e apertou com força a mão do irmão.

— Vai descansar. Depois conversamos — disse Roger

— Ok!

Ele saiu. Romeo olhou para o lado e viu Derek querendo rir.

— Não diga nada — disse Romeo, se virando para o outro lado e rindo.

Derek ficou olhando para teto pensativo e Romeo ficou pensando em *mil coisas* por quase uma hora, em silêncio.



CAPÍTULO 26

ACEITANDO O QUE SOMOS

ROGER ROMEO MITSUAKI VICTOR CHARLES ROUGAN

Era noite de *domingo* e Roger não foi jantar com o pessoal. Ele foi para a enfermaria comer com o irmão.

— Olá, Romeo. A comida daqui está boa?

— Sim, está sim!

— Posso comer com você? — perguntou Roger, ainda meio sem graça de falar com irmão.

— Claro! Vem!

Roger sentou-se em um sofá ao lado do leito de Romeo.

— Esse lugar parece bem maior desde a última vez que estive aqui — disse Roger, rindo e olhando para todo lado.

Ele pegou uma rosquinha doce no meio de diversas coisas gostosas que estavam ali para Romeo. Roger comeu em silêncio e depois da última mordida:

— Preciso falar sobre o nosso pai — disse Romeo, rompendo o silêncio.

— Se for o que estou imaginando, já sei.

— É. Ele é nosso tio, mas para mim continua sendo pai. Ele que nos criou, apesar de eu ter chegado depois. Para mim, nada mudou.

— Sim, Romeo. Para mim também não — disse Roger, de cabeça baixa.

— E sobre toda história dos nossos pais biológicos?

— Já sei de tudo. Papai! Mamãe! Nossos avós! *Ikihatsunukishi* e *Ikihatsunukishisen*!

— Entendi! Até cheguei a conversar com o pai a respeito disso, mas ele queria somente conversar pessoalmente.

— Ah, tá! Ok! E sobre pai e Clara? Ficou sabendo? — perguntou Roger

— Sim. Pai me falou — respondeu Romeo, rindo.

— É engraçado, mas foi bom para o pai. Ele estava precisando.

— Você tem razão. Vamos conversar juntos com ele? — perguntou Romeo.

— Sim. Vamos, sim! Vamos harmonizar nossa família. Acabar com esses segredos.

— Vamos, mas acho melhor não contarmos que eu quase morri — disse Romeo, rindo.

— Verdade! Acho que ele não reagiria bem a isso. E muito menos a Clara — disse Roger, dando uma risada sarcástica.

Romeo respondeu com uma risada descontraída e foi comer umas frutas. Depois da terceira mastigada em uma maçã disse:

— E você e Desirée? Como estão?

Roger permaneceu em silêncio por uns segundos e depois respondeu:

— Terminamos.

— Hã?! Como assim?

— Ela quis terminar. Disse que me traiu. No começo até achei que era por sua culpa, mas vi que não tinha nada a ver. Nunca vi você com menina alguma e não seria com Desirée que você ficaria — disse Roger, tentando falar sério e sarcasticamente ao mesmo tempo.

Romeo olhou para o irmão insatisfeito com o comentário, mas *levou na esportiva*.

— Você a maltratava muito, mas eu sabia que você gostava dela. Era seu jeito e ela gostava de você do jeito que era. Também era bem notável que ela o amava muito. Foi estranha essa atitude dela, do nada.

— Também não entendi. Você tinha razão. Eu a maltratava muito. Fiquei até revoltado no começo, mas pensei bem e decidi tentar voltar. Queria pedir uma segunda chance para tratá-la como ela merece.

— Sim. Não desiste dela não. Sei que ela o ama e que você também sente o mesmo. Sempre disse isso a ela. Apesar de não nos falarmos muito, sempre o observava. Sei que você será a melhor opção para ela. Vocês têm os mesmos gostos e se completam. Assim que voltarmos a procure. Pode contar comigo no que precisar.

— Obrigado, irmão — disse Roger, pensativo.

Ele ficou mais um tempo com o Romeo e aproveitaram para ver um filme. Roger foi para o quarto quase de madrugada e esbarrou com Mitsuaki.

— Fala aí, *samurai*! Nem parece que está ferido! Você apanhou tanto e está de pé e bem! — disse Roger, sarcasticamente.

— Olá! São treinos. Apesar de você ter conseguido alcançar o *nível dois*, está longe de ter minhas habilidades, mas creio que um dia será tão bom quanto eu — disse Mitsuaki, tentando parecer melhor, mas ainda sentido muita dor.

— Entendi — respondeu Roger, com indiferença.

— Vamos treinar juntos quando puder!

— Não sei. Ainda não decidi se quero continuar com isso.

— Que isso! Você é poderoso! Você viu contra o que lutamos! Aquilo não era nada comparado ao que está por vir! Meu avô e o pessoal daqui disse que precisamos estar preparados para algo muito maior. Precisamos de você!

— Vou pensar e decidir. Preciso definir primeiro a minha vida em relação à família. Depois eu vejo isso.

— Entendi e falando em família, vou entrar em contato com meus pais. Aqui já são meia-noite lá são uma da tarde de *segunda-feira*, devido ao *horário de verão* de vocês. Este *fuso horário* ainda está me deixando confuso, mas estou me acostumando.

— Ok. Vai lá.

Quando Roger e Mitsuaki estavam saindo um para cada lado, o Sr. Donovan apareceu.

— O que estão fazendo aqui tão tarde?

— Nada de mais! Eu até estava indo de encon... — disse Mitsuaki.

— Depois vou reuni-los. Vamos decidir o futuro de vocês — disse o Sr. Donovan, interrompendo Mitsuaki.

Roger olhou para Mitsuaki nada satisfeito.

— Vão! O que precisarem é só acionar a *AI* central, *Rachel*. E, Roger, vai para seu quarto. Seu avô quer conversar com você — disse o Sr. Donovan, parecendo muito sério.

— Sim, mas preciso entrar em contato com meus pais, faz dias que não falo com eles — disse Mitsuaki, parecendo preocupado.

— Sim. Pode vir comigo.

Roger foi para seu quarto e Mitsuaki acompanhou o Sr. Donovan.

— Está aqui, Mitsuaki. Pode ligar. Você tem trinta minutos.

— Obrigado, Sr. Donovan.

O Sr. Donovan saiu e Mitsuaki iniciou a chamada.

— Olá, mãe. Tudo bem?

— Oi, meu filho. Está, sim. E você, como está? Está curtindo bem as férias? Onde está seu *Tab P*? Por que não me ligou dele?

— Sim! Sim! Está tudo bem! Meu *Tab P* descarregou. E o papai? E vovô?

— Seu pai está em um trabalho importante e seu avô viajou — respondeu sua mãe, estranhando.

— Hã?! Viajou? Para onde ele foi?

— Foi para a *China*.

Mitsuaki achou estranho, mas não quis questionar muito.

— Tudo bem, mãe. Vou lá dormir porque aqui já é de madrugada.

— Tudo bem, meu filho. Quando puder me liga mais vezes. A gente não tem entrado em contato para não atrapalharmos seu descanso, mas não deixe de ligar se

precisar de alguma coisa. Beijos! Até! Bom descanso!

— Até, mãe! Manda abraço para o papai.

— Sim. Até!

Mitsuaki se questionava por que quando se tratava de estudos os pais eram muitos rigorosos, mas quando tinham que deixá-lo curtir o tempo vago eles faziam de tudo para não incomodar. Ele quase foi morto e nem passava pela sua cabeça contar isso para eles. Mitsuaki voltou para o seu quarto e logo pegou no sono.

Na *segunda-feira* pela manhã bem cedo Romeo recebeu a visita de Victor.

— Olá, meu amigo! Se recuperando bem? — perguntou Victor.

— Sim. Estou, sim!

— Que bom! Ainda não tive a oportunidade de agradecer por ter ido me salvar. Foi muita loucura de vocês terem ido lá invadir.

— Foi mesmo. Nem eu estou acreditando no que fizemos, mas para salvar os amigos não importam os riscos.

— Obrigado, Romeo! Eu e minha família vamos ser eternamente gratos!

— Que nada! E seu avô?

— O Sr. Donovan conseguiu trazer o corpo dele para cá. Já o *cremamos* em uma cerimônia só para minha família.

— Compreendo. Novamente, sinto muito pela sua perda. Talvez se tivesse chegando antes ou...

— Tudo bem, Romeo. Não foi culpa sua. Como já disse, somos muito gratos e se não fosse por você não estaríamos aqui agora e o pior poderia ter acontecido. Você é meu amigo e eu agradeço por isso.

— Eu que agradeço por ser meu amigo — disse Romeo, emocionado.

Victor pegou na sua mão e apertou. Donovan, Charles e Rougan entraram na enfermaria.

— Olá, meu neto. Como está? — perguntou Charles.

— Estou bem, vovô.

— Você é mesmo forte — disse Rougan, dando uns tapinhas bem forte na perna do Romeo.

— Que nada, Sr. Rougan — respondeu Romeo, se contorcendo de dor.

— Já avisei a alguns e vou avisar a vocês. Vamos nos reunir mais para frente para decidir sobre o futuro de vocês. Victor, pode me acompanhar?

— Sim, senhor — respondeu Victor, curioso.

Quando o Sr. Donovan e Victor estavam saindo, Derek chegou todo alvoroçado.

— Bom dia! Bom dia a todos! Como você está, Romeo? Está com uma cara melhor do que ontem. *Nossa!* Esse lugar é incrível. Precisamos vir aqui mais vezes. O ruim é que o Sr. Donovan não nos deixa nos comunicar com ninguém lá de fora a não ser que seja pelo comunicador criptografado dele. Acabei de falar com minha

mãe e ela está me mandando voltar para casa. Falei que estava com você e que ia ficar mais um pouco. E outra Romeo, minha irmã perguntou por você — disse Derek, com um olhar malicioso.

— Ok — respondeu Romeo, envergonhado.

Logo depois, Roger chegou e eles trocaram conversas diversas e tomaram café ali mesmo para fazerem companhia a Romeo. A senhora Amy e Julie chegaram minutos depois. Enquanto isso, o Sr. Donovan conversava a sós com Victor.

— Preciso que faça uma coisa, Victor. Me acompanhe.

O Sr. Donovan seguiu até um *drone* e o chamou para dar uma volta.

— Vamos. Não precise se preocupar. Só quero que veja uma coisa e logo voltaremos.

— Ok — respondeu Victor, desconfiado.

Eles decolaram e depois de uns minutos pousaram em uma área de floresta deserta. Victor já muito preocupado, perguntou:

— O que o senhor quer que eu veja?

— Segure isto — disse Donovan, entregando um *crystal* que parecia em alguns ângulos um símbolo de um raio.

Victor segurou e o *crystal* começou a brilhar. O brilho aumentou cada vez mais até que de repente a intensa luz dissipou e revelou um tipo de *lança* que emitia raios como se estivesse eletrocutada.

— Como suspeitava. Você também é um *Ikihatsunukishisen*. O *Ikihatsunukishisen* do raio e isso na sua mão é um *Ikihatsunukishi*. Com isso muitas especulações são respondidas. Sente alguma atração? Como se algo o atraísse para algum lugar?

— Não, não sinto nada desse tipo. Eu sinto uma força vinda de dentro de mim. É estranho. Parece que sei manuseá-la.

— Ótimo.

— Por que tivemos que vir até aqui para isso?

— Tive receio que estivesse *entrelaçado* com algo que não fosse um *Ikihatsunukishisen*. Esses *entrelaçamentos* poderiam revelar o local onde estávamos e atrair muitos perigos desconhecidos.

Victor fez uns movimentos como se já tivesse usando antes o *Ikihatsunukishi*.

— Vocês *Ikihatsunukishisen* mantêm um vínculo de memórias com seus *Ikihatsunukishi*. Essas informações, em alguns dos casos, vão passando de geração a geração. Esses movimentos são memórias dos ancestrais que usaram o *Ikihatsunukishi*. Isso não os isenta de treinar para melhorar suas habilidades. A força e *nível* de poder não está relacionado ao que você consegue captar de lembrança e sim ao que você consegue controlar e evoluir com seu *Ikihatsunukishi*. Estamos há milênios nos preparando para uma ameaça nunca vista antes. Uma

ameaça vinda do céu e vocês, os *Ikihatsunukishisen*, são a chave para combater essa ameaça. Não temos registros suficientes sobre seus antepassados, por isso que quero que fique conosco para fazermos essa busca e também ajudá-lo a controlar seu *Ikihatsunukishi*.

— Entendi pouca coisa. Isso tudo parece mágica. Preciso pensar. E minha família? Como vai ficar?

— Vamos dar toda assistência para vocês. Fiquei sabendo que estavam de mudança. Posso providenciar um local melhor para ficarem e que facilite sua ida e vinda até a *base* para treinar.

— Parece ótimo, mas preciso pensar — disse Victor, olhando fixamente para o *Ikihatsunukishi* emitindo raios.

— Tudo bem.

— Isso tudo é muito estranho. O que você sabe sobre o meu passado?

— Como já disse. Não sei muito, mas posso lhe esclarecer algumas coisas.

— Então me diga.

— Vamos embora. Com calma eu vou lhe explicar tudo. E uma coisa... Não revele nada disso para ninguém por enquanto. Eu vou escolher a melhor hora para isso.

O *Ikihatsunukishi* foi desativado e eles voltaram para a *base*. Victor passou o voo de volta em silêncio, tentando entender tudo que estava acontecendo. Eles chegaram e Victor foi para o quarto.

O dia passou tranquilamente. No dia seguinte, depois do almoço, Derek levou Romeo na cadeira de rodas que era guiada por controle remoto ou manualmente, pelo usuário.

— Deixa eu te guiar pelo controle remoto, Romeo. Vamos dar uma volta. Você precisa pegar ar fresco.

Eles seguiram e foram passear pelo imenso quintal da casa do Sr. Donovan. Depois de uns minutos admirando a paisagem, Derek disse:

— *Se liga*, Romeo. Esse lugar é incrível, mas também muito suspeito. Está certo que eles estão aqui para ajudar vocês que são esses tais *Ikihatsunukishisen*. Tem essas *armas especiais* e estão treinando para uma futura ameaça, mas tem coisas que esses caras estão escondendo. Queria voltar para casa para tentar descobrir algo. Também quero descriptografar as informações que estão comigo, as que consegui no dia da invasão à base. Só com minha CSB de bolso e sem conexão externa não consigo fazer muita coisa.

— É, você tem razão. Também sinto que eles estão escondendo mais coisas. Tem muita coisa que não foi explicada. Roger me contou que o Sr. Donovan e o vovô ficaram para trás, porque os militares estavam vindo quando fomos embora e que

no dia seguinte voltaram como se não tivesse acontecido nada. Eles não explicaram como conseguiram voltar.

— Sim! Muito estranho!

Romeo e Derek deram mais algumas voltas e depois entraram. A noite chegou e o tempo foi passando em paz.

Alguns dias se passaram desde que Romeo fora gravemente ferido, mas já se encontrava bem melhor e conseguia andar sozinho.

— VAMOS, MAIS RÁPIDO, ROMEO! — gritou Mitsuaki, tentando incentivá-lo a correr.

— ESTOU TENTANDO!

— Vai devagar — disse Roger, tentando parecer preocupado.

— Romeo, para com essas coisas de treinos e vamos *programar* — falou Derek, impaciente, doido para voltar para casa.

— Ainda não estou acreditando que tudo isso aconteceu! — disse Victor.

— Sim. Foi loucura, mas agora estamos bem! Sua família está bem! — disse Romeo para Victor.

— Parem o que estão fazendo. Me acompanhem — disse o Sr. Donovan para os garotos.

Todos olharam uns para os outros e o acompanharam até uma sala de reunião. Eles se sentaram.

— Tenho muitas coisas para conversar com vocês e algumas decisões precisam ser tomadas. Quero que me escutem com atenção e somente respondam quando eu solicitar. No fim deixarei aberto a perguntas.

— Ok! Disseram todos quase ao mesmo tempo.

— Vamos lá! Vou começar! A *criatura* que Roger derrotou possuía um *Ikihatsunukishi*. O *Ikihatsunukishi do raio*. Por isso que Mitsuaki, Romeo e Roger conseguiam senti-lo e vice e versa devido ao *entrelaçamento* entre as *armas*. Esse *entrelaçamento* ocorreu entre seus antepassados há muito tempo e com isso vocês e seus futuros *descendentes* que herdarem o poder poderão se sentir e até se verem, independente do lugar no Universo que estejam.

— Mas de quem era o *Ikihatsunukishi do raio*? — perguntou Mitsuaki, curioso.

— O que foi que falei no início, Mitsuaki? Não me interrompam. No fim vou deixar que perguntem.

Mitsuaki abaixou a cabeça envergonhado.

— O antigo dono não sabemos, mas o dono atual está aqui entre vocês.

Todos olharam uns para os outros, curiosos.

— Victor! Ele que é o atual *Ikihatsunukishisen do raio*.

Todos olharam para ele, surpresos. Victor, sem graça, abaixou a cabeça.

— Ele está decidindo se vai ficar com a gente. É essencial que fique, pois, além de evitar problemas devido às ameaças externas, precisamos treiná-lo para futuras ameaças. Assim como ele, vocês também. Romeo, Roger e Mitsuaki. Uni-los já foi de grande importância e agora precisamos que vocês fiquem para treinar. É preciso que fiquem mais e mais fortes e que dominem por completo seus *Ikihatsunukishi*. Não sabemos o que vamos enfrentar daqui para frente, mas é necessário que estejam preparados, pois como já viram, o inimigo já está aqui e essa ameaça que está para vir do céu pode ser que sejam milhares, como este que enfrentaram, ou algo muito pior. Vocês que carregam o poder podem ser a única esperança para esse planeta. Gostaria de estar enganado e que todo esse poder com vocês não passasse de uma coincidência, mas isso não está acontecendo à toa. Há milênios fomos alertados e nossa missão é estarmos preparados. Não podemos ignorar que essa ameaça é real. O que vocês enfrentaram não foi o começo. Muitos dos seus antepassados já sofreram algum tipo de ataque. Talvez por isso que eles preferiram ficar escondidos, porque a exposição deixava vulneráveis não apenas a eles próprios, mas também seus *entes queridos* mais próximos. Cometemos muitos erros em nossas missões de encontrá-los e prepará-los e é por isso que vou lhes pedir e não prendê-los a nada. Peço que fiquem. Poderão manter suas vidas normais, mas manteremos contato a todo momento e peço que estejam sempre presentes para os treinamentos. Pode ser que sejamos atacados amanhã, mas se nos mantivermos juntos e um de olho no outro, poderemos nos ajudar e evitar perigos desconhecidos. Então pensem bem e me digam. Querem aceitar o que são e ficar com a gente ou querem ficar à mercê dos perigos que não podemos imaginar? Decidam. Reflitam. Vocês são muito mais importantes do que imaginam.

Derek, sem graça, levantou o dedo.

— Não me esqueci de você não, Derek. Apesar de não possuir o poder, o seu conhecimento tecnológico poderá nos ser muito útil. Gostaria de convidá-lo a vir quando quiser e nos ajudar nos nossos sistemas e a implementar novas tecnologias. Vimos que tem uma grande habilidade e somá-lo à nossa equipe será de grande contribuição. O que me diz?

Derek ficou sem graça olhando para todo mundo.

— É! Sabe! Isso aqui é tudo muito incrível, mas... pensando bem... eu aceito!

— Que ótimo! — disse Donovan, parecendo satisfeito.

— Eu gostaria de ficar, mas preciso voltar para o *Japão*. Tenho uma vida lá. Eu até vim para cá sem saber o que aconteceria. Sem saber das consequências, mas quero voltar. Preciso resolver umas coisas, mas não vou sumir. Manteremos

contato e se for necessário eu volto a qualquer momento, mas agora preciso ir embora — disse Mitsuaki, sem olhar nos olhos de ninguém.

— Tudo bem, Mitsuaki. Como já havia dito, não vamos prender ninguém, mas precisamos sempre nos manter conectados e qualquer problema que tenha não hesite em nos contatar. Estaremos à disposição.

— Obrigado, Sr. Donovan — respondeu Mitsuaki, parecendo acuado.

— Eu vou ficar, mas não ficarei por definitivo aqui. Também tenho uma vida. Acho que todos têm, mas aceito ficar vindo aqui para treinar — disse Romeo.

— Eu também vou. Estou com meu irmão. Nosso avô Charles está envolvido nisso mesmo, então não teremos dificuldade para ficarmos vindo aqui — disse Roger, parecendo não ter muita escolha.

— Isso! Como eu moro perto deles, quando der eu venho junto — disse Derek.

— Ok! Vocês podem fazer o que decidiram. Vamos nos manter conectados e como eu disse, o que precisarem não hesitem em pedir. Estamos à disposição. Obrigado pela atenção de todos e estão liberados!

Eles se levantaram e seguiram para seus afazeres ou quartos.

Era *quinta-feira* e Mitsuaki avisou Sr. Donovan que partiria no dia seguinte. Romeo parou para conversar com Victor.

— Que legal! Você também é um de nós, mas não sei se foi uma boa notícia para você — disse Romeo.

— Por um lado até que foi legal, pois isso nos manterá próximos, mas você quase morreu. Não sei se aguentaria perder um amigo — disse Victor, sem empolgação.

— Por isso que é necessário ficarmos. Para treinarmos e protegermos um ao outro.

— É, mas ainda não sei se quero isso para minha vida. É muita loucura tudo isso. Ainda não compreendo o que está acontecendo.

— É complicado mesmo. Também demorei para entender e ainda tenho muitas perguntas, mas cheguei à conclusão de que se quero proteger minha família preciso ficar e ser orientado para poder ficar mais forte. Não escolhemos sermos o que somos e já que estamos aqui, acho que a melhor opção é ficar. Querendo ou não a gente e nossos familiares já estão envolvidos e não tem como voltar atrás e para protegê-los a única maneira é ficarmos mais fortes — disse Romeo, parecendo confiante.

— É, você tem razão! Talvez seja melhor aceitar quem somos!

— Isso! E pode contar comigo! Vou lhe ajudar no que for necessário!

— Obrigado, Romeo! — disse Victor, quase chorando.

Depois disso, eles foram cumprir seus afazeres e mais um dia passou tranquilo.

No dia seguinte, bem de manhã cedo, Mitsuaki já estava com as suas coisas arrumadas e pronto para voltar para o *Japão*.

— Vou aguardar a sua volta. Se não voltar vou atrás de você — disse Romeo, rindo.

— Pode deixar! — respondeu Mitsuaki, com um sorriso.

— Até mais, *ninja*! — disse Roger, tentando ser engraçado.

— Valeu! — respondeu Mitsuaki, apertando a mão de Roger.

— Obrigado por tudo! Que possamos nos encontrar de novo! — disse Victor.

— Até daqui a pouco! — disse Mitsuaki, parecendo otimista.

— Tem um *drone* lhe esperando e vai deixá-lo no aeroporto. Até logo! — disse o Sr. Donovan, apertando sua mão.

Derek, Charles e Rougan foram até Mitsuaki e se despediram com apertos de mão. Ele embarcou e partiu.

Todos foram tomar café e depois disso seguiram com suas rotinas. Victor decidiu ficar e ia morar com a avó e a irmã em uma área residencial próxima, onde eles poderiam viver sem problemas e facilitaria a ida e vinda de Victor até à *base* para treinar. Romeo, Roger, Charles e Derek estavam se preparando para voltar. Em dois dias eles estariam pegando um *drone* que os levaria direto para casa.

Era noite de *sexta-feira* e tudo estava ocorrendo bem quando de repente Charles, parecendo triste, foi conversar com Roger e Romeo.

— O que houve, vovô? Por que está com essa cara? — perguntou Romeo, preocupado.

— Vamos ter que adiantar nossa viagem de volta para amanhã.

— Mas por quê? — perguntou Romeo, assustado.

— Seu pai entrou em contato e...

— O que houve? FALA! ACONTECEU ALGO COM ELE? — perguntou Roger, nervoso.

— Seu pai está bem. É em relação à Clara.

— Fala logo, vovô. O que houve? O que aconteceu com a Clara? — perguntou Romeo, impaciente.

— Com ela, nada. Foi com a mãe dela. Ela faleceu.



CAPÍTULO 27

DESPEDIDA

ROGER ROMEO VICTOR CHARLES ROUGAN

Era manhã de *sábado*. Romeo e Roger arrumaram suas coisas rapidamente para partirem. Charles também se arrumou bem rápido para não perder tempo. Derek ia com eles e já estava pronto, pois queria ir embora fazia tempo.

— Vamos, garotos! — disse Charles.

— Sim, vamos! — respondeu Romeo, impaciente.

— Ei! Me esperem! Vou com vocês! — disse Rougan.

— Mas você não ia encontrar com seu irmão?

— Sim! Mas antes preciso fazer uma outra coisa. Preciso ir em casa.

— Ok! Vamos, então!

Victor foi até Romeo e os outros para se despedir. Eles foram para o *drone*, embarcaram, decolaram e em pouco tempo já estavam na *Philadelphia*. O pessoal pegou um *transporte rápido* e não demorou muito e já estavam em casa. Derek se despediu e foi para sua. Rougan foi para a dele e Charles com os meninos entraram no lar deles. Não havia ninguém e imediatamente quase que ao mesmo tempo, todos tentaram entrar em contato com Fred. Romeo conseguiu primeiro.

— Olá, pai. Está onde?

— Olá, meu filho. Estou em casa.

— Mas como...

Fred entrou.

— Olá. Estão todos aqui. Quando chegaram?

— Não tem muito tempo — respondeu Romeo. — Onde está Clara?

— Ela quis ficar sozinha um pouco. Amanhã será o *velório*.

Todos ficaram por uns segundos em silêncio, tristes.

— Vou para meu quarto — disse Roger.

— Eu vou arrumar o quarto de hóspede para poder ficar — disse Charles.

Ele e Roger subiram e Romeo foi até o pai e o abraçou. Ele se contorceu levemente por causa da dor.

— O que foi, Romeo? — perguntou Fred.

— Nada, pai.

Fred ficou desconfiado, mas disse:

— Me perdoe, Romeo. Sei que não sou seu pai biológico, mas queria que...

— Pai — disse Roger, descendo, correndo até eles.

— Tudo bem. Não precisar dizer nada. Você é nosso pai — disse Romeo, chorando.

— Isso, pai! — disse Roger, o abraçando e tentando conter as lágrimas.

— Obrigado, meus filhos — disse Fred, abraçando os dois aos prantos.

Charles viu tudo de longe e voltou para o quarto. Todos se ajeitaram e, para tentar encerrar o dia com menos tristeza possível, à noite, pediram uma pizza e foram ver um filme em família. No dia seguinte eles acordaram bem cedo e se arrumaram para o *velório*.

A família seguiu para o cemitério. Chegando, Fred foi diretamente até Clara, que chorava muito. Ele foi confortá-la e os meninos ficaram com o avô, olhando de longe. A cerimônia se iniciou. Rougan apareceu, mas só foi visto por Romeo. Ele ficou uns minutos e saiu. Depois do *velório* e *sepultamento* eles voltaram para casa. Estava sendo um *domingo* muito triste. Fred e Clara foram para casa da mãe dela para terminar de se desfazer das coisas de lá. Charles sentou na sala para ver *TV* e Romeo parou para conversar com Roger.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Romeo.

— Vamos deixar acontecer. Eu, na verdade, estou tentando tomar coragem para ir até Desirée.

— Não perca tempo! Vai logo!

— É! Acho que vou!

— Vai lá!

— Ok, Romeo! Eu vou!

— Ok!

Roger tomou um banho, trocou de roupa e quando já estava descendo, lembrou de uma coisa e voltou. Ele pegou as alianças que havia comprado para noivar.

— Vou sair e já volto, vovô! — disse Roger, saindo com pressa.

— Para onde ele está indo? — perguntou Charles para o Romeo.

— Ele vai para a casa da namorada discutir a relação.

— Tudo bem! — disse Charles, desconfiado e rindo.

— Eu vou para meu quarto. Qualquer coisa é só me chamar, vovô.

— Ok.

Romeo subiu e ficou fazendo umas *anotações* em seu *Tab*. Depois de menos de uma hora Roger voltou e subiu. Charles ainda estava no sofá, dormindo. Roger bateu na porta do quarto do Romeo.

— Romeo? Está aí?

— Sim! Entra!

— Fui lá. Falar com ela.

— E aí? Como foi? Se entenderam?

— Não.

— Hã? O que houve?

— Ela não estava.

— Entendi. Conseguiu entrar em contato com ela?

— Também não. Lembrei que ela poderia estar na igreja com a tia, mas o mais estranho é que os vizinhos falaram que elas não estão mais lá.

— Como assim?

— Elas se mudaram e não falaram para onde foram.

— Que isso! Por que será?

— Isso que eu gostaria de saber. Desirée sumiu do mapa. Nem nas *redes sociais* ela está mais.

— Que estranho! Vou falar com Derek, ver se ele consegue rastrear alguma informação.

— Obrigado, irmão! Eu vou entrar em contato com a melhor amiga dela, Samantha. Para saber se ela sabe de alguma coisa. Apesar de morar na *California*, creio que ela saiba de alguma coisa. Elas viviam conversando *on-line*.

Roger se levantou e foi para seu quarto. Ele entrou em contato com Samantha para saber da Desirée. Ela respondeu e falou que não sabia dela.

Depois de quase duas horas, alguém bateu na porta do quarto de Romeo.

— Pode entrar — disse Romeo.

— Olá, meu filho! Sou eu! — disse Fred, entrando no quarto junto com Clara.

— Oi, Clara! Sinto muito pela sua perda — disse Romeo.

— Oi. Tudo bem — disse Clara, com olhar triste.

— Vamos. Precisamos conversar — disse Fred.

Eles saíram e chamaram Roger. Desceram e Charles ainda estava dormindo.

— Deixa ele dormir. Depois falo com ele — disse Fred.

— O que houve? Aconteceu alguma coisa, pai? — perguntou Romeo, preocupado.

— Nada de mais. Só quero conversar sobre nosso futuro. Futuro da família.

— O que quer dizer? — perguntou Roger, curioso e desconfiado.

— Vocês sabem que eu e Clara...

— Sim, sabemos — disse Roger, interrompendo o pai.

— Então... nós conversamos e decidimos que vamos nos casar.

Romeo e Roger olharam um para o outro.

— Que legal, pai! — disse Romeo.

— Vocês concordam que eu seja a mãe de vocês? — perguntou Clara, envergonhada.

— É óbvio que sim! Você sempre foi e continuará sendo nossa mãe! — disse Romeo, empolgado com a notícia. — Você não concorda, Roger?

— Sim! Sim! — respondeu Roger.

— Que ótimo, então! E mais uma outra coisa. Clara não trabalhará mais aqui, como compromisso financeiro. Ela vai morar com a gente definitivamente.

Romeo deu um sorriso de felicidade.

— E eu não vou mais trabalhar embarcado. Eu consegui um outro emprego, que apesar de ganhar um pouco menos, vou poder dar mais atenção para minha família.

— Que maravilha, pai! — disse Romeo, muito feliz.

— Muito bom, pai! — disse Roger, tentando disfarçar a cara de felicidade.

— Eu te amo — disse Clara para Fred, abraçando-o.

Romeo se aproximou e abraçou os dois. Roger, meio acanhado, se aproximou e também os abraçou.

Foi um aconchegante e feliz abraço em família ao som dos roncos do vovô Charles.

Horas depois, na casa de Rougan, ele estava procurando por uns documentos antigos quando seu *Tab P* tocou.

— Olá, Donovan.

— Olá! Temos uma emergência!

— O que houve agora?

— Victor desapareceu.

— Como assim? O que faremos?

— Preciso de você aqui! Volte imediatamente!

— E os meninos? E Charles?

— Como Charles está com os garotos não precisamos nos preocupar.

— Tudo bem! Estou a caminho!

— E seu irmão, Rougan? Precisamos dele.

— Ele está a caminho de volta.

— Então, venha com ele!

— Entendido. Até!

Rougan parou o que estava fazendo e foi arrumar suas coisas. A campainha tocou.

— Olá, Charles! — disse Rougan, impaciente.

— Precisamos revelar isso o quanto antes. Onde está seu irmão? — perguntou Charles, estressado.

— Está a caminho.

— Não podemos mais esconder isso, nem do Donovan. Todos precisam saber!

— Tem certeza que essa é a melhor hora? — perguntou Rougan, parecendo preocupado.

— Acho que sim. Eles são um caso raro e precisamos mantê-los juntos nesse momento.

— Tudo bem! Vamos seguir com o plano então. Nos encontramos depois!

Charles voltou para casa e Rougan pegou suas coisas para partir. No caminho, ele entrou em contato com o irmão.

— Olá, Ryan! Vamos nos encontrar onde sempre nos encontrávamos para caçar *vaga-lumes* quando éramos crianças!

— Olá, irmão! Entendido.

— E leve o Robert contigo. Chegou a hora de revelar tudo.

O AUTOR



Designer gráfico e criador de Enerkry, atualmente divide seu tempo entre o desenvolvimento de vários projetos literários, de animação e programação. É casado, tem dois filhos e mora com eles atualmente no Rio de Janeiro, Brasil.

Para mais informações acesse:

www.leandrovsilva.com.br

O limite da sua imaginação é até onde você pode imaginar.

Imagine até o infinito!

LeandroVSilva®

[Facebook](#)

[Instagram](#)

Agradecimentos

Família

Agradeço à minha esposa *Liziane* e aos meus filhos *Victor Romeo* e *Vinicius Henrique* que estão me apoiando desde o início do desenvolvimento desse projeto.

Nami Nascimento

Agradeço à minha revisora que surgiu como uma luz e que está deixando todo o projeto com uma leitura fluida e com mínimo de erros que acabam passando despercebidos por mim. Obrigado por aceitar trilhar esse caminho comigo. Será meus olhos de águia.

Daniel Barão

Agradeço ao meu amigo que gostou da ideia de *Enerkry* e aceitou trilhar esse caminho comigo no desenvolvimento dessa série que envolve muitas histórias. Temos um longo caminho.

Ricardo Mango

Agradeço a arte da capa, que ficou ótima. Seu talento e estilo único ainda terão muito destaque no Universo de *Enerkry* em futuras capas dos próximos livros e outros.

Laion Lanção

Agradeço ao meu grande amigo que contribuiu grandiosamente para que esse livro se tornasse real em páginas sólidas que serão eternas como nossa grande amizade.

Escritor e Autor desta obra

LeandroVSilva

Autores Série

LeandroVSilva

Daniel Barão

Revisão

Nami Nascimento

Arte Capa

Ricardo Mango

Designer Capa

LeandroVSilva



A Série Enerkry é um enorme quebra-cabeça de mistérios, suspense, ações, aventuras, romances, poderes inexplicáveis aos olhos humanos e muita ficção científica.

Atente-se a todos os detalhes, una todas as histórias, desvende todos os mistérios e descubra os segredos dos *Ikihatsunukishisen* e seus *Ikihatsunukishi*.

Será que seus poderes são uma ameaça aos humanos?

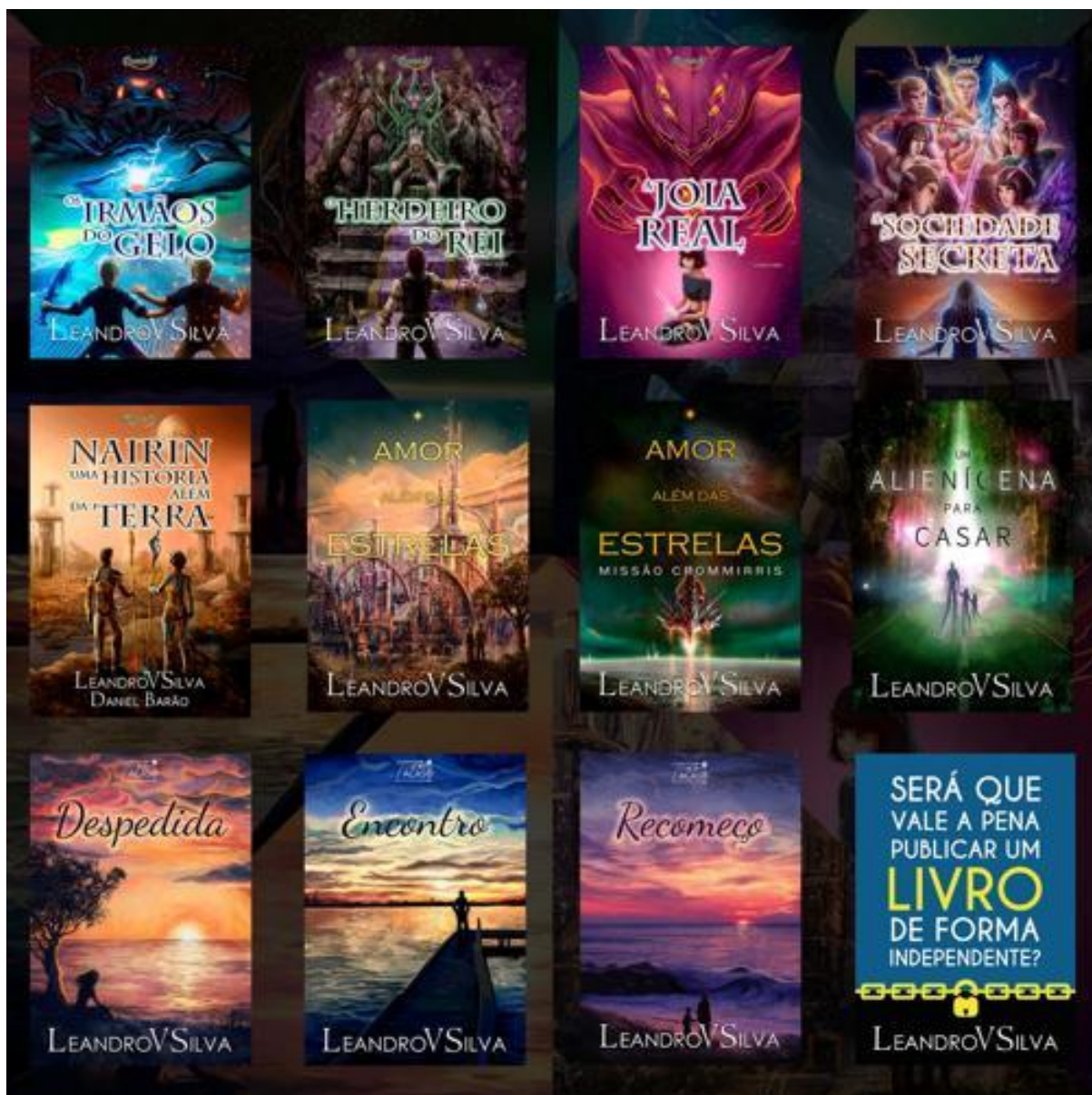
Por mais ameaçador que pareçam ser, talvez eles sejam a única esperança contra algo destruidor que se alastra pelo Universo.

Série criada por *LeandroVSilva* com colaboração de *Daniel Barão*.

Para mais informações acesse:

www.enerkry.com.br

+ LIVROS DE LEANDROVSILVA



www.leandrovsilva.com.br
www.leandrovsilva.shop
www.leandrovsilva.vip



[INSCREVA-SE](#)



PÓS-CRÉDITOS

VICTOR

Cheguei até o local que vi quando peguei o *Ikihatsunukishi* pela primeira vez. As memórias da *criatura*, desde quando ela invadiu a base em *Nevada* para pegar o *Ikihatsunukishi*, estavam na minha cabeça. Elas estavam fracionadas, mas uma delas me trouxe até aqui.

Entrei em um prédio comercial. Só havia uma recepcionista que ficou me olhando, mas não me questionou. Subi até o 23º andar. Entrei na terceira porta à esquerda.

— Victor. Sente-se.

— Phillip? Esse é o seu nome? — perguntei.

— Isso. Então minha intuição estava certa.

— Imagino que saiba por que estou aqui.

— Seu passado?!

— Me diga tudo que sabe — disse, nervoso.

— Posso lhe dizer, sim. Vou lhe dizer sim, toda a verdade. A verdade que não te contaram.

— Me diga tudo.

— Sim. Vamos por partes. Tenho muitas coisas para lhe contar, mas vamos começar pelo seu tataravô, *Kristopher*. Ele que enfrentou os primeiros que chegaram, os *Specrenerkrihihz*. Eles vieram em uma nave que *Kristopher* conseguiu abater. Isso aconteceu em *Roswell*, no dia 02 de julho de 1947.

— Isso tem a ver com o caso *Roswell*?

— Exatamente.

— Mas...

O *Tab P* de Phillip tocou.

— Um instante, Victor.

Phillip se levantou e foi atender a chamada. Depois de uns minutos, ele voltou.

— Venha comigo, precisamos ir!

— Ir para onde? — perguntei, assustado.

— Venha! Vou lhe explicar tudo com detalhes, mas não aqui. Estou aqui para lhe ajudar a entender seu passado. Não sou como aqueles que disseram que iam lhe ajudar, mas que nunca revelaram nada do que você teria que enfrentar. Eu estou

aqui para lhe mostrar o futuro apocalíptico que está reservado para este mundo. O plano deles é sacrificá-los em uma luta sem chances. Eu estou aqui para tentar salvar nossa espécie e a de vocês, *híbridos*.

Acompanhei Phillip. Na saída entramos em um *carro preto* e partimos. Enquanto ele dirigia, perguntei:

— O que o faz acreditar que vou confiar em você?

— Não estou pedindo que confie. Só estou lhe dizendo que *somos* a única esperança de salvar você, sua família e aqueles que acreditarem no que estou falando! Ninguém neste planeta será capaz de enfrentar o que está por vir. Nem mesmo vocês, os *Ikihatsunukishisen*!

OS IRMÃOS DO GELO



©Enerkry®, 2018-2023. Todos os direitos reservados.